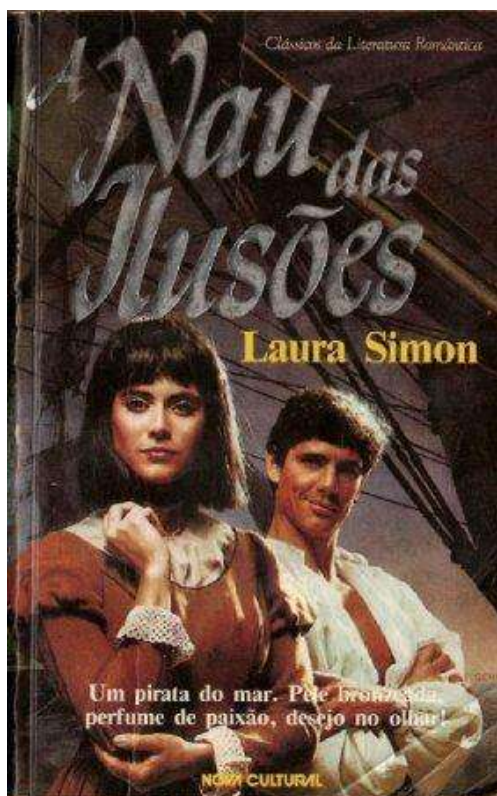


A NAU DAS ILUSÕES

LAURA SIMON



Jessel queria esse homem em sua cama. Agora, não no próximo mês ou no próximo ano...

Na encosta solitária de Nantucket, fustigada pelo vento incessante, Jessel contemplava o mar azul, derramado, a perder de vista no horizonte.

Como todas as mulheres daquela ilha, ela também já gastara lágrimas e um tempo infinito à espera de seu homem, perdido na imensidão entre o céu e água, na arriscada aventura da pesca da baleia.

Ah, mas agora queria libertar-se, esquecer o amante de cabelos negros e anelados, que a deixara com o coração cativo, o olhar perdido no vazio, e o corpo sedento de carícias. Em sua vida surgira outro homem apaixonado, de novo acendendo sua sensualidade. Não devia mais esperar por um amor ardente mais incerto, que andava à deriva no mar, e que só a procurava quando o destino o trazia àquela terra.

Digitalizadora: Pam
Revisora: Karen Fiori

PROJETO REVISORAS



CAPÍTULO I

Nantucket, Maio 1839

— Vai ficar com torcicolo de tanto olhar pela janela! — disse subitamente tia Judith.

Decorrido um segundo, Jessel moveu a cabeça, num gesto brusco, se voltou para a empertigada solteirona quaker¹, o rosto enrubescido. Tia Judith, que havia desviado a vista, tornou a olhá-la e disse mais brandamente:

— Quando tiver terminado sua tarefa, pode dar uma volta. Seria uma pena não aproveitar uma tarde tão linda.

Jessel sorriu, ainda sob a vivificante doçura daquele dia de primavera. Havia perfumes na brisa que entrava pela janela escancarada e uma oferta de sonhos sem fim nas charnecas² que se estendiam a perder de vista.

— Estava justamente pensando em como passar meu tempo livre. A água está ainda muito fria para catar mexilhões e as enguias já deixaram suas tocas nas enseadas. Talvez eu possa apanhar uma boa enfiada de peixes na Lagoa Longa — disse ela, os grandes olhos cinzentos tornando-se novamente sonhadores e distantes.

Tia Judith encolheu levemente os ombros e continuou a sovar a massa de pão. Sabia que sua sobrinha não estava pensando nos peixes, mas sim em soltar sua alegria de viver em desabaladas carreiras pelas trilhas que cruzavam os campos.

— Gostaria de uma verdura fresca, depois de tantos meses passados a batatas e maçãs passas. Você terá de ir até a Square Swamps para conseguir alguma coisa. Mas uma boa caminhada só lhe fará bem. Vai lhe dar mais disposição para enfrentar os trabalhos de casa.

Jessel respondeu com um vago e repetido aceno de cabeça.

— Claro que você sabe onde há um bom lugar para apanhar peixes. Estou convencida de que conhece, melhor do que ninguém, cada rocha, cada fervedouro e cada atalho desta ilha. Outro dia, na igreja, fiquei surpreendida quando ouvi você discutir com Jediah Baker a respeito do melhor ponto para apanhar linguados. Ele viveu em Nantucket todos os sessenta e três anos de sua vida, ao passo que você chegou aqui quando tinha apenas nove anos!

Tia Judith fez uma pausa para salpicar de farinha a grande mesa de carvalho e depois continuou:

— Foi uma impertinência de sua parte corrigir uma pessoa mais velha e uma frivolidade discutir tais assuntos num lugar sagrado. Sem falar na inconveniência de correr para cima e para baixo desta ilha como um cabrito montes. Afinal, você não é mais uma criança!

Era uma repreensão severa, mas a ligeireza não era a nota habitual de tia Judith. Ela levantou os olhos e, simulando não ver o aborrecimento que se espelhava nas feições de sua sobrinha-neta, ficou um instante a fitá-la. O singelo

¹ **Quaker:** Quaker é o nome dado a um membro de um grupo religioso de tradição protestante, chamado *Sociedade Religiosa dos Amigos (Religious Society of Friends)*. Os membros desta sociedade, ridicularizados com o nome de *quakers*, ou tremedores, rejeitam qualquer organização clerical, para viver no recolhimento, na pureza moral e na prática activa do pacifismo, da solidariedade e da filantropia.

² **Charneca:** Terreno inculto e árido onde há apenas vegetação arbustiva e rasteira.

vestido de lãzinha cinzenta e o fichu branco cruzado no peito mal conseguiam esconder as curvas daquele corpo esbelto.

— Sim... Você não é mais uma criança — tornou, suas palavras acompanhando o compassado e enérgico sovar da massa. — E está na hora de começar a agir como uma jovem ajuizada. Aprenda a ser mais tolerante e reservada e comece a se preparar para governar sua própria casa...

— Não tenho vontade de me casar nem de governar minha própria casa! — interrompeu-a Jessel. — Não quero passar minha vida cozinhando, esfregando e remendando, sempre submissa aos caprichos de um marido autoritário!

Tia Judith já ouvira aqueles argumentos inúmeras vezes. Mas algo na expressão da sobrinha aumentou seus temores, levando-a a prosseguir:

— Pare de sonhar, você está no mundo real. E no mundo real uma moça solteira não tem outra alternativa a não ser tornar-se uma boa esposa!

Jessel fitou a tia, firme apesar de seus setenta e dois anos, e não soube o que responder. Como explicar àquela mulher simples e prática, a nítida imagem do apego ao dever, o que não podia explicar nem a si própria? Os sonhos de independência e a esperança de uma vida de aventuras que passavam por sua mente, quando, sentada numa encosta rochosa, contemplava o esplendor brumoso do mar, eram mais irreais do que sombras!

A chegada inesperada de um menino que subia, correndo, a solitária alameda da colina arrancou-a de suas divagações.

— O Jessel Maid fundeu na barra! Jogou as âncoras não faz nem uma hora. As chatas³ já estão em movimento — gritou ele, enquanto transpunha o portão do jardim.

Toda idéia de pescar ou de refutar os argumentos de tia Judith abandonou bruscamente a mente de Jessel. Por um momento, ela ficou paralisada. Então, o coração batendo-lhe freneticamente no peito, lavou as mãos, tirou a touca do cabide e correu para fora, deixando à tia o encargo de oferecer o tradicional dólar de prata ao portador das boas notícias.

— Volte aqui, Jessel! O porto não é lugar para você. Mulheres decentes esperam por seus homens em casa! Está me ouvindo, menina?

A voz de tia Judith seguiu-a colina abaixo, até a rua de pedras arredondadas, mas ela ignorou. Uma onda de felicidade a impelia na direção da orla marítima, tão velozmente quanto suas pernas lhe permitiam. Seu navio estava na barra! O Jessel Maid, o barco com seu nome que fora seu lar durante cinco maravilhosos anos, estava ancorado exatamente atrás do banco de areia da entrada do porto. E a bordo da antiga embarcação estavam seu pai, o capitão Zacarias Joy, e seu amado irmão gêmeo!

Habitualmente atenta a cada detalhe dos arredores, nesse dia Jessel mal olhou em torno. Não via as amplas mansões construídas com as riquezas trazidas pelos baleeiros que singravam os sete mares do mundo nem a pequena igreja no tom cinzento de um rochedo musgoso, vislumbrada entre os vãos de uma cortina de folhagens, nem a carroça da cervejaria, carregada com barris novos. Até o velho Asa Harken, que chegava com sua cesta de bacalhau fresco pendurada no braço, recebeu apenas um aceno apressado, em vez dos costumeiros dois dedos de prosa.

Ela prosseguia, rápida, a revigorante brisa de maio desmanchando-lhe a franja e os cabelos negros e lisos, já que a touca pendia lhe da mão, em vez de lhe cobrir a cabeça. Sua tez, ainda não bronzeada ao sol do verão, estava rosada pelo ar fresco e por uma excitação interior. E seus lindos olhos cinzentos, orlados

³ **Chata:** embarcação larga e de fundo chato

de cílios negros e espessos, brilhavam com o antecipado prazer de ver sua família novamente.

Fazia quase três anos que não os via. Três longos e solitários anos que não compartilhava seus segredos com Zac, de quem fora sempre tão íntima. Por duas vezes, ele partira com o pai, deixando-a inconsolável com a separação. Mas, agora, estava voltando para completar seu mundo, tão vazio sem ele. Depois de três anos de ansiosa espera, voltariam a ser a sombra um do outro!

Zac veio ao mundo numa pequena casa de campo perto de Le Havre, minutos antes de Jessel. Josephine, sua frágil mãe francesa, deu-lhe o nome do pai americano, distante dez mil milhas dali, à caça de baleias. A menina que o seguiu recebeu o nome do navio de Nantucket, que levava o capitão Zacarias pelos mares do mundo em busca de fortuna.

Durante os nove anos seguintes, os gêmeos nunca se separaram. Nem em pensamentos nem em ações. Quando tiveram idade suficiente para arranjar-se por si próprios, começaram a ajudar a mãe. Juntos, alimentavam a vaca malhada que fornecia leite à pequena família, arrancavam as ervas daninhas do jardim pedregoso e carregavam infinitos baldes de água para a tina de lavar roupa.

Era uma vida dura. O dinheiro que o marido deixara a Josephine para seu sustento havia acabado antes do nascimento dos gêmeos, a maior parte consumida, sob a forma da áspera cidra local, pelo pai dela. M. Briaud bebia para esquecer a pobreza em que viviam, a dor que sentia nas pernas e em memória de seus três filhos homens, mortos pela pátria. Bebeu um pouco mais, numa gelida noite de fevereiro, e rolou fatalmente por uma encosta de gelo, ao pé da qual foi encontrado ao romper da aurora, morto e congelado, por um operário que ia para o trabalho.

A frágil Josephine sobreviveu a todas as adversidades, sustentada unicamente por sua fé inquebrantável: o homem que conhecera num brilhante dia de junho e que a impressionara não apenas por seu aspecto físico, mas também por seu entusiasmo, alegria e bondade, voltaria para proteger suas adoráveis e delicadas criaturinhas e, então, nunca mais se separaria dela.

Os tempos duros de Josephine só chegaram ao término num belo dia de maio, pouco antes do quarto aniversário dos gêmeos, quando o capitão Zacarias voltou finalmente de sua longa viagem. O desamparo de sua jovem esposa ressoou em seu coração, convencendo-o de que devia levá-la consigo quando se fizesse novamente ao mar.

E foi assim que os gêmeos, habituados a gozar do espaço, do ar livre e da liberdade dos campos, conheceram a mágica monotonia da existência entre o céu e a água. Aprenderam a falar inglês, opidgin, um jargão de palavras inglesas e portuguesas, e um pouco do dialeto polinésio. Estudaram as estrelas e os ventos, e experimentaram o hálito feiticeiro dos mares orientais, enquanto o casco alto do navio fendia incansavelmente as águas do sudeste do mundo.

Viajaram durante cinco anos, sempre à procura de baleias e de uma idílica felicidade. Foram bem-sucedidos em ambos os objetivos até que, certo dia, quando estavam quase chegando a Nantucket, Josephine apanhou uma pneumonia e faleceu, murmurando o nome de seu amado esposo nos momentos finais.

Zacarias ficou arrasado: de culpa e de dor. Era um homem amargurado, de rosto inquieto e grave, quando zarpou para o leste, levando o filho como camaroteiro, mas deixando a filha em terra.

Em vão Jessel argumentou que, como o irmão, havia herdado suas longas pernas, sua saúde, seu vigor e o amor pelo mar. O pai Não quis ouvi-la.

Via-lhe unicamente os sedosos cabelos negros, a tez de porcelana e os sedutores olhos cinzentos iguais aos da esposa. A filha era de uma beleza rara e tinha de ser protegida. Por segurança, confiou-a à pessoa mais qualificada que pôde encontrar: sua própria tia.

A estupefação de tia Judith foi inexprimível, quando viu a sobrinha-neta pela primeira vez. Não entendia como uma menina podia vestir-se daquele modo: calça de brim, blusa de marinheiro e um lenço vermelho no pescoço, além de um colar feito de conchas e de dentes de tubarão. A perspectiva de cuidar daquela pequena de cabelos curtos e de linguajar estranho pareceu-lhe ligeiramente sombria. Mas sua alma piedosa mostrou-lhe que seu dever era, antes de mais nada, fazer dela uma jovem quaker absolutamente respeitável. E, como primeira medida, confiscou-lhe as roupas masculinas, substituindo-as por saíotes de flanela, vestidos de grossa lã e toucas de folhos que ocultavam seus olhos sedutores.

Foram necessários anos para que percebesse que a beleza de sua sobrinha era natural e inalterável, não uma afetação que podia esconder num baú, como uma touca enfeitada demais ou uma saia de cetim vermelho.

Enquanto isso, Jessel foi obrigada a assistir a todos os cultos dominicais, gelando, no inverno, entre as velhas paredes de pedra do templo e estourando de calor no verão, sob o peso dos saíotes de flanela e dos vestidos de mangas compridas. Foi repreendida e corrigida até conseguir exprimir-se de um modo conveniente, e sentenciada a passar longos dias nos duros bancos da Cent School, onde o aprendizado perdeu logo a magia que tivera no camarote do capitão, quando ela copiava suas lições dos velhos jornais da Nova Zelândia e das Ilhas Sandwich.

Suas tribulações, como as chamava, não paravam aí. Pior do que as roupas que lhe comprimiam o corpo e as lições com que a bombardeavam fora e dentro de casa, fazendo-a sentir-se estúpida e inútil, era ver-se sem amigos.

As histórias sussurradas de sua origem francesa, sua aparência exótica e a invejável experiência marítima conspiravam contra ela. Os meninos, a quem, invariavelmente, vencia nas lutas e nas corridas, rejeitavam-na porque ela era do sexo oposto. E as meninas, por sua vez, com exceção de Harriet Swain, excluía-na de seu convívio porque ela parecia e agia como um menino.

Aos poucos, entretanto, começou a aceitar sua situação. E, para sua surpresa, à medida que se tornava mais dócil, tia Judith afrouxava também as rédeas. Era um dar e tomar. Ela não se queixava das cores tristes e da opressão de suas roupas e a tia não criticava mais seus cabelos, cortados à moda chinesa. Ela concordava em bordar e embainhar lenços, e tia Judith não jogava fora as conchas, as plantas e os estranhos detritos marinhos que colecionava.

Presentemente, as duas viviam num grande acordo tácito. Quando ficava em casa ou ia às compras para a tia, Jessel comportava-se como uma circunspecta senhorita quaker. Em troca, tia Judith dispensava-a do trabalho nos dias bonitos, permitindo que desaparecesse nas charnecas ou nas dunas, ou caminhasse, de pés descalços, pela rochas descobertas. Se desse lazer resultasse uma colheita de mariscos ou de amoras, tanto melhor. Tia Judith aprendera a aceitar essa parte da personalidade da sobrinha com a tolerância que tornara famosos os habitantes de Nantucket tanto por sua excentricidade quanto por sua devoção.

Naquele instante, Jessel não estava pensando em suas solitárias expedições à procura de peixe e nas suas poucas horas de liberdade. Nem preocupada com os olhares desaprovadores que recebia, enquanto deixava para trás a parte residencial de Main Street e embarafustava-se no meio da multidão

de negociantes, vendedores e marinheiros desocupados que lotava a praça comercial.

Apenas um pensamento ocupava sua mente ao passar pela loja de móveis de Samuel Cory e o empório de Valentine Hussey, indo quase de encontro a um corpulento quaker com chapéu de pele de castor que acabava de sair do Manufacturers and Mechanics Bank.

Uma única idéia fazia seu coração bater mais forte ao ultrapassar o armazém de William Rotch, a fábrica de velas do Sr. Tuck e a grande loja de Gideon Hussey. Seguiu ao longo do passeio de madeira do cais com o peito vibrando de amor, enquanto abria caminho, a cotoveladas, através da turba de homens agrupados no final das docas, e ziguezagueava por entre os barris de óleo e de carne salgada.

— Zac! — gritou, correndo diretamente para os braços do irmão, que acabava de saltar de uma grande chata.

Seu alto e forte irmão gêmeo estreitou-a nos braços e depois a fez rodopiar no ar. Quando voltou a colocá-la no chão, diante de si, exclamou:

— Bom Deus, você se tornou uma linda dama! Não vá me dizer que se casou e já tem um filho!

Jessel correu os dedos pelo rosto amado, onde despontava uma barba incipiente.

— Você também mudou.

De fato, Zac crescera e ganhara peso. A redondez juvenil deixara seu rosto, revelando-lhe feições finamente esculpidas e ressaltando os grandes olhos da cor da neblina da Normandia, iguais aos da irmã.

— Não me casei e não me tornei a dama que você supõe. Tia Judith disse que mulheres decentes esperam por seus homens em casa.

— Tia Judith tem toda a razão!

Jessel ergueu os olhos, assustada, mas todo o seu receio evaporou-se quando viu o sorriso que entreabria os lábios de seu pai. Fitou-o com ternura: os ondedados cabelos castanhos estavam agora salpicados de prata e o rosto mostrava os sinais do tempo e dos reveses da vida, mas ele era ainda um homem forte e bonito.

— Seu irmão disse bem. Você se tornou uma linda jovem — tornou Zacarias, com orgulho desta vez. Mas tenho receio de que esteja dando muito trabalho a sua tia com seus modos imprudentes.

Jessel corou profundamente, mas disse, com uma espontaneidade encantadora:

— Bem-vindo ao lar, papai.

— Obrigado, minha filha. Sinto-me feliz com isso. Agora vá para casa e leve seu irmão consigo. Eu tenho ainda alguns negócios a tratar com os proprietários do navio.

Zacarias girou sobre os calcanhares e deu um passo para a frente. Antes de prosseguir, voltou-se bruscamente e avisou:

— Diga a tia Judith que estarei em casa para o jantar.

— Sim, papai.

Depois que ele se afastou, Jessel passou o braço pelo do irmão e suspirou:

— Agora, além de tia Judith, terei de prestar contas de meus atos também a papai!

— Aposto como nenhum dos dois vai conseguir dobrá-la! — disse uma voz profunda a seu lado.

Jessel virou bruscamente a cabeça e descobriu um par de olhos tão azuis

quanto as águas do mar num dia claro de março. Seu coração saltou e um langor delicioso percorreu-lhe os braços.

O dono daqueles olhos incríveis era tão alto quanto Zac, porém mais vigoroso. O nariz reto, a boca bem delineada e as maçãs salientes davam-lhe ao rosto uma aparência de pirata, acentuada pelos cabelos anelados e pretos como o carvão e pela pequena argola de ouro que trazia à orelha esquerda.

À primeira vista, ele parecia mais um rude marujo que acabava de chegar dos Mares do Sul, muito embora bem apessoado. Uma análise mais atenta, entretanto, revelava que, sob sua displicência exterior, havia grandes reservas de inteligência e força.

Consciente do exame de que era alvo, o desconhecido fez uma curvatura e acrescentou com malícia:

— Mas confesso que gostei da linda exibição de saíotes com que você acabou de nos brindar.

Antes que Jessel pudesse exprimir sua indignação por tamanha audácia, seu irmão disse com um sorriso:

— Quero lhe apresentar meu amigo Jacob Swan. Jake, acho que você já deduziu que esta linda jovem é minha irmã Jessel.

Ela olhou para Zac, incapaz de acreditar que ele quisesse realmente apresentar-lhe aquele mal-educado em vez de repreendê-lo por seu atrevimento. Mas balbuciou:

— Muito prazer...

— O prazer é todo meu — disse Jake, tomando-lhe a mão delicada entre as suas, grandes e rudes. — Sinto como se a conhecesse há anos.

Zac percebeu o constrangimento da irmã e acrescentou:

— Jake é nosso segundo imediato. Papai o contratou quando tivemos de fazer escala em Valparaíso, para baixar Gardner ao hospital.

— Meu navio, uma escuna de três mastros de New Bedford, tinha sido condenado — explicou Jake. — E eu estava disponível.

— Pobre Sr. Gardner! — disse Jessel entre dentes, enquanto lutava para livrar a mão.

— Acho que ganhamos na troca. O velho Gardner tinha um repertório grande de expressões apimentadas e só sabia gritar, sem se importar com quem. Ninguém gostava dele, nem papai. Em compensação, todos gostam de Jake.

— Não estamos mais a bordo, Zac — observou o amigo com um sorriso. — Não sou mais seu oficial e você está finalmente livre para dizer exatamente o que pensa de mim.

— Mas é verdade! — disse o rapaz com calor. — Toda a tripulação acha que você é justo e camarada. E todos são unânimes em afirmar que não há obstáculos nem trabalho duro que você não ouse enfrentar.

— Obrigado — disse cortesmente Jake.

— Papai gosta muito de falar com você. Sobre política e negócios, além da pesca da baleia, naturalmente. É a primeira vez que o vejo fazer amizade com alguém, desde que mamãe morreu.

O desconforto de Jessel transformou-se numa pontada de ciúme. Quem era esse homem? Como ele ousara cativar seu irmão e encantar seu pai?

Mas Jake, parecendo não perceber seu ressentimento, respondeu com toda seriedade:

— É um prazer recíproco, Zac. Aprendi muito com seu pai. E entendi coisas sobre as quais nunca tive a paciência de pensar antes. Zacarias é um homem sábio e de uma bondade sem limites.

Ele voltou a sorrir e acrescentou num tom mais alegre:

— Aprendi muito também com você, Zac. Especialmente no que diz respeito a Jessel.

Ela olhou-o com desconfiança.

— O que está querendo dizer?

— Seu irmão vivia falando em você e eu fiquei sabendo tudo sobre os anos que passou a bordo do Maid. Soube que caiu da amurada, em Honolulu, ao tentar apanhar as fosforescências das águas, e que quase pôs fogo na cozinha do navio, assando um bolo de coco. Sei também que sua cor preferida é o rosa das conchas da Ilha Christmas e que você gosta de montar as tartarugas gigantes dos Galápagos.

Jake fez uma pausa e examinou-a da cabeça aos pés. Depois juntou:

— A única coisa que Zac não disse foi que você é muito bonita.

Seu tom brincalhão mascarava uma admiração verdadeira. Quando ele a vira com os braços passados em volta do pescoço de Zac, as lágrimas brilhando nos grandes olhos cinzentos, o vestido rodopiando em volta do corpo esbelto, mas curvilíneo, fora dominado por uma repentina onda de desejo que a custo reprimiu. Essa espécie de emoção era boa para as moças das tavernas, ou para as wahines dos mares do Sul, não para a irmã de Zac.

Antes de conhecê-la, chegara a pensar que ela podia ser também sua irmã. Apesar de sua relutância em envolver-se em qualquer relacionamento emocional, tornara-se extremamente íntimo, tanto do capitão quanto de seu filho, naqueles três anos a bordo do Maid. Com oito anos mais que Zac, transformara-se numa espécie de irmão mais velho do rapaz, dedicando-se à tarefa de lhe transmitir uma variedade de conhecimentos, desde a navegação orientada pelas estrelas e os sonetos de Shakespeare à vida livre nas praias de Samoa. Simultaneamente, convertera-se no filho mais velho de Zacarias, passando a ser seu companheiro e confidente, seu apoio moral.

Desse modo, uma vez superada a hesitação inicial e esquecidas as mágoas criadas por uma educação fria, que o tornara arredo e auto-suficiente, encontrara prazer nessas novas amizades e entregara-se de corpo e alma ao encanto de uma confiança compartilhada. Vira-se quase lamentando a morte de Josephine, sonhando com a sopa de mariscos de tia Judith, rindo indulgentemente das travessuras de Jessel.

Mas esse sentimento de benevolência fraternal terminara abruptamente quando a vira em carne e osso: aquela criatura era uma armadilha, não intencional, mas profunda, à sua imaginação. E procurara encobrir sua inesperada perplexidade sob uma fachada de displicência.

Os sentimentos de Jessel nesse momento eram mais fáceis de ser definidos. Ela sentia uma irritação crescente, quase descontrolada, pelo modo como Jake se insinuara junto a seu pai e conquistara a confiança de seu irmão. Desdém por seus olhares insolentes e sua arrogância e, sobretudo, raiva de si mesma por deliciar-se à idéia de que ele a achava bonita.

Inconscientemente, levantou o queixo e o fitou com ar de desafio.

— Gostaria de ter a oportunidade de conhecê-lo melhor, mas tenho certeza de que está ansioso para voltar a New Bedford e que não ficará aqui por muito tempo.

— Engana-se. Não tenho ligação nenhuma com New Bedford. Sou de Nova York, mas também não há nada que me obrigue a voltar para lá.

Havia determinação em sua voz, embora ele falasse com suavidade, quando acrescentou:

— Ficarei por aqui até que o Maid zarpe novamente. Seu pai prometeu-

me um emprego.

— Oh... — disse Jessel, e seu desapontamento era evidente.

— Você vai ter uma boa oportunidade para conhecê-lo melhor — confirmou Zac com entusiasmo. — Jake vai hospedar-se em nossa casa.

— Oh! — voltou a dizer Jessel, dessa Vez francamente alarmada. Jake fitou-a com um par de olhos pensativos.

— Seu irmão tem razão. Teremos tempo até para nos tornarmos bons amigos. Mas, agora, tenho de tratar do carregamento e da tripulação. Não esperem por mim. Vou para casa com Zacarias.

Ela o seguiu com o olhar, enquanto ele se encaminhava para o cais com a displicência altiva de que só podia dar mostras de alguém com uma infinita confiança em si próprio. E sentiu-se um tanto irritada. Jake não tinha o direito de estar ali!

Parecendo consciente da força misteriosa que o impedia de afastar-se, ele virou-se e falou por cima do ombro:

— A propósito, Jessel... Prefiro os olhos cinzentos orlados de cílios negros.

Uma vez mais, o rosto dela corou de indignação e uma vez mais ela fremiu de raiva diante daquela impertinência. Voltou-lhe as costas, fazendo de conta que aquelas palavras não lhe diziam respeito, e pôs-se a andar com passo firme.

Inconsciente da tensão que se estabelecera entre ambos, seu irmão teve de correr para alcançá-la.

— Espere, Jessel! Não estou ainda acostumado com terra firme. Nossa última escala foi há oitenta e quatro dias!

— Desculpe, Zac — disse ela, parando.

Livre da presença perturbadora de Jake e de seus olhos penetrantes, sentiu-se de repente alegre e descontraída.

— Sei como é: o chão ondula sob os nossos pés, como se estivéssemos ensaiando novamente os primeiros passos. Quando se passa muito tempo no mar, é mais fácil equilibrar-se no passadiço durante uma tempestade do que andar calmamente em terra firme.

— Por falar em tempestade, afrontamos sérios perigos durante essa viagem. Recebeu a carta em que eu falei do tufão que se abalou sobre nós na costa do Japão?

— Não, não recebi.

— Pois bem: foi um inferno! As ondas eram mais altas do que os vaus do mastro de ré. Atravessamos a zona de instabilidade em companhia do Alice Brattle, de New London, e, de repente o perdemos de vista. Quando fomos erguidos na crista de uma daquelas ondas descomunais, tornamos a vê-lo lá embaixo: parecia um desses navios em miniatura que são colocados no interior de uma garrafa! Saímos da confusão apenas com uma das velas avariadas. Mas o Brattle perdeu dois botes de estibordo e seus respectivos turcos.

Zac fez uma pausa e balançou a cabeça.

— O piloto devia ser um novato. Papai não permitiu que ninguém, além dele e de Jake, manejasse o leme durante os três dias que durou a tempestade.

Jessel prendeu a respiração à menção do nome de Jake e ficou novamente tensa. O reconhecimento, por parte de seu irmão, da superioridade dele apenas aumentava seu desconforto e ressentimento. Felizmente, Zac estava muito excitado para notar qualquer coisa.

Apesar da tarde maravilhosa que passara no calor das areias das dunas, conversando de forma muito descontraída com seu irmão sobre tudo o que

acontecera naqueles três últimos anos, Jessel estava ainda irritada na hora do jantar. Cada vez mais nervosa, via Jake dominar a atenção geral com suas observações vivas e inteligentes, fascinando até tia Judith com comentários elogiosos sobre a sopa de mariscos e pedidos de desculpa por sua intromissão.

Manteve-se muda e quieta, o olhar ausente fixo nas velas à sua frente, e foi a primeira a levantar-se quando a refeição terminou. Estava começando a recolher a louça quando seu pai anunciou, sucinta e objetivamente, como era de seu feitio:

— Falei com Daniel Ray hoje e lhe propus comprar o Jessel Maid. Ele aceitou minha oferta.

Jamais pensara que tão poucas palavras pudessem dizer tanta coisa! Virou para ele o rosto excitado, mas, antes que pudesse exprimir seu prazer, tia Judith resmungou, num tom meditativo:

— É compreensível que você queira ter seu próprio navio, depois de tantos anos no mar. Mas seja realista, Zacarias. O Maid é um navio velho, pode não representar um investimento seguro.

Seu sobrinho sacudiu a cabeça.

— O Maid é um bom navio. Precisa de alguns reparos para ficar em ordem, mas é uma embarcação que oferece ainda infinitas possibilidades. Não concorda comigo, Jake?

— O capitão tem razão — disse ele a tia Judith, mas com os olhos fitos em Jessel. — O Maid foi construído especialmente para pescar no Mar de Bering, onde se saiu muito bem, enfrentando as banquisas. Naturalmente, uma inspeção mais minuciosa dirá quais são suas possibilidades reais. Mas pelo modo como ele se comportou nessa viagem, acredito que é justamente o que convém a Zacarias: uma esplêndida oportunidade a um preço justo.

Jessel comprimiu os lábios, profundamente irritada. Podia entender por que seu irmão, mais jovem e menos experiente, deslumbrava-se com o ar de superioridade e segurança de Jake. Mas e seu pai?

Zacarias assentiu.

— O preço é justo, mas irá absorver todas as minhas economias. Poderá haver anos duros para tia Judith e Jessel antes de chegarmos com o produto de nosso primeiro carregamento. Procurarei economizar alguma coisa para as duas, porém não haverá mesa farta.

— Eu sei o que isso significa — retrucou tia Judith. — Durante a maior parte de minha infância estivemos em guerra contra a Inglaterra. Não havia navios saindo ou entrando no porto devido ao bloqueio inglês e faltava tudo. Lembro-me muito bem da sopa dos pobres servida na Gardner Street, que alimentou os habitantes desta ilha durante muito tempo. O que me preocupa não é isso, mas a idéia de que você vai gastar todo o seu dinheiro num navio que pode não valer esse sacrifício. Se o Jessel Maid é tão bom como vocês dizem, por que Daniel Rick está tão ansioso para se desfazer dele? Aquele homem não tem fama de ser tolo.

— Não, ele não é nenhum tolo. Nem você, tia Judith — disse Zacarias com uma risadinha. — Daniel está fazendo o mesmo raciocínio que o seu. Ele sabe que o navio é velho e que está precisando de reparos. E prefere vendê-lo, em vez de investir qualquer quantia nele. Mas isso não quer dizer que o Maid seja irrecuperável!

— Daniel Rick nunca navegou no Maid e está levando em conta apenas o aspecto exterior do navio — observou Jake.

Tia Judith encolheu os ombros e não disse mais nada. Os olhos de Zacarias brilharam de alegria e Zacarias recostou-se na cadeira com um suspiro de

satisfação. O prazer de Jake, porém, foi turvado por Jessel, que voltara às costas para eles. Sentia-se quase aborrecido com isso. Por que ela se mostrava tão contrariada? Devia estar ao lado deles, congratulando-se com o pai, rejubilando-se com o irmão, não lavando pratos, como se isso fosse a coisa mais importante do mundo!

Jessel mal prestava atenção ao que suas mãos faziam. Seu ressentimento inicial fora substituído pelo desânimo, por um cansaço extremo. A felicidade que devia estar sentindo por saber que o barco com seu nome entraria finalmente para a família estava ofuscada pela óbvia intromissão de Jake no negócio. Era a opinião dele que importava, sua presença, seus conhecimentos que eram solicitados.

Junto com Zac e seu pai, ele formava um círculo compacto em que ela não podia penetrar. A solidão a que fora relegada oito anos antes, quando seu irmão fizera-se ao mar, completava-se agora, Jake estava roubando-lhe a família e até as recordações mais caras e preciosas do Jessel Maid!

CAPÍTULO II

Nantucket, 20 de junho de 1839.

Com uma alegria que a surpreendeu, Jessel acordou cedo naquela manhã. Era o Dia da Tosquia, e a lembrança das festividades que se seguiriam levou-a a saltar da cama antes da hora habitual.

Sua euforia provinha em boa parte da ausência de Jake, que havia recebido uma carta de Nova York dez dias antes e partira no paquete⁴ daquela mesma tarde. Livre, portanto de sua presença incômoda, poderia passar um dia inteiro em companhia de Zac, exatamente como costumava acontecer no passado.

Desde o instante em que seu pai assinara os papéis de compra do Jessel Maid, não tivera um só instante de seu irmão gêmeo para si própria, já que os três homens passavam a maior parte do dia na Marina Railroa, seguindo as reparações do navio. De sua parte, Zac não teria sido tão diligente, mas Jake o advertira:

— Se você pretende dedicar-se inteiramente à vida do mar, terá de aprender todos os segredos do ofício. Imaginou o que aconteceria, por exemplo, se seu navio fosse desviado do curso e encalhasse numa ilha deserta? Você correria o risco de envelhecer e morrer lá por não saber calafetar uma junção!

Depois disso, ele se tornara tão zeloso quanto o amigo em examinar cada tábuia de costado, cada cavilha de madeira, cada encaixe, e junta de espiga. Junto com Jake, ajudara a cavilhar a carena, a colocar as pranchas, a revestir o casco de cobre, a refazer as amuradas, a cobrir as bordas e a escalonar os mastros. A não ser durante a refeição matinal e o jantar, Jessel não via nenhum dos dois. E, mesmo nessas ocasiões, a conversa girava apenas em torno do Maid.

Esse dia seria diferente. Inteiramente dedicado aos festejos e à alegria. A pé, de caleche⁵, ou nas excêntricas carretas quakers de duas rodas, os habitantes da ilha acorreriam do norte e do sul, palmilhariam os atalhos das charnecas e se agrupariam nos campos que circundavam o Lago Miacomet.

⁴**Paquete:** Navio grande, a vapor, que transporta passageiros, mercadorias e correspondências.

⁵ **Caleche:** Carruagem de quatro rodas e dois assentos, descoberta na frente.

Nos últimos três dias, pastores a cavalo, com a ajuda de seus longos chicotes de couro, haviam reunido as ovelhas que perambulavam livremente pela ilha, conduzindo-as para os redes armados junto à água. Ali, os animais haviam sido lavados e esfregados, e nesse dia, quando o evento anual seria celebrado com uma alegria rara entre os sérios quakers, eles seriam finalmente tosquiados. Absorta nessas recordações alegres, Jessel nem se deu conta do vulto alto e musculoso que parará no limiar da porta entreaberta da cozinha e a observava com olhar atento. Por isso, deu um salto quando ouviu uma voz grave às suas costas:

— Você se levantou mais cedo do que o costume, Jessel. Ela se voltou com um sobressalto.

— O que está fazendo aqui? — balbuciou. — Pensei que estivesse em Nova York...

Seu desconsolo era tão aparente que Jake riu, os dentes brancos e regulares contrastando agradavelmente no rosto bronzeado. — Não precisa ficar tão contente com a minha volta. Eu estava em Nova York, mas agora estou aqui. Não iria perder essa festa por nada deste mundo. Afinal, você falou tanto nas coisas boas que haveria por lá que eu não resisti à tentação de...

— Alô, Jake! — A prazerosa exclamação de Zac, que acabava de descer as escadas, cortou-lhe a palavra. — Quando chegou?

Ele voltou-se para o amigo com um sorriso.

— Acabei de desembarcar. Jessel e eu estávamos falando de algumas das maravilhas que teremos na festa de hoje.

— Vai ser realmente uma grande festa e é melhor irmos andando. Prometi a Franklin Folger que o ajudaria no trabalho com as ovelhas. Não quer nos dar uma mão também?

— Farei o que puder, mas não entendo nada de ovelhas. Não é preferível que eu ajude Jessel a preparar a refeição matinal?

— Não comeremos em casa — disse ela, ainda tensa. — Haverá muita comida na festa... Parte de seu entusiasmo voltou, enquanto continuava: Salmão fresco cozido, leitões, vitelas e carneiros assados, filés de bacalhau fresco nadando na manteiga. Além disso, roscas, tortas de amora e... Chega, chega! Está me deixando com água na boca! Vamos logo para esse festim! Jessel tirou o avental mais do que depressa. Estava ainda alisando o vestido quando os dois rapazes saíram pela porta aberta que dava para o corredor. Esperem! — gritou ela — Eu quero... Só pôde alcançá-los bastante longe do jardim e ainda assim teve de correr. Estava furiosa e não escondeu o desejo de ver aquele intruso a mil léguas de distância dali. Sempre que ele aparecia em cena, ela era completamente ignorada!

Mas Jake estava plenamente consciente da presença dela. Embora continuasse a falar com Zac sobre os progressos do Jessel Maid, seus penetrantes olhos azuis não a deixavam um só instante. Viu seus olhos faiscarem de raiva, seus lábios cheios apertarem-se numa linha desdenhosa, seus seios arfarem. E sorriu intimamente. A despeito dos gracejos que fazia e, sobretudo, das discussões que tinham, estava atraído por ela. Sentira sua falta, em Nova York.

Jessel percebeu que estava sendo observada e concentrou-se na trilha musgosa que serpeava por entre a exuberante vegetação. A manhã estava lindíssima, com o céu inteiramente azul, sem uma nuvem. A brisa que vinha do mar, amornada por um sol ainda fraco, trazia fragrâncias de madressilvas e também o balido das oito mil ovelhas que iam ser tosquiadas e o cheiro apetitoso das carnes que deviam estar girando nos espetos.

Sua irritação dissolveu-se como neve ao sol e uma onda de excitação a envolveu, perdurando até que chegaram aos campos. Ali, abriram caminho no meio da multidão, que se tornava cada vez mais compacta com a chegada de novos grupos, à procura dos redies de Franklin Folger.

Harriet Swain, que havia uma hora esperava a sua chegada, chamou-a de longe:

— Jessel!

Quando se aproximou, a amiga abraçou-a fortemente e beijou-a nas faces.

— Papai nos contou que o Jessel Maid voltou de sua longa viagem. Fico muito feliz por você.

— Obrigada, Harriet.

— É mesmo seu irmão esse rapagão que está com você? Zac adiantou-se e plantou-lhe um beijo no rosto.

— Sim, sou eu, Harriet. Por que não foi me esperar no cais?

A jovem era filha de Benjamim Swain, um armador rico e respeitado, do qual herdara um coração generoso e um rosto de feições irregulares iluminado pela bondade. E fora essa nobreza de alma que a levava a estender a mão a Jessel, oito anos antes, quando ela permanecera sozinha e ignorada em seu primeiro dia de aula.

Desde aquela época, uma grande amizade estabelecera-se entre as duas. Harriet nutria um grande respeito pela independência e ousadia de Jessel, e esta, por sua vez, admirava-lhe a paciência, a tolerância e a atenção benevolentes.

— Eu estava em Boston, e mesmo que estivesse aqui não teria a coragem de ir até o porto — tornou Harriet, sacudindo a cabeça. — Mas vou ter de vencer minha relutância, quando Zenas voltar da Inglaterra.

Jessel olhou para o jovem loiro e bem-apegoado que a acompanhava.

— Vai para a Inglaterra, Zenas?

O rapaz fixou nela os suaves olhos castanhos, iguais aos da irmã.

— Vou cursar uma universidade inglesa e depois fazer um estágio nos escritórios de nossos agentes marítimos. Papai quer que eu aprenda como funciona o nosso negócio do outro lado do Atlântico.

Um resmungo de impaciência obrigou Jessel a voltar-se para Jake, que apresentava um ar sombrio e enervado. Revoltou-se, achando-o inoportuno e ridículo, mas fez as apresentações.

— Zenas, acho que você ainda não conhece Jacob Swan, segundo imediato do Jessel Maid nesta última viagem — disse, com frieza formal. — Talvez um dia, se ele der provas de sua capacidade, você possa dar-lhe um emprego num de seus navios.

Zenas não notou a ironia na voz dela nem o ar de sardônico divertimento nas feições de Jake e respondeu com seriedade:

— Certamente! Estamos sempre à procura de bons profissionais.

Qualquer comentário a propósito foi interrompido pela chegada de um grupo de jovens, atraídos pela afabilidade e situação social dos irmãos Swain. Um deles, Obed Hussey, filho de um fabricante de velas para navios, concentrou sua atenção em Jessel, fitando-a com tal embevecimento que ela enrubesceu, repentinamente embaraçada.

Jake pressentiu o perigo, mas suas tentativas para afastar essa nova e obscura ameaça foram impedidas pelas risadinhas abafadas das irmãs Liddy e Sarah Coffin. As duas moças eram tipos diametralmente opostos. Liddy, a mais velha, tinha cabelos escuros e era cheia de vivacidade, ao passo que Sarah era uma boneca de porcelana. Loira, de olhos azuis, feições delicadas e graça sim-

ples, subjugou no mesmo instante o coração de Zac, que só tinha olhos para ela.

Jessel, já aborrecida com os olhares extasiados de Obed e estranhamente perturbada pelo evidente interesse de Liddy por Jake, sentiu um choque no peito ao ver o ar de adoração estampado no rosto do irmão. Tentou falar, sorrir, mas sem muito sucesso. Assim, foi com grande alívio que ouviu Franklin Folger gritar do meio do redil:

— Zac, onde está você? Já estamos quase terminando, mas uma ajuda extra não seria demais..

Zac afastou-se com relutância da doce Sarah, não sem antes arrancar-lhe a promessa de que ela o esperaria. Jake, ao contrário, desprende-se do braço de Liddy com mais disposição e entrou no redil, preparado para empenhar-se numa luta corpo a corpo com as lanudas ovelhas que, acostumadas a pastar sem serem molestadas, mostravam-se quase selvagens.

Esquecendo-se de sua raiva, Jessel riu até as lágrimas com suas desajeitadas tentativas de domá-las. E ficou a observá-lo da cerca enquanto durou o processo de tosquia. Quando a última ovelha nua ficou balindo tristemente, ele sacudiu a poeira dos joelhos e voltou-se para ela.

— Que é que há de tão engraçado? Nunca viu um homem no trabalho?

Ela sacudiu a cabeça, as faces coradas de excitação.

— Se você pesca com a mesma perícia com que agarra as ovelhas, as baleias podem ficar sossegadas!

Um sorriso iluminou o rosto de Jake, apesar do tom de severidade que ele procurou emprestar à sua voz:

— Pois fique sabendo que não há baleia em que eu tenha posto os olhos que esteja ainda nadando nos mares deste mundo! E, agora, que tal aquelas iguarias que me prometeu?

Antes que Jessel pudesse abrir a boca, Liddy apoderou-se possessivamente do braço dele, dizendo com voz lânguida:

— Ainda não comeram? Um homem como você não pode ficar sem alimento! Venha comigo, vou levá-lo às barracas.

Harriet postou-se imediatamente ao lado dos dois. Ela percebera, com uma convicção repentina e esmagadora, que Jake era o homem talhado para Jessel. E decidira não permitir que mulher alguma o roubasse dela.

— Podemos ir todos juntos à barraca de Jacob Jones — sugeriu. — Aposto como encontraremos alguma iguaria apetitosa por lá.

Era quase meio-dia quando o pequeno grupo, caminhando de barraca em barraca, terminou de comer sua porção de pernil com torta de palmito, galinha frita e postas de salmão cozido regadas a manteiga, tudo acompanhado de café, chá ou limonada.

— Acho que está na hora de entrarmos na Grande Tenda — tornou a dizer Liddy com voz acariciante. — Já ouviu falar nela, Jake?

— Não é lá onde exibem bezerros de duas cabeças? — perguntou ele, com bom humor.

A jovem riu com suavidade e tomou-lhe novamente o braço.

— Não. É a tenda das ciganas que lêem a sorte e de Blind Frank, o violinista. Todos vindos do continente para nos divertir. Vamos?

Os outros a seguiram sem hesitar, mas Jessel ficou parada no mesmo lugar. A Grande Tenda, com suas frívolas atrações, era território proibido para os irmãos quakers. Tia Judith perdoara-lhe a impetuosa corrida ao porto, quando fora receber Zac, ausente havia três anos, mas se sentiria profundamente magoada se ela se entregasse às danças e à música profana.

A alegria abandonou-a quando viu o grupo desaparecer no interior da

tenda. Apenas Harriet lançou-lhe um olhar entre consternado e compassivo, dando-lhe a impressão de que ficaria com ela se não fosse por Obed, de quem estava secretamente enamorada.

Aborrecida com a situação, porque uma coisa era buscar a solidão e outra, muito diferente, a sensação de estar abandonada, afastou-se do centro dos folguedos e tomou o caminho que serpenteava em torno do lago. Seu passeio involuntário foi subitamente interrompido por um chamado:

— Olá, Jessel! Aonde vai?

A voz poderosa pertencia a John James Henry Wannaleana, um gigantesco nativo das Ilhas Society. Muito tempo antes, quando os gêmeos tinham apenas cinco anos, o Jessel Maid o encontrara a cerca de mil milhas da costa, agarrado aos destroços de sua piroga abatida por uma tempestade, e o recolhera a bordo.

Como prova de sua gratidão, John James passara a servir Zacarias, tornando-se o protetor e o arpoador do capitão. Mais tarde, em respeito à nova vida, adotara um nome cristão, muito embora suas crenças espirituais permanecessem inalteradas.

Durante aqueles anos, ele tomara um interesse todo especial por Jessel, brindando-a, como o resto da tripulação, com adornos, brinquedos e, à medida que seus conhecimentos da língua inglesa aumentavam, também com contos de sua ilha nativa.

Jessel reanimou-se à vista do amigo de infância.

— Olá, John James. Estou indo para a praia. Quero respirar um pouco de ar puro.

— Sozinha? Onde está Zac?

— Foi dançar com uma moça bonita — respondeu ela, procurando não demonstrar seu ressentimento.

O nativo olhou-a com atenção.

— Vou com você. Pode haver maus espíritos na praia.

Ela riu.

— Não se preocupe, os irmãos quakers não os deixariam aproximar-se. É melhor você ficar aqui para ajudar a tosquiá-las as ovelhas.

Apesar de vê-la segura de si, John James não estava muito inclinado a deixá-la passear desacompanhada. Ia sair do redil quando viu Jake, a manta jogada sobre o ombro e uma sacola de papel na mão, apontar na trilha que ela havia tomado. Um amplo sorriso substituiu seu ar preocupado e ele murmurou para si mesmo:

— Bom... muito bom...

Ao entrar na Grande Tenda com Liddy pendurada em seu braço, Jake lançara um olhar por cima do ombro para certificar-se de que Jessel os seguia. Sentia-se um pouco velho para aquele grupo de jovens frívolos, mas os tolerava para ter a oportunidade de permanecer ao lado dela. Quando Blind Frank terminara de tocar o primeiro número, desprendera-se delicadamente de seu par e voltara-se para convidar Jessel, ansioso por envolver em demorado abraço o seu corpo esbelto. Ficara desagradavelmente surpreso quando não a vira entre os demais.

Harriet percebera seu desapontamento e explicara:

— Jessel não entrou para não desgostar sua tia. Os quakers não aprovam a música profana. E muito menos as danças.

Ele olhara para a moça com um novo respeito.

— Você é uma amiga de verdade, srta. Harriet Swain. Depois, murmurando algumas desculpas banais, afastara-se de Liddy e saíra da tenda a

tempo de ver Jessel desaparecer na trilha que levava à praia. Agira com notável presteza: apanhara a manta da carreta de Zacarias, enchera uma sacola com rosquinhas e algumas garrafas de cerveja e correria no seu encalço.

Sem perceber que estava sendo seguida, Jessel ia indiferente, distraída, pensando que os descuidados dias de sua adolescência haviam terminado e ainda não sabia o que viria depois. Sua vida parecia correr numa confusão anelante de planos e esperanças que não se concretizavam, de sonhos que jamais se realizavam. Por quê? O que queria e o que esperava ela?

A resposta ao seu apelo veio sob a forma de um triste balido. Ergueu os olhos, surpresa, e viu um cordeirinho preso nas sarças que cresciam em torno do lado.

— Mon pauvre petit ! Perdeu o rumo, exatamente como está escrito na Bíblia!

O animalzinho baliu novamente e Jessel caminhou para a beira da água, seguindo uma senda tortuosa, quase obstruída pela vegetação.

— Deixe-me pensar... Preciso livrá-lo desses galhos e colocá-lo em lugar seco, mas como posso fazer isso sem me molhar?

O cordeirinho respondeu com um novo balido.

— Eu sei, eu sei... está se sentindo só e abandonado. Eu também me sinto assim. Ah, se pudesse salvar-me saindo de um lago! Faria isso imediatamente e depois seguiria meu caminho. Mas, para mim, as coisas não são tão fáceis assim. Estou presa num lago sem água, não posso nadar.

Aproximando-se cautelosamente da margem, Jessel afastou os arbustos e tentou puxar o animalzinho com uma das mãos. Mas, assustado, ele ofereceu resistência. Exasperada, ela agarrou-lhe o pêlo anelado e pôs-se a puxá-lo com impaciência. O cordeiro livrou-se tão subitamente que a fez perder o equilíbrio e precipitar-se, com a cabeça para a frente, nas águas frias do lago.

A brusca diferença de temperatura cortou-lhe a respiração, mas o instinto a fez lutar para voltar à superfície. Seu pânico diminuiu somente quando, tossindo e arquejando em busca de ar, conseguiu ficar de pé.

Estava lutando freneticamente para livrar-se dos caniços que se emaranhavam em seus saiotes, impedindo-a de mover-se, quando uma voz sarcástica ecoou no silêncio da tarde:

— Pauvre petit! Perdeu seu rumo, não foi? Endireitou-se e ergueu lentamente os olhos. Jake estava parado a poucos metros de distância da margem, um sorriso insolente curvando-lhe a boca sensual. Humilhada e enraivecida, ela o acusou:

— Você estava me espiando! Isso é covardia!

— Belo juízo faz de mim! Juro que não ouvi uma só palavra do que o cordeiro disse.

O rosto dela ardeu de indignação.

— Você... Você não passa de um canalha!

— Calma, minha criança... Tão jovem e com um temperamento tão exaltado!

— Não sou criança e quero que vá para o diabo!

— No seu lugar, em vez de proferir impropérios, eu trataria de sair da água o mais rápido possível. Antes que alguma tartaruga gigante me abocanhasse!

Jessel lançou um olhar furtivo por cima do ombro e viu uma enorme tartaruga que avançava tranquilamente na direção dela. Entrou em pânico e voltou-se para Jake com ar implorante:

— Por favor... ajude-me a sair daqui!

— Por que não me disse logo que precisava de ajuda? Fazendo-se de inocente, ele começou a descer com agilidade a trilha escarpada.

— Deixe-me pensar... — disse então, com as mãos na cintura. — Como posso tirar você daí?

Jessel ia protestar, indignada, mas um ruído inesperado na água registrou-se indistintamente na sua consciência e ela encolheu-se toda, gelada de pavor. E quando, num gesto inesperado, ele a agarrou pela cintura e a colocou a salvo na margem, soltou um suspiro de alívio.

— Obrigada — disse com um sorriso de gratidão, enquanto o calor fluía novamente em seu corpo trêmulo.

Jake ergueu os cenhos, irônico.

— Que palavra tão doce...

Mas sua expressão se anuviou, transformando-se numa máscara de preocupação assim que a viu tiritante de frio.

— Jesus! Essa água devia estar mais fria do que pensei. Por que Não me avisou? Venha!

— Para onde quer me levar?

— Para a praia, antes que se arrebente de tanto bater os dentes! Lá você poderá sentar-se ao sol até suas roupas secarem.

Deram a volta pela colina e acharam um pequeno refúgio de areias quentes, formado por um dos recessos da costa, uma entrada que se ocultava por uma saliência de rocha e pelos arbustos que cresciam em redor.

Jessel deixou-se cair sentada na areia, em estado de total prostração. Jake ajoelhou-se diante dela e pôs-se a esfregar-lhe vigorosamente as mãos geladas. Ao ver que, apesar de seus esforços, ela continuava a tremer, observou:

— Nunca irá aquecer-se desse modo. É melhor tirar as roupas e enrolar-se na manta.

Ela afastou o corpo.

— Acha que sou doida? Minhas roupas vão ficar onde estão!

— Por que é tão teimosa?

— Estou perfeitamente bem! Pare de se preocupar comigo! Ele examinou-a atentamente, os olhos semicerrados.

— Seus lábios estão roxos! Vai tirar essas roupas ou quer que eu as tire para você?

— Você é detestável! — gritou Jessel indignada. — Como se atreve a me tratar como seu eu fosse uma criança?

— Enquanto agir como uma criança, será tratada como tal.

Jake olhou-a e sua expressão suavizou-se. — Não precisa se preocupar, não vou atacá-la. Dou-lhe minha palavra de que não me aproveitarei da situação.

Ele permaneceu ainda um instante e contemplá-la, pensando em como seria difícil manter sua promessa. Embora em total desalinho, ela o excitava, com sua beleza exótica.

— Vou lhe dar também meu casaco. Meu casaco e minha palavra de honra de que não tirarei nenhuma vantagem de... de sua nudez. Que proteção melhor você poderia querer?

Ela hesitou. Apesar de haver poucos motivos para gostar dele, idéias vagas, mas ao mesmo tempo perturbadoras começavam a afluir à sua mente.

— Está bem — disse por fim, pondo-se de pé tão rapidamente que quase perdeu o equilíbrio. — Dê-me o seu casaco e vá até a praia, enquanto eu me visto.

Jake tirou o casaco com um suspiro de alívio.

— Não vou dar nenhum passo. Vou apenas me virar. — Ele fez uma pausa e a olhou sugestivamente. — Você pode precisar de ajuda.

O coração de Jessel deu um salto. Ele a fitava com um brilho estranho no olhar. Mesmo inexperiente como era, não teve dúvidas em reconhecer algo mais além da zombaria, algo que parecia flutuar naqueles profundos olhos azuis, fazendo-a tremer de emoção. Era como se ele a despisse mentalmente!

Com um gesto brusco, arrancou-lhe o casaco das mãos e correu, buscando abrigo atrás da rocha. Foram os minutos mais longos de sua vida. Nervosa, teve de lutar com os dezoito botões das costas, e encontrou dificuldade em fazer deslizar as roupas pelo corpo molhado. Quando o conseguiu, enfiou o casaco de Jake, enrolou-se na manta e voltou a sentar-se nas areias quentes.

— Pronta? — perguntou Jake, então.

— Pronta.

Virando-se, ele recolheu-lhe as roupas, estendeu-as sobre uma moita de roseiras silvestres, para que secassem ao sol e à beira do mar, e então sentou-se ao lado dela.

— Agora, vamos comer alguma coisa — anunciou, retirando as rosquinhas e as cervejas do saco de papel.

Com a sensação de calor, parte do entusiasmo de Jessel voltou e ela sentiu vontade de brincar.

— Pretende me seduzir com bebida? Ele sorriu.

— Para dizer a verdade, pretendo conquistá-la com essas deliciosas rosquinhas. A cerveja é para mim. Preciso restaurar a energia que gastei ao salvar uma donzela das águas geladas do lago.

— Agradeço a você pelo resgate — disse Jessel, enquanto mordida um dos doces açucarados —, mas ainda acho que não foi bonito de sua parte ouvir minha conversa e depois usá-la contra mim.

Jake ergueu as mãos, em sinal de rendição.

— Tem razão, não foi bonito. Desculpe.

Ele tomou um gole de cerveja e depois, com um brilho de malícia no olhar, juntou:

— Era uma oportunidade raríssima de apanhá-la em desvantagem e eu não quis perdê-la.

Antes que ela tivesse tempo de responder, prosseguiu, como se achasse que devia atenuar sua impertinência:

— Pegue mais uma rosquinha. É uma oferta de paz. Não quer acompanhá-la com um gole de cerveja?

Ainda duvidando de sua sinceridade, mas ansiosa por uma trégua, Jessel aceitou tanto o doce quanto a cerveja. Ele, por sua vez, deixou o assunto morrer e, por um instante, comeram e beberam em total silêncio.

Depois, invadida por uma sensação de conforto total, ela se apoiou languidamente na parede rochosa e pôs-se a contemplar o mar. As ondas rolavam incessantemente na praia, produzindo um rastro de espuma branca, e depois rumavam, carregadas pelas correntes submarinas, na direção dos Açores e da África.

Jake deitou-se ao lado de Jessel, com as mãos cruzadas sob a nuca, e estudou-a.

— Tenho a impressão de que seu pensamento está longe daqui. Estou enganado?

Ele falava de um jeito brincalhão, mas Jessel ficou ligeiramente tensa.

— Não.

— Que está vendo ao longe? A França? O pequeno chalé onde nasceu?
Ela entreabriu os lábios, surpresa.

— Sim, eu estava do outro lado do Atlântico, pensando em minha mãe. Ela costumava passear pela praia, sempre que tinha um momento livre. Gostava de contemplar o mar e imaginar o que poderia haver além da linha longínqua do horizonte. E quando um dia papai apareceu naquela mesma praia e falou-lhe dos oceanos distantes, achou que os céus tinham ouvido suas preces.

Jake tornou-se subitamente sério.

— Quando você contempla o mar, pede também aos céus que lhe mande um marinheiro para tirá-la daqui e levá-la para além do horizonte azul? Jessel riu suavemente e sacudiu a cabeça.

— Não, não quero nenhum pescador de baleias em minha vida. Eles costumam ficar no mar durante anos a fio, para caçar e matar criaturas que não fazem mal a ninguém, enquanto suas mulheres permanecem em terra, com seus filhos sem pai, suas preocupações e a vida solitária.

Ao ver que Jake erguia os cenhos, assombrado, ela riu.

— Ficou chocado? Acha um sacrilégio que uma mulher desta ilha, filha e irmã de pescadores de baleia, fale com tanta franqueza?

— Não propriamente um sacrilégio, mas é uma atitude estranha para alguém que diz amar a vida do mar. Já se esqueceu dos anos que passou a bordo de um baleeiro?

— Passei anos maravilhosos no Jessel Maid e não nego esse fato... — Uma expressão sonhadora velou-lhe novamente os olhos cinzentos enquanto ela mergulhava em suas lembranças.

Uma gaivota fez um círculo acima de suas cabeças e a brisa marinha balançou uma roseira selvagem, coroada de botões escarlates, que invadiu, com seu doce aroma, o ar cheirando a maresia.

— Não, não vou ficar esperando que um pescador de baleias apareça na praia — tornou, voltando ao presente. — Gostaria de ter meu próprio navio...

Subitamente animada, endireitou-se. Nunca em sua vida havia contado seus sonhos a ninguém. Nem a Zac, a quem amava tanto, nem a tia Judith. Mas, estranhamente, parecia-lhe natural que os contasse a Jake.

— Seria um navio mercante — continuou. — E eu não ficaria em casa quando ele zarpassse. Iria a Londres e a Le Havre, compraria lindas peças de seda e porcelanas preciosas, e depois as venderia em Boston e na Filadélfia. Ou então faria um carregamento de açúcar, especiarias das Índias, algodão do Egito, chá do Oriente...

Ela fez uma pausa.

— Compreendo por que Zenas Swain quer passar alguns anos na Inglaterra. Lá, ele poderá aprender algo mais do que extrair azeite das baleias.

Jake rompeu numa risada sardônica.

— Numa sala fresca com boas cadeiras, garrafas e charutos, ele irá ver a vida passar. Não conhecerá jamais o valor de um barril de azeite, a não ser em dólares ou libras, nem o desafio do mar ou a excitação da pesca. — Ele encolheu os ombros. — A vida de negociante é para os fracos.

Indignada com essas palavras contundentes, Jessel encarou-o desafiadoramente.

— E onde foi que você, o segundo imediato de um baleeiro, adquiriu tanta experiência sobre negócios? Não estará por acaso com inveja daqueles que conseguem vencer com o cérebro, em vez dos músculos?

Jake fitou-a, percebendo, de repente, que era muito importante que ela o entendesse.

— Não estou com inveja de ninguém, meu pai era também um negociante rico. Sua casa mantinha alto comércio com o exterior e com o interior, onde possuía um grande e variado número de empresas e entrepostos.

Ele fez uma pausa demorada.

— Mas era um homem frio, ressequido, amarelecido nos negócios. Morreu em cima de seus livros, vítima de um ataque cardíaco.

— Foi isso que o levou a Nova York?

— Não. Randolph Swan morreu há cinco anos. E, no momento em que ele sofreu o ataque, estávamos discutindo violentamente.

— Oh...

— Convenci-me de que foi meu temperamento exaltado a causa de sua morte. Para me penitenciar, fiquei à testa dos negócios. Passava de dez a doze horas examinando relatórios e livros-caixas, ou em reuniões com banqueiros e advogados. Fui bem-sucedido, mas me sentia sufocar. Era como se eu estivesse me afogando...

Jake fez uma nova pausa.

— No entanto, continuei a seguir os passos de meu pai por quase dois anos. Até perceber que ninguém se importava realmente com isso. Nem os banqueiros, para quem eu era apenas uma fonte de dinheiro, nem os advogados, e muito menos minha mãe, interessada somente em promover bailes e chás de caridade. Depois que ela voltou a se casar e mudou-se para Baltimore, achei que não fazia sentido continuar a sacrificar-me.

— Então?

— Então renunciei a tudo e voltei para o mar.

— Voltou? Nesse caso, você já tinha passado algum tempo no mar! Era sobre isso que estava discutindo com seu pai, no momento em que ele morreu?

Ele olhou-a, admirado com sua perspicácia.

— Sim, era. Fiz-me ao mar quando tinha catorze anos, idade suficiente para conseguir um emprego razoável a bordo de um baleeiro. Fiz duas viagens ao Pacífico: a primeira no castelo de proa, a segunda como quarto imediato. Ia empreender a terceira quando meu navio foi vendido para uma companhia de navegação londrina. Não gostei da idéia de trabalhar como marinheiro inglês. Voltei para Nova York e fui trabalhar com meu pai. Passados oito meses, percebi, pela primeira vez, que cada um deve seguir seu próprio destino. Estava a ponto de deixá-lo quando tivemos aquela discussão...

Jessel fitou-o. A brisa enfunava sua camisa de pano inglês, esticada sobre os ombros amplos, e desmanchava seus cabelos negros, que brilhavam como seda ao sol de junho. Era realmente um homem bonito. O mais bonito que ela já vira. Sentiu uma vontade quase irresistível de tocá-lo, de acariciar-lhe as faces, o peito amplo e musculoso, mas conteve-se, escondendo sua perturbação sob uma capa de curiosidade.

— Por que escolheu o mar? Queria também saber o que havia além do horizonte azul?

Jake confirmou com a cabeça.

— Meu avô era uma pessoa extraordinária. Foi ele quem iniciou a fortuna da família, como corsário, durante a revolução. Já velho, contava-me histórias de sua vida aventureira, e eu sabia que seria apenas questão de tempo para me tornar um homem do mar, como ele.

Houve um novo momento de silêncio. Jessel sentiu as pálpebras pesarem, enquanto observava o rosto dele, estranhamente iluminado pela luz que se filtrava por entre as ramagens da roseira selvagem. Um arrepio involuntário percorreu-lhe o corpo.

Sem compreender seus sentimentos, e confusa pela súbita reviravolta em seu relacionamento com esse homem tão contraditório, levantou-se abruptamente e foi recolher as roupas. Levou-as atrás da rocha e vestiu-se rapidamente. Estava lutando com os botões quando ouviu um frêmito nas plantas.

Era Jake.

Seu coração bateu como o de um pássaro capturado, embora sem temor, ao senti-lo atrás de si. Porém, quando ele a virou, ficou sem palavras, tensa e imóvel. Estavam tão próximos que podia sentir-lhe o calor do corpo...

Foi um beijo suave e delicado, que a fez experimentar uma emoção inteiramente nova e que pareceu surpreender o próprio Jake, pois, assim que ele se endireitou, viu seu ar perplexo.

— Por que fez isso? — murmurou, mal podendo respirar. O olhar dele ganhou uma estranha expressão.

— Por que não?

— Você prometeu que me respeitaria!

— Prometi? Não me lembro mais...

— Como não? Deu até sua palavra!

— Engana-se, ma petit. Dei minha palavra de que não tiraria vantagem "enquanto você estivesse despida". Antes de beijá-la, certifiquei-me de que todos os botões de seu vestido estivessem em suas respectivas casas!

O tom caçoísta teve o dom de anular a deliciosa sensação que seus lábios haviam deixado. Assim, foi quase com alívio que Jessel voltou à habitual atitude beligerante.

— Você não passa de um patife, Jacob Swan! — disse ela, com ardor. — Está parecendo um de seus advogados de Nova York, com esse tipo de conversa!

Depois disso, ela amarrou o fichu⁶ em volta do busto e tomou o caminho de volta. Pisava com raiva para descontar a impotência que a invadia e aumentou a velocidade ao ouvir o som cadenciado dos passos de Jake atrás de si.

Apesar do sorriso que lhe entreabria os lábios, também ele estava furioso, considerando injustificadas as acusações que ela lhe fizera. Alcançou-a e tornou, num tom negligente:

— Você parece muito interessada em tirar conclusões precipitadas.

— Não retiro uma vírgula do que falei. Sustento cada afirmação!

— Pois bem! Acredite no que quiser, não vai fazer diferença! — gritou então, perdendo a paciência.

Determinada a não se deixar afetar pela reação dele, ao chegarem aos campos Jessel abriu caminho através da multidão, agora menos compacta, à procura de Zac ou de Harriet, ou até mesmo de tia Judith. Finalmente, avistou seu pai, empenhado numa acalorada discussão sobre baleias com o capitão de outro navio. Esperou, a alguma distância, que ele terminasse de contar suas recordações, de fio a pavio, com luxo de detalhes, e então pediu-lhe que a levasse para casa.

Durante o percurso, Zacarias preocupou-se com seu silêncio.

— Está muito quieta, Jessel. Não está se sentindo bem? Ela abaixou os olhos para esconder sua perturbação.

⁶ **Fichu:** Ligeiro abrigo triangular com que as senhoras cobrem a cabeça e os ombros, quando usam vestidos decotados.

— O dia foi muito longo e cansativo.
— Seu vestido está todo amarrotado. Que foi que aconteceu?
— Caí no lago, quando tentava salvar um cordeirinho. E tive de me sentar ao sol, na praia, para secar as roupas.
— Ah, bem...

Zacarias sentiu que devia haver algo mais do que isso, mas, sem experiência no trato com as mulheres, não soube como abordá-la. E lamentou, mais uma vez, que Josephine não estivesse ali para aliviá-lo de uma carga que se tornava muito pesada em suas mãos.

Tarde da noite, Jessel permanecia ainda acordada, lembrando os pormenores do deplorável incidente daquela tarde. Aos poucos, porém, o cansaço a venceu e ela caiu num sono leve. Voltou à consciência ao ouvir passos cautelosos no corredor.

— Jessel? Está acordada? — cochichou uma voz atrás da porta.

— Estou, Zac.

Ele entrou com um castiçal na mão e sentou-se numa cadeira junto à cama.

— Estou acabando de chegar da casa de Sarah Coffin.

— Verdade?

— Foi uma noite maravilhosa! Ela é tão delicada... Como uma flor oscilando à brisa da manhã. E tão doce... Pensa sempre o melhor de todo o mundo. Um verdadeiro anjo! — Zac inclinou-se para frente. — Não acha Sarah encantadora?

Fitando-lhe o rosto radiante, que a vela iluminava, Jessel sentiu uma tristeza imensa.

— Sim, encantadora.

Depois que ele saiu, ela permitiu, na desolação da derrota, que as lágrimas lhe escorressem pelo rosto. Primeiro fora Jake a conquistar a afeição de seu irmão. Agora, era aquela moça delicada, que se movia como as flores à brisa gentil.

CAPÍTULO III

Nantucket, Julho 1839

Ao principiar o verão, Jessel, ao menos aparentemente, estava reconciliada com a nova rotina da casa: os três homens partiam para o estaleiro logo após a refeição matinal e raramente voltavam antes do anoitecer.

Após o jantar, Zac saía para se encontrar com sua doce Sarah e Jake jogava xadrez com Zacarias ou ajudava tia Judith a enrolar infinitos romances de lã. Jessel, por sua vez, terminadas suas obrigações, sentava-se num canto, quieta e séria. A exceção acontecia apenas em certas noites, quando Jake, dando mostras de inusitada agitação, murmurava uma desculpa e saía também, apressado, deixando a sala de visitas dos Joy imersa em silêncio.

Durante o dia, competia a Jessel cuidar da casa. Depois do que, ainda confusa com as intensas emoções que experimentara em tão curto espaço de tempo, ela saía para as suas solitárias excursões pela ilha. Entregue a si mesma, examinando os destroços flutuantes de naufrágios em alguma praia deserta, ou seguindo a pista de uma corça através das charnecas, sentia-se calma, apaziguada, sem cólera e sem inquietação, e conseguia até esquecer o cruel desapontamento que Harriet, sua leal e boa amiga, lhe causara.

— Ele me parece um homem extraordinário — dissera ela, referindo-se a Jake. — Papai acha que ele é perfeito em tudo o que faz. De minha parte, gosto de seu senso de humor e de seu modo de encarar a vida. É muito cedo para fazer um julgamento, mas acredito não estar me enganando ao afirmar que existe um coração bondoso sob aquela capa de indiferença.

Harriet havia feito uma pausa, antes de acrescentar:

— Acho que ele está interessado em você. Jessel a olhara fixamente.

— Bobagem...

— Liddy Coffin impressionou-se com ele.

— Talvez ela não saiba que Jake é um patife e um fanfarrão!

— Pode ser. Mas não é essa a minha impressão.

Jessel não fizera outros comentários. O problema era que ela se irritava quando alguém elogiava Jake. Esquecia-se daquela tarde na praia, quando lhe parecera tão natural que compartilhassem seus segredos e unissem seus lábios cálidos, preferindo pensar nele como a odiosa encarnação de todas as dificuldades e de todos os obstáculos semeados pelo seu caminho.

Culpava-o pelas saídas noturnas de Zac, pela inflexibilidade de seu pai em mantê-la em confinamento, pelo aparente desinteresse de tia Judith, que já não fazia nenhum comentário nem desfiava um rosário de queixas diante de suas escapadas.

Mas exagerava. Jake não armara nenhuma trama doméstica contra ela. Ao contrário, pensava constantemente nela, desejava-a. Em vão, tentara esquecer a maciez da pele acetinada de Jessel sob seus lábios, o cheiro gostoso dos cabelos sedosos, a doçura que entrevira nos grandes olhos cinzentos. Sua presença na sala de visitas deixava-o tenso, a ponto de perder as partidas de xadrez que disputava com Zacarias. Havia vezes em que essa perturbação chegava ao auge, impelindo-o para fora de casa, em busca de sossego. Nessas ocasiões, tentava convencer-se de que ela era jovem demais e inocente.

Mas, como era honesto consigo mesmo, Jake reconhecia que a idade dela não devia ser medida pelos anos, mas por seu modo de viver e sua sensibilidade. Quanto à inocência, acreditava que fosse apenas um frágil anteparo atrás do qual turbilhonavam emoções que ela ansiava por extravasar. Era o que dizia a si mesmo todas as noites quando entrava em seu quarto.

Certa madrugada em que permanecia acordado na cama, a mente cheia de imagens dela, mas atento aos menores rumores da casa, ouviu de repente a porta de seu quarto abrir-se e fechar-se, e seus passos leves e cautelosos ressoarem no corredor. Levantou-se então de um salto e vestiu apressadamente algumas roupas, movido pelo repentino desejo de aproveitar aquela rara oportunidade de ficar alguns minutos a sós com ela.

Não sabia o que o levara a isso nem o que pretendia, mas avançou resolutamente pelo corredor, desceu as escadas e ficou um instante encostado ao batente da cozinha, estudando sua figura graciosa. Ela estava com as costas apoiadas no armário e tomava leite com biscoitos olhando pela janela com ar absorto.

Ficou profundamente impressionado: sua juventude e sua beleza iam-lhe direto ao coração. Relutou um instante, antes de interromper aquela refeição solitária, mas, obedecendo a um estranho impulso, entrou e fechou a porta atrás de si.

Ouvindo o clique do trinco, Jessel endireitou-se automaticamente e virou a cabeça. À vista de Jake, em mangas de camisa, estremeceu e depois corou fortemente. Com seu atrevimento abusivo, ele interrompera-lhe não apenas a refeição, mas o curso dos pensamentos, todos concentrados nele.

Era naquela hora, na paz que envolvia a casa silenciosa, que a severa vigilância imposta à sua mente afrouxava e as emoções que Jake lhe despertava vinham à tona. Acreditando-o adormecido, ela permitia-se lembrar os momentos de intimidade real que haviam conhecido, revivendo-os um a um.

Nesse instante, no entanto, deixou que seu sobressalto de surpresa se convertesse em irritação.

— Não acha que está sendo inconveniente? Devia estar deitado a estas horas, não movendo-se furtivamente pela casa como um intruso!

Diante desse ataque sem sentido, todos os impulsos de ternura de Jake extinguiram-se.

— E você, o que faz aqui? Não devia estar também na cama? Aliás, eu teria muito prazer em levá-la de volta ao aconchego das cobertas — disse ele, irônico, dando um passo para frente.

— Sua mente é tão pervertida que só consegue pensar em termos de luxúria? Fique onde está!

— Sua pequena puritana... — começou ele, encolerizado. Então riu, e exclamou com zombaria: — Que imaginação! Onde aprendeu a emprestar significados tão mesquinhos a palavras inocentes?

— Ora... deixe-me em paz!

— Não será sua própria culpa que a faz investir contra mim com tanta veemência? O que a arrancou da cama tão cedo? Um encontro clandestino atrás do estábulo com algum rapaz de fala mansa?

— Como se atreve? — gritou Jessel, furiosa. — Eu não ia atrás de rapazes!

— Não?

— Pode não acreditar, mas pretendo passar a manhã colhendo mirtilos. Os melhores são os dos bosques que rodeiam o lago Hummock e quero chegar lá antes que o sol se torne abrasador. Como vê — concluiu ela, triunfante —, meus motivos são louváveis.

Jake olhou para o pesado céu cinzento e abanou a cabeça.

— Talvez. Mas um marujo experiente como você devia saber que não é prudente perambular por aí com um tempo desses. Com seu temperamento exaltado, acabaria por atrair os raios.

Jessel engoliu uma resposta malcriada.

— Não vou me divertir. Costumamos ter sempre uma boa reserva de conservas em casa para os meses de inverno. Em janeiro, o porto fica inativo durante semanas. Se não formos providentes agora, mais tarde pagaremos caro por nossa indolência.

Depois disso, ela abriu a porta, agarrou as duas cestas que estavam no limiar e precipitou-se para fora. Jake correu em seu encalço com o dedo em riste, mas o discurso de repreensão ficou-lhe preso na garganta com a entrada inesperada de Zacarias.

Curioso, o capitão chegou até a porta e franziu os cenhos ao reconhecer sua filha na moça que se afastava rapidamente pela alameda do jardim.

— Aonde vai ela a estas horas da manhã?

— Colher mirtilos — respondeu Jake, lacônico, ainda lutando para controlar a raiva. Gostava de provocar Jessel até ver seus olhos fuzilarem. Mas não lhe agradava nada ter de suportar sua irônica condescendência.

— Ela continua a correr sozinha e sempre em cheio contra o vento — disse tristemente Zacarias. — Houve época em que corria para mim, quando tinha algum pequeno problema para resolver. Agora, corre de mim. E eu não sei o que fazer.

Ele fez uma pausa, mas, como Jake não fizesse nenhum comentário, continuou:

— Josephine tinha exatamente a idade de Jessel quando a conheci. E era tão teimosa quanto ela. Quando punha alguma coisa na cabeça, não havia ninguém que a fizesse mudar de idéia. Apesar disso, sabia que não devia enfrentar um mar agitado com todas as velas desfraldadas. Temo que com minha filha não aconteça o mesmo.

A refeição matinal foi relativamente quieta naquela manhã. Apenas Zac comentou a ausência da irmã, mas ficou satisfeito com a explicação que Jake lhe deu. Depois, percebendo a tensão reinante, comeu seu prato de cereais em silêncio, contentando-se em encher a mente com a imagem de Sarah.

Horas depois, a raiva de Jake ainda persistia. A cada passada de plaina que ele dava sobre o grosso tronco de abeto que iria se transformar no mastro de proa, deixava escapar uma torrente de pragas. Suas mãos agarravam o instrumento com a mesma rudeza com que gostaria de arrancar a máscara de presunção do rosto encantador de Jessel.

O mau humor aumentou na mesma proporção que as nuvens escuras iam se amontoando no céu, o que reforçou sua convicção de que uma tempestade estava a caminho. Lá pelo meio da manhã, percebeu que a fúria interrompia sua concentração e o impedia de trabalhar direito. Diante disso, pôs as ferramentas de lado e saiu à procura dela.

Passou antes pela casa dos Joy, mas tia Judith colheu sua rápida pergunta com uma negativa.

— Conheço Jessel. Ela só voltará para casa quando seu coração estiver tranqüilo.

Jake desceu a alameda, enquanto Judith permanecia à porta, gritando-lhe por cima do ombro:

— É melhor procurá-la. Está ameaçando tempestade!

Ele tomou o caminho dos campos e seguiu a senda que ia dar no bosque de mirtilos. Foi encontrar Jessel adormecida perto das moitas, com a cabeça apoiada num tronco caído, o vestido arregaçado até os joelhos e as pernas nuas. A seu lado estavam as meias, os sapatos e as duas cestas cheias de frutas.

Isso foi a gota d'água. Puxando-a rudemente pelo pé descalço, ele a censurou com um ruidoso protesto:

— Levante-se, levante-se! Não são horas de dormir!

Jessel abriu os olhos lentamente, e seu assombro foi tanto que ficou a olhá-lo, boquiaberta.

— Que desculpa tem agora para me dar, pequena hipócrita? — tornou ele, aumentando o tom de voz. — Não vá me dizer que está armazenando sol e ar puro para os dias inverniais!

O sarcasmo dele atingiu-a com a força de uma chicotada. E encarou-o, decidida a desafiá-lo, mas não conseguiu sustentar a intensidade daquele olhar penetrante.

Ele, no entanto, parecia movido por um secreto e implacável rancor, pois continuou, ainda mais duramente:

— Está sendo desonesta consigo mesma, Jessel Joy! Você foi criada livremente num baleeiro, navegando pelos oceanos do mundo, mas quer fazer de conta que esses anos nunca existiram! Por que, se por trás dessa fachada de austeridade existe uma mulher de sangue quente, com sede de viver?

— Que...? — balbuciou, arrancando-se por fim de seu mutismo. Parte da ira de Jake evaporou-se e seu tom tornou-se menos duro:

— Está se negando a felicidade, Jessel. E seu comportamento chega a ser

agressivo. Você quer viver como seu irmão, mas sufoca esse desejo, do mesmo modo como tenta esconder sua beleza debaixo desses horríveis vestidos cinzentos!

Ele calou-se, esperando uma reação explosiva, mas, para sua imensa surpresa, ela continuou a fitá-lo em silêncio.

Arrancada tão abruptamente do sono, Jessel achava-se particularmente vulnerável. A irritação dele e seu desprezo por ela resignar-se àquela vida monótona fizeram transbordar, como um dilúvio, a taça cheia de mágoas até as bordas que sustinha havia semanas e semanas. Perdeu o autocontrole e pôs-se a soluçar desconsoladamente, o orgulho em pedaços.

— Ah... não! Ainda por cima isso! — resmungou Jake, já abrandado, ajoelhando-se e puxando-a de encontro ao peito. Suas mãos tremiam, quando lhe afagaram os cabelos. — Por favor, não chore.

Sem forças para resistir, Jessel deixou-se embalar no aconchego do peito musculoso, aspirando, por entre soluços, o perfume natural daquela pele, sentindo o vigor dos braços que a apertavam. Por fim, já mais calma, afastou-se dele, enxugando as lágrimas com o dorso da mão.

— Não sei o que deu em mim...

— Bem... Às vezes eu perco a paciência. Tato e diplomacia não são o meu forte. Não queria fazê-la chorar, apenas fazê-la ver o mal que está causando a si mesma.

— Pensa que eu não sei? Não é por minha vontade que vivo aqui nem que uso estas roupas horríveis!

Ele rebuscou no casaco e entregou-lhe um lenço.

— Tome! Enxugue o rosto.

— Que é que eu podia fazer? — disse Jessel, enquanto assoava vigorosamente o nariz. — Eles me deixaram aqui...

Depois, não podendo suportar tal lembrança, deu rédeas a toda a sua angústia: lágrimas grossas e quentes voltaram a inundar-lhe os olhos, num sofrimento tão agudo que um soluço escapou-lhe da garganta.

— Eu queria ir também... Implorei a papai para me levar consigo. Não queria ficar num lugar estranho, com uma tia que eu mal conhecia!

Ela fez uma pausa súbita e abaixou as longas pestanas escuras, como se estivesse mortalmente cansada.

— Depois de algum tempo, parei de lutar, para tornar as coisas mais suportáveis, e aceitei a situação. Isso significava ter de usar roupas que me tolhiam os movimentos, ir ao culto todos os domingos, decorar versículos da Bíblia. E foi o que eu fiz.

A maneira simples pela qual ela se referia ao passado, aliada à sua expressão de sofrimento, comoveu Jake.

— Pauvre petit... Você é como um naufrago numa ilha deserta e eu a critiquei por tentar sobreviver... Desculpe-me, sim?

Pouco a pouco, embalada pelas suaves carícias e pelo murmúrio consolador dessa voz, Jessel foi se acalmando. Apoiou-se no peito largo e abandonou todo o peso do corpo àquele abraço envolvente e protetor.

Quando a sentiu mais tranqüila, Jake ergueu-lhe o queixo e a fitou nos olhos.

— Sua vida está muito sem graça? Não tem momentos felizes? Preciso saber por que, há poucos instantes, você me parecia o retrato bucólico da felicidade.

Ele fez uma pausa e seguiu-lhe o contorno dos lábios cheios e rosados com a ponta do dedo.

— Você não encontra prazer em apanhar mirtilos? Tia Judith disse que você vem para cá quando quer encontrar um pouco de paz. É verdade?

Jessel afastou-se um pouco para olhá-lo.

— As charnecas me lembram o mar. Quando eu me sento no alto de uma rocha e vejo o vento ondular as giestas e as bagas dos loureiros, é como se estivesse contemplando a agitação das vagas do oceano.

Ela voltou a procurar o conforto de seu peito e ajuntou:

— Não, não é tão mau assim. E, se eu tivesse de voltar ao mar, sentiria falta de tia Judith. E de Harriet.

— E de apanhar mirtilos.

— E de comê-los! — Jessel deu uma risadinha. — Para falar a verdade, sentiria falta da boa comida de casa. Adoro as mangas, os cocos frescos e as bananas dos mares do Sul, mas acho que não toleraria mais o ensopado de carne salgada!

— Não é pior do que a sopa de bolacha dura temperada com gordura de porco e melaço... — disse Jake com um suspiro. — Se pudéssemos eliminá-las do rancho diário, haveria pouco do que nos queixar.

Entusiasmado, ele continuou:

— E se pudéssemos estocar alguns barris com a sopa de mariscos de tia Judith e algumas medidas de suas enguias na brasa, que mais poderíamos desejar?

O sorriso abandonou subitamente o rosto de Jessel, enquanto ela murmurava:

— Transportar mercadoria, em vez de caçar baleias... Jake pegou-a pelos ombros e a obrigou a encará-lo.

— Não compreende que não matamos baleias pelo simples prazer de matar? Sem seu azeite, como iríamos iluminar as cidades?

— Compreendo, mas não quero tomar parte nisso.

— Por quê? Se os anos vividos a bordo do Maid tivessem sido terríveis, eu ainda poderia entender essa aversão. Mas você foi feliz! Por quê, então?

Jessel manteve-se ainda um instante em silêncio, antes de começar:

— Aconteceu logo à saída dos Açores... Eu tinha quatro anos, fazia poucos dias que estava a bordo, quando ouvi um grito vindo do cesto da gávea: "Lá vem ela!" Zac e eu corremos para a balaustrada, excitados, e vimos um pequeno grupo de baleias: a mãe e dois filhotes gêmeos...

Ela se deteve um instante, depois continuou:

— Não é comum que uma baleia tenha gêmeos, como também não é comum que a caça fique esgotada tão perto do navio. Mas aquela baleia estava mortalmente exausta.

Jessel desprendeu-se dos braços de Jake e abraçou as próprias pernas, num gesto instintivo de autodefesa.

— Como de hábito, os baleeiros atiraram o primeiro arpão num dos filhotes, para que a mãe se afastasse. Ela estava exasperada: nadava de um lado para o outro, sem saber o que fazer. Quando a atingiram, não procurou livrar-se do ferro. Permaneceu junto ao cosiado até que lhe cortaram as barbatanas.

Sem erguer o tom, Jessel fez perpassar na sua voz um mundo de desespero.

— O mar tingiu-se de vermelho...

Jake olhou-a por um longo momento em silêncio, vacilando ante o horror da narrativa. Por fim murmurou:

— Eram baleias, Jessel. Não seres humanos.

— Sei disso. Mas não deixa de ser monstruoso! — gritou ela, com voz entrecortada.

Ele a puxou contra si, num abraço afetuoso, aninhando-lhe a cabeça em seu ombro.

— Tudo bem, tudo bem. Você guardou isso no peito durante muito tempo. Agora vai se sentir melhor.

Essa doce intimidade foi bruscamente interrompida pelo estrondo surdo de um trovão, que ressoou por todo o bosque. Quando uma inesperada rajada de vento fez ramaihar as copas das árvores, Jake levantou-se e estendeu-lhe a mão.

— Depressa, calce seus sapatos antes que a chuva nos surpreenda.

Apanharam as duas cestas de mirtilos e puseram-se a correr. Antes que alcançassem as árvores, grossas gotas começaram a tombar e em breve as bátegas zuniam por entre os ramos, acima deles.

Refugiaram-se debaixo de um carvalho meio desfolhado e ficaram alguns minutos a ouvir o ruído das gotas e o farfalhar das folhas.

— É inútil ficarmos aqui — disse Jessel, estremecendo. — E se atravessássemos a chuva?

Jake não respondeu. Tirou o casaco e a envolveu nele. Depois puxou-a contra o peito, sem lhe dar tempo para fazer um movimento e beijou-lhe a boca.

No início, ela ficou tensa, com o corpo oferecendo resistência. Pouco a pouco, porém, seus receios se esvaneceram. Braços vigorosos, gestos ternos, largo peito onde apoiar a cabecinha solitária... A necessidade de tudo aquilo a fez ceder ao impulso do momento e corresponder com a mesma ânsia, entreabrindo os lábios e moldando seu corpo macio ao dele.

— Alô, Jessel! — A voz estentórea de John James chegou até eles, acima do rumor da chuva.

Ela voltou subitamente a si e agitou-se nos braços que a enlaçavam.

— Deixe-me, por favor...

Jake soltou-a com expressão carrancuda, que não pressagiava nada de bom para o intruso.

— Jessel, onde está você? — voltou a gritar o nativo, com voz ansiosa. — Está chovendo... É hora de correr as escotilhas e permanecer bem abrigada no porto!

Ela ergueu os braços.

— Aqui, John James!

Ele se aproximou, gingando, e seus olhos se estreitaram ao notar a expressão sombria de Jake.

— Alô, Jake... Não é bom deixar Jessel na chuva. Leve-a depressa para casa.

— É o que eu vou fazer — resmungou ele, apanhando as cestas.

Um momento depois, ainda gotejante e respirando com dificuldade, Jessel encontrava-se no meio da cozinha, diante de sua família reunida. Apenas Zac parecia divertir-se com a situação. Tia Judith demonstrava aflição e seu pai olhava-a com frieza e severidade, uma expressão absolutamente nova e sem precedentes.

Lembrando-se, pela milésima vez, de que fora a pneumonia a arrebatá-la sua amada esposa, Zacarias disse, seco:

— Pensei que tivesse um pouco mais de juízo, Jessel. Você devia saber que era loucura sair com um tempo desses. Os mirtilos podiam esperar até amanhã.

— Foi apenas uma pancada de verão, papai! — protestou ela.

— Mas você está ensopada até os ossos! — Ele sacudiu a cabeça, o rosto severo contraído, inquieto. — Por sua causa, dois bons homens deixaram seus afazeres e seus abrigos e saíram para procurá-la. Se não quer pensar em seu próprio bem-estar, pense ao menos nos dos outros.

Enquanto Jessel continuava a olhá-lo, confusa e arquejante, Zacarias voltou-se para Jake.

— Eu lhe agradeço, meu amigo. Foi bondade sua preocupar-se com minha filha.

Para Jessel, essa foi a gota d'água.

— Esses dois "bons" homens não precisavam ter deixado seus confortáveis abrigos! — explodiu ela, com revolta e amargura. — Sei cuidar de mim. Foi o que sempre fiz, enquanto você esteve ausente!

Depois desse cáustico desabafo, ela voltou-se abruptamente e precipitou-se para fora da cozinha, deixando atrás de si um rastro de água.

CAPÍTULO IV

Nantucket, Agosto 1839

Jessel cultivou um ressentimento por Jake durante mais de uma semana. Afastou qualquer pensamento que o incluísse e a sensação de calor, de ardor vital que o corpo másculo lhe comunicara, e concentrou-se unicamente na odiosa intromissão dele nos assuntos da família.

Para compensar seu momento de fraqueza no bosque de mirtilos, coisa que a fazia sentir-se desprezível aos próprios olhos, passou, mediante pequenas manobras, a evitá-lo. Só descia para tomar a refeição matinal quando tinha certeza de que havia mais alguém na cozinha. À noite, ia para a cama quando a partida de xadrez havia apenas começado, ignorando as tentativas de Jake para chamar-lhe a atenção.

Não a perturbava o fato de que, agindo assim, furtava-se aos carinhos de seu pai e de seu irmão. Experimentava uma espécie de triunfo perverso de ter promovido a situação e saboreava seu isolamento, exibindo grande serenidade, mesmo com o coração cheio de angústia.

Ao cabo de uma semana, no entanto, seu humor começou a mudar. Mantinha ainda um ar de altiva indiferença, porém não mais sentia prazer nisso. A explosão de cólera que havia motivado seu ressentimento esvaía-se aos poucos, por falta de reação de sua família, fazendo-a sentir-se irremediavelmente só e abandonada.

Percebendo o absurdo de prolongar a situação, desejava que Zac a agarrasse pela cintura e lhe propusesse uma saída aventureira, como ele costumava fazer, ou que seu pai se sentasse a seu lado, testando sua habilidade com os nós náuticos, ou até mesmo que tia Judith a censurasse por sua falta de humildade. Desejava, em suma, um sinal inegável, algo que lhe desse certeza de não estar sendo posta à margem. Mas eles pareciam tão indiferentes e tão pouco interessados em sua atitude quanto ela pretendia estar com a deles.

A única pessoa que parecia realmente desejosa de uma aproximação era Jake. Mas ela mantinha-o a distância. Embora sentisse o rosto arder sob o exame de seus olhos azuis, agia como se ele não existisse, pretextando sempre algo para fazer quando o via a ponto de abordá-lá.

Jake, no entanto, estava quase alarmado. Temia que essa sombria obstinação, que não previra, se prolongasse indefinidamente.

Exceto pelo único aguaceiro no final de julho, o tempo permanecia quente e seco, aumentando a depressão de Jessel. O sol fulgurava dia após dia num céu sem nuvens e sem vento, e ela sentia se sufocar dentro das severas roupas quakers que lhe limitavam os movimentos e a respiração.

Certa manhã, voltava das compras, tão prostrada pelo calor e pela pesada cesta de mantimentos, tão imersa em pensamentos, que não ouviu o chamado de Harriet. Foi preciso que a amiga corresse atrás dela e lhe segurasse a mão, para que desse acordo de si.

— Oh, Harriet...

— Onde estava, Jessel? No mundo da lua? Cansei de chamar você!

Jessel olhou-a com ar confuso.

— Desculpe... não ouvi. Deve ser o calor, faz dias que ando distraída.

Ela não disse que havia outras razões, bem mais fortes, para sua desatenção, mas Harriet entendeu-a. Sabia que era necessário mais do que uma onda de calor para distrair seu espírito. Apesar disso, fingiu acreditar.

— Por que não experimenta um dos novos chapéus de verão que o Sr. Worth tem em seu estoque? Acabaram de chegar do continente com a escuna Ariel. São muito mais frescos do que essa sua velha bombazina. — Ela indicou com um movimento de cabeça a desbotada touca de tecido riscado da amiga.

Jessel deixou a touca deslizar para a nuca e suspirou.

— É mais fresco ainda sem chapéu algum. Só um louco pode ter inventado esse estranho enfeite para a cabeça. Não é de admirar que muitas mulheres cheguem a desmaiar quando o usam!

Harriet riu, já demasiadamente acostumada com aqueles contundentes pontos de vista para ficar chocada, e abriu a cesta.

— Acho que esta nova bebida vai deixar você mais entusiasmada. Veja: xarope de framboesa. Se quiser experimentá-la, venha à minha casa depois do jantar.

— Pode ser. Faz tempo que não temos uma boa conversa. Será um prazer ouvir algo que não diga respeito a baleias e a baleeiros.

Harriet riu novamente.

— Não em Gardner Street! Com Zenas na Inglaterra sou eu que tenho de ouvir as infundáveis histórias de papai. Não, minha amiga. Se quiser ouvir algo diferente, terá de ir a Madagascar!

— Quem está com intenções de ir a Madagascar?

As duas moças voltaram-se ao mesmo tempo e depararam com Jake que descia a escadaria do imponente edifício do Pacific Bank, o coração da Main Street.

Ao longo do passeio de madeira dessa rua, muitas lojas exibiam as preciosas mercadorias que chegavam por paquetes, escunas ou clíperes transoceânicos das mais longínquas regiões do mundo. Ali circulava uma multidão heterogênea: malandros e estivadores do porto, artesãos, proprietários de navios, marinheiros açorianos, malaios, chineses, equatorianos.

Uma profusão de tipos humanos caminhava ombro a ombro com as matronas que faziam suas compras matinais, algumas usando vestidos simples, cinzentos ou castanhos, outras, mais elegantes, envergando trajes de cassa suíça ou musselina francesa.

A rua desembocava numa praça ampla de pedras arredondadas, um mundo agitado e exuberante atulhado de barris de azeite de baleia, altas pilhas de sacos de farinha de Ohio e açúcar de Havana, carroças das fazendas com produtos frescos, carretas de bacalhau colhido ao longo de Sconset. Luxuosas carruagens transportavam damas e cavalheiros.

A despeito de sua inata modéstia, Nantucket era o porto baleeiro mais rico e movimentado do mundo. E naquela quente manhã de agosto, ao descer a escadaria de mármore com displicente altivez, Jake parecia parte essencial dele.

Se não fosse por outra coisa, suas roupas o distinguiam como baleeiro. Embora o casaco fosse da mais fina casimira azul, o corte alongado casando-se perfeitamente com a figura alta e elegante, o estilo era mais apropriado à vida prática do mar do que a uma atividade qualquer em terra. A impecável camisa de linho branco, que formava um agradável contraste com o rosto bronzeado e acentuava o brilho dos olhos azuis, era atada ao pescoço não por um laço de cetim, mas por uma gravata simples. Para finalizar, havia a argola de ouro que trazia à orelha, algo que só um homem do mar se atreveria a usar, pois revelava desdém pelos ditames da moda.

Ao olhá-lo, Jessel sentiu um arrepio de excitação: havia alguma coisa, um certo magnetismo secreto naquele homem que a atraía de forma irresistível. Caso alguém a questionasse, não saberia dizer o que era, mas não podia tê-lo por perto sem sentir-se invadida por estranha perturbação. Como naquele momento.

Algo dessa emoção devia ter transparecido em seu rosto, pois, enquanto caminhava para ela, Jake lançou-lhe um sorriso intencional.

— Quem vai para Madagascar? Está pensando em viajar, Jessel? Ele tomou-lhe o cesto do braço antes que ela pudesse esboçar um só gesto de protesto ou mesmo proferir uma única palavra.

— Está precisando de um comandante? Conheço alguém que ficaria feliz em servi-la.

Sem se importar com o lampejo de ira que fez cintilar os olhos cinzentos, continuou:

— Não? Um companheiro, talvez? Ou um carregador?... Comprometo-me a ser seu carregador durante sua viagem a Madagascar!

Temendo que o mutismo de Jessel fosse a calmaria que precedia uma tempestade, Harriet interveio, conciliadora:

— Jessel não vai fazer nenhuma viagem. É sua cabeça que está a mil milhas de distância daqui.

— Ela me deu a impressão de uma nau à deriva, nestes últimos dias -- observou Jake. — Acha que está precisando de uma dose das "Pílulas Aromáticas do Dr. Rolfe"?

Harriet moveu a cabeça, num gesto negativo, e sorriu, apesar do olhar furioso que Jessel lhe lançou. Gostava de Jake e queria que ele e sua amiga se entendessem de uma vez por todas.

— Jessel está precisando apenas de algumas palavras gentis — ela disse, o brilho bem-humorado de seus olhos escuros indicando que estava se divertindo muito com a situação. — Mas eu preciso ir. Prometi a mamãe que a acompanharia à casa da prima Miriam Chase.

Jessel abriu a boca para retrucar, mas desistiu, achando que não valia a pena. Desconfiava das intenções de Harriet e estava francamente aborrecida com sua atitude.

— Eu também preciso ir - disse, contrafeita, procurando recuperar o cesto.

Jake passou-o para o outro braço, longe do alcance dela.

— Vou levá-lo para você.

— Não é preciso.

— Por favor!

Depois de terem percorrido alguns metros em total silêncio, ele estacou e fitou-a.

— Diga, Jessel: por que está me evitando? Pensei que tivéssemos resolvido nossas diferenças.

— Não estou evitando ninguém — disse ela, de olhos baixos, mas faria qualquer coisa para não estar a sós com ele.

Era seu primeiro contato com essa nova e inexplicável atração, e tinha de considerá-la por sua própria conta, sem que a presença de Jake a distraísse.

Ele sufocou um suspiro de frustração e tentou novamente:

— Talvez não, mas você faz o possível para que haja ao menos outras duas pessoas, além de mim, antes de entrar na sala. Não trocamos uma só palavra em particular, desde o dia em que fui buscá-la no bosque de mirtilos. Por quê, Jessel? Fiz alguma coisa que a ofendesse?

— Não — disse ela, desejando que ele parasse com aquele interrogatório e a deixasse decifrar a situação por si mesma.

Jake olhou para seu lindo rosto, semi-oculto pelos sedosos cabelos que lhe caíam pelas faces, e tornou a respirar. Apenas com sua presença, ela lhe havia subjugado o coração, invadido todos os pensamentos, despertado a ternura de sua alma. Tinha a firme convicção de que esses sentimentos eram correspondidos. Sentira-lhe ardor quando a beijara e calidez em sua voz quando ela lhe revelara seus sonhos. Mas o que fazer para conquistar sua confiança?

— Acho que eu não devia ter feito aquela brincadeira com as pílulas aromáticas... Está doente, Jessel?

— Não, estou bem.

— Precisa de palavras de conforto, como disse Harriet?

— Não.

— Não gosto que me respondam com monossílabos. Se não quer falar, talvez seja melhor eu beijá-la.

Jessel recuou, fuzilando-o com o olhar.

— Não se atreva, iria criar um escândalo! Aliás, quero que me devolva a cesta,

antes que as pessoas comecem a falar!

— Assim é melhor! — exclamou Jake. — Prefiro emoções honestas. Nada de fria submissão. Não combina com você.

— Não combina com você, isso sim!

Durante alguns segundos, que pareceram horas, enfrentaram-se silenciosamente, como inimigos. De repente, o rosto de Jake desanuviou-se e ele sorriu.

— Temos sempre de brigar o tempo todo? Está muito quente para isso.

— É... está muito quente — murmurou Jessel, dasarmada.

— Por falar nisso, sabe que as irmãs Coffin e Zac programaram um piquenique para sábado? Por algum motivo que desconheço, acham que a pequena praia de Coatue é mais fresca do que a cidade. Tentei dissuadi-los, mas eles parecem determinados a isso. Jessel sentiu o sangue fugir-lhe do rosto. Aquela praia era seu refúgio preferido! Era para lá que Zac e ela costumavam ir nas tardes quentes de verão. Agora, seu irmão ia levar Sarah... E sem lhe contar nada! O desânimo apoderou-se dela e a deixou muda.

— Jessel... fale comigo! Qual é o problema? Você parece a ponto de desmaiar!

Jake tomou-lhe a mão. Ao senti-la fria, colocou a cesta no chão e voltou-se para ela com ar preocupado.

— O que aconteceu? É o calor?

O sangue voltou a fluir pelas veias de Jessel, que o olhou como se o quisesse estraçalhar.

— Não, não é o calor. É sua estúpida tagarelice! Por que acha que estou interessada nesse piquenique? Faça-me um favor, sim? Deixe-me em paz!

Dito isto, ela apanhou as duas cestas e pôs-se a correr, indiferente aos olhares espantados que os transeuntes lhe lançavam.

Jake só voltou a si do assombro quando ela já havia percorrido metade do quarteirão.

— Não vou ficar correndo atrás de você, Jessel Joy! — gritou-lhe então.

Depois, girando nos calcanhares, prometeu a si mesmo seguir à risca essa promessa. Mas, enquanto voltava para o estaleiro, fervendo de ódio, sabia que não faria nada disso.

Jessel não foi à casa de Harriet naquela noite. Após o jantar, Zac passou-lhe o braço em volta dos ombros e acompanhou-a até a cozinha.

— Você está muito silenciosa, Jessel. Alguma coisa a preocupa? Ela limitou-se a encolher os ombros.

— Tive uma idéia que vai animá-la. Que acha de um piquenique em Coatue no sábado?

— Acho que não é o caso...

— Imagine como será agradável sair da cidade e ir para um lugar fresco! Não se lembra das horas agradáveis que passamos velejando no barco de Amaziah Folger? Ancorávamos em Second Bend para comermos os sanduíches de presunto que tia Judith nos preparava e chupar as laranjas que comprávamos dos garotos do porto...

Jessel sentiu-se um pouco melhor ao ver que Zac não esquecera os belos dias do passado.

— Sim, eu me lembro — disse, com olhos brilhantes. — Às vezes, comprávamos alguns pedaços de açúcar-cande e fazíamos de conta que era açúcar de cana.

Zac riu.

— E outras vezes que éramos dois náufragos solitários numa ilha deserta, caminhando pelas rochas em busca de mariscos para saciar a fome.

— Ou então que encontrávamos selvagens em terras tropicais...

— Ou que reprimíamos motins em alto-mar, como os heróis de romance!

Durante a meia hora seguinte, os dois permaneceram na cozinha recordando

as antigas aventuras e, pouco a pouco, preencheram a lacuna que aqueles três anos de separação haviam criado. O som de suas risadas chegou, através da porta fechada, até o interior da sala de visitas. Tia Judith balançou a cabeça aprovadamente, alegrando-se de que a felicidade voltasse a aquecer o coração de sua sobrinha. Com um suspiro de satisfação, Zacarias ergueu os olhos do livro-caixa que estava examinando e deixou-os errar pelas colinas verdes e douradas, onde o sol se punha. Jake pôs de lado o Inquirir que noticiavam chegada do baleeiro Bunker e sorriu, esquecendo a raiva. Jessel era irresistível quando deixava prevalecer seu lado alegre e ardente!

Nesse instante, o relógio do pedestal assinalou sete e meia no saguão. Zac deu um pulo para trás.

— Oh! Prometi a Sarah que passaria pela casa dela para fazermos os planos finais. Você irá conosco, não é?

À menção de Sarah, Jessel sentiu sua felicidade esvair-se.

— Não, Zac. Eu seria demais.

— Que bobagem! O piquenique não teria graça sem você. Jake também faz questão de sua presença.

Enquanto os olhos de Jessel arregalavam-se de surpresa, ele concluiu categórico:

— Se você não for, nada feito.

— Está bem — concordou ela. — Irei a seu piquenique, mas não comprarei as laranjas!

Zac atraiu-a para si e encostou o rosto ao dela. Por um momento, ficaram imóveis, unidos num abraço fraterno. Então, ele deu-lhe um beijo em cada face e desprendeu-se com um sorriso.

— Eu me encarregarei das laranjas. E também do açúcar-cande!

No sábado, Jessel lamentou aquela pronta aquiescência. Sentada na sala de visitas da mansão dos Coffin, em Índia Street, à espera das donas da casa, seu pesar e sua insegurança aprofundaram-se. Não se sentia à vontade entre os pesados reposteiros de seda, a mobília de mogno, os espessos tapetes orientais, os candelabros de cristal.

Essa insegurança transformou-se em consternação quando as duas irmãs fizeram sua entrada: Liddy num traje de linho rosa que realçava sua beleza morena e Sarah, linda e fresca como uma violeta recém-colhida, em outro cor de lavanda entremeado de rendas. No seu singelo vestido de algodão cinzento, Jessel sentia-se como um patinho feio ao lado de dois cisnes!

O auge da humilhação aconteceu quando a Sra. Coffin, uma mulher alta e imponente, chegou acompanhada da criada que trazia o cesto das iguarias e lançou-lhe um olhar altaneiro e desdenhoso.

Seu amor-próprio, profundamente abalado, ressentiu-se com esse novo golpe. Estava a ponto de inventar uma desculpa qualquer e voltar para casa quando o pequeno grupo levantou-se para partir. Sarah tomou com delicadeza o braço de Zac e Liddy apoderou-se ostensivamente da mão de Jake.

O inesperado ataque de ciúme que a assaltou teria passado despercebido se Liddy não tivesse se voltado naquele exato momento. Um ar de triunfo cruzou-lhe as belas feições ao compreender seus sentimentos, e os olhos escuros cintilaram com ironia. Mas a voz era doce quando disse:

— Vamos, Jessel?

Diante disso, seu sentimento de inferioridade desvaneceu-se como que por encanto, e uma repentina onda de orgulho sacudiu-a de seu torpor. Não ia deixar-que aquelas duas empertigadas levassem a melhor!

Mas toda essa altivez caiu por terra, momentos depois, quando se instalaram a bordo do veleiro de Amaziah Folger. Ansiosa por demonstrar sua superioridade náutica, ofereceu-se para empunhar o remo. Ao ver que Sarah e Liddy acomodavam-

se na proa e abriam as sombrinhas, imediatamente se deu conta de seu erro. Porém, era tarde demais.

Da popa, manejando o leme, Jake percebeu a situação e sorriu intimamente. Jessel jamais lhe parecera tão linda como naquele momento, com a testa perlada de suor e as faces afogueadas pelo exercício físico!

Inconsciente da admiração que suscitava, ela continuou imersa em pensamentos tenebrosos. Ao chegarem, seu estado de ânimo piorou consideravelmente. Arrasada, observou Zac e Jake armarem dois toldos na praia, criando um fresco oásis de sombra onde colocaram algumas almofadas e uma mesa baixa. E depois de tudo pronto foram buscar as duas irmãs, que estavam ainda no veleiro, e carregaram-nas para o interior do refúgio em seus braços musculosos.

Sem outra alternativa, Jessel encaminhou-se para a entrada da tenda com vontade de morrer: Sentia os primeiros sinais do ardor do sol no rosto e nos braços, a barra de seu vestido estava salpicada de areia e o corpete úmido de suor. Que chances tinha de competir com aquelas duas deusas?

— Pelo amor de Deus! — exclamou Jake, ao vê-la. — Vai sofrer uma insolação se continuar aí fora. Venha proteger-se dentro da tenda. Foi para esse fim que a armamos!

Ela o fitou. Ele estava em mangas de camisa, o colarinho afrouxado revelando-lhe o peito largo e bronzeado. Estremeceu ao imaginar como seria excitante passar os dedos na leve camada de pêlos escuros que desaparecia sob o cinturão de couro, mas logo caiu em si e abaixou os olhos, confusa.

— Vamos, Jessel!

Impaciente, Jake puxou-a para a sombra e ela avançou desajeitadamente, quase tropeçando numa almofada. Muito embaraçada, murmurou uma desculpa e sentou-se. A cada minuto ficava mais tensa e angustiada, diante de sua falta de jeito.

— Não sei como agüentou remar até aqui, meu bem! — disse Liddy, a um certo momento, com sutil ironia. — Eu, no seu lugar, teria desmaiado! Não quer refrescar-se com um copo de limonada? Você está tão afogueada...

Ela estendeu o copo de limonada, mas largou-o uma fração de segundo antes que Jessel o segurasse. E, quando o conteúdo do copo derramou-se no vestido dela, fingiu-se consternada:

— Oh, não! Como sou desastrada! Perdoe-me, querida.

— Não foi nada — murmurou Jessel, percebendo, no entanto, que a outra estava determinada a fazê-la sentir-se insegura e indesejada.

— Vá lavá-lo com água do mar, caso contrário atrairá as formigas — ordenou-lhe Jake.

Jessel retomou o domínio de si mesma, e, reprimindo a vontade de chorar, encaminhou-se para a beira da água, sentindo-se tão estranha e sem graça quanto uma tartaruga terrestre. Definitivamente, sua presença nesse passeio só podia ser encarada como um grande equívoco! Melhor suportar a culpa de cancelar uma excursão do que sofrer essa humilhação! Ali, ninguém queria saber dela. Zac estava tão envolvido com Sarah que não percebia nada e Jake tratava-a como se fosse uma criança! Precisava ir embora o mais rápido possível. Já agüentara demais a insolência de umas... Seu pensamento parou nesse ponto. Ir como? perguntou-se.

O lanche transcorreu num clima mais ameno, embora as duas irmãs a olhassem com expressão de desprezo. Felizmente, antes que se afligisse demais, o lanche foi consumido.

Sarah, entorpecida pelo calor e embalada pelo rumor das ondas, apoiou-se no ombro de Zac e mergulhou num sono leve. Ao ver o ar de adoração com que o irmão a fitava, Jessel levantou-se abruptamente. Seu desespero chegara a tal ponto que a única vontade que tinha era atirar-se ao mar para fugir daquele tormento.

— Vou dar uma volta — anunciou.

Jake olhou-a com jeito de quem ia segui-la, mas Liddy prendeu-lhe

imediatamente a atenção, segurando-o pelo braço.

— Esse ar salgado me deixa tão sonolenta... Não quer sentar-se a meu lado?

Ele sorriu ironicamente e levantou-se.

— Não quero interromper sua sesta. Avistou Jessel a quase meia milha de distância da tenda e, com passadas rápidas, transpôs o espaço que os separava sem que ela percebesse sua aproximação. Quando a alcançou e viu a expressão desolada em seu rosto, penalizou-se.

— Se você pudesse ver-se no espelho neste instante, ficaria com o coração partido — disse, passando-lhe o braço pelos ombros. — Por que está tão triste?

Jessel desvencilhou-se com brusquidão.

— Não é da sua conta! Jake não se deu por vencido.

— Concorde que este piquenique está muito aborrecido, mas isso não é motivo para ficar tão desanimada. O que há de errado, Jessel?

— Nada que possa preocupá-lo.

— Mas eu estou preocupado! Não gosto de vê-la tão infeliz. Que foi? Não gostou da torta de carneiro, ou da galinha assada?

Ela balançou negativamente a cabeça.

— Então foram as panquecas de peixe! Não acha que estavam com um sabor estranho?

— Sim, as panquecas... — disse, num esforço para ver-se livre daqueles olhos penetrantes.

Jake estacou e segurou-a pelo braço.

— Não havia panquecas de peixe, Jessel. E, para ser sincero, a comida estava ótima. Você está assim desde que saiu de casa. Não quer me dizer por quê? Jessel suspirou.

— Era melhor que não tivesse vindo a este piquenique.

— Concorde inteiramente com você. Não lhe disse que não era uma boa idéia?

— Não é bem isso...

Ele ergueu-lhe o queixo e viu as lágrimas presas em seus cílios.

— Já sei. Não é nada agradável sentir-se demais, não é mesmo? Ela deixou-se cair sentada na areia e abaixou a cabeça, murmurando:

— Liddy e Sarah são duas damas, ao passo que eu sou desajeitada como o velho corvo que costumava aparecer no jardim de mamãe. E quem se importa com um corvo quando está em companhia de dois lindos canários?

Jake estava atônito. Não lhe ocorrera que ela pudesse sentir-se inferior às duas irmãs. Sentou-se a seu lado. Ao tomar-lhe às mãos, emocionou-se ao senti-las tão cálidas, tão vivas entre as suas.

— Nunca tive predileção por canários.

Jessel olhou-o com o canto dos olhos, mas nada disse.

— Você é uma pessoa muito especial, Jessel Joy. E eu prefiro sua companhia à daquelas duas enjoadas.

Jake inclinou-se para ela com um olhar de imensa ternura.

— O que a aflige, petit corbeau! Inesperadamente, ela sorriu.

— Faz muito calor, não acha?

Ato contínuo, arremessou os sapatos para longe, descalçou as meias e correu para a beira da água com as saias erguidas até os joelhos.

Jake assumiu um sorriso condescendente. Estava começando a acostumar-se com suas súbitas mudanças de modos e seu humor imprevisível. Jessel era como um vagalume, irradiando luz num momento, obscurecido no outro. Enquanto a observava, seu sentimento fraternal transformou-se em excitação.

— Tem razão, está muito quente! — bradou, levantando-se de um salto. — E nenhum marinheiro dos Mares do Sul fica cozinhando ao sol quando tem o mar diante de si!

Depois disso, ele tirou a camisa e as calças e mergulhou nas águas claras do

Estreito somente com as roupas de baixo.

Jessel voltou-se para vê-lo. Ele sorria, os dentes muito brancos brilhando no rosto bronzeado e os olhos cintilando à luminosidade do céu.

— Venha, corbeau! — chamou-a. — Está na hora de se transformar num canário... ou num cisne. Venha, mon cygne!

A idéia de mergulhar nas águas frescas era tentadora, mas ela balançou a cabeça.

— Venha, Jessel! Você está com vontade de nadar. Estou lendo isso em seus olhos.

Ela hesitou, mas acabou por se decidir.

"É loucura!", pensou, enquanto vestido e saíote juntavam-se às roupas de Jake. Mas, quando mergulhou numa onda verde não pensou em mais nada. Ao primeiro contato com a água refrescante e convidativa, que parecia abraçar seu corpo seminu com um toque acariciante e amoroso, toda a angústia e a sensação de abandono desapareceram como por encanto. Nadou na direção de Jake, sentindo exultação e júbilo, uma sensação de liberdade total.

Na meio hora seguinte, brincaram como dois adolescentes. Jessel movia-se preguiçosamente e Jake nadava à sua volta com braçadas vigorosas e espaçadas. Depois, ela deitou na água, boiando e olhando as nuvens brancas amontoadas no céu azul.

Jake emergiu a seu lado e sorriu com ar brincalhão.

— Está tentadora. Parece uma sereia. Ainda bem que não há tubarões no Estreito.

Jessel endireitou-se e pôs-lhe a mão no peito, empurrando-o para baixo. Mas Jake agarrou-a pelo pulso e a fez submergir. Quando voltaram à tona, ele a puxou de encontro ao corpo e beijou-a, um beijo longo e rude, com gosto de sal.

Uma onda descomunal cobriu-os inteiramente e eles se soltaram e buscaram, arquejantes, a superfície, o encanto não rompido, mas posto sob nova perspectiva.

— O velho Netuno está querendo nos dizer alguma coisa — observou Jessel com uma risada.

— Está dizendo "não abusem do destino..."

Depois disso, entre os dois houve apenas o céu azul, o sol refletindo-se nas águas e produzindo uma explosão de cores semelhantes ao arco-íris, o grito das gaivotas e dos gansos selvagens.

— Ei, vocês aí! Por que não me disseram que iam nadar?

Voltaram-se ao mesmo tempo e viram Zac, que tirava as botas com um sorriso de felicidade estampada no rosto. Um minuto depois, ele os alcançava.

— Ah... Que delícia! Vocês tiveram uma ótima idéia! Surpreendentemente, Jessel não experimentou nenhum prazer com a presença do irmão. Sentiu-se mais velha, mais amadurecida, e intuiu subitamente que a adolescência a abandonava, tombando no fundo do mar como uma concha vazia, fora de seu alcance. Mas observou:

— Estou admirada que não tenha pensado em nadar antes, meu irmão! Você não costumava comportar-se com tanta formalidade.

— Onde estão as encantadoras senhoritas Coffin? Voltaram para a cidade sem nós? — quis saber Jake.

— Estão dormindo. Eu quase adormeci também, mas isto aqui é muito mais divertido! Acho que elas vão ficar com inveja ao saber o que perderam.

Jake manifestou suas dúvidas e mergulhou para tirá-lo do equilíbrio. A alegria dos dois era tão contagiante que Jessel não resistiu e acabou por aderir também à brincadeira. De volta à praia, deixaram-se cair sentados na areia quente e puseram-se a conversar alegremente, à espera de que suas roupas de baixo secassem.

Mais tarde, ao voltar à tenda, Jessel não se deixou intimidar pela expressão desdenhosa das senhoritas Coffin, Cujos olhos se arregalaram de horror, ao verem-na

ainda gotejante e suja de areia. Ao contrário, experimentou uma sensação de triunfo quando notou que as duas já não pareciam tão esplendorosas, com seus vestidos amarrotados e seus penteados desfeitos pelo vento.

Dois dias depois, Jessel encontrava-se no jardim dos fundos, com uma bacia cheia de roupas recém-lavadas. Sua euforia persistia. Ainda não havia compreendido os sentimentos que perturbavam sua mente e seu coração, mas não estava mais oprimida por eles. Sentia-se a um passo de algo grande e maravilhoso, como uma baleia que, depois de passar muito tempo nos recessos quietos e escuros do oceano, estivesse para subir à superfície e projetar gêiseres irisados contra o amplo céu azul.

Empolgada por essa alegria interior, pelo brilho que os reflexos do sol emprestavam à natureza e pelo canto dos pássaros, pôs-se a pendurar a roupa no varal cantarolando algumas canções francesas que sua mãe lhe ensinara.

O súbito ruído das rodas de uma carroça sobre o cascalho interrompeu seu canto. Correu até o jardim da frente, segurando a saia para protegê-la do ímpeto do vento, e foi recebida pelo amplo sorriso de John James, sentado à boléia de uma carroça atulhada de rolos de corda. A seu lado, segurando as rédeas dos cavalos, estava Jake:

— Olá, Jessel!

— Olá, John James. — Ela apoiou os cotovelos no portão e espiou no interior da carroça. — Você tem aí material suficiente para encordoar uma frota. O que vai fazer com isso? John James riu.

— Vou entregá-la ao fazendeiro Adam Ray, de Polpis. O capitão trocou os velhos cordames do Maid por carne de porco salgada e maçãs passas.

— E eu não tinha nada que fazer e resolvi acompanhá-lo. Não quer vir conosco? — convidou-a Jake, seu rosto se abrindo num sorriso que fez o coração de Jessel disparar.

— Oh, sim! Ficarei pronta num instante!

Jessel correu para a cozinha, enfiou um pão fresco e um bom pedaço de queijo numa sacola e foi até a sala de visitas avisar tia Judith.

— Vou a Polpis com Jake e John James. É para ajudar papai! — explicou, para justificar sua excitação.

Foi uma viagem deliciosa. A estrada estendia-se por entre árvores copadas, cujos ramos se uniam no alto, passando rente a colinas, onde os loureiros espalhavam a sua chama perfumada. Enquanto comiam pão e queijo, Jake ia identificando os pássaros que voavam de galho em galho e citando o nome de flores desconhecidas, e John James contando história da Ilha Society.

Na Fazenda de Adam Ray, depois de descarregarem os pesados rolos, refrescaram-se na água pura e cristalina de uma fonte e colheram framboesas, que saborearam à sombra das árvores do pomar.

Na volta, após deixarem John James diante de sua casinha, Jessel e Jake retomaram o caminho em agradável silêncio. Embalada pelo ruído abalado dos cascos dos cavalos no solo vermelho e poeirento, ela só se deu conta de que haviam ultrapassado a alameda de sua casa meia milha depois.

— Que aconteceu, Jake? Esqueceu-se do caminho?

Ele não tinha intenção de separar-se de Jessel até que não fosse absolutamente necessário. A intensidade das emoções dela o excitava, a mente viva o desafiava e o langor dos lindos olhos cinzentos o fazia fremir de desejo.

— Não, cherie. Quero lhe mostrar um lugarzinho bonito, com uma linda vista do pôr-do-sol, que descobri quase por acaso.

— Mas faltam ainda muitas horas para o pôr-do-sol!

— Podemos esperar.

Enveredaram por um caminho estreito que contornava o lago Capaum. Ao chegarem no recanto descrito, Jake prendeu os cavalos ao tronco de uma árvore e depois ajudou Jessel a descer.

Ergueu-a pela cintura e a colocou no chão, mas a manteve junto de si, roçando os lábios por sua testa, seu rosto corado, sua boca sensual.

Ela sentiu-se flutuar num mundo incrivelmente excitante. Lançou a cabeça para trás, querendo retribuir o beijo, mas ele não manifestou pressa.

— Venha — sussurrou, tomando-a pela mão e levando-a por uma trilha que serpenteava por entre um bosque de pinheiros.

Pouco depois, escalavam uma plataforma rochosa, que se projetava sobre as águas azuis do Estreito como uma ponta de lança. O cenário era magnífico. A oeste, podia-se ver o baixo perfil da ilha Tuckernuck, onde o sol desaparecia todas as tardes. A leste, o cais do porto, onde uma baleeira estava tranqüilamente ancorada, à espera das chatas que iriam descarregar os barris de azeite ou transportar a equipagem para mais uma longa viagem.

Ali, Jake envolveu-a pela cintura, apertou-a contra si e beijou-a apaixonadamente.

— Mon petit corbeau... — murmurou-lhe depois ao ouvido, enquanto suas mãos ávidas desabotoavam-lhe o corpete do vestido — deixe-me tirar suas roupas...

Jessel enrubesceu de vergonha, mas não opôs nenhuma resistência, quando as mãos fortes deslizaram para dentro de seu vestido e lhe desataram os laços da camisa de baixo. Curvou-se para senti-las, incendiando-se com seus toques gentis e sua palpitante exploração.

— Era o que eu pensava — ele voltou a murmurar quando a camisa escorregou-lhe dos ombros, revelando os seios altos e cheios, de uma brancura de leite. — Há um lindo cisne escondido sob essas penas de gralha.

Ela introduziu a mão dentro de sua camisa e acariciou-lhe o peito coberto de pêlos.

— E o que você está escondendo aí?

Estimulados pela sofreguidão do desejo, despiram-se um ao outro com impaciência febril, revelando-se, esplendidamente nus, à dourada luz da tarde. Por um momento, examinaram, deslumbrados, cada detalhe de seus corpos. Depois, escorregaram docemente para a relva macia e fizeram amor com uma paixão devastadora.

Quando voltaram à consciência, permaneceram imóveis, com os olhos fitos num bando de pássaros que evoluía bem alto no céu, suas asas refletindo os raios vermelhos do sol.

— Jake...?

Ele soergueu-se e contemplou-a com olhos extasiados.

— Sim, Jessel.

— Amo você. Não se importa?

— Por que acha que eu me importaria?

Ela apoiou a cabeça em seu peito e soltou um suspiro profundo.

— Não sei... Talvez você não queira meu amor. Talvez isso o aborreça.

— Não me aborrece, Jessel. Ao contrário, acho que é a coisa mais linda que podia acontecer.

Jake estreitou-a mais contra o corpo.

— Eu também te amo.

Jessel experimentou uma felicidade tão completa que teve vontade de correr, dançar, rolar colina abaixo. Em vez disso, deixou que ele a vestisse, peça por peça, e que nos intervalos lhe beijasse o colo, os ombros, a boca.

Mais tarde, já no portão da casa, pararam para trocar um último abraço e depois entraram com desculpa preparada para justificar seu atraso. Mas ninguém parecia preocupado com isso. Havia uma estranha excitação no ar.

— Ah... aí estão vocês! — exclamou Zac alegremente. — Esperem só até ouvir as novidades.

— Foi nomeado capitão de seu próprio navio? — perguntou Jake, com bom

humor.

O rapaz soltou uma risada.

— Melhor que isso! Consegui um grande tesouro!

— As jóias da Coroa? Ou a caixa-forte de Joseph Starbuck?

— Nada disso. Sarah... Ela aceitou meu pedido de casamento!

Jake atravessou a sala com duas passadas e envolveu o amigo mim grande abraço.

— Parabéns! Você tem razão, Sarah é uma preciosidade. E o pai dela? Não fez nenhuma objeção de separar-se de seu tesouro?

— Ele sabe que Sarah me ama. Mas pediu que aguardássemos minha volta para nos casarmos. Serei o segundo imediato na próxima viagem, com direito a uma boa parte dos lucros. Isso vai nos permitir um bom começo de vida a dois.

— Vai precisar disso, Zac. Sarah está habituada ao luxo.

— Ela será feliz a meu lado — respondeu ele com convicção. Mas quero que continue a desfrutar de todo o conforto. Vamos morar com os pais dela até comprarmos nossa própria casa, coisa que não vai demorar muito.

A conversa girou ainda por alguns minutos em torno do mesmo assunto, mas Jessel não ouvia nada. Uma dor no peito a feria como uma punhalada. Era como se os momentos de amor que acabara de viver fossem um sonho e que agora estivesse acordando para a triste realidade.

Dessa vez, Zac ficaria longe durante alguns anos, singrando os mares, à procura de baleias. Quando voltasse, não voltaria para ela, mas para a doce Sarah. Iria morar na grande casa de Índia Street, com seus belos tapetes, móveis suntuosos e...

— Jessel?

Ela ouviu a voz de Jake e subitamente tomou consciência de que ele partiria também. Em breve, não estaria mais ali para despertar seus sentidos nem para deleitar seu espírito. Seu amor seria uma sombra, esmaecida antes que o conhecesse bem.

Com grande esforço conseguiu beijar o rosto de Zac, murmurar-lhe votos de felicidades, e então sentar-se à mesa e engolir alguns bocados de ensopado de carneiro. Depois, mal compreendendo o que se passava à sua volta, lavou a louça, desejou boa-noite a todos e afastou-se, de olhos secos, até o santuário de seu quarto.

Na tristeza que se seguiu a esse choque, Jessel mal notava os dias se escoarem. Nada a interessava, não desejava outra coisa senão a solidão. Voltou à velha rotina de evitar Jake, dizendo a si mesma: "É preciso dar tempo. Agora, não posso refletir nem decidir coisa alguma".

Preocupados com a reforma do Jessel Maid e a festa de noivado que os Coffin iriam oferecer, ninguém da família notou sua prostração. A não ser Jake. A princípio, ao vê-la tão fechada a qualquer emoção, ficou intrigado. Mas, à medida que os dias passavam, começou a preocupar-se.

Pensou em falar com ela em particular, com a esperança de arrancá-la da depressão, reacender a paixão e o amor que ela lhe demonstrara na tarde passada no lago Capaum. Era aquela Jessel que desejava, era aquela mulher que enchia seus pensamentos!

Não viu ocasião melhor que a festa de noivado de Zac, onde não lhe seria difícil ficar um momento a sós com ela. Mas, assim que entrou na elegante casa da Índia Street, Benjamin Swain e Gideon Hussey puxaram-no para um lado.

— Que me diz do Bunker? — perguntou-lhe Benjamin, pondo-lhe um copo de rum na mão. — Ficou três anos no Pacífico e agora volta com apenas mil barris de azeite. É um magro botim! As baleias extinguíram-se, como andam dizendo por aí?

Antes que Jake pudesse formular uma resposta, Gideon Hussey observou com pedantismo:

— As baleias emigraram pra as águas frias. O Antártico está cheio delas. E o

Ártico também.

— Talvez — disse Benjamim, pensativo. — Estou com idéias de comprar uma pequena escuna. Soube de uma em New London, solidamente construída e dotada de quebra-gelo. Pode valer a pena enviá-la para o sul, à caça de focas. Há um bom mercado para essas peles na Inglaterra e na França. O que acha, Jake?

Ele sorriu, sem deixar de esquadrihar o salão iluminado pela luz suave dos candelabros.

— Deve ter suas razões para estar pensando nisso, Benjamin. Você é muito sagaz, não daria um passo em falso.

Gideon anuiu e pôs-se a falar da longa estiagem que se abatera sobre Nantucket. Aparentando interesse, Jake continuava a sua busca. Quando, finalmente, avistou Jessel conversando animadamente com Harriet, não tirou mais os olhos de cima dela.

Mas Jessel não conversava. Nem ouvia sequer o que sua amiga estava lhe dizendo. Foi somente ao tornar-se consciente do silêncio que se estabelecera, que perguntou:

— Que disse?

— Francamente, Jessel! Falei durante meia hora sem parar e você mal disse duas palavras. Duvido que tenha me ouvido!

— Ouvi, sim! Não disse algo sobre igrejas? Qual delas? A do norte ou a do sul? Harriet deu uma risadinha.

— Você está muito distraída! Divagando novamente?

— Sim, é isso — respondeu Jessel, aproveitando a deixa.....Devaneios...

— Se fossem devaneios você não estaria assim.

— Assim como?

— Triste, desolada... É por causa do noivado de Zac? Mas ele está tão feliz!

A observação de Harriet atingiu-a em cheio. Ia pensar numa resposta convincente quando Obed Hussey postou-se a seu lado.

— Alô, Jessel. Quer alguma coisa? Uma taça de ponche ou algo para comer? O bufê está repleto de iguarias tentadoras.

Ela sorriu, grata pela interrupção. — Obrigada, Obed. Estou sem apetite. Mas Harriet acabou de me dizer que gostaria de experimentar o peru — acrescentou, ao ver o rubor que invadia as faces de sua amiga. — Não quer preparar-lhe um prato?

Depois, com um sorriso fixo nos lábios, afastou-se, em busca a companhia protetora de tia Judith. Mas, ao atravessar a sala, Jake apoderou-se de seu braço e arrastou-a, quase à força, na direção do terraço. Com receio de gritar e provocar um escândalo, não teve outra alternativa senão segui-lo.

— Para onde está me levando? — perguntou com voz fria.

— A Sra. Coffin acabou de me falar sobre a beleza de seus jardins. Achei que gostaria de conhecê-los.

O ar noturno estava impregnado com o suave perfume das flores e Jessel aspirou-o lentamente, para acalmar-se.

— Jacob Swan...

— Jake — corrigiu ele, continuando a puxá-la.

Seguiram por uma aléia de tílias, ao longo do gramado, limitada por moitas de buxo. A noite já descia e as primeiras estrelas tremulavam sobre os ramos das árvores meio desfolhadas.

— Agora me diga por que está tão triste — disse ele, obrigando-a a sentar-se num banco de pedra.

Jessel suspirou fundo.

— Não estou triste.

— Então, por que está com esse ar de quem foi posta de castigo?

— Eu estou bem — teimou ela.

— Eu a conheço mais do que você pensa, petit corbeau. Você não está nada

bem!

— Impressão sua...

— Não, não é! Ela ficou calada e Jake sentiu sua paciência esgotar-se.

— Você está agindo como uma criança caprichosa, e esse é um comportamento que se esperaria de alguém como Sarah ou Liddy, não de você.

Jessel ergueu o queixo diante dessa observação e seus olhos cinzentos cintilaram de desdém.

— Quem é você para me julgar?

— Não quero julgar ninguém. Só estou pedindo que seja honesta consigo mesma. E comigo — retrucou Jake com um sorriso. — Como pode estar bem se passou a semana como uma condenada à morte? O que a perturba? É Sarah?

Ele a viu estremecer e percebeu que tinha posto o dedo na ferida.

— Então é isso... Tem alguma coisa para me dizer a esse respeito?

Jessel apertou os lábios e fez que não com a cabeça.

— Não deve ser por causa do belo vestido que ela usa... — Jake fez uma pausa para observar-lhe a reação. — Você não gosta dela... ou não gosta da idéia de vê-la casada com Zac?

Os olhos de Jessel arredondaram-se, e ele continuou, quase como se estivesse falando consigo mesmo:

— É isso... Você não quer que Zac se case. Acha que ele a está abandonando para sempre...

Era uma avaliação tão cuidadosa, uma descrição tão exata de seus sentimentos que os olhos dela encheram-se de lágrimas. Seu queixo tremeu levemente, mas ela cerrou fortemente os lábios e permaneceu muda, tensa, olhando sem ver.

Jake percebeu que havia descoberto a causa da angústia que a afligia. Quando falou de novo, sua voz era terna:

— Você pensa que Zac vai abandoná-la? Não acha que ele tem o direito de casar-se com a pessoa que ama? Você não vai fazer a mesma coisa?

Essas palavras subiram-lhe aos lábios sem que as percebesse. E, subitamente, teve a convicção de que era isso que devia fazer: casar-se com ela!

Seu anúncio produziu uma reação diferente em Jessel.

— Do que está falando? O que o faz pensar que eu quero me casar?

Jake ressentiu-se.

— Ficou zangada porque eu não lhe fiz uma proposta bonita, acompanhada de flores ou bombons? Ou queria que eu me ajoelhasse a seus pés? Sinto muito, mas esse não é meu modo de agir. Nem o seu!

Furiosa, Jessel levantou-se de um salto. Tremia da cabeça aos pés quando o encarou.

— Como se atreve a presumir que eu queria me casar com "você"?

— Quando acontece algo especial entre um homem e uma mulher, um sentimento que queima como uma chama eterna, como aconteceu conosco, é natural presumir que ambos queiram se casar.

— Nunca, ouviu? Nunca!

— Por quê?

— Não lhe disse certa vez que eu jamais me casaria com um baleeiro?

— O amor não conta, Jessel?

Amor! Por um breve instante, seu coração amoleceu, mas ela reagiu rapidamente e atíçou a pequena chama de ódio que queimava dentro de si.

— Que tipo de amor é esse de que está falando? De um amor que vive três meses a cada três anos? — perguntou com menosprezo. — Não sou mulher de me contentar com migalhas!

Por um instante Jake ficou mudo, chocado não apenas com suas palavras, mas pela força de sua ira. Depois falou:

— Lembro-me muito bem de tê-la ouvido dizer que me amava! Jessel abaixou os olhos.

— Foi um erro. Aquela tarde no lago Capaum foi um erro.

— Não foi um erro — disse ele, aproximando-se, o rosto pálido, os olhos ardentes. — É impossível que não tenha sentido o que sou para você.

— Eu disse...

— Lembro-me muito bem do que você disse! Por que não quer se lembrar do que "eu" lhe disse? Não sou homem para me instalar num escritório e contentar-me com uma vida monótona!

Jake fez uma pausa e acrescentou amargamente:

— Para provar que te amo tenho de sacrificar meus sonhos? É isso o que você quer?

— Eu não disse isso! Ele não pareceu ouvi-la.

— Quer que eu quebre a promessa que eu fiz a seu pai? Ele está contando comigo para esta viagem. E Zac também. Como posso trair a confiança que depositaram em mim?

Jessel manteve-se inflexível.

— Vamos acabar com essa discussão. Quero voltar para o meio dos convidados para não ser obrigada a essa troca inútil de palavras!

— Não, até que certas coisas fiquem esclarecidas — disse ele, com firmeza.

— Tudo o que tínhamos a dizer um ao outro já foi dito!

Mas, cada um deles, motivado pelas lembranças do passado e ela solidão, temia o vazio afetivo de sua vida quando se separassem. Estavam nesse impasse crucial, fitando-se como inimigos à luz crepuscular, quando a voz de Liddy chegou até eles através do jardim.

— O que estão fazendo aí? Os músicos já começaram a afinar seus instrumentos! Lembre-se, Jake, está me devendo uma dança desde o dia da tosquia!

Jessel parecia uma estátua, imóvel, e aparentemente impenetrável.

— Tem razão, Liddy. Estou lhe devendo uma dança — disse Jake, atravessando rapidamente o jardim e pegando a moça pela cintura.

Quando os dois desapareceram no interior da casa, uma onda sufocante de ciúmes juntou-se ao turbilhão de emoções que se agitavam dentro do peito de Jessel. Foi só minutos depois que ela recolheu forças para voltar ao salão.

No seu coração, bem dentro dele, havia se apagado uma chama de esperança.

CAPÍTULO V

Nantucket Outubro 1839

Jessel encontrava-se no alto da plataforma rochosa que dominava o lago Capaum, com os olhos fixos no panorama que se descortinava à sua frente. Havia mudado muito pouco, desde a última vez que ali estivera. A grama um pouco descorada e as árvores meio despidas assinalavam o fim do verão. Mas o céu estava ainda inteiramente azul, sem uma nuvem, e o mar permanecia impassível, sem um movimento, sem uma onda.

Na barra, com o sol a cintilar sobre as velas novas e enroladas, um navio baleeiro balançava. A amurada calafetada estava pronta para mergulhar nas águas calmas do Estreito e rumar para mar aberto, deixando, à sua passagem, alguns turbilhões de espuma branca que logo depois se desfariam.

Dessa vez, no entanto, não era nenhum navio desconhecido. Era o Jessel Maid que, em menos de doze horas, estaria dobrando o Great Point. Largaria as amarras, recebendo uma brisa fraca da terra, e prosseguiria em sua rota imutável, percorrendo os vastos mares do mundo por três anos... ou pela eternidade.

Aquela noite, em dado momento após o jantar, os três homens ergueriam suas arcas ao ombro e iriam embora, com o pensamento fixo nos vastos horizontes longínquos. E ela ficaria para trás, à espera. Passaria os longos dias de inverno serzindo meias, ou esgueirando-se silenciosamente dentro de casa para viver o sonho secreto, além da alegria e da dor.

"Estou sozinha... sozinha", murmurou, como se a repetição das palavras pudessem mudar seu sentido.

Depois, num assomo de raiva, bateu o punho na palma da mão. Estava desgostosa consigo mesma por deixar que sua felicidade dependesse inteiramente daqueles três homens... especialmente de Jake. Seria um alívio quando ele fosse embora. Seria uma pausa abençoada na aguda tensão que se estabelecera entre ambos após aquela discussão no jardim, na noite do noivado de Zac. Se apenas...

O som abafado de passos na trilha coberta de agulhas de pinheiro interrompeu seus pensamentos angustiantes. Soube quem era sem mesmo voltar a cabeça. Jake. Um nó cerrou-lhe a garganta. Quis correr para ele e dizer-lhe "não quero que vá embora", mas as palavras não lhe subiam aos lábios, suas pernas não a obedeciam. Sentia-se vazia. Mas nesse estranho vácuo insinuava-se a esperança absurda de que ele tivesse vindo ali, o ninho de seu amor, para lhe dizer que ia ficar. Ouviu-o mover-se e abaixou a cabeça para ocultar o súbito brilho em seus olhos.

Jake alcançou o topo do rochedo e parou um instante, esquadrinhando automaticamente o Estreito que se estendia, sereno, diante dele. Sentou-se ao lado de Jessel, tão próximo que seu ombro roçou o dela. Permaneceu em silêncio por um longo tempo, continuando a estudar o oceano liso e polido sob a bruma tênue. Depois voltou-se para ela.

Sabia que a encontraria, viera até ali com esse propósito. Sua feroz determinação de não procurá-la mais e dedicar-se a outra mulher mais ansiosa em satisfazê-lo, fora se evaporando aos poucos, à medida que a data da partida se aproximava. Não havia ninguém que o seduzisse tanto, ninguém com um temperamento tão vivo, uma natureza tão intensamente apaixonada. Ninguém com essa mescla de humildade e insolência, submissão e ousadia. Ninguém! Nesse momento, não via seu rosto, quase oculto nas pregas da saia, mas sabia, pela postura rígida dos ombros, que ela devia estar com os lábios apertados e a expressão sombria dos últimos tempos. Revoltou-se.

— É uma loucura, Jessel! É inútil e só nos machuca... Medo e esperança debateram-se dentro dela, bloqueando-lhe a fala. Esperava ouvi-lo dizer que não podia viver sem ela, que não ia deixá-la nunca! Em vez disso, ele continuou a comentar:

— Pura perda de tempo! Não entende que é nossa última chance de conversarmos calmamente?

Jessel sentiu que era inútil lutar. Jake estava com a decisão tomada e não ia modificá-la. Com algum esforço, conseguiu murmurar:

— Que quer ainda de mim? Você não vai me dizer o que eu quero ouvir.

Jake agarrou-a pelos ombros e sacudiu-a.

— O que você quer é impossível! Dei minha palavra a seu pai, prometi que faria esta viagem! — A voz dele suavizou-se. — Assumimos compromissos; nossa rota já está definida e temos de segui-la de qualquer maneira. Vamos deixar as discussões para quando eu voltar. E eu voltarei, Jessel!

Ela sentiu-se infeliz por não ter argumentos para refutar os dele. No fundo, era forçada a admitir que ele tinha razão. As lágrimas jorraram de seus grandes olhos cinzentos e deslizaram, incontroláveis, por suas faces. Jake abrandou-se.

— Não, Jessel. Não chore, por favor.

Ele envolveu-a nos braços e pôs-se a embalá-la.

— Chega, minha doce Jessel. Eu estou aqui, e isso é tudo o que importa. Chega, querida... chega — murmurou, tomando-lhe os lábios.

Jessel sabia que devia afastar-se, mas a cálida pressão daquela boca sensual roubou-lhe a capacidade de resistir. Novamente, sentiu-se dominada pela paixão e um frêmito de desejo subiu-lhe pelo corpo, deixando-a indolente e submissa. Jake tinha razão! Havia entre eles uma atração que lhes fazia o sangue ferver, seus sentidos delirarem...

Deitaram-se sob as árvores e fizeram amor. Não foi a voluptosa lentidão da vez anterior, quando a eternidade parecia disponível para seu inteiro prazer. Desta vez, se amaram com uma premência quase feroz, como se tivessem pressa de aproveitar o último instante do verão.

— Jessel, Jessel... — sussurrou Jake, quando a febre passou. — Eu te amo muito... demais!

— Eu também te amo muito, Jake.

Inclinado sobre ela, embevecido, ele contemplou-lhe o rosto.

— Como você é linda! Tão perfeita quanto uma rainha egípcia, daquelas que nadavam nas águas do Nilo e cobriam o corpo com ouro em pó...

Jessel sentiu um arrepio de prazer.

— Ah, você também teria de estar lá. Devia ser o rei! Jake tornou-se subitamente sério e puxou-a para si.

— Eu era o rei e você, a minha rainha. Meu amor seguiu-a através dos séculos e agora nada mais poderá nos separar. Pertenceremos um ao outro para sempre.

Ele abraçou-a com desespero.

— Você sabe que é verdade. Diga que sabe!

Jessel olhou-o. Os olhos tão azuis de Jake expressavam toda a paixão que o incendiava. Apoiou-se no corpo forte e protetor e não pensou em mais nada. Obedeceu simplesmente ao impulso de seu coração e murmurou:

— Sim, Jake. Eu sei que é verdade.

O sol escondia-se atrás da ilha Tickernuck quando, relutantes, começaram a se vestir. Demoraram uma eternidade em cada botão, em cada laço, sabendo que seu tempo agora seria contado em minutos. Depois, ternamente abraçados, desceram a rampa escarpada e fizeram o caminho de volta. À incerta luz crepuscular que descia sobre os jardins de tia Judith, trocaram o último beijo. Era seu adeus. Mais tarde, diante de toda a família, não ousariam trocar senão um formal aperto de mão.

Jessel estava presa de emoções desencontradas quando ele murmurou:

— Coragem, petit corbeau...

O jantar foi solene e dos mais demorados. Havia muito para se dizerem, recomendações para o futuro. Mas ninguém sabia por onde começar. As palavras soavam hesitantes, as vozes desnecessariamente baixas.

Quando a refeição terminou, Jessel estava tensa. Com vagar, tirou os pratos e empilhou-os na pia. Ao voltar-se, sua família já se levantava da mesa e seguia lentamente para a sala de visitas.

"É chegado o momento", pensou, o coração mais pesado no peito. Ficou parada no meio da cozinha, incapaz de mover-se. Pela porta aberta, ouviu tia Judith desejar a Zac uma feliz viagem. Ia ao seu encontro quando ele chegou do corredor, já com a bagagem na mão.

— Jessel... — disse, abrindo-lhe os braços. Ela aninhou-se em seu peito, triste.

— Muito juízo, Zac...

— Prometo cuidar de mim. Não correrei nenhum risco inútil, fique tranqüila.

Trocaram mais algumas palavras. Depois ele a deixou às pressas, dizendo-lhe adeus por cima do ombro e correu para ver sua amada Sarah.

Na sala de visitas, Jessel encontrou o pai sentado na cadeira de balanço e Jake, apoiado na lareira, esperando que tia Judith lhes servisse o chá. O silêncio imperava. Os únicos sons que se ouviam eram o crepitar das chamas na lareira e o compassado tique-taque do relógio de pedestal.

O vapor ainda evolava-se das xícaras quando John James, alto e imponente na

nova túnica de lã, entrou na sala. O chá foi esquecido. Zacarias levantou-se e deu um passo à frente, preparando-se para partir.

— Pode me dar um minuto? — disse John James, extraindo de seu volumoso bolso um colar de conchas e discos de marfim. — É para Jessel.

— Para mim? Oh, que bonito! — Ela adiantou-se e abaixou a cabeça, Com toda a solenidade, ele colocou-lhe o colar em volta do pescoço, murmurando algumas palavras em sua língua nativa.

— E uma oração aos deuses do mar para que lhe enviem só coisas boas.

Jessel sentiu uma onda de gratidão invadi-la. Tomou a mão de John entre as suas e a apertou.

— Obrigada, John James. Também rezarei por você.

Ele deu-lhe um tapinha amistoso no alto da cabeça e virou-se. Antes de colocar a arca de Zac nas costas, fez uma curvatura para tia Judith, que retribuiu o cumprimento com uma leve inclinação da cabeça, e saiu.

Jake destacou-se então na lareira, com um sorriso nos lábios, e envolveu tia Judith num grande abraço.

— Fique pronta para me preparar um belo jantar. Estarei de volta antes do que possa imaginar.

Depois, parecendo esquecer os demais, ele deu dois passos na direção de Jessel. Nada disse; fitou-a apenas com ar sério, enquanto lhe acariciava o rosto e brincava com o colar de conchas. Por fim, esboçando um sorriso, deixou o braço tombar ao longo do corpo e seguiu John James.

Jessel não queria olhá-lo, mas foi incapaz de se conter. Quase esqueceu o orgulho e o decoro e correu atrás dele, implorando-lhe para não partir. Nesse instante, Zacarias parou à sua frente e tomou-lhe a mão gelada, dizendo palavras hesitantes de adeus. Ela mal podia vê-lo, através das lágrimas que lhe inundavam os olhos, e não pôde proferir um único som.

Permaneceu de pé junto à mesa do chá e só tomou consciência de que os três homens haviam partido e a casa estava silenciosa quando a voz de tia Judith penetrou na névoa que lhe envolvia o cérebro.

— Pode subir, Jessel. Eu lavarei a louça esta noite.

Sem uma palavra, ela cruzou a sala e subiu as escadas como se carregasse nas costas um peso descomunal. Uma vez em seu quarto, jogou-se na cama e enterrou o rosto no travesseiro, reprimindo com todas as forças a vontade de chorar.

Quando ergueu a cabeça, após um sono conturbado, um novo dia despontava no horizonte. Levantou-se, deslizou silenciosamente para fora de casa e foi quase correndo para o alto dos rochedos que dominavam o lago. Perscrutou o mar, na esperança de lançar um último olhar ao Jessel Maid, mas a bruma continuava muito densa à flor da água e o escondia de seus olhos.

— Maldição! — gritou, imprecando contra a neblina e contra o destino que lhe negava o direito de ser feliz.

Ficou algum tempo com o punho erguido no ar. Depois caiu pesadamente sobre os joelhos e deu vazão a seu selvagem desespero.

CAPÍTULO VI

Oceano Índico Novembro 1841

— Baleia à vista! Baleia à vista! Baleia à vista! Excitados pelos gritos dos três vigias dos mastros, os marujos franquearam a escotilha e precipitaram-se para o convés, ansiosos de lançar um olhar às baleias que perseguiam havia tanto tempo. Shubael Brown, capitão do Sally Ann, saiu do camarote ainda vestindo a surrada túnica de flanela azul e transpôs os degraus da gaiúta com dois saltos.

— Onde? — gritou ele ao vigia aboletado no cesto de gávea. — Fale, homem!

— Dois graus a estibordo, senhor! — ecoou a voz do topo do mastro.

Shubael correu os dedos pelos cabelos escuros e esquadrinhou a superfície marinha. Os penetrantes olhos castanhos davam uma luz melancólica a suas feições angulosas, que se animavam apenas quando ele sorria, tornando-lhe o rosto bonito e atraente, com uma irresistível covinha em cada face.

Essas ocasiões, porém, eram tão raras que praticamente não contavam. Em geral, ele se armava de uma expressão determinada e severa, embora nada tivesse de agressivo, que o fazia parecer mais velho que seus vinte e sete anos. Era como se tivesse uma reserva que ele tanto impunha aos outros como a si mesmo e que não o abandonava nunca, nem mesmo quando ditava ordens.

— Desvie dois graus a estibordo, Sr. Bernard! Solte os cabos, Sr. Pinkham! Prepare-se para baixar os botes, Sr. Stubbs! Apronte-se para afrouxar a vela, Sr. Folger!

Enquanto o Sally Ann respondia lentamente à virada de seu imenso timão e ao afrouxamento de suas velas, trinta e três homens corriam pela coberta, empenhados numa tarefa que já haviam realizado juntos uma infinidade de vezes.

— Digam o que estão vendo! — tornou a gritar Shubael aos vigias que se balançavam nos mastros.

— Nada ainda, senhor!

De repente, um deles lançou um grito agudo:

— Está soprando, senhor! Está soprando!

Shubael correu os olhos pelo mar gelado e foi recompensado pela visão de alguns graciosos gêiseres, as possantes expirações dos cetáceos misturadas à água, que se erguiam contra o céu como um arco-íris de cristal.

Como sempre, ele sentiu o coração inundar-se de alegria diante daquela silenciosa explosão de cores e, como sempre, sufocou o desejo de debruçar-se à balaustrada e ficar contemplando o belo espetáculo. Em vez disso, calculou mentalmente o tamanho do grupo e verificou, pela conformação dos jorros, que havia no meio dele alguns cachalotes, as mais ricas criaturas do mar.

— Agora, Sr. Folger! — ordenou. — Ice as velas do joanete e a bujarrona⁷. Navegaremos apenas com a vela mestra e a vela do traquete. Sr. Stubbs, baixe todos os botes, o bando aparenta ter bom tamanho... É seu turno, Sr. Barnard! Prepare-se para girar o leme.

As ordens partiram mecanicamente. Após quinze anos no mar, Shubael não precisava pensar. Seu instinto lhe indicava, com precisão, a direção do vento e o número de baleias. De posse dessas informações, sua mente formulava automaticamente um plano para a caçada.

— Sr. Folger... Providencie para que essa vela fique enrolada... Vá procurar o cozinheiro, Sr. Pinkham. O ensopado pode esperar, precisamos dele no leme.

A turma movia-se com rapidez e eficiência. Num piscar de olhos, o navio de cento e cinco pés de comprimento balançava-se no mar, com as velas içadas batendo, vazias, ao vento. O cozinheiro manejou a maciça roda do leme, pronta para virar lentamente de bordo, o tanoeiro, o cabineiro e o ferreiro reforçaram a escota. Enquanto isso, os tubos de corda manilha cuidadosamente enrolada foram colocados à popa dos botes de vinte e cinco pés de comprimento, com o cabo superior preso ao arpão.

À ordem de baixar, as embarcações, já com seus respectivos oficiais e arpoadores a bordo, deslizaram nas roldanas. Assim que tocaram a água, os remadores transpuseram a balaustrada, desceram agilmente pelo costado e pularam para seu interior.

As velas foram desfraldadas, os remos começaram a trabalhar com

⁷Joanete e Bujarrona: tipos de vela utilizadas em embarcações
PROJETO REVISORAS

velocidade, e os botes de proa ligeira sulcaram as águas, como náuticos silenciosos visando seu alvo.

Quando sentou-se ao remo de pilotagem de seu barco, sentiu o estômago contrair-se violentamente. Era como se seu corpo protestasse, desejando interromper essa jornada brutal. Mas, como havia feito em outras ocasiões, desde seus doze anos, afastou a sensação de náusea, não permitindo que isso o impedisse de cumprir seu dever. Naquele momento, não havia espaço para reflexões inúteis.

O pequeno comboio aproximou-se por barlavento dos sete enormes cetáceos que se ondulavam preguiçosamente ao sol, lançando, a intervalos, sua vaporosa coluna. A uma certa distância deles, ordens foram sussurradas, e os marinheiros investiram sobre as tranqüilas criaturas, tomando vantagem de seu limitado campo de visão: dois olhos pequenos numa cabeça enorme.

O bote de estibordo foi o primeiro a fazer o contato, deslizando atrás de um macho. A um sinal de Pinkham, os marinheiros ergueram os remos e ficaram em expectativa até ouvirem a ordem desejada:

— Dá-lhe!

Então o arpoador levantou-se, tirou a arma da forquilha e a arremessou. Um segundo arpão seguiu-a, indo fincar-se como o primeiro nas carnes da baleia, que procurou libertar-se dos ferros mergulhando e encetando uma corrida impetuosa.

— Adiante! - gritou o oficial, exortando sua tripulação ao assalto.

Os homens endireitaram-se e os remos entraram ruidosamente em ação, enquanto a linha do arpão corria, rapidíssima, desprendendo uma fumaça azul devido ao repentino aumento de velocidade.

— Molhe a linha! — ordenou Pinkham ao remador que atendia à dobadura, e baldes de salmoura foram despejados então no tubo.

Agora, o bote voava sobre a água borbulhante, com seus homens aferrados aos bancos. Quando a caça diminuiu afinal a carreira, Pinkham perscrutou ansiosamente o mar, à sua procura.

— Lá está ela! — gritou, enquanto o mar se agitava e a baleia, já borbulhando sangue, rompia as águas, cem jardas adiante.

Mortalmente ferido e já demasiado fraco para mergulhar no fundo do oceano, o cetáceo lançava jato após jato de fumaça branca. A linha foi então recolhida e enrolada, e o piloto e o arpoador voltaram a ocupar seus lugares.

Quando se tornou patente que a baleia estava esgotada, os homens impulsionaram o barco a todo remo em sua direção. No momento exato, Pinkham levantou-se, apanhou uma lança afiada como uma navalha e a arremessou no cetáceo que se revolia de forma espantosa, com força e habilidade.

A embarcação retrocedeu, enquanto o animal moribundo lançava gemidos agoniados que pareciam vir do outro mundo. Decorridos alguns instantes, jorros e mais jorros de coágulos vermelhos se elevaram a grande altura e depois rolaram ao longo de seus flancos, borbulhando na esteira do bote. Por fim, ele virou-se de lado e morreu.

Com sua presa firmemente amarrada ao rebocador, Pinkham deu ordens para que se iniciasse a lenta e árdua volta ao Sally Ann. Seguiu-o o bote de bombordo, comandando por Barnard, que fora também contemplado pela sorte e conseguira apanhar outro cachalote macho.

À sua aproximação, pesadas correntes foram atiradas com estrépito das vigias. Com elas prenderam-se os gigantes com a cabeça à popa e as nadadeiras da cauda à proa, seus negros cascos encostados ao casco de estibordo do navio.

Aliviados do peso, os barcos colocaram-se em fila, a bombordo, onde a tripulação se reuniu pára içá-los manualmente até que atingissem suas primitivas posições. Os homens de Barnard e Pinkham já se preparavam para descer a seus alojamentos e vestir roupas velhas para o longo e sujo processo de esquartejamento quando um grito do cozinheiro os fez estacar:

— O barco do capitão!

Todos arremessaram-se à amurada de estibordo a tempo de ver o bote de Shubael, que se aproximava do Sally Ann rebocando um cachalote raivoso. Enquanto observavam a cena, imóveis e silenciosos, o animal emitiu subitamente um som pavoroso. Sobreveio uma vibração, seguida de uma segunda, e o navio ondulou de um extremo ao outro de algumas polegadas. Era a baleia que submergira sob o casco e corria, estremecendo, ao longo da quilha.

Houve um sinistro estalar de madeiras e o Sally Ann tornou a balançar assustadoramente. Quando o frêmito acalmou e ele voltou ao equilíbrio, metade da amurada de estibordo e as pranchas da proa estavam reduzidas a estilhaços.

A expressão impassível de Shubael e seu tom firme de voz, enquanto ele transmitia as ordens, não deram demonstração do turbilhão de emoções que se agitara em seu íntimo quando a baleia mudara subitamente de rumo, correndo, desvairada, na direção do navio.

A rapidez do fato pegara-o desprevenido, fora de seu férreo autocontrole. Uma angústia terrível o estrangulava, diante da cruel brutalidade da profissão de baleeiro, da agonia de uma existência à margem da civilização, nas paragens sombrias do mar. Ficara um instante sem ação.

Mas a imobilidade durou apenas uma fração de segundo. Quando passou, voltou sua atenção ao leviatã acuado diante de si.

— Adiante! Adiante! — gritou ao primeiro remador, advertindo-o de que o animal agonizante havia diminuído sua fúria. — Aproxime-se mais!

Quando o bote tocou os flancos do cetáceo, esticou-se por cima da proa e assestou sobre seu corpo móvel golpes e mais golpes de sua longa e cortante lança. A frenética luta continuou durante alguns minutos. Por fim, um espesso jorro sanguinolento elevou-se no ar, salpicando de vermelho as velas do barco.

— Está morta, senhor — disse o primeiro remador. — O coração foi atingido.

Então, sem fazer caso da exaustão que o invadiu subitamente, Shubael apressou-se a cumprir o seu dever, afrontando com imperturbável compostura a má sorte e o desastre.

— Sr. Barnard! — chamou, enquanto passava suas longas pernas pela balaustrada do navio.

O oficial Caleb Barnard, filho e neto de baleeiros de Nantucket, chegou correndo.

— Às suas ordens, senhor.

— Qual é a extensão dos danos? Inspecionou os porões? Estamos fazendo água? — perguntou, continuando a andar e a lançar olhares ansiosos pelo caos em que se transformara o convés.

— Deve haver um buraco abaixo da linha de flutuação. O porão da proa está com água pela metade. Mas já acionamos as bombas.

— Que mais?

— Os cabos dianteiros romperam-se e as amuradas cederam. E temos ainda que desembaraçar a escota.

Ao estacarem diante de um buraco escancarado no convés, que punha à mostra os beliches destruídos, Caleb acrescentou:

— Os alojamentos foram bastantes danificados.

Shubael fez força para ignorar o peso que lhe oprimia o coração.

— É o menor de nossos males. Haverá pouco tempo para dormir, nos próximos dias — murmurou, enquanto continuava a olhar para o buraco, como que alheio à presença de seu oficial.

— Senhor...?

A voz hesitante de Caleb introduziu-se em sua mente fatigada.

— Agiu corretamente, Sr. Barnard. Se puder encontrar um cabo livre, envie um sinal e chame os srs. Folger, Pinkham e Stubb. E, depois, continue a trabalhar nos

cabos do mastro de proa.

Quando, um a um, os botes voltaram, trazendo mais reforços para reparar os estragos, os cabos foram desembaraçados, a madeira do assoalho remendada, a coberta de proa reparada. Como Shubael predissera, houve pouco tempo para pensar nos alojamentos dos marujos. O momento de descansar ainda estava longe.

Uma vez o Sally Ann posto em condições, o trabalho de extração de azeite começou. Abaixou-se a plataforma de corte, que foi presa à parte média da amurada, e os marinheiros armaram-se de suas pás baleeiras, mergulhando-as fundo no pescoço do cetáceo. O sangue jorrou, alvoroçando os tubarões que infestavam as águas em torno do navio.

Dando início ao processo, Folger, com uma corda passada em volta da cintura por medida de precaução, saltou sobre o rugoso lombo da baleia e introduziu um gancho na cabeça do animal, que foi içado por meio de uma roldana.

Os homens na plataforma, manejando com habilidade suas espadas cortantes, efetuaram então várias estocadas oblíquas e bem fundas no envoltório, retirando a primeira talhada de espermacete, substância que envolve o cachalote como a casca da laranja ao fruto, e a separaram do corpo do animal com cortes em espiral. Extensas porções dessa camada superior, as mantas, foram então retiradas e levadas com o auxílio de um molinete para um quarto vazio: a "câmara de espermacete". Quando a carcaça ficou nua, a enorme cabeça foi decapitada e presa à parte interna do costado para o esvaziamento da "caixa", uma cavidade na vasta fronte enrugada do cetáceo, contendo espermacete no seu estado mais puro, límpido e odorífero.

Daniel Geodfrey, o cabineiro, encarregou-se da tarefa. De posse de uma afiada pá de cabo curto que lhe enviaram de baixo, pôs-se a procurar o lugar exato para a abertura do favo. Quando o encontrou, apanhou o balde de ferro que lhe passaram às mãos e pôs-se a enchê-lo com o precioso líquido, já condensado em brotos cristalinos.

Esse óleo foi o primeiro a ser despejado em grandes caldeirões de cobre assentados sobre os enormes fogões armados no convés. Atingindo o ponto certo de fervura, o líquido foi extravasado para uma caldeira retangular e posto para esfriar. Já frio, foi vertido em tonéis com capacidade de seis barris. Mais tarde, seria lacrado e acondicionado no fundo dos porões, onde iria permanecer durante anos, até a chegada do Sally Ann a Nantucket.

Na "câmara de espermacete" iluminada por lanternas, onde ardia azeite em estado puro, os homens fatiavam os pedaços das "mantas" e as passavam para um cavalo de madeira colocado no convés. Ali, seriam esmiuçadas em tiras finas como "folhas de Bíblia" e depois jogadas nos caldeirões para renderem mais azeite. Posteriormente, quando essas folhas ficassem bem torradas e quebradiças, seriam retiradas com um coador e arremessadas nos fogões, servindo de combustível.

O processo completo foi repetido mais duas vezes, um para cada uma das baleias restantes. Quando o último tonel baixou para o porão, os marinheiros correram, diligentes, com baldes de água e trapos, e puseram-se a lavar o convés empapado de sangue e azeite, devolvendo-lhe, num instante, o asseio e o brilho anteriores.

Chegara finalmente o momento de descansar. Shubael respirou e levou o primeiro imediato para a sua cabina.

— Foi sorte estarmos navegando em águas calmas no momento do desastre, Sr. Folger — disse ele, desdobrando um mapa do oceano Índico.

William Folger limitou-se a sacudir a cabeça calva, anuindo. Shubael fixou no oficial os olhos pensativos.

— Mas não podemos contar sempre com isso. Temos de procurar um porto bem abrigado e fazer os reparos que forem necessários. A situação é crítica, não há entre o porão e o convés da proa outra separação além do madeirame do assoalho, que está comprometido. Uma borrasca ou mesmo uma onda gigantesca nos faria

soçobrar. Precisamos de madeira e há pouca a bordo.

Impassível, Folger refestelou-se na cadeira e voltou a anuir.

Shubael olhou-o com algum desagrado. O homem era um oficial indiferente. Mas, como era parente do proprietário do navio, Benjamim Swain, a quem devia tantos favores, sufocou seu aborrecimento.

— O porto mais próximo encontra-se em Mahé, uma das ilhas Seychelles. Conhece-a, Sr. Folger?

Finalmente, o oficial resolveu falar.

— Não, senhor. Mas um primo meu teve de passar algumas semanas em Mahé, quando seu navio precisou de alguns reparos. A recepção não foi das mais cordiais, tanto assim que se viram obrigados a fundear em outra ilha, uma colônia de leprosos. Parece que, no passado, aconteceram brigas feias entre os habitantes de Mahé e alguns baleeiros ingleses. E, agora, eles recebem com desconfiança qualquer navio baleeiro que aporte em suas águas, seja qual for sua bandeira.

A profecia de Folger realizou-se seis dias mais tarde quando, após passarem por uma cadeia de ilhotas franjadas de verde que se estendia diante de Mahé, lançaram âncora numa pequena angra de areia branca, a alguma distância do porto.

Quase imediatamente, um longo bote destacou-se do cais e rumou para o Sally Ann, conduzindo a bordo um carrancudo funcionário da alfândega. Ele ouviu sem simpatia as explicações de Shubael, lançou um olhar rápido e indiferente às avarias e, por fim, com visível má vontade, deu seu consentimento para que o capitão fosse para terra.

Os colonialistas que Shubael encontrou no caminho foram um pouco mais amáveis, mas mostravam-se relutantes em oferecer qualquer tipo de ajuda que significasse prolongar a estada do Sally Ann em suas águas. Pretextavam não conhecer nenhum carpinteiro, ou então o declaravam já empregado.

Um deles foi excepcionalmente franco:

— Não encorajamos ospêcheurs de baleia... os pescadores de baleia — confessou ele, no seu pesado sotaque francês. — Consomem muita aguardente e promovem arruaças. Certa ocasião, numa dessas rixas de taverna, destruíram totalmente o estabelecimento de M. Savy. Foi um horror!

Mas, no final, por pena ou pelo simples desejo de livrar Mahé da incômoda presença do baleeiro ianque, ele deu a Shubael algumas informações úteis.

— Leve seu navio para La Digue. É uma pequena ilha, situada trinta milhas a noroeste. Lá há um homem chamado Napoleon Mussard, que vive numa aldeia chamada Le Passe. Talvez ele possa ajudá-lo. Tem fama de ser um ótimo boteiro.

Ao voltar para o Sally Ann, Shubael reuniu a tripulação no convés e anunciou:

— Zarparemos para La Digue com a subida da maré. Fiz algumas averiguações e soube que é um lugar agradável, com abundância de alimentos frescos.

Ele fez uma pausa e correu os olhos por seus homens.

— Nessa ilha há também duas bebidas, especialidades locais: caloo e bacca. Uma é feita com o sumo da flor do coqueiro e a outra obtida com a fermentação do sumo de cana ou do abacaxi. Ambas são extremamente, embriagadoras.

A turma sorriu, satisfeita, mas as palavras que se seguiram e o ar inflexível de seu capitão fizeram o sorriso congelar-se em seus lábios.

— Quem se embriagar será severamente punido e, como resultado, toda a tripulação ficará confinada a bordo. Há mais: espero que se comportem com respeito em qualquer circunstância. Não vou tolerar desordens de nenhum tipo.

Seus homens o tomaram pela palavra. Havia alguns com idade suficiente para ser seu pai, mas não se iludiam julgando-o um jovem fácil de lograr. O capitão Brown era um homem justo, mas de moral rígida e costumes severos, a encarnação visível, tangível, dos padrões quakers.

Não podiam saber que a inflexibilidade de Shubael, sua impecável compostura, seu desprezo a qualquer demonstração de vaidade deviam-se mais a

uma disciplina imposta na infância e menos a suas convicções íntimas. Como poderiam saber, se ele próprio desconhecia que a melancolia que lhe velava os olhos e a irresistível angústia que o estrangulava eram o resultado de um tipo de vida que não saciava a sede íntima de seu coração?

A sensibilidade de Shubael era um legado de seu pai, Alfred Brown, homem bonito e agradável, de alma sonhadora, mas incapaz de enfrentar a dura realidade da vida. Não tivera sorte nos seus empreendimentos comerciais nem no casamento. Prudence, linda como um botão de rosa ao amanhecer, tornara-se, com o tempo, uma esposa amarga e mal-humorada, que se refugiava na religião para esquecer suas frustrações.

Mas, apesar das contrariedades com a esposa, Alfred continuou a entreter-se de golpes e contragolpes da sorte, graças a uma maleabilidade que lhe permitia reerguer-se após cada uma de suas derrotas. Sua carreira terminou abruptamente quando a escuna costeira que comprara e equipara, tomando emprestado uma vultosa soma a Benjamim Swain, sofreu uma séria avaria durante sua viagem inaugural.

O único campo em que Alfred Brown teve sucesso foi no da paternidade: oito filhos, todos saudáveis, inteligentes e bonitos. E a todos, sem exceção, Prudence ensinava que a vida era uma carga e o pai, um fracasso.

Shubael era o mais velho e, quando a situação tornou-se insustentável, expediram-no sem tardança num baleeiro. Ali aprendeu os pequenos segredos do ofício e a fazer-se estimar. Ao voltar de sua segunda viagem, logo após a derrocada de Alfred, e encontrar a família afundada em dívidas, viu-se na obrigação de entregar seus soldos à mãe.

Prudence valeu-se disso para pressionar o marido.

— Não tem vergonha? Seu filho tem mais capacidade do que você para ganhar a vida.

Shubael ficou embaraçado, mas seu pai limitou-se a lançar-lhe um olhar cujo significado ele não compreendeu no momento. Viria a entender uma semana depois, quando o pai desapareceu de suas vidas sem deixar rastro.

Assim, aos dezessete anos, tornou-se o cabeça de uma família que incluía cinco irmãs e dois irmãos, o mais velho dos quais com apenas dez anos, e com um dívida enorme para pagar.

Graças a sua inteligência e a seu vigor físico, fez carreira, passando rapidamente de marinheiro a imediato e finalmente a capitão. Ao final de cada viagem, saldava uma pequena parte da dívida e dava o resto de seus lucros a Prudence, voltando ao mar tão depressa quanto podia para não ouvir a ladainha de suas queixas.

Às vezes, sentia-se sufocar e tinha ímpetos de acomodar-se à paz dos céus e dos Mares do Sul. Mas, logo, sua noção estrita do dever e o temor de que o mau sangue de seu pai levasse a melhor faziam-no curvar-se novamente às responsabilidades.

O dia já desdobrava sua amplitude dourada quando La Digue emergiu da bruma do horizonte. De pé no convés, Shubael mantinha os olhos na terra que se aproximava pouco a pouco. Sob o domínio de um encantamento poderoso, deixou seus olhos correrem desde os píncaros azuis das montanhas até a fita branca de espuma da costa, protegida por uma barreira de recifes de coral.

Deitaram âncora fora da linha dos recifes, do lado oposto a um grupo de cabanas de madeira meio escondidas entre as palmeiras. Era a hora da maré plena e uma multidão de nativos acotovelava-se na praia, os homens de pé, com os braços nus erguidos para proteger os olhos do sol, e as mulheres acoradas com os filhos seminus às costas. No entanto, apesar da fileira de pirogas fincadas na areia, nenhum deles fez um só movimento para ir ao encontro do baleeiro.

Foi Shubael que, sentindo-se inexplicavelmente excitado e curioso, tomou a iniciativa e desembarcou acompanhado de Caleb Barnard, o único de seus homens a

ter algum conhecimento de francês.

— Bonjour — disse o jovem oficial, lançando um olhar hesitante à turba de homens de tez amorenada, uma mistura de sangue francês, africano e chinês.

Um velho de barba branca patriarcal e estatura imponente adiantou-se, apoiando-se numa elegante bengala de pau-rosa esculpida em forma de serpente.

— Bonjour.

— Comment allez-vous!... Como vai o senhor?

Um sorriso espalhou-se pelo rosto lavrado de sulcos profundos do velho.

— Ça va bien, merci. Mon pas coze français: mon coze creole.

— Que foi que ele disse? — perguntou Shubael, impaciente. Caleb voltou-se para ele com ar desconcertado.

— Não tenho certeza, senhor. Parece francês, mas não é. Ele disse qualquer coisa a respeito de creole. Talvez seja um dialeto.

— É bem possível. Alguém em Mahé mencionou um dialeto local.

— É uma linguagem muito musical, senhor. Não acha? O capitão olhou-o com severidade.

— Não estamos aqui para analisar a língua dessa gente, estamos à procura de Napoleon Mussard.

O velho nativo, que seguira com atenção aquela breve troca de palavras, sorriu, revelando uma fileira de dentes perfeitos.

— Napoleon Mussard?

— Oui — confirmou Caleb. — Napoleon Mussard.

— Bien. Mon amene ou cote Napoleon.

O velho nativo falou rapidamente com um garoto, que assentiu e fez um gesto expressivo dirigido aos dois oficiais, convidando-os a segui-lo.

Caleb e Shubael entreolharam-se, indecisos, mas o velho os estimulou, erguendo a bengala.

— Aller, aller!

— Napoleon Mussard? — perguntou Shubael.

— Oui, oui Napoleon Mussard!

O capitão encolheu filosoficamente os ombros.

— Vamos, Sr. Barnard.

Seu pequeno guia embrenhou-se na vegetação luxuriante, guiando-os através de uma trilha que corria pelo interior de moitas carregadas de flores escarlates, rosas e brancas. As palmeiras e as árvores de fruta-pão cruzavam os ramos; pássaros invisíveis cantavam em meio à espessura dos cipós; papagaios esvoaçavam alegremente acima de suas cabeças.

Passaram por pequenas casas construídas sobre estacas, em cujos quintais patos e galinhas ciscavam grãos de arroz, até chegarem diante de uma, um pouco maior do que as outras, situada no meio de um jardim repleto de árvores frutíferas.

O guia parou junto à escada de pedra e bateu palmas. Decorridos alguns segundos, um homem apareceu à porta. Ele podia passar perfeitamente por um nativo de origem francesa, se não fosse a suave serenidade e a inteligência que iluminavam seu rosto de linhas nobres e calmas.

À vista dos dois forasteiros, sorriu cordialmente e desceu os degraus com a mão estendida. Shubael apertou-a, motivado não apenas por suas maneiras, mas também por uma instintiva simpatia por aquele desconhecido que parecia pronto a conceder-lhe uma atenção benevolente. Apresentou-se e esperou que seu oficial, num francês hesitante e ajudado por gestos, explicasse a situação difícil em que se encontravam.

Napoleon Mussard ouvia com atenção, balançando a cabeça e fazendo perguntas ocasionais. Quando Caleb se calou, ele atravessou a trilha poeirenta, com os dois oficiais e o guia em seus calcanhares, e desceu até a praia. Ali, protegendo os olhos com a mão em pala, esquadrinhou o mar, na direção do Sally Ann.

Depois de alguns momentos de análise, sorriu.

— Aprées nous alie get sa bateau. Presente, vine cote moipour manger.

Shubael viu-se retribuindo seu sorriso, embora não tivesse a menor idéia do que o homem havia dito.

— Que foi que ele disse, Sr. Barnard? Caleb suspirou fundo.

— Algo sobre o navio e comida. Napoleon Mussard olhou de um para o outro.

— Venir manger — disse ele, apontando para a própria boca e depois fazendo um gesto na direção de sua casa. — Manger, manger... Ou compreends!

— Oh... ele está nos convidando para almoçar — murmurou Caleb, num tom que refletia o horror provincial de muitos marinheiros americanos à idéia de experimentarem comidas exóticas.

— Correto, Sr. Barnard, foi o que eu entendi também. — Shubael inclinou a cabeça para Napoleon e assentiu. — Diga-lhe que aceitamos com prazer.

Caleb fitou-o com espanto.

— Senhor!... Esses estrangeiros têm gostos estranhos! O capitão lançou-lhe um olhar frio.

— Sr. Barnard, não podemos ofender esse homem, recusando seu convite, quando precisamos desesperadamente de seus serviços. Além do mais, o senhor passou um ano e meio comendo farinha bichada e carne de porco salgada. Não acredito que algo pescado nestas águas ou colhido nestas terras possa ser mais estranho nem mais ordinário do que isso. Diga que aceitamos.

Ainda não convencido, Caleb voltou-se para seu anfitrião. Mas Napoleon já tinha feito sua própria interpretação.

— Bom — disse, dando um tapinha amistoso nas costas de Shubael e guiando-os de volta à casa.

A casa de Napoleon Mussard era despojada de qualquer detalhe arquitetônico. A estrutura assentava-se em colunas de pedra de oito pés de altura para evitar os ratos e as centopéias, e as portas e as janelas, muito simples, eram de cedro. O interior, igualmente desguarnecido, era igualmente simpático e confortável.

A rústica mesa de pau-rosa, rodeada de cadeiras de espaldar reto, já estava posta com cuias feitas de meio coco e colheres de concha. Napoleon convidou-os a se sentarem e depois rumou para a cozinha. Um minuto depois, voltou acompanhado de uma graciosa mestiça, cujos traços refletiam uma mistura de sangue negro e chinês.

— Mafemme Mathilde — Napoleon apresentou com orgulho, passando o braço pela cintura da mulher.

Shubael levantou-se e fez uma mesura, enquanto, a seu lado, Caleb murmurava:

— É a esposa dele.

— Ça ma filie Amedée — voltou a anunciar Napoleon, mostrando com um gesto a jovem que chegava com a bandeja das iguarias.

— A filha... — traduziu o oficial,

Shubael fez uma nova mesura. Ao endireitar-se, prendeu a respiração, surpreso com a rara beleza da jovem. Morena e esbelta, ela possuía um rosto delicado e imensos olhos negros, de forma amendoada, delimitados por longos cílios espessos. Seus reluzentes cabelos escuros, puxados para trás, eram adornados por uma flor vermelha de hibisco. Um imaculado kajak branco, com franzido na pala, compunha seu singelo vestuário. Sob a intensidade do olhar de Shubael, ela corou profundamente e correu para fora da sala, deixando, à sua passagem, um leve aroma de canela.

Após a saída dela, Shubael percebeu que seu coração, de súbito muito grande para o peito, batia desesperado, cortando-lhe a respiração. Mas, não acreditando que alguém pudesse ter tal efeito sobre ele, atribuiu sua reação ao calor tropical. Quando sentou-se à mesa, ao lado de seu anfitrião, já estava senhor de si.

Contrariando as expectativas de Caleb, os pratos eram bem-feitos e

apetitosos. Havia polvo ao curry, um peixe inteiro assado em folhas de bananeira, uma cuia cheia de pedaços fritos de fruta-pão, salada de abacate e mangas verdes. Para completar, uma seleção de frutas: bananas, papayas, abacaxis e frutas-do-conde.

Shubael estava espantado consigo mesmo. As iguarias haviam-lhe despertado de tal modo o apetite que ele comeu como não comia havia anos, nem com tanto prazer. Os sabores misturavam-se deliciosamente em sua língua e as especiarias envolviam-no num grande bem-estar.

Não se importava que Napoleon não demonstrasse pressa. Normalmente, teria se irritado com a demora, pedindo imediatamente atenção a seu problema. Mas, nesse momento, experimentava uma grande calma, sensação que lhe era totalmente desconhecida.

Parecia que tudo em La Digue fugia aos padrões comuns. Desde que a avistara, do alto do gurupés do Sally Ann, tinha a impressão de que seus sentidos haviam despertado. Jamais se achara tão vivo, alerta, sensível.

Quando se levantou da mesa, quase com pesar, surpreendeu-se ao dizer:

— Bon... Merci, monsieur.

Napoleon fez um aceno com a cabeça e acompanhou-o quando ele voltou ao navio. Ali, inspecionou as avarias com sua característica calma, parando de vez em quando para fazer algum cálculo mental, ou para admirar o vôo gracioso de um pássaro solitário.

O último fulgor do dia rapidamente se extinguia no céu, e o horizonte não era mais do que um flamejar de ouro e púrpura quando ele terminou o exame.

— Bon soir — disse então, deslizando agilmente para o bote que o esperava para levá-lo de volta à praia.

Shubael ficou a observá-lo da amurada, sentindo-se estranhamente satisfeito. Mas, ao lado dele, Caleb deixou escapar um resmungo:

— Eles falam um francês esquisito e têm uma estranha maneira de fazer negócios. M. Mussard não disse se vai fazer o serviço nem mesmo se voltará.

— Ele vai voltar, Sr. Barnard — disse o capitão, aspirando fundo a brisa fresca que descia com a noite. — E fará o trabalho.

Sua predição confirmou-se. Napoleon voltou na manhã seguinte, desembarcando de uma piroga em companhia de um ajudante, Ti-France, um negro alto, de uns quinze anos, o rosto redondo aberto num eterno sorriso. E, no seu linguajar creole, as palavras sempre acompanhadas com gestos da mão, ele explicou seus planos, que Shubael entendeu quase sem a ajuda de seu imediato: os botes deviam ser baixados à água com toda a tripulação a bordo, o navio rebocado através de um canal nos recifes e depois puxado até a praia com o auxílio de várias juntas de bois.

Nos dias que se sucederam, Napoleon trabalhou com Ti-France nas montanhas, cortando árvores e puxando-as até a praia em frente a sua casa com o propósito de dividi-las em pranchas. Shubael ia visitá-lo todos os dias. Oficialmente, para acompanhar os trabalhos, mas, na realidade, para ver novamente Amedée.

Ele a viu mais duas vezes e, em ambas, sua reação foi a mesma. O coração batia-lhe selvagememente no peito e sua temperatura subia. Já não podendo atribuir isso à novidade do clima tropical, censurou-se, dizendo a si mesmo que estava se comportando como um irresponsável, pois Amedée era pouco mais que uma criança. Tentou afastar a visão daquele rosto suave que povoava seus sonhos, mas, pela primeira vez, seu férreo autocontrole não o ajudou.

Certa manhã, ao chegar à casa do carpinteiro, encontrou o pátio deserto. Pelas janelas abertas, chegava a voz de alguém cantando uma bela canção. Era uma voz levemente rouca, de timbre cálido, que o seduziu pela maravilhosa modulação. Soube imediatamente que se tratava de Amedée, embora nunca a tivesse ouvido falar.

Disse a si mesmo que devia ir embora, mas, movido por uma força estranha, galgou os degraus de pedra de dois em dois e espiou pela porta entreaberta. Amedée estava de costas para ele, varrendo o chão de tábuas largas. O kazak estava ligeiramente erguido, desnudando-lhe as pernas bem torneadas e acentuando-lhe a curva dos quadris, que ondulavam graciosamente ao ritmo da melodia.

Shubael sentiu um calor espalhar-se por seu corpo e o sangue correr mais rápido em suas veias. Por um instante, foi subjugado pelo insano desejo de correr as mãos por aquele corpo jovem e tentador. Ela era tão bonita, tão perfeitamente harmonizada com aquela ilha primitiva e luxuriante...

Mas logo envergonhou-se e fez um tremendo esforço para dominar-se: essa era a reação de um marinheiro boçal, não a de um respeitado capitão de navio! Foi esse pensamento que lhe deu forças para sair sem ruído, antes que Amedée notasse sua presença.

Alguns dias depois, estava à beira-mar, com a água até os joelhos, inspecionando o revestimento de cobre do casco do Sally Ann que seus homens limpavam quando Amedée apareceu na praia.

Ela equilibrava uma grande cesta de abacates na cabeça, e, embora nesse dia o kazak lhe descesse até os pés, a leve brisa marinha comprimia-o contra seu corpo, revelando-lhe as formas perfeitas. Todo trabalho cessou e os homens voltaram-se para olhá-la.

Shubel foi a seu encontro com o coração que ameaçava saltar-lhe do peito.

— Bonjour, mademoiselle — disse, curvando-se rigidamente e lamentando que Caleb não estivesse ali para ajudá-lo.

Mas seu desconforto evaporou-se quando Amedée esboçou um grande sorriso que repuxou seus olhos amendoados, fazendo-os desaparecer entre as altas maçãs do rosto.

— Bonjour, M. Capitaine — ela modulou com sua voz cantante. — Mon papa ine envoie ça pour zotte tous.

Como Shubael a fitasse, francamente desconcertado, ela abaixou a cesta e estendeu-a, dizendo:

— Un cadeau. Sorti cotte mon papa.

Ele entendeu e tomou-lhe o cesto das mãos, murmurando um encabulado agradecimento. Ela voltou a sorrir, um sorriso que lhe derreteu o coração, e então afastou-se, ondulando graciosamente os quadris, e desapareceu entre os rochedos da praia.

— Eu não me importaria nem um pouco se ela quisesse compartilhar meu leito — disse um dos tripulantes, e seu comentário foi seguido de algumas risadinhas abafadas.

Shubael voltou-se para ele com a expressão fechada.

— Chega de conversa fiada! Essa jovem é a filha de nosso construtor, não uma prostituta de taverna! O próximo que voltar a falar livremente dela ficará confinado a bordo! — advertiu ele, surpreso de que sua voz soasse com tanta veemência.

Então, entregando a cesta a um dos homens, galgou a escada lateral do navio, rumo ao convés. Uma vez na cabina, arrancou a túnica sufocante, a camisa úmida de suor e sentou-se com a cabeça entre as mãos, com viva consciência de que não era melhor do que seus rudes marinheiros, pois permitia que a luxúria e os instintos animais dominassem seu bom senso... Jurou a si mesmo que tiraria Amedée da mente, mas mesmo nesse instante, apesar da vergonha que sentia, seu corpo vibrava e ansiava pelo dela.

Shubael ainda não recobrava a tranqüilidade de espírito três dias depois, quando, em sua visita diária a Napoleon, encontrou novamente o pátio deserto. Parou no meio da trilha, indeciso se devia voltar ou não. Depois tateou o bolso da túnica para ver se não esquecera a colher de marfim que esculpira em seus momentos de

ócio e com a qual contava presentear Me. Mussard.

Mas não era exatamente essa sua intenção, enquanto se dirigia para o interior da casa, à procura de Amedée. Foi encontrá-la no quintal, estendendo ao sol uma baciada de roupas recém-lavadas. Aproximou-se e a ajudou a estender um grande lençol que a brisa teimava em enrolar.

— Vê-se que nunca velejou — disse, com um sorriso que lhe formou duas covinhas nas faces e lhe suavizou as feições severas.

Ela retribuiu o sorriso e sacudiu a cabeça.

— Mon pas comprends ou. Mais mon content écout ou cozer. Antes que a coragem o abandonasse, Shubael tirou a colher do bolso e a colocou em sua mão.

— Para você.

Os olhos de Amedée arregalaram-se de surpresa e sua boca abriu-se, mostrando seu espanto.

— Pour moi!

— Sim, é para você.

Ela girou entre os dedos o cabo esculpido em forma de folha de palmeira e murmurou, deliciada:

— Y zolie, bien zolie. Merci, merci, M. Capitainel Ele a fitou com ternura.

— Amedée...?

— Oui, M. Capitainel

— Não quer me chamar pelo nome? Sou Shubael. Ela inclinou a cabeça para um lado, sem compreender.

— Meu nome é Shubael. — Ele apontou para o próprio peito. . — Você é Amedée e eu sou Shubael.

— Oh...— murmurou ela, uma luz de entendimento brilhando em seus olhos escuros — "Shubell!"

— É isso. Agora você sabe como eu me chamo.

Depois, não sabendo mais o que dizer, virou-se abruptamente e tomou o caminho de volta.

No domingo, sentindo a solidão, mas sem nenhum motivo real para ir à casa de Napoleon, Shubael resolveu fazer um longo passeio. Em vez de tomar o atalho que conduzia à casa do construtor, enveredou por um caminho desconhecido, através do bosque, decidindo explorar a única parte da ilha que ainda não conhecia: a parte leste.

A trilha serpeava, subia, dividia-se em pequenos atalhos que o bosque parecia determinado a engolir de novo, perdia-se em vertentes escorregadias cobertas de musgo. No limite extremo da vegetação, uma depressão na encosta formava uma plataforma.

Shubael galgou-a e pôs-se a admirar o mar solitário, onde um círculo de rochas de coral fechava uma pequena enseada, formando uma lagoa cujas águas azuis tremeluziam à luz do sol.

Durante algum tempo, ficou a respirar aquela calma e aquela solidão infinita, e então resolveu procurar um caminho para chegar até a lagoa de águas transparentes. Antes de descer uma trilha quase invisível no meio das rochas, deu uma olhada em volta. Não havia nada à vista, nem ancoradouro nem barcos. Nenhum ser vivo, a não ser alguns pássaros marinhos que soltavam gritos estridentes por terem sido perturbados.

Aquela solidão provocou-lhe uma alegria inesperada e ele viu-se momentaneamente livre de pressões. Começou a despir-se antes mesmo de chegar à pequena baía em forma de meia-lua. Ah, como seria bom se pudesse desfrutar daquela vida livre e nadar naquela lagoa límpida, ao sabor das ondas, para sempre! Ali não haveria mãe, nem imediatos ou marinheiros nem Benjamim Swain...

Mergulhou na água cristalina e voltou à superfície descrevendo um arco lento. Depois ficou flutuando com os braços abertos, para que o sol lhe dourasse o corpo nu.

Podia vislumbrar fagulhas vermelhas através das pálpebras semicerradas, enquanto impulsionava os pés, movendo-se preguiçosamente em volta da lagoa.

Ainda de costas, deixou seus olhos errarem pelas encostas cobertas de vegetação luxuriante. A natureza derramara sobre aquela ilha uma mão generosa... Subitamente, apesar do brilho ofuscante do sol, avistou algo que lhe causou estremecimento e quase o fez afundar. Piscou várias vezes, pensando ter confundido o vulto entrevisto atrás da rocha, onde jogara as roupas, com uma grande gaivota, mas qual! O flutuante kazak branco era inconfundível: Amedée!

Endireitou-se imediatamente, o choque substituindo a sensação de paz e tranqüilidade. Então, coberto de vergonha, saiu das águas e precipitou-se para apanhar suas roupas. Agarrou a calças e vestiu-as estabranadamente, a confusão aumentando quando viu um sorriso divertido desenhar-se na boca sensual de Amedée.

— Do que está rindo, pequena atrevida? — gritou, perdendo o controle. — Não tem nenhum senso de decência, espiando-me dessa maneira? Nesta ilha não há moralidade nem disciplina!

Amedée não tinha nenhuma noção do que ele estava dizendo, mas assustou-se com seu tom de voz. Emitindo um assustado oh! ela virou-se e fugiu pela trilha com extrema agilidade. A raiva de Shubael evaporou-se no mesmo instante.

— Espere, Amedée... Espere, por favor!

Ele transpôs rapidamente a distância que os separava e agarrou-a pelos ombros. Queria desculpar-se, pedir perdão por sua rudeza, mas, ao ver os olhos amendoados rasos de lágrimas, ficou mudo.

— Não precisa ter medo de mim — conseguiu dizer por fim, atropelando as palavras. — Não quero lhe fazer nenhum mal.

Sua voz era tão calma e confiante que a deixou imóvel, como ele queria. Então, dominado por uma profunda emoção, completou:

— Eu a amo.

Era verdade. Ela era a essência daquelas ilhas. Vibrante, macia, cheirosa, sedutora, muito diferente das mulheres frias e dominadoras que conhecera na Nova Inglaterra. Envolvia-o com seu perfume particular, dava-lhe paz, enchia-o de uma ternura que nunca conhecera antes.

— Preciso de você, Amedée.

Ela arqueou as delicadas sobrancelhas e sacudiu a cabeça.

— Qui ou pe direi

— Eu a amo — tornou a dizer Shubael, tocando o coração e os lábios com os dedos e depois pousando-os de leve sobre o peito dela. — Eu a amo.

Amedée corou até a raiz dos cabelos e abaixou a cabeça.

Shubael considerou-lhe as faces coradas e os lábios vermelhos, enleando-se na sua fascinação por alguns momentos. Depois, tomou-lhe o rosto entre as mãos e a beijou. Ela hesitou apenas um instante para abandonar-se de peso contra seu corpo e entreabrir os lábios macios...

Ficaram estreitamente abraçados, esquecidos do tempo, de que não falavam a mesma língua. Estavam conscientes apenas de que nada mais existia no mundo a não ser aquela emoção, aquela força de vida...

Quando o desejo tornou-se obsessão, Shubael ergueu-a nos braços, carregando-a sem esforço para a sombra de uma palmeira. Ali, tirou-lhe o virginal kazak e, por um momento, ficou a contemplar, deslumbrado, cada detalhe de seu corpo, a aspirar o aroma bom de canela que lhe punha fogo nas veias.

— Shubell... — ouviu-a murmurar. E então mergulhou no seu mistério.

No mês seguinte, os trabalhos de reparo do Sally Ann progrediam com uma rapidez que Shubael considerou alarmante. Já não podia suportar a idéia de deixar aquela ilha mágica, com seu sensual e calmo modo de viver, nem de ficar longe de Amedée.

Encontravam-se com frequência na praia dos penhascos e continuavam a se amar. Para ele, era como viver uma fantasia. Quando estava com ela, sentia-se em outro mundo, onde dúvidas, pressões e deveres não existiam.

— Você mudou minha vida — confessou certo dia, depois de terem feito amor.
— Deu-lhe um novo sabor, uma nova promessa...

Ele debruçou-se para Amedée, que estava deitada a seu lado em lânguida postura.

— Não... Seria mais correto dizer que você me deu uma segunda vida. Quando estou com você sou uma pessoa diferente. Todos os meus sentidos ficam mais aguçados: as cores parecem mais brilhantes, os sons mais nítidos. Como se antes eu estivesse mergulhado num poço profundo, e agora eu esteja na superfície, à luz e ao ar livre.

Amedée selou-lhe os lábios com o indicador.

— En creole. Ou bien capable doze creole. Shubael sorriu.

— Sim, você tem razão — disse, na língua dela. — Eu posso falar creole. Aprendi sua língua rapidamente e estou ainda surpreso com isso.

— Eu não estou surpresa. Acho que você já nasceu sabendo creole.

Ele riu e tomou-a nos braços.

— E por que acha que eu já nasci sabendo creole? Ela semicerrou os olhos sedutoramente.

— Para que você pudesse dizer que me ama — disse então, o raro timbre de sua voz emprestando um valor especial às suas palavras. — E para que me entendesse quando eu digo que o amo.

Ele a considerou com expressão séria.

— É uma ótima razão — murmurou, tomando-lhe a boca.

Chegou enfim o dia em que o Sally Ann ficou pronto para levantar âncora. Com seu fundo raspado e praticamente polido, as velas remendadas, os mastros alcatroados, a balaustrada pintada e a despensa cheia de provisões frescas, o navio foi rebocado novamente para além da linha dos recifes. Não havia mais nenhum motivo para prolongarem a estadia em La Digue.

"Nenhum motivo a não ser Amedée", pensou tristemente Shubael, enquanto esperava que ela viesse ao seu encontro pela última vez ...

Ela chegou com passos leves e jogou-se nos braços dele.

— Shubell...

— Não ouvi você chegar — murmurou ele, beijando-lhe o rosto sulcado de lágrimas.

— Vim pela praia.

— Lembro-me ainda da primeira vez que vi você descer a encosta: parecia uma borboleta adejando sobre as moitas floridas. Tão delicada, tão linda...

Amedée sorriu através das lágrimas.

— E você parecia tão estranho... As mãos e o rosto totalmente bronzeados e o corpo tão branco quanto leite de coco!

Ela deslizou os dedos pelo peito forte e vigoroso, em massagens leves e sensuais.

— Mas agora, não; o sol o beijou todo.

— Também Amedée me beijou todo, cobriu-me de amor. E esse amor vai permanecer para sempre comigo, mesmo depois que o bronzeado tiver desaparecido.

Um soluço escapou do peito dela.

— Tem de ir, Shubell? Não pode ficar comigo? O Sr. Barnard poderia assumir o comando do Sally Ann...

— O Sr. Barnard é apenas o quarto imediato — explicou ele automaticamente.

— O comando caberia ao Sr. Folger.

— Por que não fica, então? — gritou Amedée, entre aflita e esperançosa.

Shubael alisou-lhe os cabelos com ternura.

— Não posso, amor.

— Por quê?

Ele apertou-a contra si com vontade de falar de seu pai, da dívida enorme que tomara sobre si, de Benjamin Swain e da família que lhe competia sustentar. Mas ficou calado. Seria impossível fazê-la compreender isso. O creole era uma língua simples demais para expor regras fundamentais, ou explicar todos os conflitos de sua vida. Além do mais, sob aquele céu azul que se estendia até o infinito, à doçura daquele ar cáldo e perfumado, qualquer explicação pareceria destituída de sentido.

— Porque preciso — disse, simplesmente.

Amedée engoliu as lágrimas e permaneceu imóvel ainda por alguns instantes. Depois quase timidamente, perguntou:

— Vai voltar?

Esse sussurro vivo e ardente o fez estremecer. Ele quase disse "não". Mas não pôde suportar a idéia de nunca mais tornar a vê-la, de nunca mais sentir o perfume de canela de sua pele macia, de nunca mais ouvir sua voz musical murmurar que o amava. Uma grande onda de ternura o envolveu e ele disse com simplicidade: — Sim, voltarei.

CAPÍTULO VII

Nantucket Novembro 1842

— Terrível a ventania de ontem à noite — comentou Obed, cruzando as mãos sobre o colo. — Ammiel Paddock teve seu celeiro destelhado e a cerca de William Coleman foi parar no jardim de Silvanus Jenkin.

Jessel sufocou um bocejo e manteve os olhos fixos no tricô. Era a terceira vez que Obed vinha visitá-la.. Se não fosse por Harriet, teria cortado bruscamente suas tentativas de aproximação. Mas, pelo bem dela, procurava manter-se numa linha entre a cortesia e um discreto desencorajamento, ao mesmo tempo em que procurava reverter o interesse do rapaz em favor da amiga.

— Sim, foi uma coisa terrível — respondeu, com um suspiro, ao pressentir que nessa noite teria de travar outra batalha. — Soube que o barco de David Chase desprende-se das amarras e foi bater com o costado nos pilares do cais comercial. Harriet vai ficar penalizada. Talvez você não saiba, mas ela está cuidando de um dos filhos de David, que tem problemas mentais. Maravilhoso de sua parte, não acha?

— Ah, sim... — Obed cruzou as pernas. — Espetáculo bonito o do mês passado quando o Peru veio do outro lado da barra sobre os aparelhos flutuadores...

Jessel parou de tricotar e ergueu a cabeça, um interesse genuíno iluminando seus olhos cinzentos. Embora já tivesse falado a respeito disso nas visitas anteriores de Obed, o grande evento ainda continuava a excitá-la.

— É um esquema inteligente — admitiu —, e eu admiro Peter Ewer por tê-los construído. Mas os aparelhos me parecem muito pesados para se constituírem num benefício para a indústria baleeira.

Obed encolheu os ombros.

— O tempo nos ensinará tudo o que há para saber a esse respeito. Algo precisava ser feito para rebocar os navios da barra quando chegam com carga completa. Em épocas passadas, mais de um armador levou seu navio a New Bedford ou a Edgartown para a descarga. É um aborrecimento ser obrigado a ancorar por causa dos bancos de areia e ter de transportar as mercadorias de lá para cá em batelões.

— Pode ser — disse Jessel com calor. — Mas parece que esses aparelhos, além de custarem tanto quanto uma boa frota de batelões, são difíceis de manejar. Engenhosos, mas pouco práticos: essa é a minha opinião. Obed encolheu novamente

os ombros e disse filosoficamente:

— O tempo dirá. Jessel abaixou a cabeça, voltando sua atenção ao tricô. Com uma ponta de irritação, pensou no que Harriet via de tão especial nesse homem apático, comparando-o mentalmente a Jake.

Diante dela, Obed agitou-se, correndo os dedos pela gravata alta, depois pelo colete de lã abotoado no peito, e começou a brincar com os botões do casaco de pano inglês.

— Ouvi dizer que Silas Macy pretende vender a casa. Estou pensando em comprá-la.

Jessel gelou. Obed estava muito bem instalado na confortável casa de seus pais, em Fair Street. Não havia motivo para sair de lá, a menos que pretendesse casar. Nervosa, resolveu cortar pela raiz qualquer proposta nesse sentido.

— Conheço a casa. É muito confortável, mas eu, pessoalmente, não gostaria de morar em Trader's Lane. Harriet iria gostar. Ela comentou, mais de uma vez, que é uma rua muito sossegada apesar de estar a poucos minutos do centro.

Obed pareceu tão desapontado com sua resposta que tia Judith, que permanecera em silêncio até aquele momento, viu-se na obrigação de dizer alguma coisa.

— Você tem uma boa cabeça para negócios, Obed. Uma casa é sempre um bom investimento, um porto seguro numa hora de tempestade. Conheço a casa de Silas e Abigail: é uma das mais confortáveis de Nantucket e acho que você faz muito bem em comprá-la. Ela pôs a costura de lado e levantou-se:

— Vocês precisam tomar alguma coisa — disse, num tom que não admitia objeções. — Vou preparar um pouco de chá para acompanhar a torta de groselhas que Jessel fez. Ela é uma ótima cozinheira.

Jessel suspirou novamente, mas não fez nenhum comentário. Durante os minutos seguintes, os únicos sons que se ouviram foram os ruídos das agulhas de tricô e o estalar das achas na lareira, ruídos tranquilos que reforçavam a ilusão de calma.

Obed remexeu-se mais uma vez, inquieto. Ia dizer alguma coisa quando o vento de sudoeste trouxe o som distante do repicar dos sinos. Ficou imóvel, prestando atenção. Os toques eram iguais e regulares e vinham da igreja do sul, em Orange Street.

— Navio na barra! — exclamou Jessel, jogando seu trabalho na cesta e levantando-se de um pulo, a luz da esperança brilhando em seus olhos. — Pode ser o Jessel Maid! Nosso navio é esperado a qualquer momento.

Tia Judith, que não ouvira os sinos, espantou-se quando a viu irromper na cozinha e precipitar-se para a porta dos fundos. Depois, ao ouvir o som dos sinos, que continuava, persistente, um apelo urgente na sua cadência, compreendeu o que estava acontecendo.

— Volte, Jessel! — gritou. — Você é mulher feita. Não fica bem ir ao porto sozinha...

De fato, Jessel não era mais uma adolescente. Ela havia mudado muito, desde sua última corrida ao porto, três anos antes. Embora exteriormente fosse a mesma, suas idéias eram outras. Não era mais para os braços de Zac que ansiava correr, mas para os de Jake.

Enquanto percorria a rua de pedra, a imagem dele flutuava em sua mente. Não tinha mais que um desejo: aspirar o perfume de mar de sua pele bronzeada, sentir o gosto de seus lábios, brincar, amar, voltar a viver em seus braços, ser sua...

Ao sair da quietude residencial da Main Street, o som dos sinos tornou-se mais nítido, sobrepondo-se ao costumeiro clamor da rua. Mais excitada do que nunca, dobrou impetuosamente a esquina do Pacific Bank e foi colidir em cheio com a maciça figura de Benjamin Swain, o pai de Harriet.

— Olá, Jessel — disse ele, com um sorriso. — Aposto que sei para onde está

indo. Mas não se afobe. Não é o Jessel Maid; é o Ontário que lançou âncoras na barra.

O entusiasmo dela arrefeceu-se.

— Oh, bem...

— Eu a compreendo, minha querida — continuou Benjamin Swain, bondosamente. — Sei que o velho Maid já devia ter chegado. Mas não se aborreça. Quando menos esperar, ele estará avançando pelo Great Point, com seu pai e Zac ansiosos por um abraço e um bom prato de sopa de mariscos.

— Acredito que será assim — disse Jessel cansadamente. Ela não tinha mais paciência de esperar: queria Jake. Queria que ele a tomasse nos braços, não para um cumprimento cordial, mas vibrando de desejo. Desejava-o viril, nu, abraçado a ela numa macia cama de relva. E não no próximo mês ou no próximo ano. Desejava-o agora!

Interpretando mal sua decepção, Benjamin deu-lhe um tapinha amistoso nas costas.

— Você está precisando de uma boa conversa com Harriet, acompanhada de uma boa xícara de chocolate. Vá vê-la. Ela acaba de receber uma nova remessa de cacau da Holanda.

Jessel fez que sim com a cabeça. Dirigiu-se para a Gardner Street, rumo à grande e confortável casa dos Swain, os rescaldos de sua antiga raiva começando a agitar-se novamente em seu íntimo. Mas não entrou. Não queria ser confortada pelo bom senso de Harriet nem por uma xícara de chocolate da Holanda. Queria aquecer-se ao calor de sua própria cólera e libertar suas turbulentas emoções de qualquer maneira!

Dois dias depois, o terceiro imediato do Ontário bateu à porta de sua casa.

— Nosso navio apanhou correspondência em Callao — explicou ele, depositando-lhe duas cartas e um pacote nas mãos.

Com o coração aos saltos, galgou os degraus de dois em dois. Uma vez em seu quarto, sentou-se na beirada da cama e revirou os dois envelopes entre os dedos. Pôs de lado um deles, em que reconheceu a larga caligrafia de seu irmão, e abriu o outro.

"Faz muito calor aqui", dizia Jake. "Ontem, fui nadar na arrebenção. É excitante pegar uma onda e acompanhá-la até a praia, você teria se divertido muito. Estou lhe enviando um pacote, meu querido corbeau, com algumas peças novas. Daqui, ficarei imaginando como você vai ficar bonita com elas. Todo o meu amor, Jake."

Jessel ficou olhando para o papel com os olhos cheios de incredulidade. Virou a página, sacudiu o envelope, esperando encontrar a outra parte da carta, onde ele lhe contaria com detalhes as novidades da viagem e lhe afirmaria, solenemente, que a vida era insuportável sem ela. Não havia nada.

Frustrada, jogou a carta para um lado e começou a desembulhar o pacote. Do interior do papel oleado emergiu um maravilhoso xale espanhol, de um fino e macio tecido azul-escuro, orlado por uma espessa franja de seda. Rosas cor-de-rosa, ricamente bordadas à mão, irradiavam-se do centro para as bordas.

Seu deleite diante da beleza do xale foi imediatamente sucedido pela raiva que estivera em ebulição lenta durante dois dias e que agora ameaçava transbordar. Estava zangada não só pelo lacomismo da missiva, mas também por esse xale que sua religião não lhe permitia usar. Furiosa, empurrou-o para baixo da cama junto com o bilhete. Depois, determinada a esquecer Jake, abriu a outra carta. Mas suas mãos estavam trêmulas.

As longas descrições que seu irmão lhe fazia, e seu tom afetoso, tiveram o dom de acalmá-la. Estava quase sorrindo quando tia Judith entrou no quarto, e então pôs-se a ler em voz alta. Mas, nesse ponto, as notícias começavam a ficar alarmantes.

"Papai contraiu uma febre tropical e Jake achou que deveríamos rumar para o porto mais próximo, onde ele pudesse receber cuidados médicos. Foi o que fizemos, e, depois disso, papai melhorou bastante. Voltou ao comando uma semana mais tarde, insistindo em levantar âncora imediatamente."

— É uma loucura abusar das próprias forças depois de uma febre perniciosa — resmungou tia Judith, como se suas palavras pudessem ser ouvidas a oito mil léguas de distância. — Zacarias tem de fazer repouso ou sua febre voltará!

Jessel suspirou e continuou:

"Jake conseguiu convencê-lo a retardar um pouco a partida, alegando que o navio precisava de alguns reparos e papai seguiu seu conselho, ou por acreditar nele, ou por sentir realmente a necessidade de descansar".

Prosseguimos viagem, mas, ao dobrarmos o cabo Horn, fomos apanhados por uma tempestade e tivemos de lançar âncora durante três dias. Perdemos alguns cabos, uma ponta de verga desprendeuse, abrindo um grande buraco no convés. Felizmente, ninguém se feriu.

Ao chegarmos em Valparaíso, fizemos todas as reformas necessárias, mas você sabe o que acontece nesses lugares: ou é hora da sesta ou de uma fiesta. Enfim, encontram sempre um pretexto qualquer para não trabalhar. Tivemos de esperar um mês por um trabalho que podia ser feito numa semana.

A princípio, ninguém se importou, é sempre um alívio estar em terra depois de um longo período no mar. Mas, passado um certo tempo, começamos a ficar nervosos. Afinal, nosso propósito é pescar baleias, não tomar vinho à sombra de uma árvore!"

Tia Judith sacudiu a cabeça, em desaprovação.

— Sabia que era um erro comprar esse navio. Zacarias deixou que seus sentimentos prevalecessem sobre seu bom senso.

Para Jessel, essas palavras de censura foram a gota final. Primeiro, era Jake que zombava de sua vida atual, agora era tia Judith que julgava seu passado! Não podia suportar que menosprezassem o confortável e velho navio que fora seu durante cinco anos. Como não podia tolerar que tia Judith contestasse a opinião de seu pai.

Levantou-se de um salto e encarou-a com os olhos ardendo de indignação.

— A senhora não tem o direito de dizer isso! Papai sabe o que faz. Ele não arriscaria a vida numa embarcação insegura e muito menos a de Zac. O Jessel Maid é um bom navio. Acontece que a sorte pode virar o rosto para qualquer um, até para os mais prudentes!

Dito isso, ela enfiou a carta de Zac no bolso e precipitou-se escadas abaixo antes que tia Judith pudesse recuperar-se da surpresa. Fora, o ar frio de novembro que lhe aflorou ao rosto esfriou sua cólera. Já mais calma, dirigiu-se para a mansão de Sarah Coffin com o propósito de comparar suas notícias com as dela.

Nos últimos três anos, fiel à promessa que fizera a Zac, a moça havia feito um sincero esforço para estreitar amizade com sua futura cunhada. Jessel ia visitá-la regularmente, tomava chá nas elegantes xícaras de porcelana Wedgwood e ouvia suas conversas frívolas. Mas não conseguia sentir nada, além de uma amável condescendência, pela bela loira. As duas eram diferentes em tudo, da cor da pele às roupas e ao modo de pensar.

Também Sarah havia recebido uma carta de Zac através do Ontário, mas mostrou-se reticente quanto ao conteúdo.

— Sim, querida — murmurou ela, abaixando os olhos. — Zac me escreveu, mas são coisas íntimas, dizem respeito só a mim.

— Pelo amor de Deus! — impacientou-se Jessel. — Não estou pedindo que me leia as passagens íntimas, apenas as que se referem à viagem. Ele não mencionou a doença de papai? Talvez tenha-lhe dito alguma coisa que esqueceu de me contar.

Sarah pôs-se a estudar as unhas rosadas e a brancura de suas mãos delicadas e falou, sem levantar os olhos:

— Zac disse apenas que seu pai esteve doente... Depois, enrubescendo, acrescentou:

— Disse também que as orquídeas silvestres de Callao o fizeram lembrar-se de mim. E que eu devia levar um buquê dessas flores no dia de nosso casamento. Você também acha?

Jessel depositou a preciosa xícara de porcelana na bandeja e saiu da sala sem proferir palavra.

No dia seguinte, na hora da refeição matinal, seu estado de espírito não havia melhorado. Nem o de tia Judith. Ainda chocada com a brusquidão que sua sobrinha lhe demonstrara na véspera, ela a enfrentou com ar frio.

— Seu comportamento foi lastimável — começou com voz tensa. Jessel mergulhou a colher no prato de mingau e nada respondeu.

— Você não é mais uma criança para explodir dessa maneira. Vai ter de agüentar as conseqüências de suas ações impulsivas e atitudes desafiadoras.

— Desculpe-me — disse Jessel laconicamente.

Ela não estava nem um pouco arrependida do que dissera, mas não queria ouvir sermões.

— Errei, ao me revoltar contra a senhora, mas seus comentários sobre papai e o Jessel Maid me fizeram perder a cabeça.

Tia Judith colocou um fumegante prato de mingau diante dela, acrescentou-lhe uma generosa porção de manteiga e fechou brevemente os olhos, numa prece silenciosa. Depois continuou:

— A cólera é um impulso indigno e você devia livrar-se dela. Mas não estou me referindo a isso, faz tempo que aprendi a conviver com suas explosões. O que me preocupa é sua teimosia em não aceitar a realidade. Você vive com a cabeça nas nuvens, está sempre sonhando!

— A senhora está exagerando...

— Você vive numa ilha que depende da pesca de baleias para sobreviver e detesta isso. Está em idade de se casar, mas é invariavelmente rude com qualquer pretendente à sua mão. O que você quer, Jessel? Por quanto tempo ainda pretende vaguear pelas charnecas e usar esse amuleto pagão?

Jessel tocou instintivamente o colar que John James lhe dera e murmurou:

— Não fui rude com Obed e não o considero um pretendente aceitável.

— Ele é um bom moço, com ótimas perspectivas para o futuro. Gideon Hussey não tem outros filhos, Obed será seu herdeiro natural. É verdade que não é quaker, mas é um trabalhador incansável e não bebe. Você devia dar graças a Deus que ele a queira por esposa! Não o desencoraje falando de sua amiga Harriet, ou fugindo quando ele vem visitá-la.

Jessel empurrou o prato para o lado, demasiado perturbada para comer. Não estava disposta a explicar à tia a secreta adoração que Harriet nutria por Obed nem seu amor por Jake. Lutando para sufocar sua irritação, atirou:

— Gostaria que parasse de dizer o que devo fazer. Sou eu que devo decidir minha vida. Por que a senhora insiste para que eu me case, se nunca se casou?

Por um instante, tia Judith ficou imóvel. Então, depositou a colher no prato e olhou-a com ar triste.

— Não por minha vontade. Eu tinha um pretendente, Peleg Carey... Ele era pobre, mas muito ambicioso. Decidiu fazer uma viagem ao Pacífico antes do casamento, para ter meios de me proporcionar uma vida digna...

Seu olhar tornou-se vago, distante.

— Próximo às ilhas Marquesas, seu barco foi arrastado por uma grande baleia espermacete e desapareceu de vista. Seu navio procurou-os durante uma semana, mas nada foi encontrado..

Tia Judith levantou-se e levou seu prato para a pia. De lá, voltou-se para dizer:

— Nessa ocasião, eu tinha vinte e seis anos, velha demais para pensar em outro homem. Os anos foram passando. Quando sua mãe morreu e seu pai precisou de alguém que o ajudasse, resolvi fazer desta casa o meu lar.

As lágrimas afloraram aos olhos de Jessel, enquanto pensava na possibilidade de Jake ser arrastado para o fundo do mar por uma baleia raivosa.

— Então, entende o que eu quero dizer? — perguntou roucamente à tia. — Entende minhas objeções à profissão de baleeiro? Quantos anos a senhora ficou sentada, aguardando a volta daquele navio? Quantos anos desperdiçou, nessa espera solitária?

— Faz séculos que os homens de Nantucket pescam baleias e que suas mulheres ficam em casa, à espera, com as lareiras acesas. É assim que são as coisas aqui. Por que não quer aceitá-las?

— Talvez eu não tenha sua facilidade de aceitar a morte e a infelicidade.

Tia Judith suspirou.

— Eu as aceito como parte da vida. Você tem ainda muito que aprender. Além do mais, Obed Hussey não é um homem do mar e suas objeções não fazem sentido. Eu a aconselho a considerar as intenções desse jovem. Não há muito o que escolher.

Jessel fitou-a com o rosto em brasa.

— Não há nada a considerar. Não vou me casar com Obed Hussey! Ele é enfadonho e tem um ar de idiota. Não consegue dizer três palavras sem gaguejar!

Depois disso, ela foi correndo para o quarto. Tirou o xale espanhol de baixo da cama, enrolou-o desafiadoramente em volta dos ombros e saiu de casa com o queixo erguido. Não estava certa a quem queria desafiar. Sabia apenas que estava consumida pela fúria.

Caminhou durante horas ao acaso, por entre os charcos de água e lama, numa marcha rápida, cega, terrível. Quando deu por si, viu-se em Sconset, um pequeno aglomerado de cabanas de pescadores a sete milhas da cidade. Nesse dia frio e nublado, não havia ninguém ali: as cabanas eram ocupadas apenas quando os pescadores vinham de Nantucket para lançar seus pequenos barcos além do quebra-mar.

Desabou sobre as areias da praia e olhou para o mar. Os vagalhões arrebatavam contra a parede de rochas com um ímpeto descontrolado e uma brisa espessa rolava do Atlântico, escondendo o horizonte, ofuscando sua mente. Apoiou as costas num barco virado e deixou tombar os ombros, vencida, seus argumentos parecendo-lhe, de súbito, inconsistentes.

"Oh, Jake... por que você não está aqui comigo? Por que não vem e me toma nos braços para que eu me sinta viva novamente? Por que não está aqui para calar as objeções de tia Judith e desencorajar Obed? Volte... por favor! Preciso tanto de você..."

Apenas um grito rouco de uma gaivota, oculta pela neblina, respondeu a seu apelo. Nenhuma figura familiar, alta, forte, viril chegou pela praia deserta para sussurrar-lhe ao ouvido uma afirmativa, uma promessa, uma explicação. Jake não apareceu, com seus cabelos encaracolados desmanchados pelo vento, o anel em sua orelha refletindo o brilho dos olhos. Estava sozinha, angustiada por uma incerteza profunda.

A uma lufada de vento mais forte, o frio penetrou em seu lindo xale espanhol e a fez estremecer. Levantou-se e tomou, resignada, o caminho de casa. Mas, sem o ódio fervente para aquecê-la nem emoções fortes a impulsioná-la, ia oscilando como uma árvore frágil sacudida pelo vento.

Ao chegar aos arredores na cidade, a noite tombava, envolvendo em sombras todas as formas visíveis, e o vento do norte soprava impetuosamente, tornando ainda mais lenta e penosa a marcha através das ruas escuras.

Com o intuito de encurtar o caminho, tomou a Buck Street, uma rua estreita e pouco freqüentada. Havia percorrido poucos metros quando viu uma sombra

cambaleante emergir das sombras mais profundas de uma casa. Quis apertar o passo, esperando esgueirar-se sem ser pressentida, mas suas pernas trêmulas recusavam-se a obedecê-la.

O homem pareceu repentinamente tomar consciência da presença dela, pois estacou no meio da rua.

— Ei! — disse ele. — O que temos aqui? Uma bonita chalupa velejando na minha direção?

Enquanto ele se aproximava, Jessel sentiu um cheiro nauseante de rum mesclado a suor azedo, e pôde ver a barba que lhe sombreava as faces, o brilho animal de seus olhos injetados de sangue. Acometida de um medo incontável, arregaçou as saias e preparou-se para correr.

Com um golpe violento de sua grande mão peluda, o bêbado agarrou-a pelo braço e a puxou para si, rindo como um demente. Após o primeiro sobressalto, ela defendeu-se com unhas e dentes, animada pela força do instinto. Mas seus movimentos desconexos e sua respiração ofegante estimulavam-no a agarrá-la com mais ardor.

— Papagaio! — exclamou ele, num tom de admiração. — Você é tufão! Não importa, gosto de mulheres fogosas. Vamos, me dê um beijo e aqueça minha noite fria.

Ainda rindo, ele abaixou a cabeça, mas Jessel virou o rosto, enojada. Depois, numa tentativa desesperada para escapar, ela fez um esforço supremo com os braços e os joelhos e arrojou-o ao chão com um baque que ecoou surdamente pela rua deserta.

Ela própria cambaleou sob a reação do esforço e caiu sentada no chão lamacento. Antes que pudesse levantar-se, o homem, já refeito do golpe, atirou-se sobre ela e rasgou-lhe o corpete do vestido de alto a baixo.

— Sua vagabunda! — rugiu, arrancando-lhe o colar de John James e apalpando-lhe os seios com os dedos sujos. — Está precisando de uma lição!

Jessel rolou para um lado e conseguiu erguer-se. Mal havia dado um passo, o bruto esticou o braço e puxou-a novamente para si.

— Espere até eu terminar com você!

Ela sentiu a náusea subir-lhe pela garganta, e deixou escapar um grito rouco, baixo, quase um soluço de vergonha, de medo e dor. Então, dominada por uma fúria selvagem, pôs-se a lançar golpes cegos, que atingiram a virilha de seu agressor e o fizeram cair pesadamente sobre os joelhos, urrando de dor.

Aproveitando a vantagem, precipitou-se para frente com uma única idéia na cabeça: fugir dali o mais rápido possível. Dobrou a esquina deserta e pôs-se a correr feito uma doida. Quando cruzou a porta de sua casa, estava arquejante. Galgou as escadas de um fôlego só, antes que tia Judith visse as deploráveis condições em que se encontrava, e fechou a porta do quarto sobre si.

Sentindo-se finalmente em segurança, desabou sobre o tapete, ao lado da cama. Os calafrios cessaram lentamente, mas passou-se meia hora antes que encontrasse forças para obrigar seus músculos tensos a entrarem em ação. Então, levantou-se e começou a despir-se, estremecendo à vista de seu belo xale rasgado. Deixou-o cair ao chão, junto com o vestido e os saiotes, e foi para o banheiro. Desolada, contemplou-se no pequeno espelho embaçado. Estava terrivelmente pálida, com olheiras pronunciadas e marcas vermelhas no pescoço e no colo.

Lavou-se cuidadosamente com água fria. Terminada a ablução, vestiu a singela camisola de flanela e foi direto para a cama. Ao deslizar entre os macios lençóis de linho, cedeu ao desespero e soluçou histericamente, interpretando a perda de seu colar como a perda de seu amor.

— Acabou-se, Jake Swan — murmurou, sufocada em lágrimas. — Não vou deixar que isso aconteça novamente.

Não iria suportar mais a espera torturante, as noites de angústia, os

desapontamentos. Não iria mais se contentar com curtas semanas de felicidade seguidas de longos anos de solidão.

— Nunca mais! — disse em voz alta. — Nunca mais!

CAPÍTULO VIII

Oceano Índico Janeiro 1843

— Baleias! Baleias à vista!

Os gritos do vigia, ressoando prolongadamente no mar, e o rumor de passos acima de sua cabeça tiraram Shubael de sua concentração. Ele parou de escrever, indeciso entre continuar o relatório ou correr imediatamente para o convés e organizar a caçada. Estava ainda nessa dúvida quando Caleb Barnard bateu à sua porta.

— Capitão Brown! Elas estão soprando... Em linha reta com a proa!

Shubael tamborilou com os dedos sobre o mata-borrão e emitiu um suspiro de impaciência.

— Está bem, Sr. Barnard. Já vou.

Havia pouco entusiasmo em seus movimentos, enquanto ele vestia a túnica do uniforme e franqueava a escotilha. Desde que haviam deixado La Digue, a pesca da baleia começava a parecer-lhe francamente repugnante. Em épocas passadas, seria capaz de bloquear os novos sentimentos que brotavam em seu espírito. Agora isso o punha num estado de total irritação.

Mas, como sempre, soube como se portar: avaliou a situação com um golpe de vista e transmitiu ordens corretas a seus homens. O grupo que havia surpreendido era pequeno. Mesmo assim, ordenou que todos os botes baixassem à água. Com alguma sorte, poderiam encher os depósitos e voltar para casa.

A noite o favoreceu, apesar de sua falta de entusiasmo. Foi seu bote de bombordo a abordar o primeiro cachalote. Assim que atirou o segundo arpão, o enorme animal pôs-se a correr a toda velocidade na direção do horizonte.

Enquanto eram arrastados pelo vasto oceano, no rastro da fera enraivecida de dor, viram-na agitar as barbatanas e desaparecer de vista, submergindo no mar azul.

— Umedeça a linha! — gritou ao remador.

Baldes de água foram jogados sobre a linha, espadanando para fora dos tubos e fumegando acima do mastro. Quase em seguida, a linha afrouxou e a baleia iniciou sua ascensão final, batendo sua espantosa queixada de vinte pés em meio a um jorro de água espumosa como leite fresco.

Apesar do mar agitado e do jorro formidável, Shubael soube que o animal estava perdendo forças. Mudou de lugar com seu arpoador e, quando ergueu a lança e concentrou-se na matança, não sentiu medo, mas aversão. Apesar disso, deixou tombar o ferro bem afiado no couro da baleia e deu-lhe uma torção selvagem, só interrompendo a estocada ao ver o sangue jorrar do ferimento.

— Rebocar! — ordenou então, arquejante.

Mas, enquanto caía sentado no banco, desejou que a baleia abrisse repentinamente sua gigantesca queixada e o engolissem inteiro!

Dois dias depois, sentado à mesa com seus oficiais, Shubael declarava, falando do resultado da incursão:

— Foi uma caçada bem-sucedida. Há cento e quatro barris de azeite sobrando, armazenados no porão.

Ele interrompeu-se, enquanto Daniel Geodfrey, o cabineiro, colocava as tigelas de ensopado de baleia diante de cada um deles. Depois, enfiando resolutamente o garfo na sua porção, retomou o fio da conversa.

— Senhores... é hora de girar o leme e voltar para casa. Quatro pares de

olhos interessados voltaram-se vivamente para ele, atentos às suas palavras.

— Já faz quase três anos que estamos no mar — continuou, depois de engolir o primeiro bocado com esforço. — A sorte nos favoreceu, temos dois mil e setecentos barris de espermacete no porão. Todos participarão dos lucros. Se desfraldarmos vela nova e encontrarmos ventos propícios, estaremos em casa para a cerimônia da tosquia.

— É uma previsão um tanto otimista — comentou Micajah Stubbs. — Estamos a sete semanas de viagem de Oahu. Decorrerão ainda cinco meses antes que tenhamos a felicidade de dobrarmos o Old Man Shoahs e baixarmos âncora na barra de Nantucket.

Shubael refletiu um minuto, antes de responder:

— Resolvi voltar seguindo a rota da África, em vez de dobrar o cabo Horn. Não vejo necessidade de cruzar novamente o Pacífico. Como observou muito bem o Sr. Stubbs, isso acrescentaria mais algumas semanas à nossa viagem. Prefiro dobrar o cabo da Boa Esperança.

Ele fez uma pausa e contemplou o ensopado de baleia, restando sua repugnância. Então acrescentou com firmeza:

— Faremos escala nas Seychelles para abastecer o navio. Estabelecemos boas relações de amizade com os habitantes daquelas ilhas durante nossa última estadia.

Levantou os olhos, quase desafiando seus oficiais a contestar ou criticar sua decisão. Mas ninguém disse uma palavra. O plano, apesar de pouco convencional, era bastante lógico, e todos o aceitaram sem demonstrar estranheza.

Shubael pareceu recobrar vida. Sufocando um suspiro de alívio, levantou-se e foi encerrar-se em seu camarote.

Debruçado na amurada, Shubael observava os topos verdes dos montes de La Digue emergirem do horizonte. Pouco depois, à difusa claridade da manhã tranqüila, a folhagem verde-escura das moitas e das trepadeiras que revestiam as costas baixas surgiu diante de seus olhos ansiosos.

Não fora por coincidência que haviam permanecido no oceano Índico no ano anterior, em vez de cruzarem os mares do Japão, seguindo o plano primitivo. No fundo de seu coração, estivera sempre latente o desejo de achar qualquer pretexto para voltar às Seychelles. Sabia que, uma vez longe dessas águas, jamais tornaria a ver Amedée.

Pareceu levar uma eternidade até que deslizassem pela estreita passagem que cortava o anel de recifes, lançassem âncora e seu bote fosse baixado à água. Enquanto era conduzido a terra, seu rosto apresentava a mesma expressão impassível de sempre, mas o coração batia-lhe fortemente no peito. Sua tensão diminuiu apenas quando os sons musicais da língua creole chegaram a seus ouvidos.

A acolhida foi cordial, muito diferente da que recebera na primeira vez. As crianças correram até a beirada da água, lançando gritos de alegria, os homens apressaram-se a agarrar o barco e a puxá-lo até a areia e as mulheres esperaram sob as palmeiras para lançar-lhe sorrisos de boas-vindas.

Quando saltou na praia, o velho patriarca Raoul Savoyard veio a seu encontro, todo sorrisos.

— Bem-vindo, capitão. Eu sabia que voltaria. Shubael retribuiu o sorriso.

— Então o senhor é um adivinho, M. Savoyard. Nunca sei para onde as baleias me levam.

O sorriso permaneceu em seu rosto, enquanto seguia pela estrada coberta de mato que corria entre os bosques irregulares. As pequenas casas situadas além da vegetação rasteira, o fumo de madeira verde que lhe trazia às narinas a delicadeza de seu perfume, as sombras quebradas das cercas de bambu sobre a relva crescida, os animais domésticos, tudo lhe parecia deliciosamente familiar.

Mas, quando tomou a trilha que conduzia à casa de Napoleon, seu sorriso desapareceu, substituído pela tensão. Não era possível que, em La Passe, não

tivessem sabido da chegada do Sally Ann. No entanto, não via nem sinal de Amedée. Sua ansiedade era quase sufocante quando bateu à porta do mestre carpinteiro.

— Napoleon Mussard...

O carpinteiro abriu-a com um sorriso estampado no rosto sereno.

— Seja bem-vindo, meu amigo. Entre, entre, não fique aí fora, ao sol. Mathilde acabou de fazer café. Apreciaria uma xícara? Ou prefere bacca?

Shubael subiu os degraus de pedra com passos duros e apertou a mão de Napoleon entre as suas.

— Café está ótimo para mim. Ainda não me acostumei à terra firme. Minhas pernas não me obedeceriam se eu me aventurasse na bacca.

Napoleon riu e o conduziu para o interior fresco da sala no exato instante em que Mathilde entrava com o café. Shubael retribuiu automaticamente o sorriso amistoso da mulher e percorreu o aposento com os olhos, à procura de Amedée.

— Sim...? — disse, subitamente consciente de que Napoleon lhe perguntara qualquer coisa.

O mestre carpinteiro olhou-o com curiosidade.

— Fez boa viagem? Apanhou muitas baleias?

— Oh, sim!

Shubael deixou-se cair sentado numa cadeira, arrasado por um estranho acesso de melancolia.

— A viagem foi um sucesso. O proprietário do navio vai ficar satisfeito com os resultados.

— O navio está em ordem? Meu trabalho valeu a pena?

— Você fez um excelente trabalho, Napoleon. O Sally Ann está em ótimas condições.

— Como vai o jovem Sr. Barnard? Seu francês melhorou?

— Ele está bem, mas seu francês não melhorou nem um pouco. — Shubael sorveu um gole de café e perguntou com simulada naturalidade. — E Amedée?

— Está em Grand'Anse, do outro lado da ilha, visitando a avó.

— Oh!... Ela vai demorar?

Os olhos de Napoleon fulguraram.

— Amedée vai ficar fora de casa uma semana.

Ao ver a decepção estampada no rosto do capitão, ele acrescentou, com uma ponta de malícia:

— Por que não vai até lá? Ela ficaria triste se não o visse. Acredito até que me censuraria.

Shubael não escondeu o espanto.

— Então você sabe...

— Claro que sei! Como poderia ignorar, se quando você estava aqui ela parecia flutuar nas nuvens?

— E não me censura? Não tem vontade de me matar? Para surpresa de Shubael, Napoleon jogou a cabeça para trás e soltou uma sonora gargalhada.

— E de que adiantaria? Se eu o matasse, perderia um amigo e o afeto de minha filha. Em vez de três pessoas felizes, haveria duas completamente infelizes e outra morta. Não faz sentido!

Ele fez uma pausa e sacudiu a cabeça.

— Não, Shubael. Não o censuro por amar Amedée, como não censuro minha filha por amá-lo. Gostaria que esse amor não fosse tão complicado, mas não posso mudar o que está em seus corações. — Ele sorriu com bondade. — Agora vá, meu amigo.

Shubael não perdeu tempo. Enviou um recado a seu primeiro imediato, instruindo-o para que abastecesse o navio, e começou a atravessar a ilha na direção da Grand'Anse.

Ao penetrar no interior fresco do bosque, sentiu o coração dilatar-se de

alegria, como se sua alma estivesse se libertando de um longo aprisionamento. O rico aroma de patchouli e de baunilha despertava seus sentidos, tornando-os vivos, alertas, prontos para receber cada impressão.

Aspirou-os com prazer, enquanto seguia o atalho sombreado por árvores de pau-rosa, um túnel de seda iluminado por uma teia de raios solares. No outro extremo havia uma enseada delimitada de ambos os lados por quebra-mares formados por penhascos pré-históricos, onde as ondas verdes, estriadas de espuma branca, vinham bater. Parou um instante e fechou os olhos, ofuscado pela claridade intensa.

Amedée o viu no mesmo instante em que ele emergiu do meio das folhagens. Louca de alegria, correu para ele de braços abertos, as mangas brancas do kazak erguidas para o alto, como asas distendidas.

Quando Shubael abriu os olhos, viu-a diante de si, tão desejada e desejável quanto antes. Envolveu-a num grande abraço, erguendo-a do chão e esmagando-a de encontro ao peito. O perfume de canela de seu corpo sensual, nu debaixo do kazak, invadiu-lhe as narinas. Excitado, abaixou a boca sobre a dela e saboreou com a língua a doçura de seus lábios.

— Amedée...

— Meu Shubell... — sussurrou ela, retribuindo o abraço com desinibida paixão.

— Você voltou para casa...

Essas palavras calaram-lhe fundo na mente, trazendo-o de volta à realidade. Lentamente, ele a deixou escorregar até o chão e estudou seu rosto, encantando-se, como sempre, com sua estupenda beleza.

— Doce Amedée... Amo-a mais do que tudo no mundo. Você é minha única alegria, minha única razão de viver — disse, beijando-lhe as pálpebras. — Mas não vim para ficar. Estou aqui apenas de passagem. Uma semana... e então partirei de novo.

Ela o olhava com ânsia contida, como se estivesse bebendo suas palavras. Quando ele terminou de falar, perguntou com um fio de voz.

— Pode ficar comigo esta semana, ou tem de voltar para Le Passe?

Shubael beijou-a novamente, estancando, com os lábios, as lágrimas que ameaçavam transbordar de seus olhos.

— Não, minha querida, não preciso voltar. Posso ficar com você. Durante uma semana, serei seu... se você me quiser.

Amedée lançou-lhe os braços em volta do pescoço e apertou-se contra ele.

— Meu por uma semana! Vou levá-lo a Anse Banana, onde ninguém nos perturbará. Em Le Passe há gente demais e aqui há olhos que nos vigiam. Não está vendo minha avó e sua empregada nos espionando através da veneziana?

Shubael virou-se e ficou surpreso ao ver uma pequena casa, quase escondida por um ramo de jaqueira.

— Ah... Anse Banana. Parece interessante. Onde fica essa maravilha?

Meia hora depois, seguiam pela praia de areia imaculada. Com esteiras e algumas panelas nas costas, galgaram o quebra-mar rochoso e desceram para outra enseada, uma versão em miniatura da anterior: a Petite Anse. Contornaram-na até atingir um grupo de palmeiras e então tomaram um atalho estreito, ladeado de hibiscos escarlates. Foram sair numa pequena praia em forma de meia-lua: Anse Banana.

O mar azul, semeado de recifes rosados, lançava molemente a sua franja prateada sobre a areia branca da praia, enquadrada por coqueiros e palmeiras que desciam até a beirada da água.

Shubael abarcou com um olhar todo o panorama luminoso que se descortinava a sua frente e murmurou:

— É o paraíso...

— Não — corrigiu-o Amedée. — É o nosso lar... ao menos durante uma

semana.

Não perderam tempo. Construíram imediatamente uma pequena pérgola com os leques das palmeiras, varreram o chão, que forraram com as esteiras que haviam trazido, e depois acenderam o fogo, valendo-se de gravetos e ramos secos.

— Está muito quente — disse Shubael, fazendo uma pausa. — Vamos dar um mergulho?

Alegre, ele arrancou a calça e voltou-se para o mar. Mas, ao olhar por cima do ombro, toda idéia de nadar sumiu-lhe da mente. Amedée estava puxando o kazak para cima da cabeça e a luz do sol, filtrando-se através das copas das palmeiras, iluminava de dourado sua pele café-com-leite.

Ao ver que Shubael a fitava, ela sorriu sedutoramente e começou a desfazer as grossas trancas, deixando que os cabelos lhe tombassem nos ombros. Depois, desceu lentamente as mãos pelo corpo, fazendo-as deslizar pela cintura estreita, o ventre liso, as carnes delicadas do interior das coxas. Quando terminou o erótico passeio, esticou sensualmente os braços, murmurando:

— Não estou com vontade de nadar... Shubael envolveu-a pela cintura.

— Eu também não.

Passou-se muito tempo antes que mergulhassem na crista espumosa de uma onda verde-esmeralda e comesçassem a nadar. Mesmo então, não podiam parar de se tocar. Suas pernas se enlaçavam, seus peitos nus se roçavam, suas bocas se encontravam. Ao saírem da água, não se importaram de vestir suas roupas. Não havia necessidade, eram como Adão e Eva no paraíso.

O tempo não contou mais. Vagavam, despreocupados, sem pressa e sem objetivo, ao longo de praias de areia branca, ou entre palmeiras escuras e hibiscos em flor. Exploravam os mistérios dos recifes de coral, nadando entre cardumes de peixes coloridos e ramos de alga que ondulavam graciosamente. Obrigavam anêmonas exóticas e fulgurantes a se fechar ao toque de seus dedos, desvendavam cavernas secretas, abertas para um mar de serena transparência, e lá permaneciam, na obscuridade, descansando e amando-se na minúscula faixa de areia.

Alimentavam-se de tenros caranguejos apanhados nos rochedos, papayas que cresciam nos bosques, e da polpa doce e macia dos cocos frescos, cuja água tomavam. À noite, sob um céu profundamente estrelado, nadavam nas águas claras e fosforescentes da enseada, deixando que a brisa perfumada perpassasse doces carícias sobre suas peles nuas.

Shubael sentia-se finalmente livre e entregou-se àquele ritmo de vida natural e primitiva sem angústias nem questionamentos. Ria e cantava, permanecia horas a fio observando as abelhas que zumbiam em torno das moitas floridas, as nuvens brancas que corriam no céu azul. E fazia amor com Amedée.

Fizeram amor, entregando-se ao desejo que os incendiava até ficarem arquejantes e cobertos de suor, ou branda e lentamente, com uma ternura quase despojada de paixão. E nesses momentos se adoravam, dando-se inteiramente um ao outro.

Por fim, chegou o momento em que Shubael despertou para a realidade que ignorara durante uma semana. E o frio do adeus introduziu-se em sua última noite na ilha.

"Mais uma vez preciso ir embora", lamentou-se, enquanto, deitado ao lado de Amedée, deslizava a mão pelas curvas suaves de seu corpo, como se quisesse tê-la na memória e ganhar coragem para enfrentar um longo e melancólico futuro sem ela.

— Você tem razão — disse ela. — Isto é o paraíso. É perfeito, não posso acreditar que haja nada melhor.

Shubael sorriu.

— É maravilhoso porque não tem fim. Como no paraíso, há sempre de tudo: céu azul, mar verde-esmeralda, peixes em abundância, árvores que dão frutos o ano todo.

Ele tomou-lhe as mãos e beijou-lhe os dedos, um a um.

— E tempo ilimitado. Especialmente isso. Amedée fitou-o com ansiedade.

— Talvez você possa demorar mais, da próxima vez... Shubael sentiu uma pontada de remorso e disse a si mesmo que devia ser honesto, avisá-la de que não haveria próxima vez.

— Amedée... — começou e então mudou de idéia. — Sim, talvez eu possa ficar mais um pouco da próxima vez.

Ela chegou mais perto e ergueu os inocentes olhos amendoados, perguntando com voz suplicante:

— Quando vai voltar, meu Shubell?

Ele tinha de dizer a verdade, mas não conseguia pronunciar as palavras que o separariam dela para sempre. Por um louco momento, pensou em levá-la consigo para Nantucket, mas logo descartou a idéia. Ela murcharia e morreria naquela ilha do Atlântico Norte, condenada à inclemência do clima e ao desdém de sua mãe. Seria uma crueldade.

— Só Deus sabe... — suspirou.

Amedée acolheu sua resposta com a paciência peculiar dos habitantes dos trópicos.

— Estarei sempre esperando por você. Viverei apenas por você e em você.

Quando o Sally Ann, fazendo vela ante uma fraca brisa da terra, iniciou sua longa viagem de volta, essas palavras não serviram de conforto a Shubael. Ele relembrava as mil coisas que tinham vivido, numa intimidade voluptuosa, e que, de repente, haviam ficado fora de seu alcance.

E, sabendo que não podia lutar pela posse dessa felicidade, seu único tesouro, desejou nunca ter conhecido Amedée.

CAPÍTULO IX

Oceano Pacífico Março 1843

— Baleias! Baleias à vista!

Ao grito de alerta do vigia, Zacarias chegou correndo ao convés, acompanhado de Zac e Samuel Easton, o terceiro imediato, no mesmo instante em que os marinheiros emergiam das sombras da escotilha e punham-se a escalar agilmente os mastros.

Então, todos os olhos voltaram-se para a lisa superfície marinha, suave como óleo, a tempo de surpreender três jorros em arco erguerem-se sobre a linha circulante do horizonte.

— Cachalotes — observou Jake, satisfeito.

Embora tanto baleias como jubartes e novazes produzissem um azeite precioso, apenas os cachalotes tinham um prêmio extra, a head matter, uma substância líquida e aromática que se condensava quando exposta ao ar e com a qual se faziam as mais finas velas do mundo. Os nantuckenses raramente caçavam outra coisa a não ser baleias de espermacete, deixando as espécies menores para os vineyardenses e os newbedfordenses.

— Desvie-se para sotavento, Sr. Worth! — gritou ao quarto imediato, que manjava o leme. — Caso contrário iremos direto em cima delas! Sr. Swan — ele continuou, voltando-se para Jake —, agora baixaremos todos os botes. Não quero perder nenhuma baleia. Até agora, a sorte só nos foi favorável quanto ao tempo. Não temos nada nos porões, a não ser água podre e lastro. É desanimador, após três anos e meio de mar. Sr. Easton, fique pronto para arriar um pouco a vela!

Abaixo do convés, Zacarias costumava chamar seus jovens oficiais pelo primeiro nome, mas ali, diante do resto da tripulação, preferia manter a ordem e a

subordinação.

— Bem, Sr. Joy — continuou, encarando seu alto e vigoroso filho —, parece que o senhor já esqueceu a arte de pescar baleias. Por que está parado aí, como se não houvesse nada para fazer?

— É um grupo pequeno, papai — disse Zac em voz baixa. — Não é necessário que o senhor tome parte da caçada.

Ele não disse, mas se referia ao fato de que seu pai ainda não se recuperara de febre debilitante que contraíra em Valparaíso. Zacarias parecia velho e macilento, e nem mesmo o sol do Pacífico conseguia disfarçar a palidez de sua pele.

Um sorriso iluminou os lábios e os olhos do capitão. Mas durou apenas um segundo.

— Preciso lembrá-lo, Sr. Joy, de que sou ainda o capitão? Como tal, espero que minhas ordens sejam cumpridas. E, neste exato momento, a ordem é para o senhor descer com o bote, não para ficar rondando o convés, como um principiante!

Zac não teve outro remédio senão afastar-se dali. Mas uma linha de preocupação sulcava-lhe a fronte, enquanto se dirigia ao barco onde John James o esperava.

No primeiro momento, Jake teve a sensação de que a incrível má sorte que os perseguia desde que haviam dobrado o cabo Horn finalmente afrouxava suas garras. Logo de saída, seu arpoador espetou dois ferros num grande cachalote macho e, num espaço de tempo surpreendentemente curto, ele próprio teve a oportunidade de afundar uma lança mortífera no pulmão do animal.

Enquanto o rebocavam para o navio, olhou em torno e observou, satisfeito, que o bote de Zac encetava a corrida final na captura de uma gorda fêmea. Esquadrinhou novamente o oceano e, por um minuto, ficou alarmado. Não havia nenhum sinal do barco do velho Zacarias. Finalmente o avistou, um pequeno ponto na luminosa imensidão, deslizando com impressionante velocidade na direção do horizonte.

Marcou mentalmente a posição e depois dedicou-se inteiramente a sua tarefa. Já haviam terminado de rebocar todas as baleias mortas e o crepúsculo tombava com uma rapidez tipicamente equatorial, mas ainda não havia sinal do barco de sotavento nem de Zacarias.

Inquieto, Jake continuou a supervisionar a descida das correntes, mas sem deixar de perscrutar a superfície impassível do mar, quase afogada em sombras.

— Acho que devemos ir a sua procura — disse Zac, também ele em tensa vigilância. — Papai não está tão forte como quer aparentar, e uma noite ao relento não iria lhe fazer nenhum bem.

Jake correu nervosamente os dedos pelos cabelos.

— Sei disso. Mas é loucura procurá-lo na escuridão. Poderia-os passar a menos de dez jardas dele sem percebê-lo. Seu pai iria te censurar por isso.

— Há uma lanterna a bordo do barco — objetou o rapaz. — papai poderia acendê-la se imaginasse que estamos a sua procura.

— Não conhece seu pai? Ele não iria desperdiçar azeite, na situação em que nos encontramos. Ainda mais com esta noite tranqüila, que não oferece nenhum perigo.

— Tem razão — murmurou Zac, após um instante de hesitação. — Papai não iria gostar.

À primeira luz da aurora, Jake mandou o vigia subir ao mastro da gávea e velejou lentamente, com as baleias presas ao costado, na direção em que Zacarias havia desaparecido. O sol começou a emergir do horizonte quando avistaram o barco, levando a reboque o cachalote de sessenta pés que lhe custara uma noite ao mar.

Jake respirou fundo e trocou um sorriso com Zac, postado do outro lado do convés. Porém, quando o bote do capitão abordou o Sally Ann, os sorrisos congelaram-se em seus lábios. O rosto de Zacarias parecia ter encovado durante a

noite. Os olhos pareciam duas brasas e os lábios estavam exangues.

Zac precipitou-se para ampará-lo, quando ele transpôs a balaustrada, mas seu pai o deteve com um gesto.

— São só minhas pernas — disse ele com voz fraca e enrouquecida, e depois contraiu os lábios num sorriso fatigado. — Esses barcos não foram construídos para proporcionar uma boa noite de sono. Estarei bem depois de descansar um pouco.

Quando ele se virou, cambaleante, para a escotilha, Zac deslizou seu braço forte pelo dele.

— Deixe-me ajudá-lo, papai.

Por um instante, o capitão apoiou-se nele, agradecido. Depois o afastou de si.

— Não, Zac. Não se incomode e não gaste seu tempo comigo. Há muito azeite que extrair dessas baleias.

— Ao diabo com essas baleias! — resmungou John James atrás dele.

Nas horas seguintes, com três cachalotes para serem esquartejados, nenhum dos três homens teve tempo para pensar no capitão. Era quase meio-dia quando Zac encontrou um momento livre para ir vê-lo. Mas ao bater delicadamente na porta da cabine, não recebeu resposta nenhuma.

Torceu o trinco e espiou. O pai estava deitado no beliche, ainda vestido, a delirar.

— É um vestido muito bonito, Josephine. Quando chegarmos a Nantucket, vou comprar algumas fitas para os seus cabelos. São tão sedosos...

Zac sentiu um arrepio de medo percorrer-lhe a espinha. Mas dominou-se e, usando de extrema gentileza, despiu-o e ajeitou-o debaixo das cobertas. Estava passando uma esponja em sua testa coberta de suor quando a porta da cabina abriu-se e Jake entrou.

— Papai está delirando — disse-lhe com voz rouca. Jake alarmou-se.

— Vou chamar John James. Talvez ele tenha alguma poção de suas ilhas.

A poção do nativo não fez baixar a febre que consumia Zacarias, tampouco as compressas que os dois rapazes lhe aplicaram, em turnos, durante a noite de vigília. O capitão continuou a delirar, com a mente voltada para o passado.

O sol levantava-se no horizonte, iluminando a sangrenta carcaça da última baleia e os corpos seminus dos marinheiros que remexiam os caldeirões de azeite fervente, quando Zacarias finalmente abriu os olhos. Um sorriso de felicidade iluminou seu rosto, e ele soergueu a cabeça.

— Josephine... — murmurou, e então voltou a afundar a cabeça no travesseiro, assumindo a palidez e a imobilidade do mármore. Em meio ao silêncio total que tombou na pequena cabina, Jake adiantou-se e apalpou-lhe o pulso. Depois, com voz estrangulada pela emoção, murmurou:

— O capitão morreu.

— Não é verdade! Ele está dormindo! — gritou Zac, curvando-se sobre a forma imóvel. — Papai, acorde! Papai!

Gentilmente, Jake ajudou-o a levantar-se.

— É o sono final. O capitão está mais feliz agora, junto com sua Josephine.

Ele pousou um instante a mão no ombro de Zac e então, não podendo suportar o fardo de velar Zacarias, deixou o rapaz sozinho com sua dor. Estava desolado, angustiado. Quando seu próprio pai morrera, sentira uma espécie de culpa mesclada a uma dor profunda. Mas nada igual ao sofrimento que experimentava agora.

Zacarias preencheria um vazio em sua vida, um vazio que não sabia existir até o momento em que fora ocupado por afeição, respeito, segurança emocional. Embora fosse homem feito quando conhecera o capitão, aquecera-se ao calor de sua amizade, confiança, amor paterno.

No corredor, encontrou John James com o rosto banhado em lágrimas.

— Falhei, Jake. O capitão salvou minha vida e eu não fui capaz de salvar a

dele.

— Não foi culpa sua, John James. Não foi culpa de ninguém. Chegou a hora do capitão e ele estava pronto para partir. Ninguém poderia salvá-lo. Você o ajudou durante muitos anos. Tenho certeza de que o capitão era grato por isso. O nativo fitou-o com olhos ansiosos.

— Agora, você é o capitão. E eu trabalharei para você como trabalhei para o capitão Joy. Tenho um braço forte e vista boa. Serei seu arpoador e farei preces aos deuses por sua segurança.

Jake estava espantado, não só pela percepção de que poderia ser o capitão mas também pela proposta de John James. Ia dizer que não era necessário, mas um súbito impulso o fez responder:

— Obrigado. Eu me sinto mais seguro com você a meu lado.

Quando John James ergueu as duas mãos, num gesto de saudação, Jake soube que havia dito as palavras certas. Também ele dependera inteiramente de Zacarias. O capitão dera um propósito, um objetivo à sua vida. A dedicação que lhe oferecia agora era mais do que uma promessa de lealdade. Era uma transferência de dependência.

Ficou extremamente sensibilizado e retribuiu a saudação, aceitando a nova responsabilidade.

Permaneceram um dia inteiro com as velas erguidas, enquanto a tripulação terminava de extrair o azeite das baleias e o armazenava nos porões. Terminado o árduo trabalho, limpo o convés, as velas foram novamente desfraldadas e o Jessel Maid afastou-se das águas sangrentas, coalhadas de tubarões, tomando o rumo do Equador, onde Zacarias seria sepultado.

Horas depois, Jake, com voz grave, mas firme, lia uma passagem da Bíblia e finalizava a cerimônia, dizendo: "Senhor, ele era um homem bom e justo. Tenha piedade de sua alma". Zac e John James inclinaram a prancha, e o corpo do capitão, envolto numa vela, deslizou para o mar.

A tripulação dispersou-se em silêncio e Jake aproximou-se do amigo, oprimido por um triste sentimento de resignação.

— Sei que é uma hora imprópria para falar de assuntos profissionais, Zac, mas é necessário. Um navio baleeiro é como uma pequena cidade, não pode parar de funcionar até chegar ao ponto de partida. E, exatamente como uma cidade, precisa de comando.

Os claros olhos cinzentos de Zac voltaram-se para os dele, surpresos.

— A nave tem comando. Não é você o capitão? Falta apenas escolher o quarto imediato.

— Não se esqueça de que é o novo proprietário do Jessel Maid. Tem o direito de assumir o comando e de escolher seus próprios oficiais. Essa é uma decisão que você mesmo deve tomar. A resposta de Zac foi categórica:

— Não, Jake. Papai achava que você tinha mais capacidade do que eu para levar o Jessel Maid ao porto. Foi por esse motivo que o nomeou seu primeiro imediato. Você é mais velho e mais experiente, os homens o admiram e o respeitam. Eu gostaria que você fosse o capitão.

Ele fez uma pausa longa, antes de acrescentar:

— Não seria justo que fosse de outra maneira.

— E Jessel? — perguntou Jake, com uma naturalidade que estava longe de sentir. — Ela tem sua parte. Você tem que pensar nos interesses dela.

Pela primeira vez em dois dias, a sombra de um sorriso cruzou o rosto de Zac.

— Acho que você é o mais indicado também para essa tarefa.

Depois dessa breve conversa, os dois debruçaram-se na animada, cada qual imerso em seus próprios pensamentos. Para Jake, era uma revelação. Ele fizera-se ao mar para escapar dos deveres, para poder viver sem cuidados, sem prestar contas a ninguém. E, de repente, via-se responsável não apenas por um navio de quatrocentas

toneladas e uma tripulação de trinta e três homens, mas também por uma família.

A morte de Zacarias iria imprimir uma nova direção a sua vida. Seria seu dever guiar Zac até que ele atingisse a idade madura e providenciar uma âncora, quando ele desfraldasse suas velas e seguisse seu próprio curso. E também amparar tia Judith e Jessel.

Seu corpo reagiu como sempre, ao pensar nela. Imagens do rosto exótico e do corpo escultural vieram-lhe à mente. Ansiava por tomá-la nos braços, acariciá-la, protegê-la, dar-lhe conforto, prazer e amor. Como Zac insinuara, com sua intuição de irmão, era um compromisso que havia assumido antes de deixar Nantucket.

Estranhamente, essa nova responsabilidade não lhe pesava sobre os ombros. Dava-lhe satisfação saber-se necessário, apreciado, admirado, algo que nunca sentira quando ficara à testa dos negócios de seu pai.

"Obrigado, Zacarias. Você era um homem sábio. Legou seus tesouros a sua família, mas legou sua família a mim. E esse é o único tesouro que eu quero."

CAPÍTULO X

Nantucket Março 1843

O Irmão fechou a Bíblia que tinha nas mãos e afastou-se. Pouco depois, o pequeno grupo de quakers, reunido em torno da sepultura fresca, acompanhou-o.

— Espero que tudo tenha sido como ela desejava — disse Jessel. — Tenho certeza de que foi. — Lágrimas de simpatia brilharam nos olhos ternos de Harriet. — Estarei esperando por você em sua casa.

Imersa em pensamentos; Jessel simplesmente anuiu. Enquanto apertava o manto de lã em volta do corpo para proteger-se do vento cortante de março, tornou a olhar para a sepultura. Ainda não lhe parecia possível que tia Judith tivesse morrido. Tudo acontecera com uma rapidez tão absurda! O frio que apanhara ao voltar para casa, após a reunião no templo da irmandade, transformara-se numa tosse persistente, acompanhada, num segundo tempo, por febre altíssima. E, agora, ela jazia para toda a eternidade numa cova aberta em grama ceifada, entre túmulos batidos pela intempérie. Em sua memória, via-a como na primeira vez, com o olhar de uma menina de nove anos agarrada à mão do pai. Tia Judith examinara-a de alto a baixo e registrara sua desaprovação com um menear de cabeça. Ela erguera o queixo, desafiadora, e devolvera seu olhar avaliador.

A partir desse instante, começara uma batalha de vontades, um contínuo confronto que era, quase sempre, um alarde de obstinação, embora, às vezes, culminasse em acaloradas discussões.

Mas, em geral, tia e sobrinha empenhavam-se em compromissos tácitos, preferindo isso a uma rendição a que nenhuma das duas jamais se curvaria. Até a última disputa que haviam tido, a respeito de Obed, terminara num empate, quando Jessel explicara a tia Judith que Harriet estava secretamente enamorada de Obed e que, meiga e paciente como era, daria uma esposa melhor do que ela. Tia Judith aceitara sua explicação com um comentário simples: — Acho que tem razão. Você tornaria impossível a vida daquele pobre homem.

Agora que a pequena casa do alto da colina estava silenciosa e vazia, percebia quanto a velha senhora significava para ela. Apesar do orgulho e do desejo de independência, apoiara-se sempre na invencível força de caráter da tia para sustentar seu próprio dor e sua ousadia.

Reconhecia agora que a coragem de tia Judith e sua inabalável fé na vida, fortemente amparada pela religião, haviam sido sempre uma inspiração, e não, como supusera, um obstáculo. Com a incomparável sagacidade que herdara dos mercadores ianques e a espantosa tolerância que adquirira dos quakers, ela representara a

essência daquela linda ilha beijada pelo vento.

Jessel suspirou fundo e afastou-se da sepultura. Não sentia uma dor prostrante nem abatimento, mas uma calma determinação. Era como se o espírito de tia Judith a estivesse animando, transmitindo-lhe força e coragem.

Invadida por uma paz que havia muito não sentia, encaminhou-se para a casa onde, a partir desse dia, moraria sozinha.

— Oh, querida, você deve estar gelada!

A voz cheia de preocupação de Harriet recebeu-a à porta da sala. Só então se lembrou de que a amiga estava à sua espera.

— Tem razão — disse, sentando-se e estendendo as mãos roxas para o fogo da lareira. — Não notei que fazia tanto frio.

Harriet sentou-se a seu lado.

— Você não se emenda, Jessel. Vive com a cabeça nas nuvens! Quando cheguei, a lareira estava apagada e a porta da cozinha aberta. Sei que está muito perturbada, mas isso não é razão para não se cuidar. Veja: seus sapatos estão encharcados!

Ela tomou as mãos geladas de Jessel entre as suas e continuou:

— Desculpe minha severidade, mas você me preocupa. Especialmente agora que está sozinha. Ficaria mais tranqüila se viesse morar, comigo.

Jessel voltou-se vivamente para ela.

— Oh! Não. É impossível! Agradeço seu convite, mas não posso abandonar esta casa. Preciso estar aqui quando papai e Zac voltarem.

Harriet apertou-lhe as mãos com força.

— Não tenha tanta certeza, querida. Não devia tocar no assunto num momento destes, mas é voz corrente na cidade que o Jessel Maid está perdido. Até papai se esquivava quando lhe faço perguntas.

— O navio está com um atraso de apenas cinco meses. Não é tanto tempo assim.

— Mas ninguém o avistou ou ouviu falar dele desde que deixou a América do Sul, três anos atrás. E isso não é comum, como você sabe.

Jessel estava ainda impregnada da calma e da coragem que encontrara junto ao túmulo de tia Judith e não se desesperou.

— Não sei quem deu início a esses boatos nem por que todos parecem convencidos de que o Jessel Maid desapareceu. Até Sarah desistiu de esperar Zac. A última vez em que fui à casa dela, encontrei-a no meio de uma roda de rapazes, parecendo particularmente entusiasmada por um deles, Barzillai Cartwright.

— Barzillai Cartwright?

— Não se lembra dele, Harriet? É aquele sujeito de bochechas vermelhas que fez duas viagens ao Pacífico e depois desistiu da vida do mar. Seu pai é fabricante de velas para navios...

O tom de voz de Jessel tornou-se levemente desdenhoso, à medida que ela descrevia o rival de Zac. Embora estivesse intimamente satisfeita de que a delicada beldade loira tivesse perdido o interesse por seu irmão, essa deslealdade a indignava.

Harriet ficou mais tranqüila ao ver de volta seu habitual espírito cáustico, mas ainda receava que ela não quisesse encarar os fatos de frente.

— Deve preparar-se para todas as eventualidades, Jessel.

— Não estou fugindo da realidade, se é isso o que receia. Jessel fixou os olhos na lareira durante um instante. Depois ergueu-os de novo para a amiga.

— Não descarto a hipótese de que o Jessel Maid tenha naufragado ou esteja dismantelado. Mas tenho certeza de que Zac ainda está vivo. Eu sentiria se algo lhe tivesse acontecido. Pode parecer loucura, mas foi sempre assim, desde que éramos crianças. Um de nós sempre sentia quando o outro se machucava ou não estava bem.

Um sorriso curvou seus lábios, enquanto ela evocava épocas mais felizes.

— Não, Harriet. Mil milhas de oceano não poderiam me impedir de sentir, se

algo tivesse acontecido a Zac. Sei que ele está bem. E papai também.

— E Jake? — perguntou Harriet, com interesse. A resposta de Jessel foi um sussurro:

— Jake também está bem.

Depois de um momento de reflexão, Harriet aceitou seu argumento.

— Está certo. Mas ainda acho que devia morar em minha casa. Sua família iria preferir que você não ficasse sozinha.

— Não me importo com o que eles pensam — replicou Jessel, num súbito acesso de fúria. — Se não quisessem me ver sozinha, não teriam me deixado aqui! Harriet mudou de tática:

— Não haverá ninguém aqui para conversar com você. Como vai preencher suas horas?

Jessel deu uma risadinha.

— Quanto a isso, não se preocupe. Vou procurar um emprego. A amiga fitou-a sem compreender.

— Quê?

— Preciso ganhar dinheiro, Harriet. Estou quase sem dinheiro.

— Oh, Jessel...

— Papai gastou a maior parte de suas economias para comprar e reformar o Jessel Maid. Tia Judith e eu sempre soubemos que teríamos de enfrentar um período difícil até que ele voltasse com um bom carregamento.

— Mais um motivo para você ir morar conosco! — argumentou a amiga. — Que tipo de emprego você poderia arrumar?

— Ainda não sei. Mas não vou ficar de braços cruzados. Vou dar uma olhada nos anúncios do Inquirer.

— Por favor, Jessel! Não queira enfrentar uma situação destas sozinha. Seria loucura!

Jessel permaneceu em silêncio. Sabia que os motivos de Harriet eram nobres e generosos. A própria idéia de morar na casa dela era tentadora. Mas não podia aceitar o convite. Seu orgulho e sua sede de independência não o permitiam.

— Não precisa se preocupar, querida amiga — disse, por fim. — Prometo que vou fechar a porta da cozinha, acender a lareira e olhar onde piso!

Na manhã seguinte, o teor da conversa que Benjamin Swain teve com Jessel foi basicamente o mesmo. Mas, apesar da insistência dele, manteve-se inflexível. Não tinha a menor intenção de mudar-se para a Gardner Street. Embora precária, a situação atual não a desagradava de todo. Era um desafio para seu espírito, um teste para sua autonomia. Pela primeira vez na vida, sentia-se livre, com total controle sobre seu futuro.

Reconhecendo a impossibilidade de convencê-la, Benjamin tentou outro caminho.

— Um empréstimo, então. Aceite-o até a volta do Jessel Maid. Não tolero a idéia de que você seja obrigada a procurar um emprego.

— Agradeço-lhe, Sr. Swain, mas, se for verdade que papai teve problemas com o Maid, como andam dizendo, seria imprudência de minha parte contrair uma dívida. Como iria pagá-la?

— Minha querida jovem, quero ajudá-la de algum modo! Caso contrário, como vai se arrumar?

Jessel sentiu uma pontada de remorso, além de uma vaga sensação de estar sendo insensata. Mas manteve sua posição.

— Sei que está querendo me ajudar, Sr. Swain, e lhe agradeço de todo o coração. Mas não sou mais uma criança, tenho de resolver meus próprios problemas. Há um anúncio aqui no Inquirer... — Ela desdobrou o jornal. — Vê? Estão precisando de pessoal na fábrica de sedas Atlantic. Vou responder pessoalmente ao anúncio.

Benjamin cocou pensativamente o queixo.

— A fábrica de seda? Investi algum dinheiro nela. Parecia uma coisa impressionante quando Gamalich Gay nos mostrou as máquinas de tecer fios de seda que inventou. Agora, tenho minhas dúvidas.

— Pensei que fosse bom para Nantucket.

— É verdade que precisamos diversificar a economia da ilha, mas duvido do êxito de uma fábrica que depende do cultivo de amoreiras para funcionar. Amoreiras!... Para mim, parece coisa de criança. Os botânicos dizem que o clima de Nantucket é ideal para o desenvolvimento do bicho-da-seda. Eu acho que, se o clima fosse tão bom assim, o Senhor já teria dotado nossa ilha de amoreiras.

Entusiasmado com as próprias análises sobre a incipiente indústria de seda, Benjamin continuou:

— George Easton formou um bosque com mil amoreiras no fundo de sua casa, na North Water Street. Aaron Mitchell plantou mais de quatro mil em sua propriedade, além de injetar uma boa soma na companhia.

Ele sacudiu a cabeça, desanimado, e então lembrou-se do objetivo da conversa.

— Bem... Nada disso tem muita importância para você. Mas lembre-se — acrescentou bondosamente —, é um emprego miserável. O salário é baixo e o local de trabalho muito barulhento. Chega a ser infernal, com o vapor das máquinas envolvendo tudo. Você não vai agüentar aquilo por muito tempo.

As palavras de Benjamin foram proféticas. Jessel não teve problemas em conseguir o emprego, que consistia em vigiar uma máquina de fiar com a capacidade de enrolar delicados fios de seda em quinhentos carretéis. Mas o salário de aprendiz era insignificante, mal valia o esforço de sair de casa.

Benjamin também não exagerara quanto ao ruído infernal das máquinas: Jessel quase não ouviu a voz do superior quando ele lhe disse, aos berros, que devia apresentar-se ao trabalho às sete em ponto, no dia seguinte. .

Seu entusiasmo diminuiu sensivelmente, mas, com a determinação ainda intacta, na manhã seguinte levantou-se bem-disposta. Porém, desde o momento em que pôs os pés no chão, o dia foi um desastre. Acostumada, desde criança, a firmar-se no convés ondulante de um navio e a subir agilmente pelos mastros, jamais tropeçara num degrau. Até aquele dia.

Ao colocar o pé no último lance, girando simultaneamente o corpo para fechar o último botão do corpete do vestido, pisou em falso e caiu sentada, batendo com o cotovelo na beirada do degrau. No primeiro momento, ficou imóvel, demasiado surpresa para sentir qualquer dor. Quando o choque passou, apoiou-se na parede e procurou levantar-se, sustentando o braço ao peito.

Ao chegar na cozinha, passou por nova provação. Ou porque o braço estivesse rígido, ou talvez porque fosse seu dia de azar, ao abrir o fogão para jogar mais um pouco de cavaco às chamas, a porta escapou-lhe da mão e prendeu-lhe o pulso.

— Com os diabos! — explodiu, enquanto caía sentada na cadeira mais próxima.

Quando examinou o pulso, vermelho e dolorido, as lágrimas afloraram-lhe aos olhos. Sem conseguir controlar-se, pôs-se a chorar como uma criança, percebendo então quanta falta fazia tia Judith.

Ao pensar nela, sua resolução firmou-se. Banhou o pulso em água fria e aprontou-se para sair. Estava demasiado nervosa para tomar a refeição matinal ou preparar o lanche. Chegou à fábrica de seda com o pulso enfaixado e o estômago vazio. Decididamente, um mau começo para seu primeiro dia de trabalho.

Tornou-se pior com o passar das horas. O ruído dos teares e o chiado do vapor, que lhe pareceram ensurdecadores no dia anterior, agora eram quase insuportáveis. Como se isso não bastasse, os quinhentos delicados fios de seda corriam diante dela com tal velocidade que era quase impossível acompanhá-los com os olhos.

No final da tarde, estava física e emocionalmente exausta. Ao sair do recinto, o supervisor chamou-a:

— Srta. Joy...

— Sim, senhor.

— Seria melhor que procurasse um tipo de emprego mais adequado às suas qualificações.

Jessel apenas assentiu, acabrunhada demais para reclamar o pagamento de seu único dia de trabalho. Exatamente como Benjamin Swain predissera.

Voltou a passos lentos para casa. Era quase noite quando abriu o portão do jardim e encaminhou-se para a porta dos fundos. Quando entrou na cozinha e viu Harriet sentada à mesa, tendo ao lado um cesto cheio de iguarias, seus olhos encheram-se novamente de lágrimas.

— Querida... — disse a amiga, levantando-se impetuosamente. — Foi tão ruim assim?

Jessel deixou-se cair numa cadeira, aniquilada.

— Foi horrível!

Harriet abriu o cesto, de onde evolava um delicioso aroma de canela.

— Não diga nada antes de comer alguma coisa. Você está muito pálida. Aposto como não está se alimentando bem. Veja: mamãe fez pudim de pão com passas e rum. Isto vai lhe erguer o ânimo. Coma, ainda está quente.

Jessel olhou para o pudim e sua boca encheu-se de água.

— Você é um anjo, Harriet.

Ela acabava de mergulhar a colher na tentadora iguaria quando bateram à porta.

— Quem pode ser? — murmurou, fazendo menção de levantar-se.

Harriet antecipou-se.

— Fique onde está. Vou ver quem é.

Jessel tornou a sentar-se. Enquanto saboreava o pudim, a voz hesitante de Obed chegou até ela, do corredor:

— Harriet... Não esperava encontrá-la aqui. Eu... eu quero falar com Jessel.

— Ela está na cozinha — foi a resposta calma de, Harriet. — Não quer entrar?

Jessel fechou os olhos, pedindo a Deus que lhe desse paciência. Quando tornou a abri-los, viu Obed parado diante dela.

— Olá, Obed.

— Olá, Jessel.

— Você quer falar comigo?

— Bem... Eu... — murmurou o rapaz, embaraçado.

Sentindo a irritação crescer-lhe dentro do peito, ela esqueceu as boas maneiras.

— Parece que o ouvi dizer que queria falar comigo.

— Sim... É verdade.

Harriet, muito pálida, levantou-se e apanhou a capa.

— Está ficando tarde, é melhor eu ir embora.

— Não vá! — pediu-lhe Jessel, e depois voltou-se para Obed. — Então, o que tem a me dizer?

— Bem... Eu queria saber como você estava passando. Toda a frustração de Jessel transbordou num jorro de palavras duras.

— Você veio aqui só para saber como estou? — gritou ela, pondo-se de pé. — Isso é tudo o que tem a me dizer?

Obed recuou, diante de sua fúria.

— Não, Jessel. Agora que sua tia morreu e que você está só no mundo, eu...

Ele interrompeu-se, embaraçado, e ela completou:

— Agora que tia Judith morreu e que estou só no mundo, tenho de tratar de minha vida! Não tenho mais tempo para conversas fiadas nem para adivinhar o que se

passa em sua mente. Se você veio aqui para me dizer alguma coisa, então diga e depois vá para casa.

Um silêncio tumular seguiu-se a essa inesperada explosão. Obed parecia perplexo, e em seus olhos havia um ar de mágoa e desapontamento. Jessel esperou ainda um segundo. Por fim, cansada, levantou-se e foi para a sala, fechando a porta atrás de si com expressiva frieza.

Ali, pôs-se a andar de um lado para o outro como uma fera enjaulada. Esperava que Harriet a seguisse e lhe dissesse palavras confortadoras, que acalmassem seus nervos tensos e o coração oprimido. Mas a porta permaneceu fechada.

Através dela, podia ouvir um suave murmúrio de vozes. Não era justo! Harriet devia estar ali a seu lado, e não oferecendo conforto a Obed. Finalmente, a porta da frente abriu-se e fechou-se e, pouco depois, a amiga entrou na sala. Seu rosto, geralmente pálido, estava corado, quase bonito. Jessel notou-o, mas preferiu dizer, com um tremor nos lábios:

— Pensei que tivesse esquecido que eu existo!

Harriet mostrou-lhe um semblante em que se lia reprovação.

— Não precisava ser tão agressiva. Pobre Obed...! Depois suspirou fundo e tomou-a pelo braço.

— Vamos comer alguma coisa. Mais tarde eu a ajudarei a deitar-se. Vai ver como as coisas parecerão melhores depois de uma boa noite de sono.

Eram as palavras de conforto que Jessel esperava ouvir. Mas a referência a Obed avivou sua raiva.

— Não quero que me ponha no ninho, não sou um de seus pássaros de asa partida. Guarde esses cuidados para o "pobre" Obed...!

Harriet manifestou apenas uma ligeira e triste surpresa. Então, sem proferir palavra, voltou para a cozinha, vestiu sua capa e saiu, fechando suavemente a porta atrás de si.

— Não queria ofendê-la, Harriet — murmurou Jessel, a cólera subitamente esvaída. — Sinto muito...

Essas foram as primeiras palavras que pronunciou, na manhã , seguinte, na espaçosa sala de visitas dos Swain. Na véspera, depois que sua amiga saíra, forçara-se a comer alguma coisa e então fora direto para a cama. O sono viera rápido, profundo e sem sonhos. Acordara mais descansada, com uma nova disposição, mas cheia de remorsos.

— Pode me perdoar, Harriet? — tornou. — Tia Judith costumava dizer que meus acessos de cólera são como os tufões dos Mares do Sul: repentinos e destruidores.

Harriet sorriu, pondo-a imediatamente à vontade.

— Sei que você não pretendia ofender ninguém. Já está tudo esquecido. — Ela bateu no sofá. — Sente-se aqui, a meu lado, e conte tudo o que aconteceu. Depois, vou lhe oferecer uma boa xícara de chocolate e convencê-la a vir morar conosco.

— Agradeço seu convite, mas não consigo entender por que você faz questão de minha companhia — suspirou Jessel. Ia sentar-se quando o som da aldrava ecoando no silêncio da casa a fez correr para a janela. — É Obed Hussey! Está com seu melhor terno e com uma caixa na mão: devem ser bombons!

Harriet enrubesceu.

— Oh... sim.

— Acho que minha história pode esperar até amanhã. Vou sair pela porta dos fundos.

A amiga olhou-a distraidamente e fez que sim com a cabeça.

Jessel riu e plantou-lhe um beijo na testa. Sentia-se em paz com a vida, enquanto atravessava o quintal dos Swain e saía na Main Street. Estava contente por Obed ter revertido seu interesse para Harriet. Parecia que, afinal, as coisas estavam

dando certo...

Suspirou fundo e começou a pensar em sua própria situação. Quase aceitara o convite de Harriet e alegrava-se de que Obed tivesse chegado antes que se compromettesse definitivamente. Sentia uma nova disposição, queria escolher seu próprio caminho. Não era certo que todos os empregos devessem ser tão ruins quanto o da fábrica de seda. Com tempo e paciência, acharia algo conveniente.

Animada, dirigiu-se para o Centre Street, onde havia uma série de lojas pertencentes, em sua maioria, a mulheres cujos maridos estavam ao mar. Mulheres corajosas e eficientes, que tinham aprendido a conviver com a solidão.

Nas primeiras três lojas, as proprietárias compadeceram-se de sua situação, mas nenhuma delas teve condições de lhe oferecer um emprego. A quarta era da Sra. Eulália Mitchell, uma mulher vigorosa e rude, com um rosto de falcão, que não demonstrou nem compaixão nem simpatia. Seus olhos pequenos, de um azul aguado, examinaram-na de alto a baixo, avaliando-a e fazendo-a sentir-se quase em pânico sob seu escrutínio enervante.

Por fim, parecendo convencida de que Jessel não representaria nenhuma ameaça à reputação de sua loja, anunciou:

— Sim, há uma vaga. Elizabeth, minha balconista, vai se casar no mês que vem. Ela poderá orientá-la, enquanto estiver aqui, mas nesse período você receberá apenas metade do salário.

Eulália Mitchell esperou que Jessel assentisse e então continuou:

— Deverá começar às oito em ponto. Não tolero atrasos. Terá uma folga de meia hora para o almoço, que deverá trazer de casa e comer aqui. Sou muito ciosa da reputação de minha loja. Pessoas jovens e sozinhas têm uma incrível facilidade para extraviar-se.

Jessel encheu-se de espanto. Era uma afronta à sua independência! Permanecer sob a vigilância daquela mulher era quase pior do que trabalhar na fábrica de seda! De repente, uma visão do rosto sábio de tia Judith passou-lhe pela mente. Quase pôde ouvi-la dizer: "Você tem muito que aprender sobre a vida, Jessel".

"É a minha primeira lição", pensou então.

— Não precisa se preocupar comigo, Sra. Mitchell. Aceito suas condições. Posso começar amanhã?

A mulher estudou-a ainda uma vez, antes de assentir.

— Pode. Amanhã às oito em ponto.

No final de seu primeiro dia de trabalho no Empório Mitchell, Jessel estava exausta. No final do primeiro mês, detestava cabalmente o emprego. Quando não estava atendendo aos clientes, varria o chão, tirava o pó das prateleiras, arrumava latas de chá do Oriente, caixas de especiarias das índias Holandesas, sacos de açúcar de New Orleans e Havana, rolos de calicó, algodão egípcio, cassa suíça, seda francesa, jarras de nozes inglesas, pacotes de café de Porto Rico, garrafas de elixir, barras de sabão aromático. Ajeitava sombrinhas, cães de lareira, lanternas, botões e louça de barro. Um estoque variado, que incluía uma caixa de jóias contendo relógios de prata, peças de marfim, pentes de madrepérola, colares de coral, broches de filigrana e pendentes de pérolas.

Embora sentisse prazer em classificar e inventariar essa incrível variedade de mercadorias, detestava a impressão de sentir-se permanentemente vigiada. Não era só a Sra. Mitchell a observá-la atentamente, lançando um olhar crítico a seu trabalho, mas também Elizabeth, a jovem cujo posto ia assumir.

Além disso, havia a sufocante sensação de confinamento. Não era desagradável permanecer dentro da loja durante os dias úmidos e cinzentos de março. Mas, no princípio de abril, com a brisa cálida e o sol de primavera a brilhar lá fora, sentia-se uma virtual prisioneira.

Ali não havia trégua silenciosa nem acordo tácito, como houvera com tia Judith. Não podia apressar suas tarefas e depois desaparecer nas charnecas,

respirando o ar puro e exercitando suas longas pernas. Estava capturada em armadilha numa longa e estreita loja de Centre Street, tirando pó, varrendo, sujeitando-se a um exame rigoroso. Ao anoitecer, quando voltava para casa, indagava-se, ironicamente, se valia a pena ser independente.

Apesar desses inconvenientes e do fato de a Sra. Mitchell recusar-se a reconhecer sua contribuição ao bom andamento da loja, encontrava satisfação em examinar catálogos e listas de ordens, e falar com os capitães dos paquetes encarregados das compras. Sonhava, um dia, ter seu próprio negócio, ir a Boston e a Nova York, explorar o mundo para adquirir jogos de chá chineses, tapetes turcos, vinhos franceses e mármore italianos. Às vezes, ria desses sonhos, mas sua secreta ambição permanecia.

Junto com os sonhos, vinham as recordações do dia que passara na praia de Miacomet, quando confessara esse desejo a Jake. Voltava então a experimentar a sensação da areia quente sob seus pés nus, a sentir o doce aroma das rosas silvestres e o odor salgado da maresia. Revia o corpo vigoroso de Jake estendido junto ao dela, como sol a brilhar na argola de ouro em sua orelha e a se refletir em seus profundos olhos azuis.

Lutava contra essas lembranças com empenho. Mas era uma batalha perdida: as memórias se multiplicavam, em vez de se desvanecerem. Viu-o nu, deitado na cama de relva macia, as pálpebras pesadas de desejo, ou abraçado a ela, a boca úmida e quente cobrindo a sua. Ouvia-lhe o riso cheio ou as palavras emocionadas:

"Fomos feitos um para o outro. Nada poderá nos separar. Nossas almas estão unidas para sempre".

Na maioria das vezes, no entanto, apenas tirava o pó das prateleiras, pesava pacotes de chá ou media jardas de tecido. Ao chegar em casa, à noite, estava tão cansada que só conseguia engolir alguns bocados de comida e preparar-se para o dia seguinte.

Aos domingos, seu único dia de folga, após lavar a roupa e limpar a casa, fazia passeios solitários pelas charnecas, ou errava pelos caminhos pedregosos, onde as urtigas cresciam aos pés dos muros, pelos pequenos bosques e campos.

Via Harriet apenas quando ela passava pela loja para fazer algumas compras. Recusava sempre educadamente seus convites para jantar, porque sabia que encontraria Obed na casa da Gardner Street e não queria ser demais.

A não ser pelos momentos em que estava alegremente absorvida no exame das novas aquisições da loja, ou quando as lembranças de Jake lhe enchiam o coração, sentia-se inerte e sozinha. No seu íntimo, havia ainda a leve esperança de que o Jessel Maid voltaria de sua longa viagem, trazendo Zac e seu pai com os bolsos cheios de dinheiro para resgatá-la daquela jaula de calicó.

Enquanto eles não vinham, tinha a impressão de estar suspensa no limbo. A vida passava sem ela.

CAPÍTULO XI

Sul do Pacífico Junho 1844

Debruçado à amurada, Jake esquadrihava o horizonte com a luneta. Pela primeira vez, não estava à procura de baleias, mas da costa baixa de Rarua, a ilha nativa de John James. Dentro de poucas horas lançariam âncora nas águas profundas e protegidas da baía e seriam festivamente recebidos pelos nativos.

Seus homens precisavam sentir terra firme sob os pés, banhar-se em águas claras e doces, comer alimentos frescos e esquecer, por algum tempo, a vida escravizante do mar nos braços cálidos e convidativos das wahines.

— Baleia! Baleia à vista! — O grito de alerta chegou do alto do mastro de

proa. — Está soprando a dois graus a bombordo!

Jake conservou-se um instante imóvel e depois, com uma volta brusca, ergueu a luneta na direção indicada. Um único gêiser elevava-se contra o céu luminosamente azul.

— Estou vendo um jorro só. E você?

Ele virou a cabeça e deparou com Zac, que acabava de aparecer no convés.

— É uma baleia solitária — confirmou passando a luneta às mãos do amigo. — Um cachalote macho, a julgar pelo tamanho.

— Tem razão — disse Zac, com a luneta enfocada na imensa corcova cinzenta que flutuava à flor da água. Um bando de pássaros marinhos revoava a seu redor, com um agitado ruflar de asas brancas, mergulhando às vezes para bicar seu dorso grosso e enrugado.

Ele baixou a luneta e olhou para Jake, que estava com a fisionomia impassível, sem demonstrar nenhum entusiasmo.

— Pode nos dar noventa barris de azeite...

— Sim, pode — foi a resposta lacônica que ouviu.

— É uma presa fácil. Ela está doente ou morrendo — continuou, hesitante. — E isso é sinal de âmbar gris...

Zac referia-se à substância amarelo-acinzentada que se encontrava, ocasionalmente, nos intestinos das baleias doentes. Malcheirosa no momento da extração, modificava-se quando exposta ao ar e ao sol. Purificado dos ossos de silva e das penas dos calamares, moluscos que constituíam o alimento do leviatã, o âmbar gris tornava-se um ingrediente precioso para a fabricação dos mais finos perfumes. Uma boa quantidade dele significava uma bolsa cheia de moedas de ouro.

Jake suspirou e afastou da mente a visão do assado de javali que seria saboreado na praia, à claridade das fogueiras.

— É o que pensei também. É uma oportunidade rara, não pode ser desperdiçada — admitiu já resignado. — Desceremos apenas dois botes ao mar. Não vamos precisar de outros para apanhar um único cachalote!

— Não se fie muito nisso — retrucou Zac com um sorriso.

Deram-se tapinhas amistosos nas costas, animados por um sentimento de amizade fraterna, e então puseram-se a dar ordens à pouco entusiasmada tripulação. Ambos sabiam que era uma proeza caçar um animal de sessenta e cinco pés de comprimento num bote de apenas vinte e cinco. Mas estavam eufóricos ao baixarem ao mar.

Momentos depois, quando, após uma corrida veloz, mas curta, o gigante rendeu-se, seu entusiasmo redobrou. A caçada não lhes tomara muito tempo e aumentaria consideravelmente o estoque dos porões. Finalmente, haviam ajustado contas com a fortuna adversa e seu cortejo de males.

A tripulação pareceu compartilhar do mesmo entusiasmo. Os homens apressaram seu ritmo de trabalho, ansiosos por verem o azeite armazenado abaixo do convés e desembarcarem finalmente em Rarua.

A enorme carcaça já estava desembaraçada de sua camada de gordura quando a voz de Zac elevou-se acima do vozerio da tripulação.

— Furacão! Vem vindo na nossa direção!

Ao grito, que desencadeou um urro de estupor e pânico de todas as gargantas, Jake pôs de lado sua afiada espada e ergueu os olhos. Uma cortina de nuvens ameaçadoras lançava uma sombra incisiva e negra sobre o oceano.

— Com os diabos! — mastigou entre dentes. — Era sorte demais!

Ainda não havia se recobrado do choque e o vento começou a soprar tempestuosamente, em rajadas coléricas.

— Mexam-se! — ordenou. — Parem de olhar para o céu! Nunca viram um furacão antes? Levem essas tiras de "manta" para a câmara de espermacete. Cortem a cabeça da fera e joguem fora a carcaça. Não temos mais tempo para explorar os

intestinos. Movam-se! Antes que esse horror nos alcance!

Os homens redobram os esforços, mas não foi suficiente. Ainda não haviam terminado de decapitar a baleia e já o mar e o céu confundiam-se num abismo único de escuridão. O vento soprava com redobrado furor, encrespando as águas, erguendo e baixando a proa entre nuvens de espuma. O velho navio estremeceu de ponta a ponta e enfrentou o vento com galhardia. Mas a uma rajada mais forte e sob o peso da enorme carcaça inclinou-se tanto para o lado que seus revestimentos de cobre roçaram a superfície marinha.

— Cortem as amarras! — gritou Jake acima do ulular do vento, enquanto corria para tirar o leme de seu confuso e assustado cabineiro.

Sob seu pulso firme, a velha baleeira endireitou-se. Mas, antes que ele pudesse soltar um suspiro de alívio, um estrondo preocupante fez seu coração gelar. Soube no mesmo instante o que havia acontecido: submetido a forte tensão, o mastro grande rompera-se. Quase ao mesmo tempo, a cabeça ensangüentada da baleia, de vinte pés de largura, acabou de se desprender e, rodopiando loucamente por entre as emaranhadas adriças do mastro quebrado, foi bater na amurada com um ribombar de trovão.

— Cortem os cabos! Cortem os cabos! — urrou Jake, esforçando-se para controlar o timão.

A seu grito de alerta, Zac e John James, lutando para manter o equilíbrio no convés molhado e pegajoso, cortaram as grossas cordas de um só golpe. Em questão de minutos, o corpo branco do cachalote, esfolado e sem cabeça, foi lançado pela popa.

Quando Jake conseguiu levar o navio para longe das águas sangrentas, sulcadas e revolvidas pelos insaciáveis tubarões, a tempestade já havia diminuído de intensidade.

— Zac, desça e verifique se há avarias — chamou então de seu posto. — E, se for necessário, ponha alguns homens nas bombas. Samuel, livre o convés dessa confusão de cabos. Graças a Deus, estamos a um tiro de pistola de um porto amigo!

Ao descer ao andar inferior, acompanhado de John James, um triste espetáculo aguardava Zac: a água filtrava-se pela câmara de espermacete, atingindo as tiras de mantas, a única coisa que restara do enorme cachalote. No porão da proa, a situação era ainda pior. Um buraco abria-se abaixo da linha de flutuação, permitindo que as águas verdes do mar de Rarua entrassem aos borbotões.

— Pobre velho Maid... — suspirou, vadeando através da água espumosa para examinar as pranchas danificadas. — Sofreu grandes perdas desta vez.

— Temos de acionar as bombas imediatamente — disse John James, virando-se para providenciar os homens e os equipamentos necessários.

Ele ia pôr o pé no primeiro degrau quando, com o canto dos olhos, viu um tonel cheio de azeite destacar-se dos outros com o ímpeto de uma onda e vir rolando na direção de Zac. Antes que pudesse correr em seu auxílio, o enorme vasilhame já o prensava contra a borda falsa.

Nesse instante, o Jessel Maid galgou a crista da onda e o tonel rolou para trás, deixando que Zac resvalasse, inconsciente, para o fundo chato da embarcação.

— Zac... Zac! — gritou, em pânico, lançando-se sobre o rapaz e erguendo-o em seus braços musculosos antes que a água o cobrisse. — Zac...

Quando John James emergiu no convés com seu despojo, Jake empalideceu, fulminado por um terrível pressentimento.

— Permita Deus que ele não esteja morto... Depois em voz alta, ordenou:

— Samuel! Venha pegar este maldito leme!

O segundo imediato agarrou a roda no exato instante em que John James depunha Zac, quase com reverência, sobre as pranchas da ponte. A tempestade cessara finalmente de reboar sobre o Jessel Maid e um raio de sol perpassava por entre as nuvens cinzentas. À fraca claridade, ele parecia uma estátua de mármore, a

despeito da tez bronzeada. Os cabelos negros, molhados de chuva, estavam emplastrados sobre a testa alta e a escura franja dos cílios tocava-lhe as faces.

Jake ajoelhou-se a seu lado, pensando que nunca, como naquele instante, Zac se parecera tanto com sua irmã gêmea. E a dor que sentiu foi tão aguda como uma punhalada.

— Foi horrível... — lamentou-se John James. — Com a força da água, o tonel flutuou e prensou Zac contra a parede do porão.

Ele apontou para o peito do jovem, arfando tão levemente que, à primeira vista, era quase impossível distinguir essa leve palpitação de vida.

— Sim, deve ter sido horrível!

— Quando chegarmos a Rarua — tornou o nativo — podemos consultar um homem sábio, que fala com os espíritos e sabe preparar poções. Talvez ele possa cuidar de Zac.

— É isso que vamos fazer: levá-lo a seu feiticeiro!

Jake pôs-se de pé e perscrutou o convés à procura de Henry Easton, irmão mais moço de Samuel e seu quarto imediato.

— Henry! Reúna alguns homens e desça ao porão da proa. Ponha dois homens à bomba e trabalhem rápido.

Depois, ele voltou a ajoelhar-se ao lado de Zac e, com um movimento vagaroso e delicado, passou-lhe o braço sob o pescoço, murmurando:

— Vamos, irmãozinho... Acorde e diga que tudo não passou de um susto...

O tempo lhes foi favorável. Vento e maré ajudaram o Jessel Maid e, antes do pôr-do-sol, impelido pela brisa do mar que enfunava seus farrapos de vela, ele aportava na baía de Rarua. Canoas com lindas moças sorridentes, de sarongues estampados e flores espetadas atrás da orelha, e outras com rapazes esbeltos e bronzeados vieram a seu encontro. John James, dividido entre a ansiedade pelo estado de Zac e a excitação de estar de volta ao lar, permanecia na balaustrada, ora falando com parentes e amigos, ora lançando olhares preocupados por cima do ombro.

Jake observava a cena com crescente impaciência. Só serenou quando o nativo apontou para um homem de aparência imponente, sentado numa grande canoa, e anunciou:

— Meu tio. É o chefe em Rarua e está disposto a acolher Zac em sua casa.

— Está bem. Vamos deitá-lo num bote de bombordo. Nós o acompanharemos em outro.

Jake voltou-se para Samuel Easton, seu homem de confiança, e ordenou:

— Samuel, deixe só os dois homens às bombas. Creio que não haverá problemas em manter o navio flutuando nessas águas tão calmas. Depois, armem os fogões. Ninguém desembarcará até que o azeite esteja estocado no porão. — Seus penetrantes olhos azuis percorreram o convés de ponta a ponta. — Entendidos?

— Perfeitamente, senhor — disse o imediato.

Quando os dois botes chegaram à praia, John James ergueu Zac nos braços e o carregou por uma trilha marginada de palmeiras que conduzia à aldeia. Diante de uma cabana avarandada, maior do que as outras, parou um instante e depois entrou.

— Meu tio chegará logo — disse, enquanto depositava Zac numa das muitas esteiras que forravam o chão de tábuas. — Foi buscar o homem sábio que fala com os deuses.

Jake aceitou sua explicação sem comentário. Ele próprio estava falando silenciosamente com Deus, implorando, como nunca fizera antes, que preservasse a vida de Zac. Mas duvidava que sua prece fosse ouvida. Só esperava que o sábio tivesse um relacionamento melhor com seus deuses.

Finalmente, o homem chegou. Trazia consigo uma bolsa feita de palha de palmeira, da qual, antes mesmo de examinar Zac, extraiu uma variedade de pequenas esculturas de madeira, que colocou aos pés da esteira. Feito isto, acocorou-

se, as mãos sobre os joelhos e a cabeça baixa, olhando para Zac através dos cabelos grisalhos que lhe tombavam sobre os olhos. Em silêncio, ficou ouvindo as explicações de John James.

Jake estava imerso em pensamentos. Pela centésima vez, desde que o acidente ocorrera, perguntou-se por que enviara o amigo ao porão. Mas, no fundo, sabia que era uma infantilidade. Zac era o proprietário do navio e seu primeiro imediato. Quem, melhor do que ele, para verificar as avarias e avaliar a situação?

Suas tristes conjecturas foram interrompidas por John James.

— Veja, Jake. O homem sábio está falando com os deuses. Talvez eles queiram um porco, ou um cachorro...

— Está querendo dizer que seu feiticeiro vai fazer um sacrifício? O nativo ergueu os cenhos, intrigado.

— Sacrifício... O que é isso?

— É matar um ser vivo para ganhar o favor dos deuses. Ou para pagar alguma coisa que eles já lhe deram.

— Então foi culpa minha! — queixou-se John James. — O pobre Zac sacrificou-se por mim!

— Que diabo está querendo dizer?

— Foi há dezesseis anos... Eu estava caçando um delfim, sozinho, quando uma tempestade igual a desta manhã destruiu minha canoa. Fiquei agarrado aos destroços durante umas dez, talvez doze horas. Foi então que o capitão Zacarias apareceu com seu navio e me recolheu a bordo. Os deuses foram muito bons. Salvaram minha vida. Agora, em troca, querem levar a de Zac.

Um arrepio de mau agouro correu pela espinha de Jake.

— É um absurdo! Foi um acidente estúpido! Ninguém tem culpa de nada.

— Acha mesmo?

— Naturalmente!

John James permaneceu largo tempo em silêncio. Depois olhou-o com uma expressão de culpa.

— Não se importa se, mais tarde, eu for me encontrar com meu tio e meus amigos?

— Claro que não!

Anoitecia quando os dois nativos saíram da cabana. O ar refrescara. Os pombos arruinavam nos pombais suspensos aos tetos, as primeiras rãs começavam a coaxar e, acima das vozes intermitentes dos grilos, chegava o rufar distante dos tambores, celebrando a volta de John James.

Jake sentou-se numa esteira, aos pés do enfermo, atento a qualquer sinal que indicasse seu retorno à consciência, e preparou-se para a longa noite de vigília. Aos primeiros clarões do amanhecer, que tingiam de rosa o horizonte, viu que uma estranha coloração avermelhada substituíra a intensa palidez de Zac. Colocou a mão em sua testa e percebeu que ele ardia em febre.

A seu toque, as pálpebras do ferido palpitararam e ele abriu os olhos lentamente. O olhar foi a princípio vago e distante. Depois clareou e tornou-se mais firme.

— Ah... é você, Jake.

Ele sentiu um arrepio de horror, mas tentou responder com naturalidade.

— Sim, sou eu.

— Onde estou?

— Na casa de John James, em Rarua. Mas não fale. Você precisa descansar.

Os lábios de Zac se arquearam, numa imitação de sorriso. Suas pálpebras fecharam-se novamente e ele mergulhou num sono inquieto. Durante as primeiras horas, não parou de falar baixinho, proferindo palavras sem nexos, gemendo e cuspidando uma baba sanguinolenta.

Jake refrescava-lhe a testa com compressas de água fria e limpava-lhe os

lábios dominados pela terrível certeza de que nenhuma mágica do feiticeiro faria qualquer diferença.

O sol já ia alto no céu quando as ruas da aldeia começaram a encher-se de animação. John James chegou logo depois, trazendo um balaio de frutas.

— Desculpe, Jake... — murmurou, constrangido. — Muitos cumprimentos ontem à noite. E Zac? Ele não parece nada bem...

— Zac está muito mal.

— Você também não está com boa aparência. Aposto como passou a noite em claro.

John tirou um abacaxi da cesta, descascou-o e o passou a Jake.

— Coma. Vai lhe fazer bem. Jake aceitou-o com relutância. Dois dias antes, sua boca teria se enchido de água à idéia de comer uma fruta tão sumarenta. Mas, agora, mastigava os bocados distraidamente, sem sentir nenhum gosto.

— Que é que eu posso fazer por você? — perguntou-lhe o nativo, balançando-se nos calcanhares.

— Não sei.

— Talvez haja algum remédio em sua arca. Quer que eu vá buscá-la?

Jake sacudiu a cabeça.

— Não há nada na arca, a não ser xaropes e ungüentos.

— Que vamos fazer, então?

— Esperar e rezar.

Sua resposta pareceu decepcionar John James e ele penalizou-se.

— Mas você me faria um grande favor se fosse ao Maid e verificasse como vai indo o trabalho de bombeamento.

— Farei isso, Jake.

Quando ele saiu, Jake inclinou-se para Zac, desesperado.

— Vamos, meu amigo... melhore!

Era quase meio-dia quando Zac voltou a abrir os olhos. A febre não baixara, mas ele parecia consciente.

— Jake? — chamou.

— Estou aqui, Zac.

— Acho que não verei mais Nantucket. Lágrimas brotaram dos olhos de Jake.

— Você está navegando por águas perigosas, cheias de escolhos, meu amigo.

— Diga... a Sarah para não me esperar mais. Ela deve casar-se com outro e ser feliz. Diga-lhe isso, Jake.

— Eu direi, Zac. Fique tranquilo.

Houve um minuto de silêncio, e depois Zac tornou a falar.

— Jessel... Não, não é necessário que lhe diga nada. Ela já sabe. Ele arquejou, em busca de ar.

— Tome conta dela, Jake... Ela precisa de você.

— Não se preocupe. Tomarei conta dela para sempre. Prometo.

Um sorriso de felicidade, inocente e pueril, entreabriu os lábios de Zac. Um ligeiro tremor percorreu-lhe os músculos e sua cabeça pendeu frouxamente para o lado.

"Está morto", pensou Jake, aturdido, sentindo a vida esvaír da mão que retinha entre as suas. "Acabou-se."

Jessel sentou-se na cama, gritando. As imagens do pesadelo ainda estavam vividas em sua memória. Sonhara que uma baleia enraivecida avançara para o Jessel Maid com uma velocidade fulminante, e o espadanar de suas poderosas barbatanas atingira Zac, arremessando-o para fora do convés. Ele largara a balaustrada traçando grandes gestos no ar e caíra nas águas vermelhas de sangue, com gritos agudos ressoando prolongadamente no mar.

Ela deixou-se cair sobre os travesseiros soluçando com desespero. Esse sonho era o sinal que, inconscientemente, estivera esperando. Zac estava morto.

CAPÍTULO XII

Nantucket Junho 1844

— Meia libra de sultaninas, querida — pediu a Sra. Coleman, aproximando-se do balcão.

Jessel alcançou o pote de uvas passas sufocando um suspiro de resignação. A Sra. Coleman era uma incorrigível tagarela. Iria inundá-la com sua torrente de loquacidade pelo tempo em que permanecesse na loja.

— Não as de cima, querida — avisou a mulher, quando ela enfiou a colher de cobre no vidro. — São muito secas. O Sra. Coleman prefere as mais úmidas. Já Elspeth, minha filha mais moça, gosta delas mais enxutas. Mas eu tenho de agradar ao pai. Quando ela tiver sua própria casa, poderá fazer seus bolos como bem desejar.

— Essas uvas são muito boas, Sra. Coleman. São de uma remessa que acabamos de receber da Espanha.

— Tenho certeza disso, minha querida — tornou a mulher, enfiando um punhado de sultaninas na boca. — Minha filha mais velha, Abigail...

A preferência de Abigail em matéria de frutas secas foi abafada pelo alegre repicar dos sinos e pelos ruídos excitados que chegavam da rua. Jessel sentiu um baque no peito: navio na barra! Apesar do autocontrole que se impusera, a esperança cresceu em seu coração. Tinha vontade de pôr o pote de lado e correr para o porto, ansiosa para dar as boas-vindas a seu pai e a seu irmão.

Então lembrou-se do sonho que tivera, e com ele o pressentimento de que Zac nunca mais voltaria para casa. Nunca mais o veria subir a rua com a arca nos ombros e um sorriso alegre estampado no rosto bonito.

A dor que a sufocara naquela manhã voltou com redobrada violência. Zac estava morto, pressentia ela. Fora-se, como sua mãe e tia Judith, e jazia em águas profundas, repousando para sempre numa sepultura sem nome. O mar o reclamara, como devia ter reclamado o Jessel Maid, o lar de sua infância, e seu pai.

A esperança apagou-se. O repicar dos sinos, anunciando alegremente a volta de um navio baleeiro, não significava nada para ela.

Sua eterna espera estava encerrada: sua família e seu navio faziam parte de uma existência já transcorrida.

Sob o desamparo de uma forte emoção, voltou às uvas sultaninas. Com dedos entorpecidos, enrolou o papel castanho em forma de cone, encheu-o com as frutas já pesadas e entregou-o à Sra. Coleman, anuindo distraidamente, enquanto ela desfiava suas histórias. Depois, permaneceu imóvel, as lágrimas presas em seu peito ameaçando explodir em soluços a qualquer instante.

A Sra. Mitchell observava-a de longe. Ia chamar-lhe a atenção, mas ao ver seu ar melancólico, conteve-se. Era esposa e mãe de baleeiros e a compreendia.

— É triste ouvir os sinos darem as boas-vindas a um navio que chega, quando o nosso está em atraso...

Jessel levantou os olhos, surpresa, mas não disse nada.

— O navio de meu marido já chegou a ficar catorze meses em atraso — tornou a Sra. Mitchell, com seu modo brusco de exprimir compaixão. — Mas ele voltou com um bom lucro. Meu filho Daniel não teve a mesma sorte: uma baleia virou seu bote e ele morreu afogado.

Jessel estava assombrada, não só pelas revelações como também pela calma com que ela contava a perda do filho. Não seria capaz de falar com tanta naturalidade de Zac ou seu pai.

— A senhora não ficou triste?

A Sra. Mitchell olhou-a pensativamente.

— Naturalmente que sim. Mas a vida continua.

Quando Jessel saiu da loja, a tarde ainda mostrava sua amplidão dourada,

embora a luz fosse menos intensa e o azul do céu mais profundo. Ao chegar na Centre Street, parou na esquina e, instintivamente, olhou para o cais. As velas de uma chata acenaram-lhe de longe. Resoluta, virou o rosto para o outro lado, na direção de sua pequena casa no alto da colina.

"A vida continua...", dissera a Sra. Mitchell. Era tempo de tomar conhecimento dessa verdade e aceitá-la. Era tempo de esquecer suas loucas visões de um futuro brilhante e reconciliar-se com a realidade de sua existência, resignar-se com o fato de que nem seu pai nem Zac viriam resgatá-la. E, acima de tudo, tempo de não alimentar mais esperanças a respeito de Jake. Vivo ou morto, ele a deixara. Estava sozinha, abandonada num mundo hostil.

"A vida continua..." Jessel afastou-se dali sem olhar para trás. Tinha dado já dez passos, e então girou bruscamente nos calcanhares e pôs-se a caminhar, apressada, para o porto. Quando conseguiu abrir caminho por entre a multidão que atravancava o passeio de madeira, a chata acabava de atracar e um homem alto e forte, de cabelos escuros e expressão severa estava subindo os degraus de pedra do molhe. Não o conhecia. Seu desapontamento foi tão agudo que teve vontade de chorar.

— Que navio é esse que acaba de chegar? — perguntou a um garoto que passava.

Ele pareceu surpreso de ver uma mulher ali, mas respondeu com orgulho:

— É o Sally Ann. Esteve fora durante três anos e meio e voltou com dois mil e setecentos tonéis de espermacete. Esse homem alto é o capitão.

— Obrigada.

Esperou pacientemente até que a multidão que rodeava o capitão em busca de notícias do Pacífico fosse atendida, e então adiantou-se, cheia de uma esperança insensata.

— Pode me informar se encontrou o Jessel Maid durante sua viagem? — perguntou com voz trêmula.

Demorou alguns segundos para que Shubael se recuperasse da surpresa de ver uma jovem desacompanhada ali no porto. Curioso, observou-a com atenção. Achou-a realmente bonita mas muito triste.

— Não, senhorita. Não avistamos nenhum navio com esse nome — respondeu-lhe, sinceramente pesaroso.

Ia fazer-lhe perguntas sobre a data da partida do Maid, ou o seu destino, apenas para retê-la mais alguns instantes. Mas viu-a tão prostrada, tão acabrunhada, que não se atreveu a dizer mais nada.

O sol de verão aquecia brandamente os ombros de Shubael, produzindo-lhe um cálido e delicioso bem-estar, enquanto ele caminhava pelas charnecas com a túnica debaixo do braço. Era domingo, ou o "Primeiro Dia", como o chamavam os quakers, mas fora-lhe impossível permanecer na sala de visitas de sua mãe, a ouvir seu rosário de queixas.

A austeridade e a melancolia que pairavam naquela sala, onde não havia nenhuma intimidade, nenhum calor,, formavam um insuportável contraste com as imagens sensuais de Amedée, que turbilhonavam por sua mente. Saíra, com a esperança de encontrar algum alívio para sua tensão numa longa caminhada pelas ruas calmas e pelos becos da cidade e depois nas charnecas verdes perfumadas com o aroma das rosas silvestres.

Os nobres motivos que o tinham levado a deixar La Digue para sempre careciam de importância ali em Nantucket. Verdade que a dívida de seu pai, embora substancialmente reduzida, ainda existia, como também a ambição de tornar-se um homem bem-sucedido. Mas não eram motivos tão essenciais a sua vida como haviam sido outrora.

A única coisa que continuava a ter importância era Amedée: seu amor por ela atingira uma intensidade que poderia mudar de forma, mas jamais desaparecer...

Shubael parou de repente e sacudiu a cabeça para desanuviá-la, mas um cantar saudoso persistiu. Por um minuto pensou que estivesse ficando louco, ou sob o efeito de uma alucinação. Então percebeu que, embora a melodia parecesse com aquelas que ouvira nas Seychelles, não era cantada em creole mas em francês.

Intrigado, seguiu na direção do canto até achar sua fonte. Ficou surpreso ao encontrar a jovem quaker que estivera no porto apanhando morangos silvestres. Nesse dia, no entanto, ela não parecia tão formal. Estava descalça, de cabeça descoberta, com os cabelos desmanchados pela brisa e aureoladas pelo sol. Trazia as mangas do vestido cinzento arregaçadas e a barra da saia amarrada à cintura, o que lhe expunha as pernas esbeltas e brancas como porcelanas.

Mas esse desmazelo não lhe pareceu inconveniente. Talvez devido a seus gestos graciosos, enquanto apanhava os morangos sem notar que estava sendo observada, ou ao timbre tristonho que emprestava à voz, ao cantar a balada francesa. Ou porque, de algum modo, ela lhe lembrasse Amedée...

De novo Shubael sacudiu a cabeça, dessa vez para negar que pudesse haver alguma semelhança entre as duas. Essa jovem de Nantucket era mais alta, de olhos cinzentos orlados de cílios negros, as faces bem contornadas coloridas por um delicado tom rosa. Não havia nada que a fizesse assemelhar-se a sua bela das Seychelles. E, no entanto...

Shubael avançou, movido pela curiosidade. Não havia dado mais que alguns passos quando ela o pressentiu:

— Oh! É o senhor... — balbuciou, ao erguer os olhos.

— Sim, sou eu — disse ele, saboreando, sem querer, o encantamento daquele encontro quase íntimo com uma quase desconhecida.

Estudaram-se mutuamente por um momento. Então, ela afrouxou o nó da saia, deixando-a cair até os pés. A inocência desse gesto o fez sorrir. Mas ela, incerta sobre o que fazer, deu-lhe as costas e tornou a apanhar morangos.

Jessel sentia-se mais solitária do que nunca, nesse dia. A chegada do Sally Ann em lugar do Maid havia, de certo modo, confirmado a sensação de que Zac estava morto e o navio perdido. Sentia-se abandonada: pelo destino, por sua família e por Jake. Contemplava um futuro de solidão total diante de si quando o capitão do Sally Ann aparecera por detrás das moitas.

Pensara o que ele poderia estar fazendo ali, em mangas de camisa, com a túnica debaixo do braço. Essa descontração lembrara-lhe seu próprio desmazelo e afrouxara incontinenti o nó da saia. Ele sorria e ela surpreendeu-se com a mudança que se operava nele: parecia mais jovem e muito atraente. Não soube como reagir a essa repentina simpatia e recomeçou a apanhar morangos.

Shubael observou-a por alguns minutos sem saber que atitude tomar, mas decidido a ficar junto dela. Pensou numa dúzia de frases corteses, porém todas lhe pareceram incoerentes com a situação. Então, jogou a túnica sobre a relva e pôs-se também a apanhar morangos.

Jessel não sabia por que esse misterioso capitão a ajudava. Passado o primeiro instante de perplexidade, porém, começou a sentir-se bem ao lado dele. Quando o cesto ficou cheio, sentaram-se no alto de uma pequena colina para contemplar o pôr-do-sol. Além do juncal que rodeava o lago, os penhascos e o pequeno bosque de pinheiros, onde se deitara nua ao lado de Jake, refulgia como ouro puro.

— Sabia que a cidade que deu origem a Nantucket surgiu aqui? — disse, para afastar da mente as imagens perturbadoras. — Chamava-se Sherbourne.

— Sim, sabia. — Shubael apontou para uma depressão no solo: — Ali estão os alicerces das primeiras casas. Quando a cidade mudou-se para beira-mar, seus moradores carregaram tudo consigo, menos os alicerces.

Ele abanou a cabeça e sorriu.

— Os nantuckenses sempre foram muito econômicos. Jessel voltou-se para

ele, admirada com o tom jovial de sua voz.

Quando o vira no porto, vestido de flanela azul, ele lhe parecera altivo e muito distante, o tipo acabado do correto capitão quaker. Agora, sua impressão era outra.

— Se morasse aqui nessa época, teria levado sua casa para junto do mar? Shubael esticou as longas pernas e apoiou o corpo nos cotovelos, deixando que o sol lhe banhasse o rosto.

— Talvez não. Gosto deste sossego.

— Eu também não — confessou Jessel. — Há gente demais na cidade. Nove mil habitantes, segundo o último censo, sem contar a população flutuante, todos amontoados uns sobre os outros como mexilhões numa rocha!

— Se estivessem espalhados por aí, como poderiam falar da vida alheia?

Ela lhe deu um olhar de soslaio. Também pensava assim, mas, nesse momento, sentiu-se no dever de defender o povo de sua cidade adotiva.

— O vento sopra dos dois lados. Não se esqueça de que eles estão sempre prontos para se ajudar uns aos outros.

Shubael, no temor de desagradá-la, viu-se concordando com ela.

— Tem razão. Os nantuckenses são uma só família.

Permaneceram por alguns minutos em confortável silêncio, vendo o sol desaparecer rapidamente atrás do bosque. Era a ilusão de uma calma, a irrealdade suspensa entre o dia e a noite.

— Se a cidade não tivesse mudado para beira-mar, os nantuckenses estariam ainda se dedicando à criação de ovelhas. Ninguém pensaria em fazer-se ao mar para pescar baleias — observou Jessel, pensativa.

— Não sei... Eles sempre gostaram do mar. Foi por isso que se mudaram para o litoral.

— Você parece saber muita coisa a respeito deles!

Shubael sorriu encantadoramente. Como sempre, o sorriso operou sua mágica, tornando-o dez anos mais moço.

— Nasci e me criei aqui. E você? Nenhuma senhorita quaker que canta baladas tristes em francês pode ter nascido nesta ilha.

— Sou nantuckense apenas por parte de pai. Vim para cá com nove anos de idade.

— Foi a outra metade que lhe ensinou a cantar baladas francesas?

— Sim, foi minha mãe. Ela era francesa. Papai conheceu-a na praia e casou-se com ela quatro anos depois. Meu irmão e eu nascemos em Le Havre.

— Temos de agradecer a Deus que os homens de Nantucket tenham se dedicado à pesca das baleias. Caso contrário, você não estaria aqui, colhendo morangos.

Ela riu, percebendo subitamente que era a primeira vez, nos últimos meses, que sentia vontade de rir.

— E você? Onde estaria se não houvesse baleeiros em Nantucket?

Ele fitou-a. A luz era-lhe indulgente: ela estava linda, banhada naquela leve claridade crepuscular. Teve de fazer um esforço para responder com naturalidade:

— É difícil dizer onde eu poderia estar. Acredito que em Ohio, como tantos outros nantuckenses que não se fizeram ao mar. — Ele fez uma pausa. — E seu pai? Era ele que a preocupava, quando me pediu notícias do Jessel Maid?

O sorriso congelou-se nos lábios de Jessel.

— Meu pai é o proprietário e também o capitão do Jessel Maid. Meu irmão está com ele...

Ela interrompeu-se e demorou antes de completar:

— O navio está com quinze meses de atraso. Shubael ficou sério.

— Quinze meses não é tanto tempo assim. Vários motivos podem ter causado o atraso: seu pai pode ter decidido fazer mais uma temporada para encher os porões, ou parar em algum porto para reparos.

— Quinze meses não é muito para quem está a bordo, mas é uma eternidade para quem está em terra, esperando.

Ele viu sua expressão de sofrimento e, pela primeira vez, pensou que Amedée devia estar passando pela mesma provação.

— É uma profissão miserável — murmurou, roído pelo remorso.

— Nesse caso, por que se dedica a ela? — perguntou Jessel, com calor.

"Por quê", pensou Shubael, lutando para encontrar um motivo sério ou reencontrar a certeza com a qual tomava suas decisões. Não encontrou nem uma nem outra. Sabia apenas que era seu dever.

— Não sei... Acho que não gostaria de trabalhar no campo. Jessel sentiu a raiva evaporar-se. Não podia censurá-lo. Talvez por seu sorriso desarmante, ou porque o capitão do Sally Ann parecia mais uma vítima das baleias. Como ela. O fato era que ambos deviam sua sobrevivência e essa atividade que possibilitava a iluminação das cidades civilizadas do mundo, mas nenhum dos dois queria aceitá-la.

Permaneceram um longo momento em silêncio. Quando o derradeiro raio de sol lançou um esplendor cor-de-rosa e lavanda sobre o céu crepuscular, Jessel levantou-se e alisou a saia.

— É tarde. Preciso voltar para casa. Shubael levantou-se também.

— Terei muito prazer em acompanhá-la. Posso levar o cesto de morangos?

Por um breve instante, permaneceram frente a frente, as mãos quase se tocando. Então, perturbada, Jessel deu um passo para trás.

— Não quero que se atrase por minha causa.

Uma vez mais, o sorriso jovial iluminou o rosto de Shubael.

— Estaria me prestando um favor. Passei uma tarde muito agradável em sua companhia e gostaria de prolongá-la.

Fascinada por seu sorriso, Jessel concordou.

— Como quiser.

Falaram muito pouco durante o longo percurso de volta, preferindo apreciar a deliciosa frescura do ar e o esplendor do céu. Ao chegarem ao portão do jardim, Jessel tomou a cesta das mãos dele, mas não se moveu. Estranhamente, também ela não queria que o passeio terminasse ali.

— Preparei um bom ensopado de carneiro e posso fazer biscoitos ou pão para acompanhá-lo — disse timidamente. — Não quer ficar para o jantar?

— Com prazer — foi a pronta resposta do capitão. — Sou Shubael Brown. E você?

Jessel sorriu pela segunda vez.

— Muito prazer, Shubael Brown. Sou Jessel Joy, e, já que nos conhecemos, não precisamos fazer cerimônias. Vamos entrar pela cozinha?

Ao entrarem, ela avivou imediatamente o fogo. Assim que as chamas envolveram os cavacos, ergueu a tampa da panela e um aroma bom de rosmaninho encheu a cozinha.

— Deve estar no ponto — disse, virando-se para Shubael. E, vendo-o ainda parado no limiar, com ar desconcertado, perguntou: — Que foi?

— E sua família...?

Jessel compreendeu imediatamente o que o perturbava e disse:

— Minha mãe morreu quando eu tinha nove anos. E minha tia-avó, com quem eu vivia, no ano passado. Moro aqui sozinha. Não se sente à vontade para ficar para o jantar?

Ele olhou-a com perturbadora intensidade.

— Gostaria muito de ficar. Você é uma pessoa notável, Jessel Joy.

Confusa, ela corou, e debruçou-se sobre o fogão.

— Então sente-se. Vou preparar os biscoitos — disse-lhe por cima do ombro.

Shubael sentou-se na cadeira mais próxima e observou-a trabalhar. Sua segurança, os gestos calmos comunicavam-lhe uma sensação de calor e paz,

despertando-lhe, ainda indistinta e confusa, uma espécie de ternura.

Apesar da novidade da situação, também Jessel sentia-se bem ao lado dele: o capitão soubera inspirar-lhe confiança. Além do mais, era gratificante preparar o jantar para alguém que iria apreciá-lo.

O ensopado estava macio e saboroso, e os biscoitos, leves e crocantes. Comeram em silêncio, mas com bom apetite. Quando a leve claridade crepuscular morreu, Jessel acendeu as velas.

— Gostaria de tomar uma xícara de chá? — perguntou, mas ele sacudiu a cabeça.

— Não, obrigado. Estou bem satisfeito. O jantar estava excelente.

Por alguma razão desconhecida, suas palavras amáveis e seu tom brando emocionaram-na. Para ocultar a perturbação, levantou-se e começou a tirar a mesa. Enquanto colocava a louça na pia, ouviu-o aproximar-se. Ficou imóvel, sentindo uma vontade quase incontrolável de que ele a tocasse. Fechou os olhos e esperou, cada nervo de seu corpo vivo e alerta.

Quando dedos longos e sensíveis deslizaram por seus cabelos e pela curva de sua nuca, um arrepio percorreu-a da cabeça aos pés. Virou-se para ele e ergueu instintivamente o rosto, à espera do contato que a incendiaria de desejo. Ele a tomou nos braços e lhe despertou a consciência da força viril, do calor animal de seu corpo e de seus próprios seios, rijos e sensíveis, comprimidos contra o peito largo.

Mas quando ele a beijou, o desejo esvaiu-se inteiramente dos nervos, não era Jake. Deixou os braços tombarem ao longo do corpo e virou o rosto, agradecida por ele não insistir.

Shubael não estava embaraçado nem envergonhado pela resistência que encontrava, apenas triste. Por um momento, pensara que Amedée pudesse materializar-se na mulher que tinha nos braços, ou que Jessel pudesse dar-lhe a paz que precisava para sobreviver ao desmoronamento de seu sonho. Mas estava enganado.

— Acho melhor eu ir embora — disse, trêmulo do esforço que fazia sobre si mesmo.

Jessel não procurou retê-lo.

— Sim, é tarde.

— Agradeço-lhe pelo jantar e pela tarde agradável.

— Foi uma tarde muito agradável também para mim.

— Gostaria de vê-la novamente. — Ele falava mais por cortesia do que por entusiasmo.

— Trabalho no empório da Sra. Mitchell a semana inteira. Não tenho nenhum dia livre, a não ser os domingos.

— Compreendo. No próximo domingo, então?

— Quem sabe... — disse ela, já indiferente.

Na semana seguinte seguiram seus próprios caminhos. Enquanto Jessel servia os clientes da loja, Shubael tratava dos detalhes finais de sua próxima viagem. Aquele breve instante de deslumbramento, de atração mútua, não fora suficiente para libertá-los de seus sonhos impossíveis. Pelo contrário, reavivara a chama que jazia, latente, no fundo de seus corações.

No fim de semana, porém, a monotonia de suas vidas solitárias os fez lembrar do prazer que sentiram nas horas que haviam passado juntos. No domingo, Jessel apressou a arrumação da casa, pensando se o capitão manteria sua promessa. Quando ele bateu à porta da cozinha, recebeu-o com um amplo sorriso de boas-vindas.

— Pensei que tivesse me esquecido.

— Não é fácil esquecê-la, Jessel Joy — retrucou ele com sinceridade. — Mas parece que cheguei no momento errado. Você ia sair. Quer que eu volte em outra hora?

— Absolutamente! Ia até o apiário de Abiah Macey para comprar um pote de mel. Mas posso deixar o passeio para outro dia.

Shubael apoiou-se no batente e sorriu.

— Abiah vende seu mel também na cidade. Não seria mais fácil comprá-lo aqui?

— Claro que seria mais fácil, mas eu não teria o pretexto para passear. Você aceitaria uma xícara de chá?

— Não agora, obrigado. Prefiro exercitar minhas pernas. Posso acompanhá-la?

Jessel correu para apanhar um pote vazio.

— Naturalmente. Detestaria passar uma tarde tão linda como esta entre quatro paredes.

— Estou começando a conhecê-la. Acho que você prefere enfrentar um tufão a ficar fechada em casa.

Jessel virou-se para encará-lo, antes de fechar a porta da cozinha.

— Você me acha leviana? Ou tola?

— Nem uma coisa nem outra. E isso me deixa curioso. De onde tomou esse gosto pela vida ao ar livre? E essa ânsia de ser independente?

Ela sorriu e contou-lhe sobre sua infância nos campos da França, os anos a bordo do Jessel Maid e sua chegada a Nantucket, onde fora mal recebida pelas meninas de sua idade.

— Mas é absurdo! Rejeitá-la só porque você tinha um sotaque estranho e um corte de cabelo diferente! Acho que elas invejavam sua beleza e seus talentos.

— Era o que Harriet sempre me dizia.

— Harriet...?

— Harriet Swain, minha única amiga. É a pessoa mais bondosa que já conheci.

Shubael sorriu.

— Conheço Harriet. O pai dela é o proprietário do Sally Ann.

— Você trabalha para Benjamin Swain? — perguntou Jessel, surpresa. — Então deve conhecer bem Harriet. Ela não é um encanto?

— Sim, é. E tenho boas razões para afirmar que seu pai é igualmente bom e generoso.

Durante o percurso ao apiário de Abiah Macey, ele revelou-lhe as tristezas do passado, o fracasso que coroara todas as aventuras financeiras de seu pai, a dívida que assumira. Falou-lhe da mãe e, de seus sete irmãos. Na volta, com um pote de mel silvestre nas mãos, contou-lhe como era sua vida no mar e como passara de cabineiro a capitão.

Depois de um jantar composto de creme de ervilhas frescas e pão de milho com mel, continuaram a conversar sobre o mesmo assunto. Deixaram que seus sentimentos transbordassem como uma torrente e puseram a nu suas vidas. Ou quase. Jessel falou de Zac e do sonho que tivera, de seu pai, tia Judith e até de Obed, mas não tocou no nome de Jake.

Shubael, por sua vez, não proferiu uma só palavra sobre Amedée. Antes de ir embora, tomou as mãos dela entre as suas, atraiu-a para si e beijou-lhe o rosto de porcelana. "Por ora, é suficiente", pensou.

Nas semanas seguintes, as visitas de Shubael tornaram-se mais regulares. Ele jantava com Jessel duas ou três vezes por semana, além do domingo, chegando sempre com algumas provisões: uma barra de manteiga, um pedaço de queijo, uma cesta de batatas, fatias finas de bacon defumado. Sentia prazer em encher o pequeno armário de mantimentos, assim como sentia prazer em observá-la, enquanto ela preparava as refeições. Era quase como se aquela pequena casa e aquela linda mulher lhe pertencessem.

Não soube exatamente quando teve a idéia, nem por que ela lhe ocorreu, mas, subitamente, achou que devia pedi-la em casamento. Jessel não era Amedée e, se nunca lhe tornaria a vida deliciosa, pelo menos a faria mais fácil e até agradável.

"Pode dar certo", pensou.

Era uma união que satisfaria a ambos. Jessel, apesar de seus modos excêntricos, era uma quaker. Seria uma esposa respeitável, uma boa companheira para um homem bem-sucedido. Ela o prenderia, com seus sedutores olhos cinzentos, sua tez de porcelana, sua conversa cativante. E lhe tornaria a vida amável, diferente, colorida. Dizia consigo: "Sinto por ela uma estima profunda, que não se apagará nunca". Era verdade.

A verdade era também que um forte impulso o estimulava e que ele obedecia a forças obscuras de seu ser. Queria fazer por ela mais do que lhe oferecer um cesto de ostras ou um pote de creme fresco. Queria preencher o vazio de sua vida, abrandar sua solidão. Queria sustentá-la, dar-lhe a oportunidade de deixar aquela loja sombria, onde os raios de sol não penetravam. Ela era uma criatura das charnechas, do sol e do ar puro, e ele sentiria prazer em lhe proporcionar essa liberdade.

Amadureceu essa idéia em sua mente até estar bem decidido a conservar Jessel junto de si. Eram bons amigos e a estima profunda que sentia por ela supriria a falta de entusiasmo. O que ele não adivinhava, apesar das advertências das inquietações vagas, era que estava planejando um casamento sem amor.

Consideradas as vantagens e as conveniências, achou que as coisas deviam correr dentro dos rígidos padrões quakers antes do pedido formal, o decoro exigia que Jessel conhecesse sua mãe. Com essa finalidade, pediu a Prudence que escrevesse um bilhete convidando-a para jantar e o entregou pessoalmente.

Jessel ficou perplexa.

— Não entendo a razão desse convite. Shubael cruzou os braços sobre o peito.

— Gostaria muito que você conhecesse minha mãe. Não será uma visita agradável, porque ela tem uma visão muito estreita do mundo. Mas você me faria um favor se a aceitasse.

— Claro que aceitarei — disse Jessel, ainda intrigada. — E acho que não será uma visita tão desagradável quanto você diz.

Por volta das oito horas da noite de sábado, Jessel estava pronta a admitir que se enganara. Até o próprio Shubael parecia esmagado pela atmosfera opressiva que pairava na sala austera de sua mãe. Conservava-se num silêncio solene, e o sorriso que tornava seu rosto tão bonito para ela desaparecera, substituído pela expressão taciturna e severa que lhe entrevira um dia no porto.

Agora entendia seu desejo de ausentar-se, e mesmo assim impacientava-se ao vê-lo tão fechado no seu mundo interior, preocupando-se tão pouco com ela. Porém, lembrando-se de tudo o que tia Judith lhe ensinara, sentou-se com as costas eretas, os pés pousados no chão, as mãos cruzadas no colo, e falou em tom refinado e respeitoso.

O resultado dessa postura rígida e dessa tensão foi uma dor de cabeça que a acompanhou durante todo o tempo que durou o jantar. E quando Shubael, dando a visita por encerrada, levantou-se para levá-la para casa, respirou de alívio. Estava com os nervos à flor da pele.

Falaram muito pouco durante o percurso de volta. Mas, a um certo momento, o capitão parou para massagear-lhe a nuca, como se adivinhasse o que ela estava sentindo. Quando chegaram a sua casa, Jessel quis dar-lhe boa noite no portão, ansiando pelo conforto de seu colchão de penas, mas ele fez questão de entrar.

— Gostaria de tomar uma xícara de chá?

— Não, obrigado. Não vale a pena acender o fogo numa noite tão quente.

Shubael esperou até vê-la bem instalada no sofá e então sentou-se diante dela. Sabia que Jessel estava exausta, mas queria dar prosseguimento a seus planos antes que a coragem o abandonasse.

— Tenho algo a lhe dizer, Jessel.

— Pois diga — pediu ela, distraída, pensando apenas no momento de deslizar por entre os lençóis frescos de sua cama.

— Gostaria que se casasse comigo.

Os olhos de Jessel arredondaram-se de espanto.

— Que foi que você disse?

— Estou lhe pedindo que se case comigo. Qual é a sua resposta?

— Não posso — disse ela sem hesitar.

Foi a vez de Shubael surpreender-se. Convencera-se tanto das vantagens dessa união que não lhe passara pela cabeça que ela pudesse recusar sua proposta.

— Desculpe minha presunção, mas pensei que você tivesse algum afeto por mim.

— Oh, mas eu gosto muito de você!

— Então, por que recusa meu pedido de casamento? — Ele a olhou intensamente. — É por causa de minha mãe? Nesse caso, não precisa se preocupar. Não terá de suportá-la por muito tempo.

— Sua mãe é uma mulher difícil — admitiu Jessel. — Mas não é isso que me preocupa.

— O quê, então? Minha dívida? Achou que eu não estaria em condições de sustentá-la? Quanto a isso, fique tranqüila. Terei sempre o suficiente para lhe proporcionar conforto. Ainda serei rico um dia!

Ela ficou em silêncio e Shubael exasperou-se.

— Sinto que há alguma coisa que eu ignoro. Diga o que é, por favor!

Jessel abaixou lentamente a cabeça. Por que o recusava, afinal? Shubael seria uma boa solução para seus problemas. Poderia dar-lhe segurança e torná-la razoavelmente satisfeita. Não mentia quando dizia que gostava dele. Mas não o amava.

Voltou a erguer os olhos. O rosto de Shubael refletia desapontamento e mágoa. Inquietou-se com isso, mas sem pesar e sem amargura, com o pensamento longe.

— Você é um homem de muitas qualidades e eu fico honrada com seu pedido. Mas fiz uma promessa a mim mesma de nunca me casar com um baleeiro.

Shubael pensou ter uma percepção do que se passava com ela.

— Compreendo suas objeções. Ausências longas fazem mal tanto aos maridos quanto às esposas. Mas eu tive uma conversa com Benjamin Swain...

Ele alcançou a mão de Jessel e apertou-a entre as suas.

— Pedi-lhe que me desse o comando de um de seus navios menores, pensando numa viagem breve: Ilhas Ocidentais ou Brasil.

O que ele não revelou era que fizera o pedido para não sofrer a tentação de dobrar o cabo Horn e ficar mais perto de Amedée.

— Por sorte, Benjamin está acabando de equipar uma pequena escuna que comprou há cinco anos, a Justice. Vai mandá-la ao mar Antártico em busca de peles de foca e concordou em me dar o comando. Será uma viagem curta, coisa de um ano, no máximo. Quem sabe nove meses. Teremos de sair de lá antes de julho para não morrermos congelados.

Jessel puxou bruscamente a mão.

— Para mim, é muito tempo. Tempo demais. Não quero ficar em casa, esperando, sem saber se você está vivo ou morto, se sua escuna foi atingida por uma tempestade ou se bateu num iceberg. Não, Shubael. O homem que eu escolher para marido não vai me fazer sofrer tanto!

— Não está sendo razoável, Jessel. Perigos existem também em terra. Além disso, não há muitos modos de ganhar dinheiro por aqui. Você sabe que minha mãe depende de mim e que eu tenho de saldar minha dívida. Quer que eu ignore essas responsabilidades?

— Absolutamente. Não quero que mude sua vida, mas não espere que eu mude a minha.

Magoado, ele disse secamente:

— Como pode saber o que é melhor para você? O futuro é sempre desconhecido!

Jessel sentiu o rosto arder, e respondeu logo, com calor:

— Sei cuidar de mim mesma!

No silêncio que se seguiu, ela teve uma visão de Jake, sorrindo triunfalmente, e soube que jamais amaria outro homem, jamais poderia ser para outro o mesmo que fora para ele. Era uma punição. Sem força e sem coragem, virou a cabeça e pôs-se a fitar as sombras que se agrupavam nos cantos, longe da chama imóvel da vela.

Shubael compreendeu que era inútil insistir. Recuperou a noção das coisas, de que ela não poderia ser sua, e levantou-se com a pressa súbita de uma pessoa que se demorou demais.

— Tem razão. Você é uma mulher forte: saberá cuidar de si mesma. Por favor, esqueça meu pedido.

Ele voltou à casa da colina no dia seguinte. Prometera ajudar Jessel a colher frutos de roseira brava e quis manter a palavra dada. Mas, embora a tarde de fim de agosto estivesse linda e fresca, já cheirando a outono, nenhum dos dois pareceu notá-la.

Apanharam os sumarentos frutos alaranjados em virtual silêncio. Não foi, porém, o calmo e confortável silêncio que os envolvera no primeiro encontro. Sentiam obscuramente que, após os acontecimentos da véspera, não seria mais possível manterem uma relação de camaradagem. Viram-se pouco, nos dois meses seguintes. Mas, aos poucos, parte da tensão que se estabelecera entre ambos desapareceu.

Foi só após a partida de Shubael que Jessel percebeu como dependia da amizade dele, de sua simpatia. Nas primeiras semanas, ficou quase doida. De novo, não tinha ninguém com quem dividir seus problemas, ninguém que a fizesse sorrir, ninguém que se sentasse do outro lado da mesa e compartilhasse seu jantar.

Quase lamentou ter recusado sua proposta. A solidão pesava-lhe sobre os ombros como uma carga descomunal. E, embora a lógica lhe dissesse que o casamento com um homem sempre ausente era o mesmo que nada, pensava, às vezes, se as coisas entre eles não poderiam ter dado certo.

Mas era um questionamento inútil. Shubael partira, como seu pai e Zac. E Jake.

CAPÍTULO XIII

Rarua Outubro 1844

Jake agachou-se no porão principal do Jessel Maid, passou as mãos sobre a madeira do arcabouço e sorriu, satisfeito.

— Está como novo, Samuel. Até o velho Ezra Barnard, de Brant Point, não poderia ter feito melhor, considerando a madeira e as ferramentas de que dispúnhamos.

Samuel Easton inclinou-se por cima do ombro de seu capitão, e coçou o queixo, pensativo.

— Melhor, não, mas muito mais depressa...

Jake endireitou-se e deu-lhe um tapinha amistoso no ombro.

— É verdade. Mas esse calor infernal teria sugado as energias também do Ezra. Parece que estamos no interior de um vulcão, encalhados aqui na areia, sem o frescor do mar para nos aliviar. Seria impossível trabalhar mais do que poucas horas por dia.

Samuel umedeceu os lábios ressequidos.

— Ou mais do que poucos dias por semana. Jake riu.

— Vou incluir seu protesto no diário de bordo. Mas acho que não poderíamos

fazer diferentemente, sem ofender nossos anfitriões. Pertencem a uma raça festiva, estão sempre procurando uma boa desculpa para comer, beber e dançar. Perdi a conta de quantas vezes fomos os convidados de honra de suas festas.

— Onze! — lembrou-o Samuel, enfático.

— Bom, isso vai acabar. John James organizou uma festa para o reboque do navio, mas será a última. Logo estaremos flutuando de novo. E então voltaremos a matar baleias e a tomar água salobra. Vamos subir. É inútil ficarmos neste buraco do inferno quando as sombras das palmeiras nos esperam.

Enquanto galgavam a escada em caracol, Jake olhou de soslaio para o rosto de seu primeiro imediato, vermelho de calor e aflição. Suspirou e, mais uma vez, lamentou a morte de Zac. Sentia falta de seu bom humor, do sorriso bonito, da natureza calma. E também de seus comentários inteligentes, de seu amor pela vida, de sua camaradagem. Mas tinha que se conformar: ele partira para sempre.

Uma vez no convés, deixou Samuel, que ia compilar a lista de provisões com o cozinheiro, e transpôs a balaustrada, deslizando ao longo do costado para o baixo. Pôs-se a vadiá-lo, imerso em pensamentos.

Nos terríveis dias que se seguiram à tragédia, acusara-se por aquela morte, mas, aos poucos, sua objetividade vencera seu sentimento de culpa. Cessara de ser tão duro consigo mesmo, reconhecendo que o acidente que envolvera seu amigo fora um dos azares da pesca da baleia, um trabalho arriscado, que podia proporcionar tanto grandes lucros quanto perdas terríveis.

No que dizia respeito a Jessel, não precisava lembrar-se da promessa feita a Zac para pensar nela. Não passava sequer um dia em que não se recordasse da graça ousada com que ela se entregara a ele e não desejasse tê-la ali, a seu lado. Nem mesmo a lânguida vida na ilha, com suas morenas tropicais, pudera adoçar os tormentos dessa ausência.

Apesar disso, decidira fazer mais uma temporada ao sul do Pacífico antes de dobrar o cabo Horn e rumar para Nantucket. Não queria voltar para casa sem um bom carregamento. Não teria propósito atravessar o Great Round Shoal num navio desconjuntado a dizer a Jessel que seu pai e seu irmão tinham dado a vida por meio porão de azeite de espermacete! Tinha de haver alguma compensação, algum retorno que justificasse tão alto preço.

Via-a junto dele, os olhos cinzentos fuzilando de irritação, enquanto proferia palavras indignadas contra a pesca da baleia. Ficaria ainda mais encolerizada quando ouvisse as tristes notícias. Sua única esperança de acalmá-la era chegar com o produto de uma viagem bem-sucedida. Não era um grande consolo, mas era melhor do que voltar para casa de mãos vazias.

Imbuído dessa certeza, mergulhou rapidamente na água fresca e depois tomou a trilha marginada de sebes vivas que conduzia à casa de John James. Ao vê-lo, o nativo deixou a sombra das palmeiras e veio correndo ao seu encontro.

— O que aconteceu? — perguntou-lhe, surpreso diante de seu ar excitado. — Descobriu ouro na estiva?

O homem sorriu.

— Muito melhor do que isso. Tive um sonho estranho. Jake suspirou. Conhecia os sonhos dele. Eram sempre sobre tartarugas falantes ou polvos que riam.

— Que foi que sonhou?

— Eu estava caminhando pelos recifes... — John James apontou para a barreira de rochas de coral que fechavam a baía — armado de um grande bastão. Queria apanhar um polvo para o jantar. De repente, um tubarão enorme veio na minha direção e abriu a boca. Ia atacá-lo quando ele começou a falar. Sabe com a voz de quem, Jake?

— Não. De quem?

— Do capitão Zacarias. Sabe o que ele disse?

— Que foi que ele disse, meu amigo?

— "John James, ainda não chegou sua hora de descansar. Jake precisa de você. Quando ele deixar Rarua, vá com ele." Foi o que o tubarão disse e depois desapareceu no mar.

O nativo cruzou os braços sobre o peito e olhou-o com ar determinado.

— Vou com você, Jake.

— Não é necessário. Aqui é o seu lar. Você esperou muitos anos por este momento. Não seria justo permitir que partisse comigo.

— Não precisa permitir, Jake. Estou obedecendo às ordens do capitão Zacarias.

Jake suspirou. No fundo, estava contente por John James continuar no Jessel Maid. Além de hábil arpoador, ele era um amigo dedicado e sincero. Seria um conforto tê-lo a seu lado; sua alegria serviria de contraponto à carranca dos irmãos Easton.

— Tem certeza de que é isso mesmo o que você quer?

— Claro, claro! Já estou cansado de ficar em casa. Muitas festas... Estou ficando gordo demais!

Uma semana depois, o Jessel Maid flutuava graciosamente sobre o mar azul de Rarua, pronto para zarpar. Após uma última pausa para desinibidas festividades, levantou-se a âncora, desfraldaram-se as velas, e o navio renteou o grupo de recifes e fez-se ao mar, com sua partida saudada com flores lançadas das canoas dos nativos.

CAPÍTULO XIV

Nantucket Setembro de 1845

— Que o diabo o carregue! — gritou Jessel, obrigada a pisar numa poça d'água, no esforço de esquivar-se de uma carroça que passava com estrondo pela rua estreita.

Havia um motivo para ela exaltar-se daquela maneira: acabava de receber uma citação do Sr. Hawkins, o coletor de impostos. E, como era natural, ficara alarmada com a impressão de que caíra em alguma armadilha.

— De acordo com as minhas anotações, srta. Joy — disse o pedante homenzinho, olhando-a por cima dos óculos —, ainda não pagou os impostos do ano passado. E os deste já estão prestes a vencer. Como pensa saldar sua dívida?

— O senhor deve saber que o navio de meu pai está em atraso — replicou Jessel, ansiosa. — Assim que ele chegar pagaremos tudo com juros! Papai é uma pessoa muito correta.

— Não posso levar o passado em consideração. Fui especialmente designado para coletar os impostos dos proprietários de imóveis desta cidade e seria uma negligência de minha parte se não o fizesse. O dever antes de tudo.

O Sr. Hawkins fez uma pausa e voltou a fitá-la.

— Para ser franco, srta. Joy, é bem possível que o navio de seu pai esteja perdido. Nesse caso, como espera que ele pague alguma coisa? Sinto muito, mas terá de saldar sua dívida dentro de dez dias, ou terá sua casa hipotecada.

Ele reclinou-se na cadeira e esboçou um leve sorriso, inegavelmente por efeito de sua fraseologia. Suas maneiras condescendentes e seu exterior jovial e satisfeito, em que havia qualquer coisa de insolente, fizeram Jessel explodir:

— Não é verdade que sente muito! Ao contrário, tem prazer em introduzir-se na casa dos outros em nome do dever. Não se preocupe: hei de conseguir esse maldito dinheiro de qualquer jeito!

Agora, enquanto limpava a barra da saia, tomava consciência do horror da situação: onde iria conseguir o dinheiro, se o próprio Deus parecia abandoná-la a sua sorte?

Prosseguiu caminho, um turbilhão de pensamentos sombrios desencadeando-se na sua cabeça. No instante em que dobrou a esquina da Centre Street e a tabuleta da loja ficou à vista, teve a idéia de pedir um empréstimo à Sra. Mitchell, comprometendo-se a saldá-lo aos poucos, com parte de seu salário semanal. Não chegou a pôr a idéia em prática. Ao transpor o limiar e ver a expressão de maldosa satisfação que Lucinda Mitchell, a sobrinha da proprietária, ostentava, compreendeu que alguma coisa havia acontecido.

Lucinda era uma moça medíocre, fria e egoísta. Invejava a sua posição na loja, achando-se com direito a ela em virtude de seu parentesco com a Sra. Mitchell, e tudo fazia para infernizar-lhe a vida. Normalmente, Jessel controlava-se, ignorando-a totalmente. Nesse dia, no entanto, via ameaça naqueles olhos maus: um brilho de triunfo que lhe causava medo.

Seus receios confirmaram-se assim que a Sra. Mitchell emergiu da saleta dos fundos.

— Não se dê ao trabalho de tirar o casaco. Não preciso mais de seus serviços — disse ela, estendendo-lhe um envelope amarelo, enquanto procurava aniquilá-la com um olhar de desprezo. — Aí está o que lhe devo, embora Deus saiba que você não merece nada!

Jessel sentiu um baque surdo dentro do peito.

— Mas por que... — balbuciou, atordoada.

— Não se faça de inocente, minha jovem. Não sou nenhuma imbecil. Demorou um pouco, mas descobri tudo!

Jessel não fazia a menor idéia do que ela queria dizer. Tão grande era a sua confusão que a única coisa que lhe ocorreu foi que sua patroa soubera, de algum modo, dos impostos atrasados, e temia que fosse lhe pedir um empréstimo.

— Não se preocupe, por favor! Não vou lhe pedir dinheiro emprestado. Eu...

— Era só o que faltava! — interrompeu-a a Sra. Mitchell, aos berros. — Pedir dinheiro emprestado depois de tudo o que me roubou!

— Quê? — disse Jessel, exprimindo, com essa única palavra, negação e repulsa.

— Não pense que me vai comover com esses ares de santa! Venho observando você há algum tempo! Dois meses atrás, notei que faltava dinheiro no caixa. Logo depois, dei pela falta de algumas jóias e de um relógio. Pensou que eu Não fosse perceber, não foi? Pois enganou-se redondamente!

Ela fez uma pausa e brandiu novamente o envelope.

— Vamos, pegue isto. Não quero que digam por aí que eu não sou uma pessoa justa.

— Meu Deus! — murmurou Jessel, sem esboçar um só gesto para apanhá-lo. — Está supondo que eu...

— Não se faça de tonta! Eu descobri tudo! — gritou a Sra. Mitchell com inquebrantável convicção. — Você foi descuidada e deixou cair aqueles brincos de jade de sua sacola. Encontrei-os no armário da saleta dos fundos, onde costuma guardar suas coisas. E isso me convenceu de que minhas suspeitas eram fundadas.

Jessel compreendeu, por fim, em que pé estavam as coisas.

— A senhora está enganada... — começou com veemência, mas esforçando-se para ser razoável.

— Não estou enganada e não queira me fazer de boba, garota! — A Sra. Mitchell sacudiu o dedo ameaçadoramente. — Meu único erro foi contratá-la! Devia pensar duas vezes antes de colocar uma estrangeira em minha loja. São todas iguais: mentirosas e ladras!

Jessel pensou em sua mãe, graciosa, delicada, irradiando inocência. Comparou-a mentalmente com aquela mulher vulgar, que lhe dizia coisas insultantes e perdeu toda a vontade de ser razoável.

— Se a senhora é um exemplo do que são as nativas desta ilha, dou graças a

Deus por não ter nascido aqui. Morreria de vergonha, se fosse tão preconceituosa, com uma visão tão estreita do mundo!

A Sra. Mitchell tentou gritar alguma coisa, mas ela não lhe deu oportunidade.

— Volto a afirmar que está enganada. Nunca roubei seu dinheiro nem suas jóias. Nem mesmo uma onça de chá ou uma xícara de farinha. Paguei sempre pelo que levei daqui, apesar de seus preços extorsivos. Devia ter empregado melhor o "meu" dinheiro.

Sem erguer o tom, fez passar na voz todo o desprezo que sentia.

— E, já que falou em ladras, não se esqueça de que me roubou durante dois anos. Roubou minhas idéias, minhas sugestões, meu conhecimento de especiarias. Fez-me de agente de compras, o que lhe permitiu prosperar, e não me pagou um só níquel extra por esse serviço. Se isso não é roubo, então não sei o que é roubar!

— Fora! — rugiu a mulher, sufocada de ódio.

— Com prazer! — retrucou Jessel, virando-se para sair.

Ao passar pela Sra. Coleman, que acabava de entrar, surpreendeu um brilho nos olhos de Lucinda. Já estava na calçada quando o fato registrou-se em sua mente agitada. Então, deu uma rápida meia-volta e, da porta, com a mão na maçaneta, disse desdenhosamente:

— Se é tão ciosa de sua retidão, como diz, deveria ponderar por que esses roubos ocorreram apenas nos dois últimos meses, e nunca durante os dois anos em que fui sua única empregada!

— Saia da minha loja! — gritou a Sra. Mitchell.

Jessel demorou ainda um instante, tempo suficiente para ver que Lucinda empalidecera, e então virou-se. Estava fechando a porta quando ouviu a Sra. Coleman comentar:

— Eu sempre achei que ela tomava muitas liberdades, Eulália. Mas não podia supor...

Na rua, o vento causou-lhe arrepios, porém a vergonha a queimava. Sentiu a necessidade de respirar o ar puro dos grandes espaços e dirigiu-se instintivamente para os campos que rodeavam o lago Capaum, como costumava fazer em ocasiões de extrema agitação emocional.

Não podia lembrar-se de ter ficado tão fora de si em toda a sua vida. A despeito de suas palavras de indignação, sentira-se impotente diante do desprezo, das acusações injustas e dos preconceitos absurdos da Sra. Mitchell. Não houvera nada de sua maldade que não tivesse atingido o alvo.

Caminhou durante horas, indiferente à chuva fina e muda que caía do céu cor de chumbo. Quando a umidade penetrou e arrepiou de frio seu corpo, percebeu que estava molhada até os ossos. Olhou por um momento o lago cinzento e suas margens desertas, e depois empreendeu o triste e penoso caminho de volta à casa.

Ao entrar na cozinha, um profundo abismo de consternação abriu-se a seus pés. A casa estava úmida e fria, o fogo era apenas cinzas, a porta entreaberta do armário revelava as prateleiras vazias. Não tinha dinheiro nem emprego, e os impostos estavam vencidos.

— Oh, Senhor... — gemeu, o som de sua voz ecoando pelo longo corredor e pela casa vazia. — Perdi meus entes queridos e agora estou a ponto de perder minha casa e minha reputação!

Ficou assim, sem movimento, sem idéias, a ouvir as rajadas do vento e o arremesso agora violento da chuva. Quando encontrou forças para se levantar, pendurou a capa molhada atrás da porta, jogou alguns gravetos na lareira e, depois de uma xícara de chá e dois ovos escaldados, arrastou a cadeira para mais perto do fogo: sentia um frio mortal e parecia-lhe que jamais iria aquecer-se novo.

O dia amanheceu ventoso e frio. Apesar disso, da dor de cabeça e de uma vaga sensação de tontura, sinais de que uma gripe estava a caminho, levantou-se da cama. Depois lutou com sua fraqueza, dizendo a si mesma que devia tomar o leme para evitar um naufrágio completo.

Assim, após um chá frio, que não lhe proporcionou conforto nenhum, saiu de casa disposta a enfrentar o que desse e viesse. Nenhuma hora de sua vida fora tão cheia de apreensões como essa em que descia para a cidade, com a capa enfunada pelo vento, que agora assobiava, gelado e constante.

Fez sua primeira parada na quitanda da Sra. Coffin, uma mulher que sempre admirara pela educação e afabilidade, e expôs calmamente suas pretensões. Percebeu que a Sra. Mitchell já tecera sua rede de intrigas quando a mulher, sem deixar de sorrir, disse-lhe secamente:

— Aqui só há lugar para pessoas decentes.

Seu rosto ardeu de vergonha e seu estômago contraiu-se num nó. Ao sair do local, sentia-se como um cão escorraçado. Não teve nenhum alívio ao lembrar a si mesma que era inocente.

Forçou-se a entrar em outras três lojas da Centre Street, antes de reconhecer que a Sra. Mitchell a precedera no quarteirão comercial. Boatos e mexericos corriam tão rápido pela Petticoat Row quanto o vento pelos postigos das janelas dos edifícios.

Em vista disso, sem se importar com o espasmo convulsivo de seu peito e com sua respiração terrivelmente acelerada, tomou o caminho do porto e entrou em estabelecimentos que em épocas normais jamais teria ousado entrar. Em cada um deles ouviu um "não" redondo, dito com um enfático sacudir de cabeça.

Ao sair do último, uma loja de tintas, um homem rude, usando botas até o joelho e uma capa de oleado, plantou-se diante dela.

— Olhe aqui: se está mesmo precisando de dinheiro, posso lhe oferecer trabalho por um dia. Pagarei um dólar. Que me diz?

— Aceito — respondeu ela, sem hesitar.

Porém, ao notar o ar de incredulidade do balconista da loja, perguntou cautelosamente:

— Qual é o serviço?

— Filetar cerca de trezentas libras de bacalhau fresco. Se estiver interessada, apareça no segundo armazém a partir da Washington Street às sete da manhã.

— Estarei lá! — disse, decidida, sem se importar com o que os outros pudessem pensar.

Jessel levantou-se cedo, antes que o dia irrompesse por completo. Estava tão febril, com as pernas tão fracas, que acreditou estar muito doente. Ao olhar-se no espelho, teve um choque ante seu rosto lívido, com placas vermelhas nas faces. Enquanto vestia os saiotes com movimentos lentos e desajeitados, pensou em tia Judith. Quase pôde vê-la sentada diante do fogo, a dizer: "Um cataplasma quente de alho e uma boa xícara de chá de hissopo. É disso que você precisa. Vamos, menina. Volte já para a cama"!

Mas tia Judith estava morta. Não havia ninguém para lhe preparar tisanas, ou para ajudá-la a pôr um fim àquela situação horrível. Precisava de dinheiro e a única maneira de consegui-lo era trabalhando. Doente ou com saúde, não podia voltar às costas a tudo e recuar!

O dia estava claro e ensolarado quando tomou o caminho do armazém. Geara um pouco durante a noite e o vento forte do leste era prenúncio de que o verão terminara e que havia um inverno longo a sua frente. Apesar disso, preferia pensar apenas no momento presente e num plano para resolver sua situação.

Apressou o passo e prosseguiu ao longo da Washington Street tão absorvida em pensamentos que lançou apenas um olhar vago ao porto coalhado de escunas, navios e de uma infinidade de batelões. Ao chegar ao local de trabalho, munuiu-se de um avental oleado e de uma faca afiada e postou-se imediatamente atrás de uma

bancada, entre um menino de seus doze anos e um marinheiro de uma perna só.

Um súbito mal-estar forçou-a a buscar apoio na borda da bancada. Sua vista estava turva e as pernas tremiam. Teve medo de desmaiar e pressentiu que, se isso acontecesse, dificilmente os companheiros largariam o trabalho para vir em seu socorro. Esse pensamento fez crescer em seu íntimo a convicção de que teria de se agüentar, custasse o que custasse, dando-lhe forças para completar a jornada de trabalho.

No final do dia, alternativamente queimando em febre e tremendo de frio, apanhou seu dólar e seguiu de volta pelo mesmo caminho. Quando sua casa ficou à vista, uma onda de alívio ergueu-lhe momentaneamente o ânimo.

Não parou na cozinha. Havia pouco o que comer, ainda que estivesse com fome. A caminho da escada, tirou a capa e a touca, e deixou-as cair no chão. Subir os degraus custou-lhe um esforço extremado, mas conseguiu chegar ao topo. Deixou-se cair sentada ao último degrau e lutou com todos os botões e laçarotes de suas roupas.

Quando, finalmente, conseguiu livrar-se delas, fez um último esforço e arrastou-se até o quarto. Vestiu a camisola de flanela e enfiou-se debaixo da coberta, já indiferente a tudo o que lhe pudesse acontecer.

Emergiu do torpor com a sensação de que alguém estendia outro cobertor sobre seu corpo gelado e o ajeitava sob seu queixo. "Deve ser mamãe", pensou, fraca demais para abrir os olhos. Nenhuma outra pessoa teria esse toque tão gentil. Podia ouvir o rangido dos mastros do Jessel Maid e o de suas velas estalando ao vento. Zac devia estar escalando as cordas, com John James, ou enumerando as constelações do sul para seu pai. Por que ele subira à ponte sem ela?

— Ou está? — chamou. — Onde está você, Zac?

— Ici. Estou aqui...

Quando ele tomou-lhe as mãos geladas, aquecendo-as, sorriu e tornou a mergulhar no abismo insondável de onde emergira. Agora, a brisa quente do verão soprava impetuosamente sobre a praia. Estava deitada na areia, sob um céu tórrido e abrasador, que estancava qualquer impulso de energia, olhando para Jake, que nadava em sua direção.

Ele sorria, os dentes muito brancos cintilando à claridade, mas, por mais que se esforçasse, não lograva alcançá-la. Também ela não podia mover-se, varada pelo ardor do céu impiadoso.

— Venha, Jake... Você prometeu que voltaria — implorou. — Estou com tanta sede... Por favor, me ajude...

Alguém ergueu-lhe a cabeça e um copo de água doce e refrescante foi levado a seus lábios ressequidos. Assim que acabou de tomá-lo, uma compressa fria foi colocada em sua testa febril, proporcionando-lhe um alívio.

— Você voltou, Jake... — murmurou, feliz. — Cumpriu sua promessa...

— Sim, voltei. Estou aqui a seu lado.

— Eu o amo... Eu o amarei sempre...

Gradualmente, os espasmos de frio cessaram e ela deslizou do pavor dos espaços sombrios para um grande bem-estar, uma sensação maravilhosa, que nunca havia experimentado antes, e que lhe dava a certeza de uma segurança e de uma paz sem limites. A chuva batia com monótona insistência no telhado e embaçava os vidros da janela, mas havia um bom fogo crepitando na lareira. Era como tocar o céu com a mão...

Olhou para Shubael, que se balançava na cadeira de Zacarias, e respirou com vago alívio. Seria realmente ele ou um cruel engano de sua imaginação?

— Shubael? — chamou, incrédula, com uma voz que não era mais do que um murmúrio.

— Jessel! De volta, afinal!

Ele levantou-se de um pulo e debruçou-se sobre ela com uma expressão preocupada no rosto. Mas, ao colocar-lhe a mão na testa, sorriu.

— A febre baixou e seus olhos estão claros e brilhantes. Jessel estava confusa. Não entendia por que motivo estava ali.

— O que está fazendo em meu quarto? Quem foi que trouxe a cadeira de papai para cá?

Shubael sorriu, aliviado, ao vê-la lúcida e alerta.

— Fui eu. Você esteve muito doente e eu precisei ficar aqui, cuidando de você.

Essas palavras permitiram que Jessel reconstituísse parte dos fatos. — Devo ter apanhado frio naquele armazém úmido. Lembro-me de que fui para a cama sem jantar... — disse ela, falando lentamente.

— Você perdeu mais de um jantar. Passei três noites aqui e só Deus sabe quantas outras você passou sozinha, antes que eu chegasse!

Ela quase lançou um grito. — Três noites? Tem certeza?

— Vim vê-la assim que cheguei. Encontrei o fogo apagado e nenhum sinal de vida. Pensei que você estivesse viajando, ou...

Ele interrompeu-se. A princípio, havia pensado que Jessel se casara e mudara de casa. A idéia deprimira-o tanto que quase dera meia-volta e saíra dali correndo. Embora não a amasse como amava Amedée, tinha por ela um afeto sincero. Não queria perdê-la.

— ...ou visitando alguém — completou. — Depois me ocorreu que você podia estar fazendo serão e resolvi entrar e esperá-la. Foi então que vi sua capa e sua touca aos pés da escada. Chamei-a em voz alta. Ouvi um leve ruído no andar superior, mas nenhuma resposta. Fiquei preocupado e subi. Encontrei você ardendo em febre... Bom, terminarei a história em outra ocasião.

Ela seguia-lhe as palavras, ansiosa.

— Não, Shubael. Quero saber tudo agora. Depois descerei para lhe preparar um pouco de chá.

— Você não vai a lugar algum! Vai ficar aí, bem quietinha, e deixar que eu cuide de você. Precisa descansar ou a febre voltará.

Mas Jessel já não o ouvia: adormecera. Shubael continuou a segurar-lhe as mãos por um longo tempo. Depois acariciou as faces de tão suave brancura, os cabelos soltos esparramados pelo travesseiro. Ela era tão linda e tão vulnerável... Precisava dele!

A primeira coisa que se registrou na mente de Jessel, ao acordar, foi que a chuva não batia mais no telhado. Abriu lentamente os olhos e avistou um pedaço de céu azul através da vidraça. Virou a cabeça e viu o rosto inundado de lágrimas de Harriet diante dela.

— Que foi que aconteceu? — perguntou, alarmada com a expressão de profundo desespero da amiga.

Harriet ajoelhou-se ao lado da cama.

— Oh, Jessel! Você pode perdoar o meu egoísmo? Estive tão preocupada com minha própria felicidade nestes últimos meses que não a procurei, como devia ter feito. Foi só hoje que eu soube de suas dificuldades. Passei pela loja para comprar algumas fitas para meu enxoval e Lucinda me anunciou triunfalmente que você não trabalhava mais lá. Eu quis esbofeteá-la por sua petulância!

Sem fôlego, Harriet acumulou pormenores.

— Depois foi a vez da Sra. Mitchell. Ela chegou da saleta e começou a despejar uma enxurrada de coisas terríveis a seu respeito. Fiquei indignada e lamentei não ter sua presença de espírito para responder-lhe à altura. Disse-lhe que não acreditava numa só daquelas coisas absurdas e saí da loja sem comprar nada!

Jessel imaginou a cena e quis rir, mas o esforço custou-lhe um acesso de tosse.

— Talvez seja melhor você mudar de assunto, Harriet — aconselhou-a Shubael, do outro lado do quarto. — Jessel está ainda muito fraca, não pode excitar-se.

Jessel voltou-se lentamente e viu-o de pé junto à lareira. Lembrou-se, vagamente, do que ele dissera na véspera e ficou sensibilizada com sua solicitude.

Harriet abaixou a cabeça, compungida, e continuou:

— Vim diretamente da cidade para cá e o capitão Brown me contou que você esteve muito doente. Foi culpa minha... Se eu não a tivesse abandonado, você não estaria nessas condições.

Jessel acariciou-lhe a mão.

— Não diga bobagem! A culpa é da Sra. Mitchell. E minha também por ser tão teimosa.

Ela lembrou-se de repente dos impostos atrasados e procurou soerguer-se. Mas Shubael avisou-a, aflito:

— Evite fazer qualquer esforço!

— O Sr. Hawkins... Preciso pagar os impostos ou ele me tomará a casa!

— Não se preocupe. Já acertei as contas com o Sr. Hawkins. Atencioso como sempre! Jessel ficou um instante a fitá-lo com olhos reconhecidos. Depois disse:

— Não sei como agradecer-lhe...

Shubael limitou-se a sorrir, mas Harriet foi categórica:

— Não diga nada, por ora. Trate apenas de descansar. O capitão e eu cuidaremos de tudo, proveremos a todas as suas necessidades... Ah, e vou pedir a papai que, procure aquela megera e a impeça de espalhar essas horríveis mentiras a seu respeito!

Jessel fez um sinal afirmativo com a cabeça, permitindo, pela primeira vez, que o bom senso prevalecesse sobre seu orgulho. Não estava em condições de recusar esse tratamento especial. Além do mais, tinha de admitir que gostava de sentir-se amada e protegida. Fazia muito tempo que não sentia outra coisa senão um terrível desamparo.

Confessando-se aliviada, Harriet instalou-se nessa mesma tarde no quarto de Zac e revezou-se com Shubael à cabeceira de sua amiga. E decidiu, entre outras coisas, que o capitão não precisava ficar ali o dia todo. Era suficiente que chegasse à tardinha e cuidasse de Jessel até a hora do jantar.

A princípio, ele relutou, mas depois percebeu que o arranjo era extremamente conveniente. Dava-lhe tempo para cuidar de seus próprios negócios e evitava qualquer comentário maldoso. E era gratificante pensar que sua discrição e seus cuidados pudessem poupar qualquer preocupação à pessoa que mais amava... depois de Amedée.

Assim permaneceram as coisas durante algum tempo, um tempo tão cheio de doçuras, que Shubael precisava recorrer a toda a calma para não se precipitar novamente. Certo fim de tarde, Jessel estava na sala de visitas, lendo-lhe poesias em francês. A luz do dia se dissipava e o derradeiro canto dos pássaros se fazia ouvir, vindo das velhas árvores, quando uma batida na porta veio interromper essa atmosfera de suave intimidade.

Entreolharam-se, surpresos, e por fim ele foi atender. Ao abrir a porta, a Sra. Mitchell precipitou-se corredor adentro e plantou-se diante de uma Jessel perplexa.

— Ah, aí está você, minha jovem! — disse ela e sentou-se sem ser convidada.

Jessel sentiu um assomo de raiva. Preparava-se para enfrentá-la quando sentiu a mão de Shubael pousar em seu ombro. Virou a cabeça e viu-o postado atrás do sofá, os olhos fixos na intrusa. Teve vontade de encostar o rosto em sua mão, aceitando seu conforto, mas preferiu encarar a Sra. Mitchell.

— Onde mais queria que eu estivesse? Esta é a minha casa — disse, ríspida.

— O surpreendente é que a "senhora" esteja aqui!

— Nem tanto. Vim para lhe dizer que houve um engano a respeito daqueles objetos desaparecidos. Não foi você quem os roubou.

Jessel não sabia se ria ou chorava. Era simplesmente espantoso! A Sra. Mitchell não parecia nem um pouco embaraçada ao fazer tal admissão. E falava do

incidente como se não tivesse nada a ver com isso!

— A senhora acaba de descobrir o que eu sabia desde o princípio — disse, irônica.

A mulher não se deixou perturbar. Voltou a fitá-la, como se o comentário fosse irrelevante ou, pelo menos, impessoal.

— De fato. Acabo de descobrir que foi Lucinda quem fez essa maldade. Pobre garota... Minha cunhada estragou-a com tantos mimos.

Os olhos cinzentos de Jessel fuzilaram de indignação.

— É essa a sua reação... "Pobre garota?" Roubo é roubo!

— Ela disse que estava arrependida e devolveu os objetos roubados!

A Sra. Mitchell olhou para o teto com vago ar de sofrimento e respirou duas ou três vezes como se lhe fosse difícil admitir:

— Vou ter de dispensá-la. Lucinda é um pouco rude com os clientes e ainda não aprendeu a manter o estoque em dia.

— É realmente chocante!

— Bem... — continuou ela, sem fazer caso da interrupção. — Sua saída foi um tanto... tempestuosa, mas isso é passado. Gostaria que voltasse a trabalhar em minha loja. Isto é, quando estiver em condições. O Sr. Swain me disse que você apanhou uma friagem. Devia ser mais cuidadosa consigo mesma.

Jessel tremeu de indignação ao ver o modo como ela se esquivava habilmente de qualquer censura, esquecendo, convenientemente, as venenosas acusações que lhe fizera.

— Como sé atreve a supor que eu queira trabalhar em sua loja? A senhora arruinou minha reputação e nem se desculpou por isso!

A Sra. Mitchell fixou-a por um momento com seus olhos argutos e então levantou-se bruscamente.

— Fiz o que devia. Agora vou-me embora.

— É um favor que me faz!

Quando a porta fechou-se atrás dela, Jessel sentiu sua raiva evaporar-se.

— Não devia ter-me exaltado daquela maneira. Foi uma loucura.

— Por quê? — admirou-se Shubael. — Você pôs a mulher em seu lugar, como ela merecia.

— Pode ser. Mas ela veio aqui para me oferecer um emprego e eu recusei. Não será fácil conseguir outro. Nunca mais terei coragem para entrar numa daquelas lojas de Petticoat Row.

Shubael inclinou-se levemente para ela e murmurou ao seu ouvido:

— Gostaria que esquecesse essa história de emprego e me deixasse tomar conta de você.

— Mas você já está cuidando de mim!

— Quero dizer... para sempre.

Jessel não disse nada. Cedeu simplesmente a seu impulso inicial e encostou o rosto no dorso da mão dele. Shubael ergueu-lhe delicadamente o queixo, acariciou-lhe a tez de porcelana, levemente rosada pelo calor do fogo, e depois inclinou-se para beijar-lhe os lábios.

Foi um contato leve, uma carícia fugaz que significava que ele estava ali para protegê-la. Jessel aceitou-a como tal, permitindo que esse momento de intimidade a aquecesse, tocasse de leve seu coração e estimulasse seu corpo. E, quando ele saiu de trás do sofá e veio sentar-se a seu lado, atraindo-a para si, apoiou-se instintivamente em seu peito amplo e fitou-o com um olhar cheio de doçura e gratidão. Era tão bom ter alguém que a protegesse!... Para sempre, ele havia dito...

— Shubael?

— Sim, Jessel.

— Durante minha doença, tive sonhos que me pareceram reais. Mas não posso lembrar-lhe dos detalhes. Eu... — ela hesitou — eu disse alguma coisa?

Ele dirigiu-lhe um longo e estranho olhar.

— Sim, disse.

— Que coisas eram?

— Você falava com pessoas que partiram há muito tempo.

— Ah... compreendo.

Ele inclinou-se e beijou-lhe os cabelos.

— Quer se casar comigo?

A pergunta foi feita com tanta doçura que os olhos de Jessel encheram-se de lágrimas.

— Sim, Shubael.

Ele a envolveu nos braços e beijou-lhe novamente a boca. Ela era macia e quente, um raio de sol num dia de inverno. Não despertava seus sentidos, como Amedée, mas lhe dava alegria e o encantava. De certo modo, por mais absurdo que pudesse parecer, alegrava-o conhecer os sentimentos que ela nutria por Jake. Fazia-o sentir-se menos culpado de não poder amá-la.

Seria um casamento bem-sucedido, a melhor coisa que podia acontecer em sua vida. Depois de levar o Justice em viagens pelo Atlântico, à procura de focas, voltaria para a amável companhia dessa linda mulher. Pagaria sua dívida, proveria as necessidades de sua mãe, construiria um futuro sólido baseado numa felicidade simples. Com Jessel podia realizar esse sonho. Ela era sua âncora, a calma que vinha após a tempestade.

Também Jessel estava satisfeita. Sentia que, finalmente, encontrava a paz interior de que tia Judith sempre falava. Shubael jamais seria capaz de provocar-lhe aquela sensação de abandono e loucura, aquele desejo de entregar-se que Jake lhe despertava com tanta facilidade. Mas precisava dela e ela lhe devia muito: a vida e a casa. Estava contente de poder resgatar sua dívida de algum modo.

Não que isso fosse um sacrifício. O homem a quem iria unir-se em matrimônio era bom, leal, apreciado. Não estava loucamente apaixonado por ela, mas a respeitava, estimava-a e lhe proporcionaria uma vida rica de ternura.

Recusou-se a levar Jake em consideração. Ele era apenas uma sombra, sem existência real. Não desejava outra coisa senão livrar-se de suas lembranças. Como Shubael insinuara, ele era o passado, e pensar no passado estava acima de suas forças.

Discretamente, Shubael e Jessel anunciaram o noivado durante o jantar de bodas que se seguira à recepção oferecida pelos Swain, e para o qual haviam sido convidados apenas os amigos mais íntimos de Harriet e Obed.

Harriet estava sentada no meio da comprida mesa de mogno, diante de um belo arranjo de flores. O vestido de cetim branco, semeado de pérolas e botões de rosa, envolvia graciosamente seu talhe esbelto. E o véu de rendas, sustentado na cabeça por uma coroa de rosas, dava um brilho especial a seus doces olhos castanhos. Ela nunca seria linda, mas nesse dia estava encantadora.

À sua direita sentava-se Obed, o alvo de sua devoção, encabulado e um pouco assustado no alto de seu colarinho engomado. Em contraste, seu irmão Zenas, que acabara de chegar de uma longa permanência na Inglaterra, parecia perfeitamente à vontade dentro de seu impecável terno feito na Savile Row.

Sentada à frente deles, do outro lado das flores, Jessel viu os três rostos refletirem desapontamento após o anúncio discreto de Shubael. Ela recebeu duas das reações com segredo divertimento, e a terceira com tristeza. Entendeu o aborrecimento de Obed: ficara ofendido. E também o ar de frustração que cruzara as belas feições de Zenas. Ao chegar, ele ficara encantado em renovar amizade com a melhor amiga de sua irmã, e, agora, antes mesmo que pudesse manifestar seu interesse, via-a longe de seu alcance.

Mas a expressão de desapontamento de Harriet perturbou-a. Sabia qual era a causa. Sua amiga admirava Shubael, mas achava que esse taciturno capitão quaker

não poderia fazê-la feliz. Para ela, Jake era o único homem capaz de fazer vibrar seu coração.

Curiosamente, embora tivesse acolhido sem questionar a idéia de que o Jessel Maid perdera-se no mar, Harriet recusava-se a acreditar que Jake morrera ou que não voltaria mais. Talvez porque seu coração bondoso desejasse apenas finais felizes para as histórias de amor.

Jessel suspirou e voltou sua atenção à mesa. Ao anúncio, a conversa tênue e miúda ampliou-se num murmúrio confuso, sobre o qual se elevou a voz de Benjamin:

— É uma notícia maravilhosa! E neste dia tão especial... Felicidade atrai felicidade, é o que eu sempre digo. Muito bem, vamos brindar a isso!

Ele se levantou ao erguer a taça.

— A Jessel, a quem considero minha segunda filha, e a Shubael, meu capitão predileto. Boa viagem e uma rota sem escolhos, é o que eu desejo a ambos!

Jessel procurou esconder o inesperado embaraço, esvaziando a taça de uma só vez, o que lhe provocou um acesso de tosse.

— Devagar, minha jovem, devagar... — advertiu Benjamin, da cabeceira da mesa. — Queremos que chegue inteira ao casamento. Já escolheram a data?

Jessel assentiu, enquanto recuperava o fôlego.

— Dia onze de dezembro. Nessa ocasião, Harriet e Obed já terão voltado de sua viagem de lua-de-mel em Boston.

Ela fez uma pausa e voltou-se para os noivos.

— Será uma cerimônia íntima, mas não seria completa se minha melhor amiga e seu marido não estivessem presentes.

Benjamin abanou a cabeça, com aprovação, e dirigiu-se ao capitão Brown.

— Shubael, venha a meu gabinete depois do jantar. Tenho um presente de casamento especial para você.

Uma hora depois, quando os convidados deixaram a mesa, Jessel aproveitou um instante em que ficou a sós com Harriet para abraçá-la com ternura.

— Desejo-lhe muitas felicidades, minha amiga. Você merece isso mais do que ninguém.

— Jessel querida... Desejo-lhe a mesma coisa.

Era mais um apelo do que propriamente um cumprimento. Mas, à vista do queixo teimosamente erguido de sua amiga, Harriet não ousou dizer mais nada.

Durante o percurso de volta, Shubael conservou-se calado, parecendo imerso em pensamentos.

— Está preocupado? — perguntou Jessel. — Benjamin disse-lhe algo que o aborreceu?

Ele sacudiu-se de suas cismas.

— Pelo contrário, ele voltou a declarar que estava feliz com o nosso noivado. E, como achava que merecíamos começar nossa vida em comum com um pouco mais de folga, disse que iria perdoar o resto da dívida de meu pai.

— Mas é esplêndido! Generoso demais!

— Foi o que eu lhe disse. Mas Benjamin objetou, afirmando que não era justo que eu passasse o resto de minha vida pagando pelos erros de meu pai. Preferia que eu gastasse meu dinheiro com você.

De novo, Jessel sentiu um inesperado embaraço, como se não merecesse tais atenções. Mas disse:

— Você deve ter ficado muito satisfeito.

— Sim, muito satisfeito.

Na realidade, não era bem prazer o que Shubael sentia, mas desamparo. "Você não pode passar o resto de sua vida pagando pelos erros de seu pai", dissera Benjamin. Mas era o que ele havia feito até aquele dia. E, estranhamente, ao retirarem-lhe essa carga dos ombros, tinha a impressão de que tudo ruía a seu redor.

Olhou para Jessel. Ela caminhava a seu lado, confiante e serena. Puxou-a para

si. Sua vida já pertencia a ela. Ligados um ao outro, conheceriam as alegrias que davam valor à vida. Pensariam, compreenderiam, sentiriam juntos. Ela era ainda sua âncora, sua salvação.

CAPÍTULO XV

Estreito de Nantucket 11 de dezembro de 1845

— Mande descer essas correntes para a estiva, Sr. Myrick. Não vamos precisar delas por um bom tempo.

Shubael enrolou o cachecol em torno do pescoço e enfiou as mãos nos bolsos para proteger-se do vento cortante. Os pés firmemente plantados no convés, deixou-se ficar ali, imóvel como uma estátua, enquanto a maciça âncora, ainda incrustada com a areia da barra, era erigida para a proa, e suas trinta braçadas de corrente deslizavam ao longo da escotilha de carga para o porão.

Os roucos gritos das gaivotas distraíram-no. Voltou-se e viu a massa sinuosa da costa de Nantucket já afogada nas sombras da tarde de inverno, embora a forma branca do silo de Great Point Light estivesse ainda claramente visível. Quis consultar o céu, mas estava oculto atrás das nuvens. Encolheu os ombros. Não importava, sabia que horas eram.

Nesse momento, devia estar no templo dos irmãos quakers, unindo sua vida à de Jessel. Nesse exato momento, devia estar se preparando para um futuro respeitável ao lado da mulher que escolhera por esposa, e partindo, não para as geladas extremidades do Antártico, à caça de baleias e focas, mas para as civilizadas paragens de Boston, em lua-de-mel.

Enterrou o rosto nas dobras do cachecol e pensou na conversa que tivera com Benjamin, quatro dias antes.

— Tenho um favor a lhe pedir — dissera ele, visivelmente constrangido. — É a minha escuna, a Justice... Estava toda equipada e pronta para zarpar, quando Josiah Folger, o capitão, quebrou a perna ao cair por uma escotilha. O pobre rapaz foi levado para o hospital e não poderá ir a parte alguma nos próximos seis meses!

Benjamin abanara a cabeça, desolado.

— Estou numa enrascada. Tenho de despachar imediatamente o Justice, e ainda não encontrei ninguém para substituir Josiah. Ephraim Myrick é um primeiro imediato qualificado, mas não tem idade suficiente para comandar. Sei que não deveria pedir-lhe esse favor às vésperas de seu casamento, mas acho que você compreende minha situação.

Como resistir ao apelo daquele homem tão generoso? Shubael retivera o impulso de soltar um não redondo e assentira.

— Fique tranqüilo. Assumirei o comando — prometera. — Realizaremos o casamento na minha volta.

— Obrigado! — Benjamin apertara-lhe efusivamente a mão. — Fique certo de que procurarei compensá-lo de alguma forma.

Shubael deu as costas a Nantucket com indomável resolução e sondou o horizonte. Um navio chegava do sul, preparando-se para a ancoragem que o Justice acabava de deixar. As velas em frangalhos e as aposturas mergulhadas abaixo da cinta mostravam que era um baleeiro transportando carga pesada. Provavelmente voltando à ilha após uma longa e obviamente lucrativa jornada.

Enquanto o observava avançar, foi dominado pelo irresistível desejo de uma existência mais fácil. Com alguma sorte, sua participação nos lucros poderia ser tão boa a ponto de lhe permitir que abandonasse de vez um trabalho que o colocava sempre à mercê de uma despedida, sempre às vésperas de uma nova e longa viagem...

— Navio a estibordo, senhor — avisou seu primeiro imediato, interrompendo-lhe as divagações.

— Sim, Sr. Myrick, já o tenho sob a minha mira. Shubael apoiou-se na amurada e fixou os olhos no mastro.

— Não estou reconhecendo o galhardete — disse ao jovem oficial, quando o baleeiro desconhecido içou a bandeira de identificação de seu proprietário. — E o senhor?

— Também não. Devo verificar no registro?

— Sim, Sr. Myrick. Faça isso, por favor.

Agora, a embarcação estava apenas a poucas dezenas de jardas do Justice, com toda a tripulação debruçada sobre a balastrada: marujos ansiosos e excitados, vestidos de farrapos, que acenavam com os gorros e gritavam alegres cumprimentos. Manejava o leme um homem alto, de cabelos negros e anelados, talhe admiravelmente proporcionado, porte altivo. Quando ele virou a cabeça, Shubael viu nitidamente a argola de ouro que brilhava em sua orelha esquerda, dando um ar de pirata a seu rosto forte e bonito, aberto num sorriso.

— Boa viagem! — gritou o estranho, erguendo a mão acima da cabeça. — E boa sorte!

— Bem-vindo ao lar! — bradou Shubael em resposta, sentindo uma repentina vontade de estar no lugar daquele capitão de tez crestada pelo sol e pelas intempéries, que trazia uma boa carga de azeite e estava a poucas horas de casa.

Acompanhou suas manobras com olhos de conhecedor, quando ele fez deslizar o navio flanco a flanco com o Justice. Após sua passagem, seguiu-lhe o curso da amurada, ainda a tempo de ver a desbotada inscrição no gio: Jessel Maid. Nantucket.

Por um momento, pensou que seu coração fosse parar de bater. Quando as pulsações recomeçaram, lentas e dolorosas, uma irresistível angústia estrangulou-o, fazendo arquejar sob a pesada túnica de lã. O estranho risonho que estava ao leme era Jake.

No mesmo instante, Soube que havia perdido Jessel para sempre. Oh, ela podia eventualmente casar-se com ele porque era leal e não iria faltar com a palavra dada. Mas não necessitava mais dele, não se apoiaria mais em seu ombro para receber conforto e alívio para a sua solidão. Agora, tinha riquezas e amor e ele não tinha nada. Perdera sua âncora, seu refúgio de inexpugnável paz. — O registro, capitão Brown...

Shubael arrancou-se do caos de seus pensamentos sombrios e voltou-se para o primeiro imediato, que lhe trazia o registro. Tomou-o entre as mãos, e quando seus olhos distraídos detiveram-se na reprodução do galhardete que avistara, viu confirmado o que já sabia: Jessel Maid. Proprietário: Zacarias Joy.

Devolveu o livro ao imediato e voltou os olhos para o sul, na direção da vazia e gelada Antártica, para a qual rumavam, deixando para trás suas esperanças e seus sonhos retidos por uma invisível mão a bordo do nada.

CAPÍTULO XVI

Nantucket 11 de dezembro de 1845

Determinada a fechar os olhos à realidade tão fortemente quanto possível, Jessel procurou convencer a si mesma de que esse dia era igual a outro qualquer. Com esse propósito, pôs os pés no chão frio e preparou-se para enfrentar a rotina da casa.

Vestiu apressadamente os saiotes e o vestido cinzento, e depois sentou-se na beirada da cama para calçar as ásperas meias de lã, pensando, como fizera em cada dia de inverno, desde que chegara a Nantucket, como seria maravilhoso se pudesse

substituí-las por outras, de seda macia.

Comum suspiro de resignação, enfiou as botas, apanhou um fichu limpo da gaveta e precipitou-se escadas abaixo. Feitas as abluções, preparou torradas, chá e bacon, aprontou um único lugar à cabeceira da mesa de mogno e tomou sua refeição sozinha. Foi então que uma onda de revolta e amargura abalou seu férreo autocontrole.

Não devia estar comendo uma única fatia de torrada com bacon e tomando uma única xícara de chá! Nesse exato momento, devia estar sentada a uma mesa coberta de bolos, doces, compotas e travessas de presunto. Neste dia, devia estar se casando com Shubael, devia estar se aprontando para uma vida metódica e confortável, e não ali, sozinha, movendo-se mecanicamente através de um vácuo sem lágrimas!

Percebendo que para ela chegara o momento mais difícil, levantou-se da mesa e lutou contra sua fraqueza. Tinha um ano inteiro pela frente, doze meses de angustiante espera. Era um tempo longo demais para ser consumido em autopiedade! Quando aceitara sua proposta de casamento, sabia que, mais dia menos dia, Shubael acabaria partindo. Então, que diferença faria esperá-lo como Sra. Brown ou como Jessel Joy? Dava tudo no mesmo. Era sempre um compromisso.

Pelo menos, raciocinou, enquanto despejava uma chaleira de água quente na pia, não era uma viagem para o sul do Pacífico, que demoraria três, quatro, cinco anos. As lembranças que tinha dele não se desvaneceriam antes de sua volta.

Consolou-se com essa idéia e resolveu manter-se calma. Só podia encarar as coisas com naturalidade, considerando sua aprovação como um empurrão numa direção incomum e, certamente, desagradável, mas que exigia um pouco de paciência.

Mas não era fácil. Precisava dominar-se para conter os suspiros de desânimo e cessar de se perguntar por que merecera tão severo castigo. Para enfrentar isso, mergulhou ativamente no trabalho. No meio da manhã, no entanto, viu-se vagueando da sala para a cozinha, à procura de algo para fazer.

Durante os anos que trabalhara para a Sra. Mitchell, aprendera a simplificar as tarefas e a executá-las rapidamente, sem perder tempo. Já varrera o chão, retirara as cinzas do fogão, arejara a roupa de cama, enchera a caixa de cavacos e até tirara o pó dos livros e dos souvenirs do Pacífico que enchiam a estante do saguão.

Sem nada para fazer, sentia o desânimo voltar. Sentou-se na beirada do sofá e considerou suas opções. Podia naturalmente limpar o quarto de tia Judith ou de seu pai. Fechara a porta de ambos havia mais de dois anos, prometendo que cuidaria deles quando tivesse tempo. Agora, dispunha de tempo, mas não tinha coragem para enfrentar as lembranças do passado.

Ou de visitar Harriet. Embora gostasse muito dela e a admirasse, não poderia encarar com serenidade seu rosto radiante de felicidade. Sentia-se vagamente invejosa, quando ela falava de Obed com adoração, ou quando, enrubescendo, contava-lhe os deliciosos momentos de sua lua-de-mel. Não a invejava, porém, por estar casada, mas por estar apaixonada.

Ergueu-se de chofre, evitando que pensamentos tão perturbadores evocassem recordações perigosas, e pensou se não devia levar em consideração o convite de Zenas Swain, que manifestara o desejo de mostrar-lhe os escritórios da firma Swain e Filho. Ele fizera essa sugestão numa noite em que jantara com Shubael na Gardner Street, ostensivamente, para dar-lhe uma idéia da companhia para a qual seu futuro marido trabalhava, mas, na realidade, porque estava extremamente atraído por ela.

Tinha plena consciência de que não devia encorajá-lo. Mesmo porque, após quinze anos de amizade com Harriet, estava bastante familiarizada com o escritório dos Swain. Mas achava que, naquele momento, ele era o remédio para seu desânimo.

Zenas ficou feliz, ao vê-la. Estava fascinado por sua exótica beleza e também por sua alma misteriosa e impenetrável. Nos anos que passara na Europa, adquirira

gosto pela sofisticação e acreditava, sinceramente, que nenhuma mulher da ilha, a não ser Jessel, possuía essa qualidade.

Achou-a encantadora, mais desejável ainda do que nos seus sonhos, e imaginou vê-la pela primeira vez, tanta era a suavidade que descobrira nesse rosto de linhas puras.

— Estou contente que tenha vindo — disse, tomando-lhe ambas as mãos. — Pensei que fosse considerar meu convite uma simples cortesia.

— Eu o conheço há muito tempo, Zenas. Não iria pensar isso de você.

Jessel retirou a capa e passou-a às mãos dele.

— Além do mais — acrescentou com toda a honestidade —, hoje preciso de alguém que me distraía. Você tem uma conversa cativante, poderá me contar histórias a respeito de seus navios e de suas viagens.

Zenas pendurou a capa no cabide e depois ofereceu-lhe o braço com as boas maneiras que aprendera na Inglaterra.

— Será um prazer diverti-la e distraí-la, srta. Joy. Podemos começar com um giro pela sala. Quero que conheça os modelos em miniatura da frota Swain.

Jessel olhou-o. Zenas só era um pouco mais alto do que ela, mas tinha uma figura, esbelta e elegante, e um belo porte. Fitou-o um pouco mais longamente e então sorriu. Voltavam a ser os velhos amigos de antigamente.

Na hora seguinte, fiel à sua promessa, Zenas guiou-a pela sala e mostrou-lhe seus modelos, um a um, explicando-lhe o intrincado funcionamento, traçando sua rota em volta de um globo de pergaminho, revelando, com compreensível orgulho, o sistema prático e eficiente que haviam desenvolvido para transportar mercadorias ao redor do mundo. Embora a maior parte de sua frota fosse constituída de baleeiras, os Swain possuíam também alguns navios mercantes que levavam azeite de baleia à Inglaterra e peles de foca ao Oriente, de lá voltando com tecidos finos e alimentos.

— O mínimo de riscos e o máximo de lucros, tal é a nossa divisa! — finalizou ele, entusiasmado.

Isso reforçou em Jessel a idéia longamente acalentada de ter seu próprio navio mercante e dedicar-se ao comércio internacional. Ia fazer-lhe mais uma pergunta a esse respeito quando o repicar dos sinos a fez erguer vivamente a cabeça.

Endireitou-se e prestou atenção. O apelo era alto e insistente. Uma excitação involuntária percorreu-a da cabeça aos pés, impelindo-a a correr para a janela, junto com os outros funcionários da companhia. O escritório ficava num andar alto, o mais alto telhado de Nantucket, e dominava o cais, os armazéns, o farol de Brant Point e a barra até Chordof the Bay, onde um baleeiro lançava âncora e baixava as velas.

— Que navio é esse?

— Não consigo distinguir a bandeira...

Jessel ouvia vagamente o murmúrio das conversas. Então, subitamente, houve uma lacuna em suas percepções, e o mundo ao seu redor deixou de existir. Havia algo familiar naquele navio... Mesmo àquela distância, dava para reconhecer a inclinação do mastro de proa e a linha de inclinação da amurada. Arrepios correram-lhe ao longo da espinha.

— Pode me passar a luneta? — disse a Zenas, com uma ligeira fraqueza na voz.

Ele a olhou e espantou-se com a fixidez de seu olhar.

— Naturalmente.

Sem proferir palavra Jessel ergueu a luneta para o navio e deixou-a correr pelos gurupés, por toda a extensão do convés e por fim ao longo do mastro, onde o esfiapado galhardete tremulava ao vento de dezembro. O coração bateu-lhe violentamente no peito. Era a insígnia de seu pai!

— É o Jessel Maid... — sussurrou com um fio de voz.

— Que foi que disse? — Zenas olhava-a, de lábios entreabertos, na expectativa das palavras que ela ia pronunciar.

— É o Jessel Maid! — tornou Jessel, a excitação substituindo o choque inicial. Era o navio de seu pai, não havia dúvida! Ela própria criara o desenho daquele galhardete, seis anos antes.

— Jessel Maid? Deve estar enganada! Deixe-me ver.

Ela desviou a vista do baleeiro e passou-lhe a luneta com os olhos brilhantes de felicidade.

— Não, Zenas, não estou enganada. É o Jessel Maid! Aquele é o galhardete de papai. Oh, Zenas, ele voltou para casa!

— Não, Jessel! Espere! — gritou Zenas, ao vê-la correr para a porta. — Para onde vai?

— Ao cais — respondeu, jogando a capa em volta dos ombros. Zenas agarrou-a pelo braço no instante em que punha a mão na maçaneta.

— Não vá! Você sabe muito bem que o cais não é lugar para uma dama. Além do mais, horas vão se passar antes que eles estejam prontos. Não vai querer ficar exposta ao vento frio durante todo esse tempo, vai? Siga o desembarque daqui da janela. Quando chegar o momento eu a acompanharei.

Jessel cedeu.

— Sim, acho que você tem razão — admitiu. — É melhor esperar aqui. Está um pouco frio.

Sem tirar a capa, ou lançar sequer um olhar aos mapas, ao retrato de Benjamin, às pilhas de jornais estrangeiros, ao tapete persa e às paredes forradas de mogno que davam um ar de solidez e prosperidade ao ambiente, ela começou a andar de um lado para o outro, presa de viva agitação.

Embora sorrisse de vez em quando para Zenas, recompensando-o de suas tentativas de acalmá-la, não tinha a menor idéia do que ele lhe dizia. Estava dividida entre duas emoções opostas: ora exultava-se, em deliciada antecipação, ora censurava-se por ter perdido a esperança. Como pudera imaginar que Zac estivesse morto? Que significado podia ter um sonho tolo? Devia saber que um navio em atraso não se traduzia necessariamente por navio perdido! Um número infinito de causas podia ter motivado essa demora. Mas breve, muito breve, ouviria do próprio Zac e de seu pai o que havia acontecido!

Inconscientemente, excluía Jake de suas meditações. Não conseguia pensar em outra coisa a não ser na felicidade inesperada e tão completa de rever os seus. As inquietações, os desencantos tinham desaparecido como os relâmpagos de uma tempestade de verão.

— Estão quase chegando ao cais, Zenas! — gritou, após debruçar-se na janela pela centésima vez. — Vamos ao encontro deles?

Ainda abotoando seu bem-talhado casaco inglês, Zenas seguiu-a pelo corredor e pelas ruas de pedras arredondadas, varridas pelo vento gelado do norte. Como imaginava, alcançaram o cais quando o batelão estava ainda fora das águas do porto.

Olhou para Jessel. Ela não se encolhia de frio ao vento que lhe enfunava as vestes, como acreditara. Ao contrário, permanecia imóvel e radiante, uma luz misteriosa parecendo aclarar seus olhos, cinzentos como a névoa que pairava sobre a ilha, e seu rosto jovem. Experimentou o poder de um sentimento mais profundo e apertou-a fortemente contra si, aquecendo-se com seu calor, embora soubesse que ela estava muito longe dali para notá-lo.

Jessel mantinha os olhos fixos no batelão que avançava entre as lufadas, a proa erguendo-se e baixando-se numa nuvem de espuma. Cada nervo de seu corpo estava tenso, na ânsia de rever os rostos queridos, quase perdidos na bruma de sua memória; de ouvir seus risos e suas vozes familiares, de sentir seus braços fortes apertarem-na num abraço demorado, de sentir as faces queimadas pelo sol comprimirem-se contra a dela, apagando o frio, a angústia, a solidão de seis longos anos de espera!

Jake avistou-a antes que ela o visse, e prendeu a respiração. Acreditava estar

preparado para aquele momento, pensava lembrar-se de cada um dos traços de seu rosto adorável, mas não! Havia esquecido como ela era bonita, graciosa, diferente. Não via a hora de tomá-la nos braços, e dizer-lhe que a amava e vivia apenas para ela e nela.

Estava tão perdidamente absorto na miragem que em breve alcançaria que não ouviu o que o piloto do batelão lhe dizia:

— Que foi que disse? O homem apontou para Jessel.

— Estava dizendo que ela não parece uma de nossas mulheres. É tão diferente... No entanto é filha de um capitão de baleeiro e noiva de outro.

— Como assim... ela está prometida ao capitão de um baleeiro? — perguntou, não sabendo o que pensar.

— Foi justamente o que eu disse. A srta. Joy está noiva do capitão Brown, que partiu ontem à tarde no Justice. Ouvi dizer que, se Josiah Folger não tivesse quebrado a perna, os dois estariam se casando hoje. Falta de sorte, não acha?

O piloto concentrou-se inteiramente no leme. Depois de conduzir seu barco, com rara perícia, na direção do ancoradouro, terminou:

— A propósito... Não passaram pelo Justice do capitão Brown, no Estreito?

Jake já não o ouvia. Perdera todo o interesse na conversa e no noivado de Jessel. Era uma horrível traição! Nunca lhe passara pela cabeça que ela pudesse esquecê-lo, deixar de amá-lo. Obviamente, enganara-se. Os seus beijos, as suas juras de amor não eram verdade. Ao primeiro pretexto, abandonara-o! Amargurado, agarrou o topo da escada de mão e começou a descer os degraus exteriores do barco.

No instante em que ele pôs os pés no cais, Jessel deixou cair os braços ao longo do corpo, sufocada pelas palpitações do coração. O homem que amava voltara para ela! Viu-o alto e vigoroso, mais belo do que nunca, com o rosto de feições fortes e regulares queimado pelo sol do Pacífico!

Quase em transe, caminhou para ele, mas, ao fitar-lhe os olhos, estremeceu: esses mesmos olhos que certa vez tinham demonstrado paixão e ternura mostravam-se agora de um azul sombrio e metálico, como o mar em dias de tempestade, e olhavam-na como a uma estranha, como a uma inimiga.

Diante dessa frieza, recuou e o encanto quebrou-se. Outros pensamentos correram-lhe pela mente, num tropel. Desviou a vista e perscrutou mais uma vez o barco, à procura de seu pai e seu irmão. Viu Samuel aparecer no alto da escada e Henry seguiu-o. A seguir, cinco marinheiros sorridentes transpuseram a balaustrada, acompanhados pelo tanoeiro, que carregava nos ombros sua caixa de ferramentas.

Começou a ficar inquieta e sentiu uma pontada de medo. Mas permaneceu imóvel, hirta. Mais quatro marinheiros, o ferreiro e Charles Jones, o quarto imediato, desceram e sumiram na confusão do cais, e então o piloto do batelão prendeu a bolina em volta de uma estaca. O barco estava vazio.

Voltou-se para Jake, com ar perdido.

— Onde está Zac? — suplicou, com voz quase sumida. — E papai?

Ele sentiu sua raiva esvair-se: estava profundamente emocionado. Aquela comovente súplica, aquela fraqueza impotente iam-lhe direto ao coração, renovando sua própria dor pela perda dos dois amigos. Transpôs com duas passadas a distância que os separava e colocou-lhe a mão no braço.

— Vamos, Jessel. Vamos para casa que eu lhe contarei tudo. Ela o repeliu violentamente.

— Não! Diga já o que tem para dizer!

— Por favor, Jessel... Aqui não é o lugar apropriado. Deixe-me levá-la para casa. Lá, conversaremos com mais calma.

— Não quero ir para casa! Quero meu pai e meu irmão! — gritou, as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto. — Onde estão?

Jake começou a ficar inquieto. Queria vê-la longe daquele palco público, ao abrigo da mórbida curiosidade da multidão indiferente.

— Vamos tomar a carruagem de John Baker — insistiu. — Falaremos durante o percurso.

Jessel deu um passo para trás.

— Por que não quer me dizer? — gritou, quase histericamente. No fundo, sabia a resposta, mas queria ouvi-la dos lábios dele. — Onde estão Zac e papai?

Seus gritos fizeram Zenas compreender que ela estava à beira de uma crise de nervos. Preocupado, ele voltou-se para Jake.

— Não vê que a está assustando? Por que não responde logo a suas perguntas? Afinal, é seu dever fazer um relatório completo dos acontecimentos de bordo.

Os olhos de Jake estreitaram-se diante do que considerava uma insolência. Aquele homem não tinha o direito de intrometer-se em assuntos de família nem de tratá-lo como a um empregado qualquer!

— Responda! — tornou Jessel. E, vendo-o permanecer confuso, pôs-se a bater-lhe no peito com os punhos. — Por que papai e Zac não estão aqui?

Os cabelos em desordem, arquejante, Jake ficou um instante mudo diante dela. Depois explodiu com furor:

— Quer saber?

— Sim! — gritou ela.

— Porque estão mortos! — lançou ele brutalmente. Durante o silêncio que seguiu suas palavras, viu os olhos dela encherem-se lentamente de horror.

— Deixe-me contar-lhe o que aconteceu... — começou então, já lamentando sua sinceridade.

Um grito de dor escapou do peito de Jessel.

— Então, está tudo acabado! Seus joelhos dobraram-se e ela caiu sobre o passeio de madeira.

As lágrimas acumuladas durante os seis anos de sufocadas frustrações, de desejos reprimidos e de dolorosa solidão transbordaram numa torrente entrecortada de soluços.

Impressionado com sua dor, Jake ajoelhou-se a seu lado, querendo confortá-la.

— Deixe-me levá-la para casa — implorou.

— Não me toque! — gritou ela, arrastando-se para longe de seu alcance. — Foi tudo culpa sua!

— Não diga isso... — Você está fora de si. Vou levá-la até a carruagem...

— Deixe-a — disse Zenas, com calma. — O mal que lhe fez já não foi suficiente?

Ele também ajoelhou-se ao lado de Jessel, que se atirou em seus braços, à procura de conforto. Ali estava um homem em quem se podia confiar: não ia ao mar e não se constituiria numa constante tortura para as mulheres que o amassem. Fraca e vacilante, permitiu que ele a ajudasse a levantar-se e a levasse para a carruagem.

Jake observou-os partir sentindo um misto de ciúme e desprezo. De que modo esse jovem pálido, vestindo roupas pretensiosas, com tinta nas veias em vez de sangue, podia pretender uma mulher tão vibrante quanto Jessel, se não tinha forças nem para erguê-la nos braços? Ela não pertencia a esse dândi. Pertencia a ele!

Endireitou-se e gritou com selvageria:

— Samuel! Mande o resto da equipagem descer em terra.

Ficou ali, altivo e enérgico, até ter certeza de que seu consciencioso imediato o ouvira. Então, girou nos calcanhares e embarafustou-se no meio da multidão silenciosa, com a intenção de embriagar-se na primeira taverna que encontrasse.

Ao cair da noite, já ingerira uma quantidade considerável de rum. A bebida não sufocara seu sofrimento nem aliviara seu amargo desapontamento. Emborcara um copo atrás do outro, na vã tentativa de esquecer antigas lembranças de Jessel, mas as imagens repassavam-lhe nos olhos, rápidas, aquecendo-lhe o sangue num

delírio que o assustava.

Via-a diante de si, no cais, tão desejada e desejável como antes, recordando-lhe, naquele fugaz momento em que seus olhos se fixaram nele, as pupilas cinzentas cheias de amor e desejo, os prazeres inconcebíveis que haviam conhecido juntos...

Furioso, colocou o copo na mesa com estrondo, junto com algumas moedas para pagar a bebida, e saiu decidido a ir à casa de Jessel imediatamente, apesar da hora adiantada. Faria o que seu acompanhante lhe pedira: um relatório completo da viagem, desobrigando-se dessa tarefa, e entregaria o Jessel Maid nas mãos dela. Feito isso, embarcaria no primeiro pacote com destino a New Bedford!

Cambaleando ligeiramente, não apenas pelo rum que tomara, mas por não estar ainda acostumado à terra firme, chegou à casa da colina no exato momento em que Harriet fechava o portão do jardim atrás de si. A lua cheia, escondida na neblina, lançava uma claridade opaca sobre a noite sombria de dezembro. Desse modo, embora a lanterna da entrada estivesse apagada, pôde ver claramente o sorriso de boas-vindas que iluminou o rosto da jovem. — Estou muito contente de vê-lo, Jake — Harriet estendeu-lhe a mão. — Sabia que você voltaria para casa.

Era verdade. Durante todos aqueles anos, ela mantivera intacta sua fé na volta de Jake. Além disso, estava convencida, apesar dos desmentidos de Jessel, de que sua amiga continuava a amá-lo. Aprovava esse amor. Conhecendo-a melhor do que ninguém, tinha certeza de que ele era o homem que lhe convinha.

Jamais aprovara seu noivado com o taciturno Shubael. Na verdade, fora ela própria, querendo evitar que a amiga desse um passo em falso, quem convencera Benjamin Swain a enviar o capitão Brown para o Antártico. Agora estava certa de que não cometera um erro.

— Obrigado, Harriet — disse Jake, beijando-lhe os dedos. — Parece que você é a única a pensar assim.

— Zenas contou-me o que aconteceu esta manhã. Acho que ele foi descortês, embora não pretendesse sê-lo. Perdoe-o, por favor.

— Ah... era seu irmão... — observou Jake, e parte de sua cólera esvaiu-se.

— Sim, Zenas. Ele voltou recentemente da Europa e receio que tenha adquirido modos um tanto... um tanto altaneiros. Mas não pretendia ser grosseiro, acredite. Estava apenas querendo proteger Jessel. Ela levou um choque, como você pode imaginar. E depois das dificuldades por que passou...

— Não podem ter sido tantas assim, se estava a ponto de casar-se — interrompeu-a Jake com sarcasmo.

— Engana-se, ela esteve a beira da morte.

Ele sentiu suas vísceras contraírem-se num nó.

— Que quer dizer? Como foi que isso pôde acontecer? E tia Judith?

Harriet tomou-lhe a mão e apertou-a entre as suas.

— Tia Judith morreu há três anos. E, desde então, Jessel vive aqui, sozinha.

Ela fez uma pausa e balançou tristemente a cabeça.

— Pobrezinha... passou por maus pedaços. Quando seu dinheiro acabou, foi trabalhar numa loja em Petticoat Row. Mas teve de deixar o emprego porque a proprietária a envolveu numa situação constrangedora.

— Meu Deus...

— Agora ela já está bem de saúde. Mas você pode imaginar o que teve de suportar. As palavras que lhe disse esta manhã foram apenas um desabafo: a dor que devia estar sentindo naquele momento era maior do que suas forças. Você compreende, não? Vai ser gentil com ela?

Jake estava para dizer que não podia ser outra coisa senão gentil e terno. Iria tomá-la nos braços e a confortaria, cobriria de beijos até que seu sofrimento terminasse. Então lembrou-se de que Jessel escolhera outro para esse papel e seu ressentimento voltou.

— Não se preocupe — disse num tom frio e correto. — Não farei nada para

aborrecê-la. Pretendo apenas fazer-lhe um relato completo dos acontecimentos e depois partir para New Bedford.

— Oh, Jake., — murmurou Harriet, consternada. Ele sorriu e procurou mudar de assunto.

— Estou vendo uma aliança em seu dedo... Acabou fisingando Obed Hussey, não foi?

Ela corou.

— Sim, faz um mês que nos casamos.

— Desejo muitas felicidades a ambos. — Beijou-lhe o rosto e depois abriu o portão do jardim.

— Jake?

— Sim, Harriet.

— Seja paciente com ela.

— Boa noite, Harriet.

Jake bateu delicadamente na porta. Como não obtivesse resposta, entrou. Apesar de sua fria resolução, emocionava-o estar novamente ali. A velha escada de carvalho que se erguia diante dele lembrava-lhe as noites que passara insone, pensando em Jessel e na descoberta de sua grande paixão por ela.

Com os olhos ardendo, caminhou silenciosamente para a sala de visitas, quase esperando ver tia Judith sentada na sua cadeira de espaldar reto, diante de uma xícara fumegante de chá. Mas a sala estava vazia. Um peso oprimiu-lhe o coração, afastando parte de seu ressentimento.

Ao transpor o limiar da cozinha, viu Jessel de pé junto à janela, olhando para as charnecas banhadas de luar. Com uma pontada de dor, lembrou a primeira vez em que a surpreendera nessa pose, ao amanhecer de um dia de verão de muitos anos atrás. Horas depois, encontrara-a no bosque do lago Humond, adormecida junto ao tronco de um carvalho, os lábios sensuais manchados com o sumo dos mirtilos. Fora a primeira vez que a beijara de verdade...

Deu mais alguns passos para a frente, estudando seu perfil. Ela não chorava, mas estava imersa em profunda tristeza. Tomou-lhe a mão e disse com brandura:

— Quer que eu conte como tudo aconteceu?

Ela ergueu os olhos e fitou-o. Não retirou a mão, mas deixou-a inerte entre as dele, não correspondendo a seu contato.

— Por favor — disse, sem emoção aparente.

Essa calma era mais terrível que as lágrimas, os gritos e as queixas. E ele temeu que nada do que pudesse dizer atingisse o âmago daquela dor muda e paralisante.

— Seu pai morreu no dia 7 de março de 1843, em consequência de uma febre tropical que apanhou em Valparaíso e da qual nunca mais se recuperou. O mal voltou a atacá-lo numa noite que teve de passar ao relento, depois que uma baleia enfurecida o levou para longe do navio. E as consequências foram fatais.

— Ele não devia ter tomado parte na caçada — disse ela, mostrando reprovação no semblante.

— Zac tentou impedi-lo, mas Zacarias não quis ouvi-lo. A má sorte nos perseguia e o porão estava quase vazio. Seu pai não quis desperdiçar a oportunidade. Quando o encontramos, ele estava novamente febril. Morreu no dia seguinte.

Jake fez uma pausa demorada e então acrescentou:

— Morreu em paz. Josephine estava com ele nos momentos finais.

Jessel voltou a olhar pela janela. Tornava a enterrar sua família, mas, agora, tudo parecia mais real: tinha datas, causas, certezas.

— E Zac morreu em junho do ano seguinte, não foi? No dia 26... Ele confirmou com a cabeça, atônito.

— Como pode saber? Não tive meios de lhe mandar nenhuma carta, depois disso.

Ela limitou-se a encolher os ombros, emocionada demais para falar.

— Ele disse isso... — Jake lembrou-se subitamente. — Disse que você saberia...

Jessel continuou inerte e muda. Não queria ouvir mais nada. Não faria nenhuma diferença saber como Zac morreria. Ele havia partido e nem as mais claras visões de seus anos de infância poderiam trazê-lo de volta.

Jake compreendeu seus sentimentos e absteve-se de fazer outros comentários. Em vez disso, pôs-se a falar da viagem. Não foi o curto e seco relato que pretendia fazer, mas uma exposição ampla e detalhada de tudo o que acontecera: desde os azares iniciais até o período final de boa sorte.

— Trouxemos para casa três mil e seiscentos barris de azeite — concluiu, esperando com isso despertar-lhe algum interesse. — Você é uma mulher rica. Não precisará jamais preocupar-se com dinheiro.

Apenas um imperceptível bater de cílios indicou que ela o ouvira.

— Soube que está noiva. Acho que lhe devo dar parabéns — tornou então, com voz impessoal. — Quem é ele?

Jessel olhou-o de soslaio. Esperava essa pergunta, mas não estava ainda preparada para respondê-la.

— Shubael Brown — disse, evasiva. — O capitão do Justice.

— Sim, mas quem é ele "realmente"?

Ela sabia o que Jake pretendia com essa pergunta, mas estava exausta. Fechou os olhos e disse com voz incolor:

— É... é Shubael.

Os olhos azuis de Jake encheram-se de raiva e incredulidade.

— Isso é tudo que pode dizer dele? Shubael não tem outros atributos?

— Tem muitos! É bondoso, terno, sincero...

— Essa descrição se ajustaria também à Harriet. Ou ao velho Asa Harkens. — Ele agarrou-lhe o braço, apertando-o com força-. — Por quê, Jessel? Por quê? Pensei que fosse casar-se comigo!

— Com você? — disse ela, repelindo-o com um safanão. — Você estava longe daqui, tão ocupado em caçar baleias que não tinha tempo nem para me escrever!

— Eu escrevi! Conte-lhe que estávamos com problemas. Jessel despejou sua amargura de uma só vez.

— Está se referindo àquele bilhete curto que me mandou junto com um espalhafatoso xale espanhol? Aquele que me escreveu "um ano" após sua partida? Pelas notícias que ele continha, não precisava nem ter-se dado ao trabalho de escrever!

— Escrevi outras vezes — disse Jake, exasperado. — Cartas longas, em que lhe contava os motivos de nosso atraso. E entreguei-as a capitães de navios que incluíam Nantucket em sua rota. Zac e seu pai também escreveram.

Ela sentiu uma pontada de dor à idéia de que as últimas palavras de seu irmão estavam perdidas para sempre em algum lugar do mundo.

— Nunca as recebi — disse em voz tão baixa que era quase um sussurro.

— Não sabe que não existe nenhum sistema postal confiável? Pois devia saber! Assim como devia saber que há centenas de causas que podem retardar a volta de um baleeiro: doença, reparos, pouca sorte, tempo desfavorável... Você mesma não ficou no mar durante cinco anos? Devia saber que isso, não é coisa impossível de acontecer!

— A única certeza que eu tinha era de que você não estava aqui. E agora me deixe.

Jake aproximou-se mais, a expressão transtornada pelo despeito, e agarrou-a rudemente pelo braço.

— Por que se comprometeu com o capitão de um baleeiro, se sempre afirmou detestar essa profissão? — disse ele tornando-se sarcástico. — Quem sabe Shubael

tenha algum método secreto, que nós não conhecemos. Talvez ele seja capaz de encher o porão de azeite sem sair do porto, ou talvez crie baleias, como se criam ovelhas. Não terá uma criação de baleias ao largo de Tuckernuck? Seria um trabalho bonito, limpo e seguro. Foi por isso que você concordou em casar-se com ele?

— Pare com isso! — gritou Jessel. — Não tem o direito de dizer tais coisas dele. Nem de mim! Você foi embora, deixou-me aqui, sozinha, durante seis anos. Seis longos anos, Jake! Por quanto tempo mais você queria que eu o esperasse?

Ela lutou às cegas para se livrar dele, mas os braços fortes envolveram-na com firmeza, bloqueando seus movimentos. A partir daí, uma extrema sensação de lassidão invadiu-a. Com um gemido, escondeu o rosto entre as mãos.

— Ele estava aqui... — soluçou. — Um homem bom que nunca partiria meu coração.

Essas palavras atingiram Jake mais do que um insulto. Sua amargura dissolveu-se. Agora compreendia. Ela não o esquecera, não o pusera de lado como a um livro desinteressante. Havia ficado ao desamparo, como Harriet dissera, e Shubael estivera ali para oferecer-lhe conforto. Mas ela ainda o amava, tinha certeza! Afastou-lhe as mãos do rosto e a fitou.

— Não chore — murmurou. — Por favor, não chore...

Ela fechou os olhos, aspirando o aroma de mar daquela pele, sentindo o vigor dos braços que a apertavam. Sentiu uma onda de desejo agitar-lhe o corpo.

— Não, Jake — murmurou com voz fraca. — É tarde demais...

— Nunca é tarde demais!

Seguro de si, ele pôs-se a passear a boca sobre seus rosto ardente, brindando-a com beijos leves e acariciantes.

— Eu a amo. Você é parte de minha vida.

Depois, cingindo-a nos braços, beijou-lhe a boca com ternura e delicadeza, levemente a princípio, e então, excitado pelo aroma embriagador de sua pele, sofregamente, com a fome de seis longos anos. Ao mesmo tempo, acariciava-lhe os cabelos, os ombros, as costas, as curvas sensuais do corpo, recordando, revivendo...

Jessel hesitou apenas um momento. Depois rendeu-se àqueles lábios quentes e úmidos. Palpitante em seus braços, entregou-lhe a boca entreaberta e retribuiu o beijo, tão sedenta quanto ele.

Sentiu-se flutuar num mundo excitante, quando o beijo tornou-se alucinante e apaixonado, e fechou os olhos, entregando-se às carícias com abandono completo.

— Eu o amo, Jake — disse, deslizando a mão para dentro de sua camisa. — Eu o desejo.

Ele a ergueu nos braços, como um despojo precioso, e carregou-a para o suave conforto da cama de penas.

Na manhã seguinte, bem cedo, Jessel deslizou silenciosamente para fora das cobertas, deixando seu esquecido langor na cama, ao lado de Jake. Como havia feito na véspera, vestiu rapidamente os saiotes e o vestido cinzento, e desceu as escadas com os sapatos e as meias na mão.

Enquanto os calçava, sentada na cadeira da cozinha, com as costas para o fogo apagado, pensou de repente que era uma mulher rica. Não precisava mais sonhar com meias de seda, podia comprar quantos pares desejasse. Mas a idéia a deixou quase indiferente.

Estremecendo ao frio de dezembro, entregou-se à sua rotineira tarefa matinal. Enquanto a executava, fez um resumo da situação. Na tarde do dia anterior, virtualmente pobre, devia estar se casando com Shubael. À noite, já rica, dormira nua ao lado de Jake, o homem que amava. Devia estar contente, mas estava profundamente envergonhada. Como tivera a coragem de pôr um homem de bem de lado, esquecendo as promessas que fizera?

Uma hora depois, quando Jake entrou na cozinha quente e aconchegante, encontrou-a junto ao fogão, mexendo, pensativa, uma compota de maçã. Uma grande

sensação de bem-estar invadiu-o. E sem suspeitar de suas intenções, envolveu-a num grande abraço.

— Não — disse ela, desvencilhando-se bruscamente. Ele a fitou, o sorriso ainda estampado no rosto bonito.

— Não?

— Não. Você não deve me tocar mais.

— Que bicho a mordeu? — Jake estava completamente atônito. Jessel respirou fundo.

— A noite de ontem foi um erro. Você me tomou de surpresa. Isso não deve acontecer novamente.

Os olhos dele estreitaram-se perigosamente.

— Está querendo brincar comigo? Pois saiba que não gosto desse tipo de brincadeira!

— Não estou brincando. Pensei muito sobre nós dois e tomei uma decisão.

— E posso saber qual? — perguntou ele com um leve tom de ironia.

— Vou vender o Jessel Maid e casar-me com Shubael.

— Quê?!

Jessel torceu nervosamente as mãos.

— Não posso viver mais assim, nesta angústia. Os poucos e breves momentos de felicidade que temos juntos não valem o alto preço que devo pagar por eles depois.

Ela respirou fundo, recolhendo coragem para continuar.

— Perdi todos os meus entes queridos. Estou só no mundo. A única solução que vejo diante de mim é vender o Maid e casar-me com Shubael. Isso irá colocar um pouco de ordem na minha vida.

Demasiado perplexo para lembrar-se de que ela estava ainda em estado de choque, Jake revoltou-se.

— Que espécie de ordem é essa? Você ama o Jessel Maid, ele foi o lar de sua infância! E ama também a mim!

— O Jessel Maid não é mais meu lar. Foi meu lar enquanto papai, mamãe e Zac viviam. — Ela fez uma pausa para controlar a emoção. — Agora que eles não existem mais, meu lar é esta casa. E eu a teria perdido se não fosse Shubael. Ele pagou os impostos, deu-me apoio e segurança.

— Isso não é motivo para casar-se com ele! Você é uma mulher rica, agora. Pode devolver-lhe com juros o dinheiro desses malditos impostos! — disse Jake, batendo com o punho na mesa. — Sabe do que mais? Eu vou devolver esse dinheiro a Shubael!

— Por quê?

— Para não permitir que você arruine sua vida. Não pode casar-se com esse homem, Jessel!

— Posso e é isso que vou fazer! — teimou ela. — Não vê que não se trata apenas de uma questão de dinheiro? Devo mais do que dinheiro a Shubael, devo lealdade! Recusei o auxílio de outros e apoiei-me nele, exigindo que fosse meu único amparo quando estava em dificuldades. Não é justo que o abandone, agora que não preciso mais dele!

— Você está esquecendo de uma coisa...

— Qual?

— Amor. Não queira sufocá-lo, tornando-se a Sra. Brovvn em vez da Sra. Swan. Uma Sra. Swan linda, feliz, e cheia de vida!

A tentação era muito forte, mas Jessel ficou calada. Não adiantava sonhar com a Lua. Tinha de manter os pés no chão, tinha de cumprir a promessa feita a Shubael!

Fitaram-se em silêncio durante alguns minutos. Até que, a despeito de seu desespero, Jake compreendeu que era inútil insistir: tudo quanto pudesse dizer não a convenceria.

— Se é esse o caminho que prefere seguir...

Ele apanhou o casaco do espaldar da cadeira e vestiu-o.

— Vou considerar o descarregamento do Jessel Maid como minha obrigação final. Depois disso, sairei de sua vida para sempre.

Caminhou para a porta. Antes de abri-la, teimou em fazê-la sofrer.

— Quando eu partir, você estará sozinha novamente. Onde estará então seu salvador?

Jessel ficou olhando para a porta fechada sem nada ver. Numa fração de segundo, tudo o que haviam sentido um pelo outro veio-lhe a mente. Avançou, tentando detê-lo, mas os passos dele já ressoavam longe. A casa estava vazia.

CAPÍTULO XVII

Nantucket Janeiro - Fevereiro 1846

Jessel assinou o nome no final da página com um rasgo de pena e ficou imóvel: o Jessel Maid era agora propriedade do Sr. Jacob Swan. Sentiu o peso dos olhares de Jake, Benjamin e Zenas, porém se manteve de cabeça baixa, simulando estar relendo o documento que tinha diante de si. Mas seus olhos viam apenas o barco. Seu coração inchava-se de dor a cada lembrança. Passara os anos mais felizes de sua vida correndo pelos longos passadiços, confiante na segurança do dia seguinte.

Suspirou imperceptivelmente. O Jessel Maid fora seu lar, mas também a fonte de todo o seu sofrimento. Primeiro levava sua linda e risonha mãe, morta em consequência da pneumonia que apanhara após uma traiçoeira tempestade ao longo do cabo Horn. Depois seu pai, que sucumbira a uma febre maligna, e por fim seu amado irmão. Era demais! Pouco se lhe dava com o que pudesse acontecer ao navio! Ergueu os olhos e fitou Jake com ar desafiador. — O Jessel Maid é todo seu — disse, empurrando as encorpadas folhas de papel para ele.

Igualmente desafiador, Jake apanhou o contrato, dobrou-o ao meio e o enfiou no bolso do casaco. Quase esperara que Jessel desistisse no último instante e começasse a se comportar racionalmente. Mas qual! Ela levava sua teimosia até o fim.

No entanto, embora tivesse zombado de seus motivos, considerando-os injustificáveis à luz da razão, fora movido por seu próprio sentimentalismo que ele resolvera comprar a velha baleeira. Com o patrimônio que investira em Nova York, podia ter adquirido um navio novo em folha. Na verdade, podia até comprar uma frota inteira. Mas não suportara a idéia de perder a velha embarcação.

Ele também encontrara a felicidade e o calor de uma família a bordo do Jessel Maid, que considerava um símbolo de afeições humanas, de refúgio, de repouso, e cujo nome estava ligado para sempre à mulher que era uma parte de si mesmo.

Após sua tempestuosa partida de Nantucket, no mês anterior, bastaram-lhe três dias em Nova York para chegar à conclusão de que não podia ficar longe de Jessel ou esquecê-la. Voltara no primeiro pacote, disposto a comprar o Maid, com a certeza de que, se ficasse com o navio, teria mais chances de reconquistá-la.

— Sim, é todo meu — respondeu com orgulho. — Fomos feitos um para o outro.

Procurou-lhe o olhar, esperando que ela tivesse entendido a insinuação. Queria que soubesse que a amava, não obstante tudo.

Jessel compreendeu a mensagem e, por um momento, fixou sobre ele os olhos claros, com as pálpebras a tremer. Depois murmurou:

— Desejo-lhe boa sorte.

Ela teria dito muito mais, não fosse a presença dos Swain, principalmente a de Zenas. Teria cedido e confessado como se sentia infeliz sem ele e como o amava. Ficara aliviada quando ele voltara de Nova York com a intenção de comprar o Jessel

Maid e pretextara mil coisas para fazer na cidade só para vê-lo.

Mas não disse nada. Permaneceu em silêncio, olhando sem ver para a pena que ainda estava em suas mãos.

— Bem, bem... — disse Benjamin, esfregando as mãos. — Acho que foi um negócio bom para as duas partes. Todos vão sair lucrando!

Ele levantou-se e abriu o armário.

— Sempre gosto de selar um acordo com um brinde. Que preferem? Um cálice de sherry, Jessel? Sei que você não bebe, mas esta é uma ocasião especial e este sherry, suave e delicado, é também de uma safra especial.

Enquanto falava, ele encheu um cálice da bebida ambarina e o passou a Jessel com um sorriso.

— Obrigada — disse ela. A cor é linda! Benjamim assentiu e virou-se para Jake.

— E o senhor proprietário? Tenho um excelente rum da Jamaica e um brandy de primeira ordem que Zenas trouxe da Europa. Escolha.

Jake lançou um breve olhar a Zenas e levantou-se.

— Obrigado, Benjamim. Não posso ficar nem mais um minuto. Terei prazer de tomar um drinque com você em outra ocasião. Mas neste momento tenho algumas coisas urgentes para fazer. Pretendo zarpar em abril.

Ele voltou-se para Jessel a tempo de ver um ar perturbado cruzar seu rosto encantador. E isso o tranqüilizou. Na verdade, ainda não decidira nada sobre a partida. Mas quisera provocar-lhe alguma reação, forçá-la a olhar dentro de si mesma e reconhecer que ainda o amava. Estendeu-lhe a mão.

— Desejo-lhe também boa sorte. Ela corou, mas não retirou a mão, e ele acrescentou, em tom mais sério:

— Se precisar de alguma coisa, avise-me. Estarei a seu inteiro dispor.

Por um momento, teve a impressão de que Jessel iria aceitar seu oferecimento, esquecendo os comandos de sua mente e dobrando-se aos desejos de seu coração. Ela, porém, soltou a mão e disse com polidez:

— Obrigada. Mas tenho certeza de que saberei conduzir meus próprios negócios. Em caso de necessidade, os Swain estarão aqui para me orientar. Além do mais, acredito que você estará muito ocupado com os preparativos de sua viagem.

O sorriso de Jake transformou-se num rito de amargura. Sutilmente, ela o lembrava de suas longas ausências e lhe dizia, mais uma vez, por que o afastara de sua vida. Em vista disso, despediu-se de Benjamim e Zenas, e saiu da sala.

— Está me ouvindo, Jessel? Ela o ouvia apenas vagamente. Sua alma precipitava-se pela porta do escritório. E teve de fazer um esforço para recobrar o domínio de si mesma.

— Sim, Zenas. Você dizia algo a respeito de Edwin Gardner. Não é o homem que fugiu para Portugal com a filha de Jorge Marlow? Lembro-me de que isso causou um grande escândalo. Era dele que você estava falando, não era?

— Sim, era. Mas não estava falando de sua vida particular, e sim de seus negócios.

— Não compreendo por que fizeram tanto barulho — continuou ela, teimosamente. — Foi uma linda história de amor, que não tinha nada de imoral. Não sei por que andaram murmurando coisas e dizendo que ele perdeu o juízo!

— Por inúmeras razões. Mas, principalmente, porque Edwin deixou seus negócios em mau estado. E acho que você pode tirar partido disso, Jessel.

— Eu? — espantou-se ela. — Que é que eu tenho a ver com os negócios atrapalhados do Sr. Gardner?

— Era isso que eu estava tentando lhe explicar, mas você não prestou atenção. Nem percebeu quando meu pai foi embora! — Está me ouvindo agora? disse Zenas, com simulada severidade. Jessel abaixou os olhos, contrita.

— Sim, estou.

— Pois bem. Edwin Gardner tinha uma importante casa de exportação, com um bom estoque de mercadorias que enviava a seus clientes de Portugal e Espanha, através dos inúmeros cargueiros que aportavam em Nantucket. Um dia, achou que isso não lhe bastava e resolveu ele mesmo transportar sua mercadoria.

Zenas fez uma pausa demorada.

— Edwin convenceu a gerência do Banco do Pacífico a fazer-lhe um empréstimo que cobrisse os custos de um navio, que pretendia construir em Brant Point, e o obteve. Um belo clíper, devo admitir, desenhado por John Huskins especialmente para viagens rápidas através do Atlântico. Depois de uma fuga, a embarcação ficou sendo propriedade do banco, que está mais do que disposto a se desfazer dela.

À medida que Zenas falava, Jessel sentia sua excitação crescer. Lembrou-se dos sonhos que alimentara, enquanto tirava o pó da prateleiras do Empório Geral da Sra. Mitchell. Um navio mercante para cruzar os oceanos do mundo à procura de sedas maravilhosas, mobílias finas, perfumes, vinhos e porcelanas, em vez de baleias! Parecia um sonho inatingível naquela época, e agora, de repente, estava ao alcance de sua mão!

— Então? — perguntou-lhe Zenas, percebendo, pelo brilho de seus olhos, como a idéia a excitava. — Você não disse que estava interessada em investir seus lucros no comércio de mercadorias? Essa é uma excelente oportunidade.

— Oh, sim!

— Posso lhe arrumar alguns sócios para essa empreitada e ser também seu agente. Esse é um dos serviços que minha companhia presta, na qualidade de comissionada.

Jessel inclinou-se para ele, ansiosa.

— Quero ser a única proprietária do navio, Zenas. E quero dirigir sozinha minha empresa. Não vou ficar em casa tricotando, enquanto você toma todas as decisões. Claro, aceitarei de bom grado seus conselhos e sua ajuda. Mas quero ser uma proprietária ativa.

Ele foi cauteloso.

— É muito arriscado, Jessel. Seria mais prudente que você diversificasse seus investimentos. A longo prazo, os lucros seriam maiores. Mencionei apenas o navio de Gardner porque soube desse negócio esta manhã. Mas outras oportunidades aparecerão. Aconselho-a a reservar algum capital para esse fim.

Jessel esperou com impaciência que Zenas terminasse de falar. Não estava interessada em fazer outros investimentos nem em aumentar seus lucros. Ali estava a chance de realizar seus sonhos, e de provar a si mesma e a todos que era capaz de se tornar uma bem-sucedida mulher de negócios. Não ia perdê-la por nada deste mundo!

— Não vou reservar nenhum capital, Zenas. Quero comprar esse navio. Faz tempo que sonho com isso e sei exatamente o que fazer. Muito mais do que você imagina! E, onde me faltarem conhecimentos, aproveitarei com vantagem seus conselhos. Por favor, diga que me ajudará a comprá-lo!

Ele a olhou por um longo momento. Seu tino de homem de negócios dizia-lhe que devia convencê-la a investir com mais cuidado, mas, envolvido pelo entusiasmo dela, capitulou.

— Muito bem! Mas não acha que devia ao menos conhecer o navio, antes de comprá-lo?

— Claro que quero vê-lo, mas isso não irá influir na minha decisão. Tenho até um nome para ele. Vou chamá-lo de Josephine!

Nessa mesma tarde foram a Brant Point para inspecionar o navio de Edwin Gardner. Três dias depois, Jessel fechava o negócio. Ela estava extasiada. E, incapaz de guardar sua felicidade só para si, correu para a casa de Harriet.

— Venha conhecer meu navio. É lindo! E veloz também. Vai alcançar facilmente os doze nós horários quando estiver pronto. Ezra Barnard prometeu-me

entregá-lo dentro de quatro meses. Pretendo seguir com ele na viagem inaugural. Vamos, Harriet! Zenas está esperando na carruagem. Mas não se esqueça de vestir a capa. Faz frio em Brant Point.

Harriet não reprimiu o sorriso diante de tanto entusiasmo. Mas, enquanto se envolvia na capa de peles, tornou-se subitamente séria.

— Como pode pensar em sair de Nantucket, Jessel? Se ainda pretende casar-se com Shubael, como diz, não deve estar aqui, à espera, quando ele voltar?

Ela abaixou os olhos, com ar culpado. Não pensara em Shubael. Sua vida mudara tanto, desde que ele partira, que era como se estivessem separados há décadas.

— Acha então...? — perguntou, perturbada, continuando a falar quase em seguida com um tom de confiança: — Oh, mas vai dar tudo certo. Tenho certeza!

Prudentemente, Harriet calou-se. Não teve oportunidade de voltar ao assunto durante o percurso. Jessel e Zenas falaram o tempo todo, excitados e cheios de novos projetos. Ela escutava, aplaudia em silêncio e exprimia suavemente sua admiração, sem todavia tomar parte na conversa.

Quando chegaram ao estaleiro, Jessel saltou ao chão antes mesmo que a carruagem parasse e ajudou-a a descer.

— Veja, Harriet! Veja com seus próprios olhos como o Josephine é bonito! — Contemplou o navio com ar de proprietária. — Não tenho razão?

— Sim, Jessel. Tem razão de sentir-se orgulhosa. É um lindo barco.

— Barco? É um navio, Harriet! Devia saber disso — reagiu Zenas, indignado.

— Venham vê-lo da popa — tornou Jessel, e pôs-se a correr na frente com alegre vivacidade. — Vejam que linhas graciosas. Parece um lindo pássaro. Uma garça ou um cisne!

— Um cisne? — disse uma voz profunda a seu lado.

Jessel estacou bruscamente e virou a cabeça. Jake estava encostado ao andaime do Josephine, os braços cruzados sobre o peito, o eterno sorriso de ironia nos lábios.

— Que está fazendo aqui? — perguntou-lhe friamente.

— Parece que somos vizinhos.

Ela virou-se e viu o Jessel Maid lado a lado com o Josephine. Tomada de viva emoção, agarrou o braço de Harriet, temendo que suas pernas não pudessem sustentá-la. Agora que tinha seu navio e seus objetivos, acreditara que podia livrar-se do passado como quem se livra de uma casca vazia. Mas não era tão simples assim. O Maid tinha ainda o poder de suscitar-lhe emoções profundas. E Jake também.

— Bem... — disse em voz baixa. — Viemos aqui para mostrar o Josephine a Harriet. Mas ela está sentindo muito frio. É melhor voltarmos para casa.

— Não, não! Estou achando o passeio fascinante — assegurou Harriet, dando um passo na direção de Jake. — É o Jessel Maid?

Ele endireitou-se automaticamente.

— Sim, Harriet! Quer vê-lo? Não está em sua melhor forma, mas, com alguns reparos, ficará como novo.

— Gostaria muito de ver tudo — disse a moça, timidamente, lançando um olhar de esguelha à amiga, para ver como ela reagia.

Jessel deu-lhe as costas, aborrecida com o que considerava uma intrusão em sua felicidade, que já não lhe parecia tão perfeita nem tão completa, e foi postar-se ao lado de Zenas. Foi ele quem decidiu a questão:

— Outro dia, Jake. Estamos com um pouco de pressa, hoje.

— Está bem. Outro dia — disse ele, friamente.

Quando os três se afastaram, seguiu-os com o olhar, perdido em conjecturas. Ficara agradavelmente surpreso quando Ezra Barnard informara de que Jessel havia comprado o clíper inacabado, parado ao lado do Maid. Ela estava realizando seu sonho e com certeza se sairia bem. Tinha tino para os negócios e, sem dúvida, receberia

bons conselhos da Swain e Filho. Especialmente do filho...

Isso era o que mais o incomodava. Poderia dar-lhe os mesmos bons conselhos, se ela permitisse. Não entendia só de navios e do mar. Após os anos passados no escritório do pai, em Nova York, entendia também de negócios. E irritava-o ver que Zenas, pálido e frágil, tomava o lugar que por direito lhe pertencia. Ele parecia tão fora do lugar ao lado daquela mulher de tanta personalidade, como estaria uma orquídea numa charneca!

— Com os diabos! — praguejou em voz alta. — Jessel não vê isso?

Jessel não podia ou não queria ver, mas Harriet sim. Viu-a caminhar, altaneira, um passo à frente de Zenas, e sentar-se rigidamente na carruagem, os olhos escuros e sombrios. E também via Zenas constrangido diante do seu silêncio obstinado.

Harriet suspirou. Embora idolatrasse o irmão, percebia que ele não era talhado para Jessel. Podia dar-lhe conselhos a respeito de navios e negócios, mas jamais competiria com sua natureza ardente. Nem o taciturno, respeitável e ausente Shubael. Mas Jake sim. Se Jessel pudesse, ao menos, ver isso... E no seu modo tranqüilo e quieto resolveu abrir os olhos da amiga.

Jessel apertou a capa em torno do corpo, colocou os patins de madeira sobre os ombros e tomou o caminho do lago Washington. Era um dia claro, mas muito frio de fevereiro. A não ser pela neve que se acumulava nos ramos dos loureiros e pelos minúsculos cristais de gelo que pendiam dos galhos inteiramente despidos, a charneca escura e desolada parecia imersa em letargia. A própria cor adormecera.

Enquanto caminhava, ia pensando vagamente no que levava Harriet a reunir apressadamente os amigos para aquela tarde de patinação, se Zenas, que fora a Boston a negócios, não estaria ali. Encolheu os ombros. Quem sabe Harriet quisesse apenas aproveitar os dias bonitos e o gelo espesso que cobria o lago, acontecimentos raros em Nantucket, onde o inverno era ventoso e cinzento, mas não muito frio.

Parou um instante para ouvir o vento na ramaria e depois continuou a caminhar, meditando nas transformações ocorridas em sua vida. Tudo estava acontecendo rápido demais! E depois de tantos anos de espera, suspensa no tempo, esse ritmo veloz, onde a cada dia acontecia algo novo e emocionante, deixava-a ofegante. Às vezes, sentia necessidade de relaxar, permitindo que sua mente vagueasse sobre fatos sem importância.

Nesse dia, no entanto, em vez dos sonhos pueris que costumavam acompanhá-la em seus passeios pela charneca, pensava em Jake. Via-o diariamente no estaleiro e tinha sempre de lutar com todas as forças para não ceder ao impulso quase irresistível de correr para os braços dele, apoiar a cabeça em seu peito forte, implorar-lhe as carícias e os beijos.

Foi nesse estado de agitação que alcançou o lago. Vários casais jovens, as mulheres com os rostos corados pelo frio e as mãos escondidas nos regatos, já estavam ali, conversando e rindo, enquanto deslizavam sobre o gelo. E Jake.

Ele patinava lentamente, descrevendo círculos. Ao vê-la, ergueu a mão acima da cabeça e sorriu de seu espanto. A presença dele aborreceu-a tanto que teria dado meia-volta, afastando-se rapidamente dali, se Harriet não tivesse se separado de Obed e deslizado para ela, agitando os braços.

— Olá, Jessel!

— O que está tentando fazer, Harriet? — perguntou-lhe, aborrecida, ao perceber o motivo daquela reunião improvisada.

— Hum... estou tentando patinar, mas não tenho muita prática. Venha, Jessel. Sei que você patina muito bem.

— Harriet!

— Não se zangue, por favor! E aproveite este dia tão lindo. Dificilmente teremos outro igual.

Não pôde escapar. Jake chegou nesse momento e postou-se à sua frente.

— Ela está precisando de alguém que a ajude a colocar os patins?— ele quis saber, dirigindo-se a Harriet.

— Não sou muda nem imbecil, Sr.Swan! — protestou Jessel, indignada. — Pode falar diretamente comigo!

— Certamente, mademoiselle Corbeaul. Jake sorriu. Sentia-se mais confiante quando ela o enfrentava abertamente, revelando a mulher apaixonada e de emoções profundas que era realmente.

— Precisa de ajuda?

— Não preciso de sua ajuda para nada! — retrucou Jessel, começando a perceber que sua fúria não tinha muito propósito. — Sou perfeitamente capaz...

Ele não a deixou completar a frase. Com um movimento rápido, passou-lhe o braço pela cintura e a impeliu para o banco, obrigando-a a sentar-se.

— Você sabe fazer muitas coisas — disse, tirando-lhe os patins do ombro. — Mas não sei se patinar é uma de suas especialidades.

— É uma das suas?

— Você se esquece de que me criei em Manhattam, onde, além dos invernos extremamente frios, há o costume holandês de se patinar no gelo. Passei muitas tardes patinando sobre o rio Harlem...

— Bom... — interrompeu-o Harriet. — Já que está tudo acertado entre vocês dois, vou voltar para Obed.

— Não está nada acertado entre nós — murmurou Jessel. Mas Harriet, preocupada em manter o equilíbrio, não respondeu.

— Tem razão — observou Jake, enquanto a ajudava a calçar os patins. — Ainda não decidimos se você pode patinar.

— Isso já foi decidido há vários anos!

Antes que ele pudesse dar-lhe uma resposta, ela levantou-se e, dando um rápido impulso ao corpo, deslizou graciosamente pela superfície gelada. Passou por Harriet e Obed e rumou para a margem oposta, com a intenção de mostrar a Jake algumas de suas proezas no patim e então voltar para casa.

Jake seguiu-a a pouca distância, os olhos azuis brilhando de excitação. Jessel estava encantadora, com os cabelos presos num grosso gorro de lã e a curta franja negra contrastando com sua pele de porcelana, rosada pelo frio e pela animação. Inesperadamente, um ruído forte e estranho, de objeto se rachando, interrompeu sua extasiada contemplação. Quase ao mesmo tempo, viu Jessel perder o equilíbrio e agitar freneticamente os braços no ar, antes de cair no buraco que se abria a seus pés.

Apesar da opressão que sentiu no peito, não perdeu o sangue-frio. Ficou onde estava e chamou: — Obed, venha depressa!

Com a segurança de quem está habituado a dar ordens e a ser obedecido, não esperou para ver se o rapaz o ouvira e rastejou até a beirada da horrível fenda que se abria no gelo. Experimentou um ligeiro alívio quando viu a cabeça de Jessel romper a superfície das águas negras como tinta.

— Estou aqui, Jessel! — gritou-lhe. — Vou tirá-la daí num minuto...

Ela ouvia a voz de Jake como se fosse um eco imaginário de seus gritos, mas isso foi suficiente para atenuar o terror que lhe apertara o peito como uma garra quando a água gelada fechara-se sobre sua cabeça. E lutou com todas as suas forças para manter-se à tona.

— Agüente firme — voltou a dizer Jake, quase num murmúrio, temendo que um som mais alto repercutisse no gelo, tornando-o mais quebradiço.

Ele sentiu, mais do que ouviu, Obed chegar patinando e parar a dez passos de distância.

— Fique aí, Obed — aconselhou-o e então concentrou-se novamente no rosto assustado de Jessel, que estava a um palmo do seu. — Dê a mão, Jes. Vamos, faça força. Não posso tirá-la daí sem sua ajuda!

Depois, ao ver que a luz da consciência abandonava os olhos cinzentos, gritou:

— Não, não feche os olhos! Pense em Zac! Ele não iria gostar que você desistisse!

Jessel ouviu o último apelo e lutou contra a sonolência que a sobrepujava. O que ele estava dizendo a respeito de Zac? Tentou olhá-lo, mas era tão difícil... Sentiu-se afundar.

As águas escuras atingiram sua boca, cobriram-lhe o nariz... Perdia a respiração. Então, uma garra de aço fechou-se em torno de seus pulsos e foi suavemente puxada para fora da água. Enquanto deslizava pelo gelo, o ar penetrou em seus pulmões e a fez tossir e engasgar.

Quando a viu arquejante, Jake soltou um profundo suspiro de alívio. E precisou recorrer a todo o seu autocontrole para não tomá-la imediatamente nos braços e aquecê-la com seus beijos diante de todos. Mas não se atreveu. O gelo estava ainda riscado de trincas perigosas.

— Vou ajudá-lo — ouviu Obed dizer atrás dele. E então foi agarrado pelos quadris e arrastado, junto com Jessel, para o meio do lago, onde o gelo era mais espesso.

— Perfeito, homem — murmurou, agradecido, enquanto atraía Jessel para si.

Os olhos dela estavam fechados, e os cílios negros repousavam-lhe nas faces de porcelana, agora estranhamente azuladas. Uma visão de Zac, morrendo na cabana, em Rarua, passou-lhe rapidamente pela cabeça. Tinha de salvá-la! Arrancou o casaco e a envolveu nele, puxando-a depois contra o peito.

— Obed, vá buscar a carruagem. Temos de levá-la para casa imediatamente!

— Ela parece muito mal — murmurou o rapaz, inclinando-se para a frente.

— Não vai melhorar se continuar aqui, neste frio — disse Jake, impaciente. — Vá buscar logo a carruagem!

Obed endireitou-se, sem parecer ofendido com sua rudeza.

— Num instante. Harriet chegou nesse momento e ajoelhou-se ao lado dos dois.

— Oh, santo Deus...! Ela está...?

— Ela está viva — disse Jake, erguendo-se com Jessel nos braços. — Vou levá-la até a beirada do lago. Obed já foi buscar a carruagem.

— Vou com vocês. Foi por minha culpa que isso aconteceu. Se eu não tivesse inventado essa história de patinação, ela estaria em casa, quente e aconchegada.

— Ninguém tem culpa de nada, Harriet. E agora vamos. Agarre-se em minha cintura que eu vou guiá-la. Você está muito abalada para seguir sozinha.

Deslizaram lentamente até a margem do lago, onde Obed já os aguardava com a carruagem.

— Vou com vocês — Harriet tornou a dizer. — Quero cuidar de Jessel.

— Não, Harriet — disse Jake com firmeza, enquanto se acomodava no assento com Jessel no colo.

Ele não queria a ajuda de ninguém. Queria ficar a sós com ela, acariciá-la. Não suportava a idéia de dividir esse precioso encargo com outra pessoa, nem mesmo com Harriet.

— Não se preocupe — disse-lhe. — Tomarei muito cuidado com ela. Prometo. — Depois, voltando-se para Obed, acrescentou: — Vá a toda vela!

Na metade do percurso, Jessel voltou à consciência. Levou um minuto para lembrar-se do que acontecera. Então, abriu lentamente os olhos e viu-se envolvida num casaco azul, que cheirava a mar. E, apesar do frio que parecia penetrar até os ossos, sentiu-se feliz.

— Jake?

As feições dele distenderam-se no mesmo instante.

— Sim?

— Estou com frio...

— Tenha um pouco de paciência. Estamos quase chegando. Minutos depois, chegaram à pequena casa da colina. Obed ajudou-os a saltar da carruagem, abriu-lhes a porta da frente e depois voltou a acomodar-se à boléia.

— Acho que não precisam mais de mim. Vou levar os cavalos à cocheira antes que congelem.

Jake agradeceu-lhe e seguiu com sua preciosa carga para a sala. Aí, depositou-a sobre o tapete, e pôs-se a avivar as chamas, acrescentando mais algumas achas ao fogo moribundo.

— Fique aí bem quietinha — disse depois a Jessel, que tiritava sem parar. — Voltarei logo.

Ela o ouviu subir os degraus de dois em dois, entrar em seu quarto e de lá voltar instantes depois com uma pilha de toalhas e cobertas de lã.

— Se não me engano, não é a primeira vez que isto acontece. Parece que você não perdeu o hábito de cair nos lagos de Nantucket — ouviu-o dizer jovialmente, enquanto retirava o casaco azul que ainda a envolvia.

— Por favor... — implorou, com os braços colados ao corpo. Jake calou-a com um olhar severo e começou a desabotoar-lhe o vestido.

— Desta vez, não! Desta vez não vou me virar nem fazer promessas cavalheirescas.

Ela ergueu as pálpebras e fitou-o nos olhos, mas não conseguiu dizer uma palavra.

— Não é o momento para vergonha, você precisa aquecer-se — tornou ele com mais brandura, mas sem interromper sua tarefa. — Ah... meias azuis de seda! É tranquilizador saber que há algo de pecaminoso debaixo dessas suas vestes quakers!

Jessel colheu uma expressão fugaz em seu rosto e fechou os olhos, envergonhada. E continuou com eles fechados, enquanto ele desatava os laços de cetim branco de seus calções e da camisa de baixo, as únicas peças que ainda cobriam sua nudez.

Jake desdobrou a ampla toalha de banho e pôs-se a friccionar-lhe o corpo, gentilmente a princípio e depois mais vigorosamente para afastar toda a sensação de frio. Friccionou-lhe os braços, as pernas, as costas. Deslizou a toalha por sua nuca, em volta dos ombros, debaixo dos seios. Esfregou-a até que um leve colorido róseo substituísse o tom azulado de sua pele esplendorosa. Então, envolveu-a num cobertor de lã e deitou-a novamente no tapete, ao calor da lareira.

Quando Jessel abriu os olhos, viu-o diante de si, os olhos azuis tão profundos e misteriosos quanto as águas do Estreito, em março.

— E agora? — sussurrou.

Jake lentamente ergueu-lhe o rosto e cobriu-lhe os lábios frios com os dele, quentes e úmidos.

— Agora, vou lhe dar um banho bem quente.

Ela o ouviu movimentar-se na cozinha, acendendo o fogo e enchendo as chaleiras de água, ruídos familiares que a mergulhavam no passado e lhe davam uma sensação de bem-estar. Com o espírito em repouso, aproximou-se mais da lareira e pôs-se a fitar o fogo, alheada. Minutos depois, ele entrou na sala com um copo de rum na mão.

— Sabia que podia contar com Zacarias. Veja, é um rum especial que seu pai comprou há seis anos e desde então só fez melhorar. Aqueci-o com um pouco de manteiga para melhorar sua circulação.

— Onde o descobriu? Jake deu uma risadinha.

— Zacarias tinha seus segredos. Beba, enquanto eu encho a tina.

Instantes depois, ele a mergulhava até o pescoço na água quente. Feito isso, instalou-se atrás dela e pôs-se a ler o Inquirer. De repente, sob o efeito da bebida e do banho relaxante, ouviu-a rir baixinho. Sorriu intimamente, mas continuou a ler.

Decorridos alguns minutos, levantou-se para despejar mais água na tina e mais rum no copo. A sala, de teto alto, estava mergulhada na penumbra do anoitecer, a única claridade provindo do fogo da lareira, um fulgor quente e alaranjado que emprestava a tonalidade do bronze à pele de Jessel.

Lembrou-se da tarde em que haviam ficado nus, aos raios do sol poente: ela parecia uma estátua egípcia. Havia aberto seus corações, então, e trocado juras de amor eterno...

— Já está bem aquecida ou quer mais água quente? — perguntou-lhe com voz rouca.

Ela inclinou a cabeça para trás e o fitou com os olhos redondos de excitação.

— Nunca me senti melhor, mas acho que bebi demais.

Jake ficou encantado. Aqueles olhos maravilhosos orlados de cílios negros jamais lhe pareceram tão sedutores.

— Acho melhor eu ajudá-la — murmurou, levantando-se. — Seria uma descortesia de minha parte não estender a mão a uma jovem em apuros.

Jessel riu novamente e deixou que ele a tirasse da tina e a colocasse no chão. Depois ergueu os braços langorosamente, sem pudor, para que a enxugasse.

Desta vez, no entanto, não a enxugou com vigor. Mas deixou que a toalha macia deslizesse lenta, sensualmente, quase como uma carícia, sobre a curva delicada de seus quadris, sobre o ventre liso e se detivesse nos seios brancos, rijos sob o efeito de suas massagens.

Jessel sentiu o sangue correr mais rápido nas veias, num prenúncio de uma onda de desejo, e enlaçou-lhe o pescoço.

— Então?

Com um gemido sufocado, Jake a puxou para si e a abraçou com força. Essa era a mulher que sempre soubera existir sob as roupas modestas e a austera submissão quaker. A mulher de pele alva, lisa como seda, de cabelos negros que cheiravam a flores do campo. Era Jessel, a mulher que amava! Num ímpeto, arrancou as roupas e deixou-se cair com ela sobre os cobertores macios espalhados diante da lareira.

Quando emergiu daquele mar de fogo, envolto em cansaço e ardor, aqueles lindos olhos ainda brilhavam.

— Não negue, Jessel. Nada mudou entre nós. Fomos feitos um para o outro e nada poderá nos separar,

Ela fitou-o longamente e depois aninhou-se em seu peito com um suspiro. Não podia negar. Só se sentia viva, completa, satisfeita, quando se rendia a seu amor. Mas estava demasiado cansada para falar.

Jake começou levemente a beijar-lhe os olhos, o rosto e o lóbulo da orelha.

— Diga que é verdade — murmurou-lhe ao ouvido. — Diga que me ama e que nada poderá nos separar.

Arrepiada de prazer, ela rodeou-lhe o pescoço com os braços.

— Eu o amo e nada poderá nos separar. Nada... a não ser suas longas viagens.

Ele notou a nota de tristeza em sua voz, mas não disse nada. Não havia nada a dizer. Aquela era uma questão antiga e o maior obstáculo à felicidade de ambos. E parecia sem solução.

Voltou a deitar-se, agora bem decidido a conservá-la junto de si. Mas como? Previa as dificuldades: sua mente lúcida apontava-lhe todas. Por um momento tentou iludir-se. Pensou que, na languidez do amor, ela cederia se fosse convincente. Mas, em seguida, recusou-se a tranquilizar-se com tal idéia.

— Meu Deus, como fomos tolos! — gritou de repente, batendo na testa.

— Que foi?

— Oh, Jessel, Jessel... — disse, tomando-a nos braços e rolando com ela sobre o tapete.

— Ficou doido?

— Não, minha linda Jessel, não fiquei doido. Ao contrário, acabo de recuperar meu bom senso!

Jake debruçou-se sobre ela e tomou-lhe o rosto entre as mãos.

— Case-se comigo! Case-se comigo e venha viver no Jessel Maid. Desse modo, não teremos de nos separar jamais!

Jessel fitou-o, boquiaberta. Aí estava a solução para todos os seus anos de angústia, a oportunidade de ver restaurado o lar de sua infância! Ele sorriu diante de seu assombro.

— Qual é sua resposta, Jessel? Quer se casar comigo?

Ela agarrou-se a ele, o coração quase explodindo de felicidade.

— Já não sabe a resposta? Sim, quero ser sua esposa, Jake.

Fazia muito frio na sala de visitas quando Jessel acordou. Estremecendo, ela esticou o braço e jogou uma acha na lareira. Depois voltou a aconchegar-se nas cobertas, esperando que as chamas a envolvessem no seu calor habitual. Enquanto esperava, pôs-se a rememorar os acontecimentos da véspera, admirando-se novamente da solução simples e satisfatória encontrada por Jake para acabar com um desentendimento que durava anos.

Conservou-se por algum tempo imóvel, olhando as chamas crepitantes. Ao recair na meditação, lembrou-se de seu compromisso com Shubael. Era impossível mantê-lo. Estavam agora separados por coisas mais fortes. Sentiu uma pontada de culpa, que foi logo sobrepujada pelo alívio de saber-se livre de um futuro previsível e sem amor.

Um arrepio de excitação percorreu-a, diante da nova perspectiva de amor e aventura. E foi com o coração cheio de uma felicidade que não conhecia havia anos que começou a vestir-se para ir ao estaleiro, onde se encontraria com Jake.

Também Jake estava de ótimo humor. Não podia imaginar por que não tinha pensado antes em levar Jessel consigo. Quantas discussões teriam sido evitadas, quanta ansiedade! Mas isso já fazia parte do passado. Assim como as longas noites sem repouso, desejando-a junto de si para compartilhar não só de seu leito, mas de seu fascínio pelos portos de escala dos mares orientais, ativos e alegres como uma parada festiva.

— É um lindo dia! — exclamou de repente, batendo nas costas de Bobby Cronin.

O homem olhou para o céu cinzento e cocou o queixo.

— Só para quem gosta dos ventos gelados do norte e de neve. Jake riu, reconhecendo seu exagero, e explicou:

— Estou muito satisfeito. Os trabalhos de reparo estão indo bem. A continuar assim, o Jessel Maid poderá ser lançado à água na data prevista. Já começou a esculpir a figura de proa?

Bobby assentiu e apontou para um tronco de madeira de dois metros de altura.

— Tem certeza de que a quer com os pés nus? Ainda há tempo para modificar o esboço inicial.

— Pés nus! — confirmou Jake, enfático.

O ruído de uma carruagem que se aproximava interrompeu a conversa dos dois homens. Jake virou-se, achando que fosse Jessel, mas, para seu assombro, viu que os ocupantes do veículo eram um rapaz de cerca de dezesseis anos e as duas irmãs Coffin.

Ele fora visitá-las ao chegar, para transmitir a Sarah a última vontade de Zac. Mas havia sido um cuidado inútil. Encontrara-a já casada com Barzillai Cartwright.

Nesse momento, porém, enquanto atravessava o pátio para ir ao encontro dos visitantes, estava feliz demais para alimentar qualquer mágoa contra aquela que passara pela vida de seu amigo como uma visita agradável e frívola.

— Alô, Jake — disse Liddy, estendendo-lhe a mão delicada para que ele a ajudasse a descer. — Por que se faz de difícil?

Ele encolheu os ombros e sorriu.

— Difícil, eu?

— Não o vimos mais, desde sua única visita, há dois meses. Se não estivesse tão ocupado com seu navio, juraria que está nos evitando.

— Absolutamente! — disse Jake, e depois dirigiu-se a Sarah: — Como vai?

Ela estendeu-lhe a mão:

— Tenho um grande prazer em vê-lo.

— Obrigado.

— Jake, quero apresentar-lhe nosso primo Seth — disse Liddy, pousando a mão no ombro do rapaz. — Seth, este é o famoso capitão Swan.

Seth limitou-se a inclinar a cabeça, com ar indiferente, e foi refugiar-se do vento cortante junto ao costado do Josephine.

Vagamente aborrecido, Jake voltou-se para as duas irmãs.

— Está muito frio para duas damas tão delicadas saírem de casa. O que as trouxe até aqui?

Liddy levantou os olhos para o céu.

— Tem razão, é um dia horrível, mas morríamos de vontade de conhecer seu navio. Não é, Sarah?

— Sim, Liddy.

Ela olhou com ar extasiado para o Jessel Maid, ainda escondido pelos andaimes.

— É tão bonito! O orgulho de nossa frota de baleeiros! Não há dia que eu não ouça alguém falar de suas linhas nobres e de seu fabuloso desempenho. E então vejo-me forçada a explicar que o mérito não é apenas do navio, mas também de seu extraordinário capitão.

— É muita bondade de sua parte — murmurou Jake, com irônica modéstia.

Liddy acenou com uma das mãos, enluvada de fina pelica francesa, e deslizou a outra pelo braço dele, com intimidade.

— Quanto tiver tempo, quero que me conte tudo a respeito do Jessel Maid. Tudo!

Ela parou diante do estrado provisório de madeira, olhou para cima com ar reverente e depois inclinou-se confidencialmente para ele.

— Devo confessar-lhe uma coisa: viemos até aqui para pedir-lhe um favor.

Ele ergueu os cenhos, divertido.

— Ah... Então é isso?

— Estávamos desesperadas, não sabíamos a quem pedir socorro. E então pensamos em você: o homem perfeito para o nosso caso.

— Diga o que quer, Liddy.

— Trata-se de Seth... Ele chegou muito tarde na vida de tia Mary o... E apresentou problemas.

— Que tipo de problemas?

— Oh, ele é um pouco... Lento nas coisas. Além disso, foi estragado com mimos.

— Compreendo.

— Como o pobre tio Enoch é velho demais para servir-lhe de exemplo — continuou a moça —, ocorreu-nos, a Sarah e a mim, que um período em mar alto, sob o comando de um capitão de pulso forte, poderia transformá-lo num homem.

Ela fez uma pausa e sorriu sedutoramente.

— Vê algum inconveniente em levá-lo consigo no Maid, Jake?

Jake correu os olhos pelo pátio, e viu Seth ainda parado no mesmo lugar. Não queria, de modo algum, empenhar-se na tarefa talvez inútil de fazer daquele rapaz atoleimado um homem aceitável. E também não o queria na sua equipagem. Num

baleeiro, a agilidade poderia constituir a diferença entre a vida e a morte.

Ia apresentar uma desculpa convincente, que o desobrigasse, quando Sarah sorriu-lhe com a profunda e doce serenidade de um anjo de Rafael. Uma visão passou fugazmente em sua memória: Zac com ela nos braços, na praia de Coatue, retribuindo, com adoração, seu olhar cheio de doçura. Isso o fez vencer a relutância.

— Ainda não formei minha equipagem, mas vou pensar no assunto e verei o que posso fazer.

Liddy jogou os braços em volta de seu pescoço, lançando gritinhos de alegria.

— Obrigada, Jake. Sabia que podia contar com você! Enquanto a jovem colava-se a ele, sem reservas, ficou vagamente consciente de um ruído de passos leves atrás de si. Quando conseguiu desvencilhar-se dos braços dela, voltou-se mas não viu ninguém. E, minutos depois de acompanhar os visitantes até a carruagem, já havia esquecido o incidente. Nada, nem mesmo Seth, podia aborrecê-lo nesse dia.

Jessel, no entanto, sentia o mundo afundar a seus pés. Era ela a visitante furtiva. Fiel a seus hábitos, havia preferido exercitar as longas pernas numa boa caminhada e dispensara a carruagem. Chegara ao estaleiro justamente a tempo de ver Liddy deslizar o braço pelo de Jake, inclinar-se confidencialmente para ele e cochichar-lhe coisas ao ouvido.

Ele estava de costas, não lhe via o rosto, mas vira-o olhar para Liddy e assentir. E depois a moça responder com um sugestivo abraço. Sentira o sangue fugir-lhe do rosto. Jamais teria imaginado que, depois de propor-lhe casamento e jurar-lhe amor eterno, ele fosse se jogar nos braços daquela criatura frívola.

E ao lembrar-se de si mesma, nua em seus braços, sentira náusea e humilhação. Como pudera ser tão confiante? Ele era um homem frio e sem sentimentos, que, obviamente, gostava de por à prova seu carisma masculino com cada mulher que encontrasse nos portos de escala! Fugira, mal enxergando através das lágrimas que lhe enchiam os olhos. Precisava afastá-lo de sua vida, custasse o que custasse!

Nessa mesma noite, quando Jake abriu o portão do jardim assobiando uma bela canção, os olhos de Jessel já estavam secos, frios e determinados. Ao vê-lo entrar na cozinha com um sorriso de pura alegria a iluminar-lhe o rosto e os olhos, vacilou. Porém a cena a que assistira naquela manhã continuava diante de seus olhos. E deu-lhe forças para enfrentá-lo.

— Não se dê ao trabalho de tirar o casaco — disse-lhe com voz trêmula.

— Por quê? Pretende ir à casa de Harriet? — Jake atravessou a cozinha e curvou-se para beijá-la no rosto.

Jessel esquivou-se e ele a fitou, surpreso. Notou, então, que seus olhos, que vira tão grandes, carregados de desejo e paixão, estavam agora endurecidos.

— Por quê? — tornou a indagar, agarrando-a pelo braço. Como ele era cínico! Sabendo disso, tornou-se capaz de repeli-lo.

— Reconsiderarei sua proposta de casamento e resolvi não aceitá-la. Bebi demais ontem à noite e não sabia o que estava dizendo.

Suas palavras encontraram Jake inteiramente desarmado. Por um instante, ele ficou silencioso. Depois explodiu:

— É um verdadeiro disparate! Não acredito numa palavra do que você disse!

Sequiosa por vingar-se da mágoa que havia sofrido, ela foi cruel:

— Não é nenhum disparate. Quero caminhar com minhas próprias pernas, seguir minha própria rota, conhecer o mundo. Tenho outros planos para minha vida e eles não incluem você.

Ele apertou-lhe o braço com força, até ouvi-la gritar.

— Ótimo! — rugiu então, sua fúria aumentada pelo desapontamento. — Foi muito bom acertamos isso agora. Já é difícil suportar seu humor instável em terra, quanto mais no confinamento de um navio! Provavelmente, acabaria por torcer esse seu lindo pescoço.

Já com a mão na maçaneta, ajuntou:

— Vou embora assim que o Maid estiver pronto para zarpar. E pode ficar certa de que será para sempre!

Ele saiu sem se voltar, o som de seus passos extinguindo-se logo atrás da porta.

Jessel deixou cair os braços ao longo do corpo, enquanto um frio mortal a envolvia da cabeça aos pés. Desta vez, não haveria retorno. Estava acabado.

CAPÍTULO XVIII

Antártida, Janeiro 1846

Protegido por um grosso casacão de pele de foca, Shubael permanecia na ponte do Justice, observando a atividade a bordo do Eleanor, ancorado algumas centenas de jardas mais adiante. A tripulação movia-se rapidamente, limpando o convés, prendendo os botes, enrolando os cabos. No dia seguinte, com o porão cheio de azeite e peles, abririam caminho através dos bancos de gelo, livres para voltar de onde tinham vindo.

Invejava esse final de jornada e a perspectiva da volta ao lar. Caçar focas era mil vezes pior do que pescar baleias. Além de brutal e sangrenta, essa atividade desenvolvia-se preferencialmente em terras geladas. Não lhe oferecia nem ao menos a satisfação de levar seu navio pelos vastos mares tranquilos, onde podia caminhar pelos passadiços acariciando pensamentos voltados para a melhor parte de sua vida, de sua verdade secreta.

Sentia falta dessa recompensa. Mas como não podia voltar para trás, continuava a ancorar nos portos gelados daquele fim de mundo e a sair para a batida em botes ou a pé, enfrentando o rigor do tempo.

O frio... Shubael estremeceu sem querer. O frio era mais impiedoso do que havia imaginado. Não havia momento em que pudesse descontraí-lo ou relaxar sua guarda contra o vento, a geada e a neve. Fazê-lo podia significar a morte. — Vamos baixar, senhor?

As palavras de Ephraim Myrick, abafadas pelo grosso cachecol que lhe escondia o rosto, penetraram em seus pensamentos. Desviou os olhos invejosos do Eleanor e fitou-os no seu primeiro imediato.

— Sim, Sr. Myrick — respondeu, com seu habitual formalismo. — Baixaremos todos os botes e seguiremos o mesmo curso de ontem.

Uma hora depois, Shubael guiava seu barco através de uma pequena baía e ordenava ao homem da proa para enterrar a âncora no gelo, não muito longe de um grupo de focas que descansava, preguiçosamente, resfolegando com satisfação, após um rápido mergulho nas águas geladas do Antártico.

À brusca aparição dos caçadores, armados de lanças, arpões e pesadas maças, os animais ergueram-se desajeitadamente, já buscando refúgio sob os bancos de gelo. Mas, a um sinal de seu capitão, os homens avançaram rapidamente e, à força de pragas e golpes, cortaram a retirada dos pobres animais que, auxiliados por seus estranhos membros, começavam a mover-se com surpreendente rapidez.

No momento em que sua tripulação fechava-se em torno do grupo que guinchava, latia, uivava, Shubael e mais um dos marinheiros puseram-se a perseguir uma fêmea em pânico e seu filhote, obstruindo suas tentativas de mergulhar rumo à liberdade, até a ponta extrema de uma península. Ali, enquanto seu companheiro avançava para cima da atribulada mãe-foca, ele levantou a maça e esperou que sua própria vítima, já desorientada, ficasse ao alcance da arma.

Nessa fração de segundo, alguma coisa em seu íntimo rebelou-se. Mas, quase a seguir, sobreveio o momento de ação. Seus bem treinados reflexos assumiram o

controle e ele baixou o bastão com força sobre a cabeça do bebê-foca.

Simultaneamente, a lança do marujo encontrou seu alvo e os roucos gritos de desespero da mãe-foca se transformaram num gemido estrangulado. Quando ela caiu inerte, após um último estertor, o ar ficou parado. A não ser pelos incessantes estalos de gelo, tudo era silêncio em torno.

Com os gritos de agonia do animal ainda varando-lhe de punhaladas o coração e o cérebro, Shubael fitava, horrorizado, o rio de sangue que se espalhava pela neve imaculada. Subitamente, não agüentou mais. As emoções que sufocara em seu íntimo durante anos de rígido autocontrole extravasaram com feroz selvageria. Ergueu a maça e pôs-se a golpear cegamente o corpo imóvel do bebê-foca, enquanto pensamentos terríveis desencadeavam-se em sua mente.

Teria continuado a golpeá-lo indefinidamente se um som cavernoso não interrompesse sua macabra tarefa. Com a maça parada no ar, ergueu os olhos para seu companheiro, ainda sem compreender o que havia acontecido. E foi precisamente nesse instante que viu o homem dar um passo para trás, bater o ar com seus braços erguidos, tropeçar e cair no poço escuro que se abria a seus pés.

O minuto seguinte, o último minuto de Shubael era terra, foi repleto de um tumulto de fatos e sensações. Houve uma vibração que lhe pareceu entrar no corpo e subir ao longo da espinha até o alto da cabeça. Ao sentir o solo faltar sob seus pés, rolou sobre si mesmo e caiu de bruços sobre a neve. Seu gorro voou e a respiração faltou-lhe, com a força do impacto.

Quando deu por si, a pequena península, que agora não passava de um bloco de gelo, estava já a alguns metros da terra firme, deslocando-se rapidamente, sob a ação da corrente e da maré, para o mar aberto.

O vento gélido que lhe desmanchava os cabelos tornou-o vagamente consciente de que estava com a cabeça descoberta. De algum modo, através da névoa que lhe ofuscava a mente, lembrou-se de que trazia outro, de reserva, no bolso do casaco. Ali, naquela região frígida e solitária, ninguém ignorava que era vital proteger-se contra o frio.

Penosamente, rolou para um lado e tateou os bolsos, à procura do grosso gorro de lã que Jessel lhe tricotara. Quando o encontrou, enterrou-o na cabeça até as orelhas e depois, com grande esforço, enrolou o cachecol em volta do pescoço e do rosto.

Quando tornou a ficar de bruços, viu o corpo do bebê-foca, reduzido a uma massa sangrenta, a alguns passos de seus olhos. Um grito de horror escapou de sua garganta. Empurrou a carcaça para longe de si com o braço e então, sufocado pela náusea, escondeu a cabeça nas dobras do cachecol.

Não sentia medo e estava exausto demais para especular sobre suas possibilidades. Era inútil saber para onde o levava aquele oscilante bloco de gelo. Se não fosse recolhido por algum navio, seria a morte certa. Mas não se importava. Havia perdido o controle sobre sua vida quando a maça atingira o bebê-foca. Desejava apenas que aquela abominação terminasse o mais depressa possível. O dia tornou-se noite escura. O vento incessante e o frio intenso acabaram por invadir o conforto de sua casaca de peles. Era uma sensação penosa, de ardor, de aspereza, que lhe enregelava e entorpecia os membros. Quando tentou erguer a cabeça, movido pelo instinto de sobrevivência, não conseguiu. Resignado, deixou-a tombar de novo, pensando que em breve, talvez antes que o dia viesse, estaria morto.

Cessou de tremer e caiu num estado entre a vigília e o sono. Na lassidão que se seguiu, sentiu-se envolver, aos poucos, por um delicioso torpor. Tinha a impressão de encontrar-se deitado ao sol das Seychelles, nu ao lado de Amedée. Ia estender a mão para recuperar a lembrança que se apagava quando a escuridão tornou a engoli-lo.

— Diga ao timoneiro para manter a rota, Sr. Whitbread. Ainda trinta e duas milhas nessa direção e depois, ao alcançarmos as Orkneys, pode desviar vinte e dois

graus para o sul. Estamos marchando bem.

— Sim, senhor. Vai subir ao convés para ler o sextante?

— Oh, não! Seus olhos são mais penetrantes do que os meus, Sr. Whitbread. Prossiga sem mim.

— Sim, senhor.

Foram essas vozes, desconhecidas e inconfundivelmente britânicas, que trouxeram Shubael ao mundo consciente. Embora relutante em deixar o conforto e a segurança da escuridão que o envolvia, ele fez força para se concentrar no que os dois homens diziam e compreender o que estava acontecendo.

Com um débil gemido, abriu os olhos e viu, diretamente acima de sua cabeça, uma lanterna de latão que oscilava de um lado para o outro. Com algum esforço, percebeu que estava deitado de costas na cabina de algum navio estrangeiro.

— Oh, alô! Decidiu voltar ao nosso convívio?

Shubael virou lentamente a cabeça na direção da voz rude e deparou com um rosto redondo e jovial de faces vermelhas e olhos claros e atentos.

— Sem dúvida, está me perguntando onde está — tornou o homem. — Sou o capitão Dawson e este é o meu navio, o mercante Charlotte.

Diante dessa informação, Shubael deixou os olhos errarem vagarosamente pelo local. Num canto havia uma estante de mogno e bronze. No outro uma grande mesa, inteiramente ocupada por uma carta de marear e uma arca de remédios. Reconheceu a atmosfera. Estava no gabinete de trabalho do capitão Dawson.

— Nós o encontramos inconsciente, há quatro dias. O senhor estava flutuando num pequeno bloco de gelo. É um milagre que esteja ainda vivo. Quando o recolhemos, a água estava começando a inundar tudo. Mais um pouco e não estaria aqui para ouvir a história de seu resgate. — Acomodando-se melhor na beirada do sofá em que Shubael estava deitado, disse: — Teve um princípio de congelamento nos dedos dos pés. Não acredito que vá perdê-los, mas acho que irá odiar o frio pelo resto de sua vida!

Ele ficou um instante em silêncio, antes de dizer:

— O senhor deve ter uma grande vontade de viver, além, é claro, de uma constituição de ferro. É muito raro que alguém sobreviva a um acidente desses, nesta região infernal!

Depois, lançou um olhar aborrecido para a vigia coberta de gelo.

— Não há ocasião em que venha para cá e que não tenha notícias de um acidente fatal. Um pouco antes de recolhê-lo, cruzamos com um baleeiro de Nantucket. Resolvemos abordá-lo com a esperança de comprar algumas peles, mas eles tinham acabado de chegar da América. Estavam desorientados porque haviam perdido dois homens neste fim de mundo, um deles seu próprio capitão. A única coisa que encontraram dele foi o gorro de peles junto ao corpo congelado do outro marujo. O pobre homem deve ter ficado preso debaixo da geleira.

O capitão Dawson estremeceu ante o horror de tudo aquilo e voltou a afirmar:

— Tem sorte de estar vivo. Esta é uma terra funesta. Mas boa para o comércio — acrescentou, com uma resignado encolher de ombros. — Agora que resolvemos nossa pequena disputa com os chineses, estamos de volta aos negócios. É para a China que o Charlotte está se dirigindo. Mais precisamente, para Cantão.

Então, lembrando-se de que ainda não conhecia a identidade do homem que recolhera, perguntou:

— E o senhor, quem é? Eu diria um caçador de focas ianque. Estou certo?

Shubael estava ainda tão chocado que não pôde proferir um único som. Então sua tripulação presumia que ele estivesse morto, desaparecido debaixo da geleira! Congelado, como seu marujo. E por uma única razão: seu gorro de peles. Não era de admirar que Dawson não houvesse feito nenhuma ligação entre ele e o capitão do Justice. O homem que recolhera a bordo estava usando um gorro de lã.

Mas Shubael Brown estava vivo. O capitão Dawson dissera que ele devia ter

uma grande vontade de viver. Enganara-se. Não tinha vontade de viver e era melhor que tivesse morrido. Estava cansado de virar as costas para os oceanos tropicais e os horizontes limpos, no afã de matar baleias e outras criaturas indefesas. Estava cansado de passar os anos na austera solidão de seu navio, levando uma existência ainda mais austera. Estava mortalmente cansado de arcar com as responsabilidades alheias e perseguir essa coisa tão ilusória chamada sucesso. Não, não tinha nenhuma razão de viver.

— Bem... Bem... — disse o capitão, interpretando mal seu silêncio. — Já ouvi falar disso. Amnésia. A memória de um ser humano pode ficar vazia após um trauma. Mas talvez eu possa ajudá-lo. Enquanto esteve inconsciente, o senhor chamou várias vezes por Amedée. Esse nome lhe diz alguma coisa?

— Amedée...

Shubael terminou de formar a imagem que estava com ele ao perder a consciência e sentiu o gosto de canela daquela pele sedosa, aquecida pelo sol e acariciada pelas brisas perfumadas dos trópicos. Tinha, sim, uma razão para viver: Amedée! Ao lado dela, sentia-se vivo, completo e livre! Livre das restrições que lhe haviam sido impostas na infância. Livre para viver e amar!

Nesse instante, tomou uma decisão irrevogável. Não voltaria para Nantucket e muito menos para a morte lenta de uma existência sem amor. Iria cumprir a única promessa que valia a pena ser cumprida: voltar para Amedée. Para sempre!

Tomada essa resolução, sentiu um alívio imediato, o mesmo que tão cegamente havia procurado, ao golpear o corpo inerte do bebê-foca. Agora estava livre para unir-se a Amedée. Com essa sensação de liberdade veio-lhe a súbita compreensão do motivo do fracasso de seu pai. Ele falhara, não porque houvesse feito investimentos imprudentes, ou porque conduzira mal seus negócios, mas porque se casara com uma mulher que não amava.

Respirou fundo. Era mais uma carga da juventude que lhe era retirada dos ombros. A outra, o próprio Benjamin Swain encarregara-se dela, tempos atrás. Não lhe dissera: "Você não pode passar o resto de sua vida pagando pelos erros de seu pai"? A única pessoa a quem ainda devia alguma coisa era Amedée. Devia-lhe amor. E essa era uma dívida que estava ansioso para pagar.

Sentia-se livre de todo julgamento e eufórico à idéia de que estava se curvando a uma estranha fatalidade: seguir os passos de seu pai e desaparecer. Deixava o passado para trás sem pesares. Benjamin Swain encontraria outro capitão, igualmente ou até mais qualificado, para substituí-lo. Sua mãe não ficaria desamparada, já que seus irmãos menores eram agora homens feitos e poderiam contribuir para o sustento dela. E, de uma certa forma, era melhor que o julgassem morto. Sofreriam menos do que se supusessem uma deserção impulsiva e irrefletida.

Havia ainda Jessel. De todos, apenas ela iria sofrer. Mas era preferível que chorasse por ele agora a passar o resto de sua vida lamentando um casamento sem amor. Com o tempo, ela o esqueceria e estaria livre para entregar-se ao amor de Jake. Justamente como ele ia fazer com Amedée.

Shubael abriu os olhos e fixou-os no capitão Dawson.

— Acabo de me lembrar... Meu nome é Jones... Alfred Jones, terceiro imediato de Eleanor, de New Bedford. Estávamos voltando para casa, quando caí da balaustrada e aterrei num banco de gelo. Devo ter perdido a consciência. Quando voltei a mim, não se distinguia o mar do céu, não se enxergava nada, não se ouvia nada. Era como se eu tivesse caído num poço fundo...

O capitão balançou a cabeça.

— É um homem de sorte, Alfred Jones. De muita sorte...

— Sei disso.

— Muito bem! — Dawson levantou-se. — Como lhe disse antes, nosso destino é Cantão. Eu o deixarei em Payta ou Valparaíso. Lá, não lhe será difícil conseguir um navio que o leve de volta a New Bedford.

Shubael refletiu um minuto, visualizando mapas e rotas.

— Se não se importar, prefiro ficar em Cantão. Não há ninguém a minha espera em New Bedford.

O capitão encolheu os ombros. Não era justo sujeitar a interrogatório um homem que acabava de arrancar da morte.

— Faça como quiser.

Em Cantão, Shubael vendeu seu grosso casaco de pele de foca e comprou uma passagem para um navio mercante britânico, direto a Madras, na Índia, onde entrou em entendimento com o dono de um bergantim árabe, para que o deixasse no Ceilão. Lá, arrumou um emprego num navio da linha Dutch East India, carregado de chá, que fazia escala em Maurício.

Uma vez em Maurício, um pacote postal do governo levou-o para Mahé, onde conseguiu transporte numa escuna cujo destino era a Grand Anse. Atravessou a ilha a pé até a baía de Sta. Anne e ali passou cinco dias, antes de encontrar um pescador disposto a ajudá-lo. . Naquele momento, sentado no banco, todo curvado para a frente, Shubael olhava para o mar cor de púrpura. Seus olhos estavam por demais ofuscados pela reverberação das águas para que pudesse enxergar nitidamente, mas sabia que apenas cinco milhas o separavam de La Digue e de Amedée... Chegava a seu destino sete meses após ser recolhido a bordo do Charlotte e somente com as roupas do corpo.

Enquanto caminhava para a confortável casa de Napoleon, começou a ficar angustiado. Durante sua longa jornada, estivera tão imerso em sonhos e em expectativas que não levava em consideração o fato de que Amedée pudesse não querê-lo mais, agora que não tinha um níquel.

Diminuiu o passo, lembrando-se da última vez em que chegara a La Digue. Naquela época, era um homem próspero, mas estava também consumido pelas dúvidas. E se Amedée o esquecera? E se tivesse casado com outro?

Estacou a alguns passos da casa de Napoleon, sem coragem para prosseguir, e desceu até a praia em frente. Um menino pequeno estava no raso, lutando para fazer flutuar um barco feito com a metade de um coco.

Shubael postou-se a seu lado, sorrindo de sua evidente frustração.

— Quer que eu lhe mostre como deve colocar a vela? O garotinho assentiu sem virar a cabeça.

— O mastro deve ficar bem reto e a vela colocada de modo a receber o vento — explicou-lhe, enquanto ajustava a folha de takamaka que servia de vela. — Veja: agora está pronto para flutuar.

— Meu barco, meu barco flutuou... — O menino bateu palmas. Ao sorrir, duas covinhas formaram-se em seu rosto redondo, e seus olhos amendoados quase se fecharam.

Shubael prendeu a respiração. Esse rostinho infantil tinha qualquer coisa de familiar. Lembrava-lhe...

— Como você se chama?

O menino estava tão encantado com seu brinquedo que não respondeu.

— Como você se chama? — tornou Shubael, agarrando-o ansiosamente pelo braço.

— Ti-Shubell — respondeu ele distraidamente.

Shubael deixou cair o braço ao longo do corpo. Ti-Shubell... Pequeno Shubael... Era seu filho! Estava ainda absorvendo o fato quando ouviu uma voz rouca e musical chamar:

— Shubell... meu Shubell... Você voltou para casa!

Voltou-se lentamente e viu Amedée à beira da água, com os braços abertos. Correu para ela e ergueu-a no ar, aspirando o aroma de canela de seu corpo e cobrindo-a de beijos. Depois, riu deliciado.

— Sim, Amedée. Voltei para casa. Para sempre.

CAPÍTULO XIX

Nantucket Abril 1846

Após uma breve ondulação inicial, o Jessel Maid deslizou suavemente sobre as plataformas engraxadas e fendeu as águas do porto. Prosseguiu graciosamente, rebocado pelos dois botes baleeiros, até atingir águas mais profundas, e então lançou âncora.

Da extremidade do estaleiro, Jake seguia seu desempenho com entusiasmo e orgulho.

— O Maid parece em ótimo estado, não acha? — perguntou, dando um tapinha amistoso nas costas de John James Henry.

O nativo cruzou os braços sobre o peito e deu sua aprovação com tranqüilidade.

— Muito bom, Jake. Está até melhor do que antes, parece novo. Gostei da estátua.

Ele se referia à figura de proa, uma fiel reprodução de Jessel. O escultor irlandês Bobby Cronin conseguira captar seu espírito de liberdade e independência. Propelida para o alto, como uma flecha, a cabeça lançada para trás, dava a impressão de que não se desfaria ao impacto de coisa alguma, irresistível no impulso que a precipitava para a frente.

A essa menção, Jake esfriou. Após aquela breve, mas amarga discussão com Jessel, quase pedira a Bobby para não terminar a estátua. Cada vez que lhe lançava os olhos, as palavras cruéis voltavam-lhe à mente: "Não há lugar para você em meus planos". E a sua fúria se renovava.

Mas, a seguir, lembrava-se dela saindo do banho, rosada e irradiando amor, e sua fúria se evaporava. Enquanto se debatia entre esses dois extremos, Bobby, inconsciente de sua luta íntima, trabalhava incansavelmente. Aplicara as últimas camadas de tinta na estátua quando ele estava em Nova York e depois a colocara em seu lugar.

Ao retornar, ainda irritado, Jessel o cumprimentara da proa de seu navio. Despejara uma torrente de pragas, mas era tarde demais. Não a podia remover do Maid como não podia removê-la do coração. Como ele próprio dissera, eram feitos um para o outro. E agora a teria para sempre, uma reprodução em madeira pintada na proa.

Jake imprecou baixinho e afastou-se da linha d'água, perguntando-se, pela centésima vez, qual seria a razão do estranho comportamento dela. Que se passava por sua linda cabecinha? Que tipo de emoção a fizera negar seus sentimentos, que sabia serem tão profundos e fortes como os dele?

— Veja, ela parece voar!

A voz que interrompera suas tristes conjecturas era do escultor irlandês, que se postara a seu lado com as mãos nos bolsos e os olhos fixos no Jessel Maid.

— Dizem que as bruxas costumam voar — respondeu-lhe.

— Bruxa? — espantou-se o homem. — É isso que ela lhe lembra? Minha obra não o agradou?

— Não é isso, Bobby. Não estava me referindo à estátua. Você fez um trabalho de mestre e eu lhe peço desculpas por não ter dito isso antes.

Bobby Cronin suspirou.

— Tive de esculpi-la quase de memória. Nos primeiros tempos, a dama vinha seguir os trabalhos de seu navio com freqüência. De repente, quando eu mais precisava dela, desapareceu! Mas seu rosto é daqueles que se vêem raramente e que nunca mais se esquecem. Especialmente os olhos.

— São olhos sedutores — disse Jake tristemente.

— São as janelas de sua alma, revelam todos os seus sentimentos — ajuntou Bobby, com entusiasmo. — Lembro-me de uma manhã, a última vez que a vi... Suas pupilas luziam, pareciam dois faróis em contraste com a tez branca e os cílios negros. Que visão!

Enquanto Jake resmungava algo entre dentes, ele tornou:

— Lembra-se daquele dia, não? Aquele em que as irmãs Coffin trouxeram um primo, um rapaz estranho por sinal...

Jake olhou-o mais fixamente.

— Então ela esteve aqui naquela manhã? — perguntou, lembrando-se vagamente de ter ouvido passos atrás de si, enquanto se desvencilhava dos braços de Liddy.

— Sim, esteve aqui — confirmou Bobby. — Foi a última vez que a vi.

Jake ficou imóvel, olhando-o sem ver. Jessel estivera no estaleiro naquele dia... Vira Liddy com os braços em torno do pescoço dele, a cochichar-lhe coisas ao ouvido. Interpretara mal o que vira e ficara com ciúme!

Mas isso tinha remédio. Iria procurá-la e lhe diria: "Só amo a você, Jessel Joy!" Ela haveria de entender que seu amor nada tinha a ver com aquela estupidez! Era loucura ela se inquietar por causa de outra. Como se houvesse para ele outras mulheres no mundo!

Esboçou um sorriso enorme e bateu nas costas do irlandês.

— Até logo, Bobby.

Vinte minutos depois, batia à porta de Jessel.

Apenas o tique-taque do relógio de pedestal chegou até seus ouvidos, através da porta fechada. Experimentou o trinco: estava fechado à chave. Deu a volta pelo jardim e entrou pela porta da cozinha, que estava aberta. Tornou a chamar, mas só o eco respondeu-lhe.

Olhou em volta. Num canto do fogão, onde as chamas crepitavam, havia um bule de café fresco. Com certeza, ela saíra para fazer algumas compras, peixe para o jantar ou manteiga para o pão recém-saído do forno, que estava esfriando sobre a mesa de mogno.

Tirou do armário um pote de geléia de mirtilos e a faca de pão, movendo-se naquela cozinha confortável como se estivesse na sua própria casa. Sentou-se à mesa, serviu-se de uma xícara de chá e enquanto tomava pequenos goles da bebida fumegante começou a sentir-se frustrado. Onde estava ela? Com Zenas Swain, tomando sherry num delicado cálice de cristal? Diante dessa possibilidade experimentou uma tortura insuportável.

Levantou-se e foi para a sala de visitas. Sentado na austera cadeira de tia Judith, afundou na tristeza. À medida que sua imaginação assediava-o com visões penosas dos dois juntos, sentiu um assomo de violência e revolta. O que uma mulher ardente, capaz de grandes paixões, podia ter em comum com aquele rapaz pálido e delicado?

Quando o portão do jardim abriu-se, esperou-a com impaciência e ódio, esquecido de que viera até ali para esclarecer as coisas entre ambos. No fundo, sabia que essa cólera irracional só aprofundaria o abismo que havia entre eles. Mas não conseguia controlar-se.

Quando Jessel entrou, um minuto depois, ficou assombrada ao vê-lo parado no limiar da sala de visitas, com as pernas separadas, os braços cruzados sobre o peito e uma expressão que não prometia nada de bom.

— Estou esperando há mais de três horas! Onde estava?

Ela jogou sua nova capa de peles sobre o encosto da cadeira e voltou-se para fitá-lo.

— Que foi que disse?

— Quero saber onde esteve até agora!

— Estava na casa de Harriet. Mas não entendo por que isso deva interessá-lo.

Ela interrompeu-se, ao ver a súbita mudança que se operava nele: a expressão carrancuda desapareceu, substituída por um sorriso tão doce, tão sincero e franco, que a desarmou momentaneamente.

Depois, transpondo com duas passadas a distância que os separava, ele a tomou nos braços, cobrindo-lhe a boca entreaberta com beijos ávidos.

Jessel sentiu um violento assomo de ódio. Então, era esse o motivo da vinda dele: seduzi-la! Fugiu-lhe com o corpo, e fitou-o com olhos carregados de desdém.

— Estou espantada com sua arrogância! Pensei ter deixado bem claro que não quero mais nada com você. Não sou uma vagabunda de taverna nem uma de suas meretrizes, que você toma para logo em seguida largar! Reconheço que você é bonito, forte e exerce grande poder de atração sobre as mulheres. Eu incluída. Mas isso não me impede de enxergar sua verdadeira personalidade. Acabou, Jake Swan! Pode guardar suas belas palavras para outras mulheres!

Jake tomou-lhe as duas mãos e beijou-as. — Não há outras mulheres, Jessel. Nunca mais, desde aquele dia, sete anos atrás, quando a vi chegar correndo pelo cais do porto. Meu amor por você só fez crescer a partir de então. Ele ergueu-lhe o queixo e a olhou no fundo dos olhos.

— Soube esta manhã que você esteve no estaleiro, no dia em que as irmãs Coffin apareceram por lá. Deve ter visto Liddy abraçada a mim e achou, naturalmente, que tínhamos um caso.

— Que outra coisa eu poderia pensar? — explodiu Jessel. — Acha que sou uma tola?

— Acontece que o que ela queria realmente era um lugar no Maid para seu primo. Um rapaz lerdo, problemático, uma óbvia provação para seus pais — explicou Jake pacientemente. — Ia recusar, mas quando olhei para Sarah lembrei-me de Zac e disse que ia pensar no assunto. Liddy não perdeu a chance para mostrar sua gratidão: saltou-me ao pescoço.

Ele pegou-lhe nas mãos e puxou-a para si.

— Não a enganei, Jessel. Como poderia fazer isso, se você é minha vida, minha felicidade?

Ela adiantou-se como em transe. Queria desesperadamente acreditar em suas palavras, esquecer as dúvidas que a inquietavam. A tensão que acompanhara as semanas em que haviam ficado separados quase a fizera enlouquecer. Censurara-se amargamente por tê-lo deixado partir sem uma palavra, desesperando-se à idéia de que não o veria nunca mais. E quase esquecera seu orgulho.

Mas resistira então e estava tentando resistir agora, enquanto Jake lhe acariciava os cabelos e as faces, murmurando-lhe ao ouvido como era insensato preocupar-se com coisas tão banais.

— Não, não! — disse, debatendo-se.

Ele não pareceu ouvi-la e continuou a beijar-lhe o colo, o pescoço, os lábios que se entreabriam lentamente, apesar de seus esforços.

— Não... — balbuciou ainda.

Sua mente, porém, pouco a pouco cedia ao anseio incontável de abandonar-se àquelas carícias. "Preciso resistir", pensou, desesperada, mas seu corpo recusava-se a obedecer, já não se debatia tanto, já não lutava.

E quando a boca de Jake tornou-se gradualmente mais ávida, sucumbiu, excitada pela inquietação e pelo desejo, e retribuiu seus beijos com um amor nunca sentido antes.

— Jessel — chamou uma voz masculina do jardim.

— Com os diabos... — murmurou Jake entre dentes, enquanto os olhos de Jessel se abriam lentamente. — Não responda. Faça de conta que não está em casa.

— Preciso atender. É Zenas. Ele não vai desistir tão facilmente.

— Não vá — insistiu ele, ainda segurando-lhe as mãos.

— Por favor, Jake. Deixe-me...

Com uma rapidez a que ela não conseguiu escapar, ele puxou-a brutalmente de encontro ao peito e forçou-a a inclinar a cabeça para trás, tornando-a presa fácil de sua boca. Logo depois, a força sensual que emanava dos lábios másculos foi maior que seus recuos e ela se dobrou, correspondendo com igual calor.

— Jessel! — tornou a chamar Zenas.

Desta vez, ela se esquivou com presteza de movimentos. Depois, ajeitando o fichu e os cabelos com mãos trêmulas, correu para a porta e abriu-a.

— Ah... Pensei que não estivesse em casa. Tinha de vê-la de qualquer maneira!

— Entre Zenas.

Ele tirou o chapéu e transpôs o limiar, mas estacou ao ver Jake encostado à lareira da sala de visitas. Olhou-o com desconfiança e não lhe foi difícil interpretar a luz que brilhava em seus olhos azuis.

— Parece que cheguei em momento inoportuno...

— Oh, não! — protestou Jessel. — Você é sempre bem-vindo nesta casa.

— Alô, Zenas — cumprimentou-o Jake, sem se mexer de onde estava.

— Oh... alô, Jake.

— Por favor, Zenas. Sente-se — convidou Jessel, ainda constrangida. — Posso lhe oferecer uma xícara de chá?

— Não, obrigado. Não é uma visita social — disse ele, com mais brusquidão do que pretendia. — Acabo de receber uma carta do primeiro imediato do Justice, através do capitão do Eleanor. As notícias são más. Houve um trágico acidente na Antártida e dois homens pereceram. Um deles era... Shubael. Dele encontraram apenas o gorro de peles. Presume-se que o pobre homem tenha ficado preso debaixo de um bloco de gelo.

Quando o pleno entendimento dessas palavras penetrou na mente confusa de Jessel, seus joelhos se largaram e ela tombou molemente sobre o sofá. Pobre, querido Shubael... Morrera sozinho, preso na armadilha de um mar gelado. Sozinho, com seus medos e seus melancólicos segredos...

— Não, não é possível... — soluçou.

Zenas e Jake precipitaram-se para ela ao mesmo tempo, mas foi Zenas quem se ajoelhou diante dela e pegou-lhe as mãos, arrependido por ter sido tão brusco, tão descuidado no momento de lhe dar a triste notícia.

— Sinto muito, Jessel... Posso fazer alguma coisa por você?

Ela nada disse e ele sentiu-se rejeitado. Estava vagamente consciente de que os papéis haviam se invertido desta vez, mas se recusava a ceder o lugar a Jake.

— Quer que avise Harriet? — perguntou, desesperado, mas Jessel não pareceu ouvi-lo.

— Eu tomarei conta dela — disse então Jake em tom calmo, mas com tanta firmeza que ele se viu obrigado a afastar-se.

— Está bem. Voltarei amanhã. Jessel pode precisar de mim. Assim que a porta se fechou atrás dele, Jake sentou-se no sofá e a atraiu para si.

— É lamentável — disse ele, beijando-lhe a testa. — Um fim trágico para o pobre Shubael.

Quando ela levantou a cabeça, ficou impressionado diante de um sofrimento que achava desmedido. Sentiu inquietação e, absurdamente, uma pontada de ciúme. Mas controlou-se.

— Foi um fim terrível para um homem que merecia coisa melhor na vida —

tornou a dizer. — Mas isso não muda nada entre nós. Você deve deixar que eu a ajude, que a ame. Pode parecer insensibilidade de minha parte, mas você faria melhor casando-se imediatamente comigo e indo viver no Maid.

Jessel permaneceu imóvel e silenciosa nos braços dele por um longo tempo.

— Sim, foi um fim trágico — murmurou por fim.

Depois abaixou a cabeça sob o peso de um desconhecido sentimento de vergonha. Enquanto permanecia nua nos braços de Jake, traindo seu compromisso, Shubael morria sozinho, nas águas geladas do Antártico.

— E o que fizemos foi vergonhoso e indecente — acrescentou baixinho, quase para si mesma.

— Decência é um luxo social — retrucou Jake, exasperado. — É para os que têm muito tempo a perder. E eu não posso me dar a tal luxo. O Maid deverá partir dentro de três semanas.

Ela levantou-se e caminhou para a janela, onde uma luz triste descia com a chuva sobre as vidraças.

— Vá, então! — disse com raiva. — Tome seu navio e parta! Deixe-me em paz com minha culpa e meu sofrimento!

— Desculpe minha rudeza, mas não sou muito dado a curvaturas, cortesias e frases polidas. Nosso amor está muito acima disso, Jessel. Nosso amor é maior do que um absurdo senso de decoro.

Ele se aproximou e olhou-a com profunda ternura.

— Não deixe esse triste acontecimento mudar nossa vida. Não deixe que isso interfira em nosso amor. Case-se comigo e venha viver no Maid.

Essas palavras calaram fundo na mente de Jessel, mas ela estava cansada de tragédias.

— Disse-lhe certa vez que nunca me casaria com um baleeiro. Foi loucura esquecer a promessa que fiz para mim mesma. — Sua voz transformou-se num murmúrio: — É um trabalho terrível. Tomou de mim todos os que eu amava: mamãe, papai, Zac e agora Shubael. Não posso mais suportar nenhuma perda.

Jake agarrou-a pelos ombros.

— Você nunca amou Shubael. É a mim que você ama! E eu estou aqui, à sua espera. As baleias não me afastaram de você. Pelo contrário, trouxeram-me de volta.

— Está enganado. Eu o perdi há muito tempo. As baleias o tomaram de mim e o iludiram com sua mágica. Não quero ser sua segunda amante! Ele a sacudiu rudemente.

— Você exagera! Meu trabalho é um trabalho como outro qualquer! O que você queria que eu fosse? Pregador, fazendeiro ou um homem de negócios, como Zenas?

— Zenas é um cavalheiro! — disse ela com ardor. — É bondoso, interessado em minhas opiniões e me respeita. E isso é muito mais importante do que o prazer que você me proporciona.

— Entre nós, há mais coisas além do prazer — disse Jake, tristemente. — Há amor e a felicidade de dar e receber. Isso não conta? Ele falou com tanta suavidade que quase a convenceu.

— Pretende continuar a pescar baleias?

— Naturalmente que sim! — gritou ele, subitamente enraivecido. Era sua perda final. As baleias tinham vencido! Num acesso de ódio, ela disse. — Então, vá!

Pela primeira vez, Jake sentiu medo. Medo de que pudesse realmente perdê-la para sempre. Não obstante, seu orgulho e seu ressentimento falaram mais alto. E nenhum som brotou de seus lábios rijamente cerrados.

Três semanas depois, de pé à balaustrada do Jessel Maid, Jake via Nantucket desaparecer na névoa azul da distância. Não trocara nenhuma palavra, nenhum olhar com Jessel, desde a derradeira discussão. Mas conservava toda a sua segurança íntima e todo o seu ardor. Tinha certeza de que eram feitos um para o outro e que,

um dia, acabariam por resolver suas diferenças.

De seu esconderijo, a cavaleiro do Lago Capaum, Jessel observava o Maid destacar-se lentamente da costa e rumar para mar aberto. Do fundo de sua tristeza, ela julgava ver claro pela primeira vez e concluiu que Jake jamais a amara. Desejava-a, mas isso não era amor. Se ele a amasse de verdade...

Apertou o xale de encontro ao corpo para proteger-se do ar fresco de abril e da gélida sensação de abandono que lhe oprimia o coração. Estava tudo acabado.

Quando as lágrimas ameaçaram inundar-lhe os olhos, sacudiu teimosamente a cabeça. Não, não iria chorar mais. Nem se iludiria com uma noite de prazer e algumas promessas. Tinha seu próprio navio e um trabalho a fazer. Não iria ceder.

CAPÍTULO XX

Nantucket 13 de julho 1846

A noite era quente e sufocante. Apesar de seu leve vestido de cassa suíça, entremeado de rendas, Jessel sentia-se abafar. Com aquele calor, qualquer roupa era insuportável. Pensou, saudosa, na tarde passada em Coatue, havia tantos anos, quando deslizara, seminua, para as águas refrescantes do Estreito e nadara na direção de Jake...

— Está tão quente... — disse com esforço, para afastar as recordações torturantes e ocultar de si mesma a intensidade de seu desejo. — Se chovesse, ao menos...

Zenas pousou-lhe a mão no braço por um instante. Depois retirou-a, dizendo:

— Tivemos um verão particularmente quente. Parece sempre a ponto de chover, mas a chuva não vem.

Ela assentiu, sem fazer outros comentários. Cansava-a falar, especialmente de coisas tão banais. Preferia pensar no Josephine ancorado no porto, à espera de ser rebocado até a barra, de onde zarparia para sua viagem inaugural à Inglaterra.

Investira quase todo seu dinheiro nele, mas esperava conseguir bons lucros. Sentia-se segura das decisões que tomara, baseadas não só nos conselhos generosamente oferecidos pelos Swain, mas também em suas inclinações e experiências.

Tinha orgulho de si mesma. Trabalhara arduamente, naqueles três meses, não apenas como meio de afastar as lembranças de Jake, mas principalmente para ter uma nova razão de viver. Correspondera-se com importadores do exterior, estudara o mercado e elaborava, cuidadosamente e pacientemente, seus planos.

Seu único pesar era não poder seguir com o Josephine para a Inglaterra. Desistira dessa idéia com alguma relutância, pois voltar ao mar sempre fora parte integrante de seus sonhos e de suas esperanças. Mas, no momento era impossível. Restava-lhe no banco uma soma pequena, o suficiente apenas para sobreviver durante alguns meses. Tinha de reduzir ao mínimo suas despesas, não podia dar-se ao luxo de passear em Londres.

Além disso, o bebê de Harriet viria ao mundo no próximo mês e não queria estar longe, nessa ocasião. A amiga iria precisar de alguém que a ajudasse após o parto, já que sua mãe, mulher bondosa e bem-intencionada, parecia incapaz de dirigir uma casa sem o auxílio de uma numerosa criadagem.

— Não quer dar um passeio, amanhã à tarde? — Propôs Zenas, interrompendo-lhe as reflexões. — Poderíamos ir a Donis e voltar a tempo para o jantar de aniversário que Harriet irá lhe oferecer.

— Quase tinha me esquecido disso. Estava pensando no Josephine.

— Você se preocupa demais com aquele navio. Parece meu pai. Ficarei aliviado quando ele partir. Quem sabe, então, você possa dedicar-se a assuntos mais

interessantes.

Zenas falava despreocupadamente e sorria, mas seus olhos estavam sérios. O assunto que ele queria tratar era casamento. Acalentava essa idéia havia meses, desde que recebera a notícia da morte de Shubael. Sentira-se na obrigação de observar um período razoável de luto, embora após o choque inicial Jessel não parecesse tão abatida, mas não queria adiar esse assunto indefinidamente.

No momento, o único obstáculo às suas pretensões era a obsessão de Jessel com o Josephine, já que aquele indivíduo rude, Jake Swan, partira para bem longe. Tinha de ser paciente e esperar um pouco mais.

— Farei vinte e cinco anos amanhã — lembrou Jessel, pensativa. — Pense só: um quarto de século!

— Praticamente uma anciã — disse Zenas, sorrindo, carinhoso. — Mas não vejo nenhum sinal de cabelos brancos. Ou será que pinta com rolha queimada para fingir que ainda é jovem?

— Estou falando sério — protestou ela. — Não se trata de ser velha ou jovem, mas de tudo o que me aconteceu nesse período.

Zenas estacou, olhando para esse rosto a que a vida dera um ar de seriedade, sem lhe alterar a graça juvenil e fresca. E assentiu.

— Foi uma vida repleta.

— Foi muito mais do que isso: uma sucessão de altos e baixos, uma gangorra de emoções! Nasci na França, passei cinco anos de minha vida viajando ao redor do mundo e depois vim para cá.

Ela começou a caminhar, a expressão ainda pensativa.

— Nos primeiros quatro anos de minha vida não sabia que tinha pai. Aos nove, perdi minha mãe e agora não tenho mais ninguém. Era uma pobre balconista de loja e agora sou proprietária de um navio. Você deve convir, Zenas, que foram vinte e cinco anos notáveis.

— Um quarto de século notável para uma dama notável — disse ele, com ênfase.

Jessel suspirou, e não disse nada. Zenas era agradável, de bom temperamento, mas não a compreendia. Não como Jake. Ele teria reconhecido a solenidade dessa data e a teria tomado nos braços, inclinando sua cabeça para trás para ler em seu rosto os sinais da passagem do tempo!

Com um suspiro, afastou esses pensamentos e olhou para o jovem cavalheiro que caminhava a seu lado. A menos que seu instinto a enganasse, sentia que estava para receber outra proposta de casamento. As intenções de Zenas eram bem claras. O interesse que ele tomara em ajudá-la ia muito além da bondade e dos cuidados de Benjamin. A verdade era que ele estava apaixonado por ela. Observou-lhe o perfil de linhas nobres e depois tornou a olhar a sua frente, procurando convencer-se de que sua dificuldade em visualizar tal união era devida apenas à sua preocupação com o Josephine e à tensão que a acompanhara durante os últimos três meses.

Claro que era isso! Era apenas essa idéia fixa que a fazia hesitar. A descrição pouco lisonjeira que Jake fizera dele não tinha nada a ver com isso. "Pobre Zenas", pensou, com uma ponta de malícia. Ficaria muito embaraçado se soubesse.

Mas o que importavam as opiniões de Jake? Ele partira e ela não o veria nunca mais. "É melhor assim", disse a si mesma, ignorando a pontada de dor que acompanhou esse pensamento.

— Você está praticamente correndo! — exclamou Zenas, subitamente. — Para onde vai com tanta pressa?

Jessel diminuiu bruscamente o passo. E, para compensá-lo de sua indelicadeza, convidou-o a entrar, quando chegaram diante do portão.

— Pode parecer absurdo, mas tia Judith sempre dizia que não há bebida mais refrescante do que chá quente, em dias de calor. Posso lhe oferecer uma xícara de chá de limão?

Zenas abriu-lhe o portão e a seguiu.

— Com todo o respeito que eu tinha por tia Judith, vou recusar o chá. Prefiro limonada.

Jessel pôs seu chapéu de palha novo enfeitado com fitas cor-de-rosa sobre a mesa e indicou-lhe o sofá.

— Sente-se, enquanto eu preparo a limonada.

Voltou minutos depois com dois copos de limonada e sentou-se ao lado dele. Estavam conversando animadamente sobre a peça de teatro que tinham acabado de assistir quando o repicar dos sinos se fez ouvir. Jessel endireitou-se automaticamente e prestou atenção. — A estas horas só pode ser incêndio. Será que é no cais? — Inquietou-se, ao pensar no Josephine com um carregamento altamente inflamável armazenado no porão.

Zenas levantou-se imediatamente, uma ruga de preocupação preagueando-lhe a testa. Não disse nada, mas lembrou-se do terrível incêndio de 1838, que destruíra trinta edifícios antes de ser debelado. A Swain e Filho não tinha navios no porto naquele momento. Mas possuía um valioso estoque de azeite nos armazéns em frente.

— Vou ver o que aconteceu. Provavelmente, coisa sem importância. Voltarei, mais tarde com um relatório completo.

— Obrigada, Zenas. Você é sempre muito atencioso.

— Tenho um grande prazer em lhe ser útil, Jessel.

Ele permaneceu ainda um instante com a mão na dela, a fitá-la com adoração. Jessel sentiu o rosto arder ao notar que sua tensão chegara a um ponto crucial. Não queria pensar nisso agora. Felizmente, o repicar apressado dos sinos salvou-a de um constrangimento maior.

— Voltarei logo com notícias.

Depois que ele saiu, Jessel pôs-se a andar de um lado para o outro da sala como uma fera enjaulada. Ia de uma janela para a outra, perscrutando a noite com crescente apreensão. Quando o solene toque do relógio de pedestal anunciou a meia-noite, sobressaltou-se. Fazia uma hora que Zenas partira!

Quando outra meia hora transcorreu sem novidades, não pôde agüentar mais e correu para a porta. Assim que a abriu, um ar morno aflorou-lhe ao rosto. Ao chegar ao jardim teve a esmagadora certeza de que não fora um pequeno acidente a reter Zenas, mas algo de dimensões assustadoras. Rolos densos de fumo, orlados de uma sinistra espuma amarela, elevavam-se para o céu claro como dia. Abaixo, as charnecas estavam iluminadas em contornos duros e nítidos. E, contra aquela claridade, tudo sobressaía como que recortado em ferro.

Enquanto corria para a cidade, seu estômago contraiu-se num nó. Quando alcançou a esquina e dobrou a Main Street, o clarão tornou-se mais intenso. O incêndio não era mais uma possibilidade abstrata, mas uma realidade assustadora. Havia agora o rugido insano e devastador de fogo, o som de vidros despedaçados, o enorme e surdo estridor das paredes que vinham ao chão, o relincho assustado dos cavalos e os gritos de desespero da população.

Ao completar a curva da Trader Lane, teve uma visão completa do holocausto. O coração comercial de Nantucket, bancos, empórios, armazéns de secos e molhados, lojas, tudo estava em chamas. Toda Nantucket ardia, numa explosão de chamas azuis, amarelas, alaranjadas, vermelhas, que se expandiam em flores gigantescas e subiam ao céu.

E, em meio à fumaça, ao pó, ao cheiro sufocante do incêndio e dos explosivos, uma multidão informe gritava, empurrava, praguejava, gesticulava.

— Jessel! Não devia estar aqui! Volte para casa. Zenas agarrou-a pelo braço, tentando afastá-la dali. Ainda em estado de choque, ela deixou que ele a levasse para longe do inferno. Mas logo voltou a si e o repeliu com violência.

— Deixe-me!

— Não vá, Jessel. É perigoso! O vento pode mudar de direção de um momento para o outro.

Jessel lançou um olhar desvairado na direção do porto, mas era impossível enxergar alguma coisa através das chamas e daquela multidão de rostos ansiosos. Olhou para Zenas, desesperada.

— As chamas alcançaram o porto? Ele sacudiu a cabeça e repetiu:

— Vá para casa. Irei ter com você assim que souber alguma coisa. Não se preocupe.

— Como poderia não me preocupar? — gritou ela. — Investi todo o meu dinheiro naquele navio! Todo o meu dinheiro e todas as minhas esperanças!

— Por favor, Jessel... Não se preocupe com dinheiro. Eu cuidarei de você quando este inferno terminar.

Não era a resposta que ela queria ouvir. Empurrou-o para um lado e começou a correr para a Fair Street. Cortou caminho através de aléias e pátios, de jardins e canteiros de flores.. Quase aos trambolhões, desceu a Orange Street e alcançou a Union Street, situada a apenas uma quadra do cais.

Mesmo àquela distância, o ar estava quente e denso de fumo, quase irrespirável. Uma chuva de cinzas caía-lhe no rosto, nas mãos, queimava seu lindo vestido cor-de-rosa. Parou um instante para encher os pulmões de ar e continuou a correr. Subitamente, através das nuvens de fumo e cinzas, conseguiu ver os altos mastros do Josephine que se erguiam orgulhosamente para o alto.

— Graças a Deus! — gritou e pôs-se a correr na sua direção.

Um instante depois, caía de bruços sobre as pranchas de madeira, atordoada com o estrondo de um armazém que explodira. Ergueu-se de joelhos e viu, horrorizada, o azeite fluir como um rio do edifício destruído e correr para o mar. Simultaneamente, as chamas seguiram no seu encalço, impelidas pela corrente e pela maré, e envolveram tudo o que se encontrava em seu caminho, barcos a vela, batelões, chatas, doris, navios.

O pânico forçou-a a levantar-se. Levou apenas um minuto para alcançar o Josephine, que refulgia àquela luz feérica. Soluçando de medo, lutou para afrouxar os pesados cabos que mantinham o clíper firmemente preso aos pilares de pedra. Conseguiu arrancar as grossas amarras, mas o navio não se moveu.

— Não fique parado aí! — gritou, no auge do desespero. — Faça-se ao largo!

Empregando toda a sua força, deu um empurrão na proa. O nariz do clíper balançou levemente e ela continuou a empurrá-lo até que um braço de ferro a agarrou pela cintura e a arrastou para trás.

Debateu-se freneticamente, mas cessou de lutar quando um tonel de azeite em chamas veio rolando pelo cais e passou a alguns centímetros apenas de onde estivera. O rude marujo desconhecido salvara sua vida.

Antes que tivesse tempo de murmurar um agradecimento, viu-se erguida no ar sem cerimônias e carregada através de um mar de chamas até um lugar seguro. Cambaleou um instante antes de ser colocada no chão. Um instante durante o qual viu as chamas devorarem as velas do Josephine e lamberem seus mastros, recortando-os contra a noite escura. Uma visão dantesca, que se repetiu ao longo do porto, quando baleeiros, escunas e navios de toda a espécie foram alcançados pelo fogo.

Uma explosão cortou os ares, jogando-a para trás, junto com o marinheiro. Por uma fração de segundo, contemplou, transida de horror, o Josephine explodir com sua valiosa carga e depois cair em destroços chamejantes num mar abrasador.

Antes que pudesse entender aquele horror em toda a sua extensão, o rude marinheiro tomou-lhe o braço com sua mão calosa e a guiou, através de destroços fumegantes, para a pequena e perigosa trilha, a única coisa que sobrara do que fora uma vez uma rua larga, pavimentada de pedras e marginada de passeios de madeira.

— Estará a salvo na praia — gritou-lhe o homem ao ouvido, enquanto

apontava para a estreita faixa de areia que corria ao longo da Washington Street, intacta e branca, à sinistra claridade do incêndio.

— Obrigada — murmurou Jessel, fitando-lhe o rosto, irreconhecível sob a camada de pó e fuligem. — Obrigada.

Ela desabou sobre uma duna e apoiou as costas num barco virado. A leve brisa que vinha do mar acariciava sua pele queimada e arranhada, suavizando a dor como um bálsamo.

— Feliz aniversário — disse a si mesma em voz alta.

Nesse pedaço de praia, o fogo parecia distante, irreal. Olhou para o céu: estava ainda alaranjado. Escondeu os olhos com o braço para bloquear o terrível espetáculo e murmurou novamente:

— Feliz aniversário...

Pensou tristemente que a lista de fatos desagradáveis em sua vida agora estava completa. Aquele era o elo para rematar o círculo e levá-la de volta ao ponto de origem: o desastre financeiro.

Estava novamente pobre. Tão pobre quanto sua mãe, vinte e cinco anos antes. Tinha uma pequena casa, roupas quakers e mais nada. Nesse quarto de século, navegara ao redor do mundo e encontrara a fortuna. Agora, tinha muito menos do que quando iniciara a viagem.

O Josephine não existia mais. Isso não significava simplesmente pobreza: significava também seu fracasso. O fim de suas ilusões, da luta por sua independência. Julgara-se capaz de dirigir sua própria companhia, de abrir seu próprio caminho, de forjar seu próprio destino. Achara que podia provar a si mesma e a Jake que era possível aliar seu amor ao mar comum trabalho que não fosse a pesca das baleias. Havia fracassado.

Um grande silêncio estendera-se sobre a cidade, onde a aurora chegou sem ser pressentida. Nove horas após seu início, nos fundos da loja de chapéus de William Geary, o incêndio fora enfim debelado. Mas cobrara um preço alto. Quase um terço da cidade estava reduzido a cinzas. Quatrocentos edifícios municipais, sete fábricas de processar azeite, três bancos, escritórios municipais, a sede de dois jornais, uma dezena de armazéns, lojas, firmas comerciais: o saldo era assustador.

O sol nascente encontrou Jessel no mesmo lugar. Quando o céu tingiu-se de rosa, ela levantou-se e voltou para casa, seguindo a Main Street. Pensava já ter visto tudo, mas espantou-se com a devastação que avultava a seu redor. De dois quarteirões inteiros, tudo o que sobrara eram uma ou outra parede enegrecida e algumas chaminés. As pessoas moviam-se em silêncio entre as ruínas ainda fumegantes. Apenas de quando em quando ouvia-se um grito, um choro, em qualquer parte, ao longe.

— Jessel! Graças a Deus você está viva! — gritou Zenas correndo ao seu encontro no local dos destroços do que fora antes seu luxuoso escritório. — Mas veja seu estado... O que aconteceu?

Ela se olhou para ver o que lhe causava tanto horror. Suas mãos e braços estavam negros e cheios de arranhões e bolhas, o vestido estava em tiras. Embora não pudesse ver seu rosto, sentia o ardor das queimaduras e imaginou como devia estar.

— Meu navio queimou, Zenas. O Josephine queimou... — disse, desprendendo-se dele.

Depois sem fazer caso de seus apelos, retomou o caminho. Não estava interessada em seus cuidados, na sua solicitude. Ele era um fraco. "Fraco e afetado", pensou, usando inconscientemente o mesmo termo que Jake empregara para descrevê-lo. Sabia agora, com cristalina certeza, que, rica ou pobre, jamais iria considerar sua proposta de casamento.

CAPÍTULO XXI

Oceano Índico, Ao largo de Madagascar, Dezembro de 1846

— Baleias! Baleias à vista!

Jake esperou um instante antes de deixar sua mesa de trabalho e subir ao convés. Estava moído de fadiga, exausto até a morte. Partira de Nantucket com a intenção de navegar pelo sul do Pacífico, mas a meio caminho dos Açores mudara de idéia. Seu instinto de baleeiro dizia-lhe para dobrar o cabo da Boa Esperança e tentar o oceano Índico. Não se enganara. A sorte os bafejara desde então, numa seqüência de triunfos incríveis.

Nem bem acabavam de estocar o azeite de um grupo, outro aparecia no horizonte. Durante meses, suas vidas haviam sido um contínuo exercício de caçar, matar, esquartejar e extrair azeite. Não sabiam mais o que era gozar uma hora de ócio, ou sentir o conforto de vestir roupas limpas.

Aquela atividade febril acabara por esgotá-lo e ele sabia que seus homens não estavam em melhores condições. Apenas a ambição de obter mais lucros os impedia de se amotinarem ou de se atracarem ao menor pretexto. Mesmo assim, os rumores de descontentamento eram freqüentes.

Naquele momento, ao emergir no convés e ver seus rostos encovados, com pálpebras avermelhadas, estava a ponto de admitir que Jessel tinha razão. Era um trabalho sujo, brutal, que lhes devorava a juventude e a vitalidade. Devia haver um modo melhor de ganhar a vida.

Endireitou automaticamente os ombros e pôs-se a esquadrinhar o horizonte, pensando que era a última vez que compraria um baleeiro só para manter intacto o seu orgulho!

— Onde estão eles? — perguntou em voz alta ao vigia. — Diga, homem!

— A bombordo! — foi o grito que chegou do cesto de gávea. Jake localizou facilmente os jorros, e ergueu as velhas lunetas de Zacarias naquela direção. Era um grupo pequeno, apenas quatro gêiseres elevavam-se para o céu. Mas resolveu baixar os botes assim mesmo. Como bom marinheiro, sabia que a sorte podia mudar de um momento para o outro.

Minutos depois, navegavam na direção das baleias. Ao se aproximarem, ele viu que o grupo era constituído de uma única família. Um macho, uma fêmea e seus dois filhotes. "Oh, não!", disse a si mesmo. Parecia um jogo macabro. Era quase a mesma cena que horrorizara Jessel, vinte anos antes.

Grunhiu uma maldição contra as águas, contra o navio, contra os homens, desejando estar a milhares e milhares de milhas dali, nos braços macios e confortadores de Jessel, e esquecer aquela vida suja e solitária.

— Jake? — chamou John James da proa do barco. — Já estou pronto.

Ele voltou a si com a clara percepção de que não era o momento de sonhar de olhos abertos e desejar o impossível. Como Jessel dissera, ele escolhera seu rumo. Sua profissão era pescar baleias e agora era hora de trabalhar. Quatro homens aguardavam suas ordens e John James já estava com a mão no cabo do arpão, visando o gordo filhote.

— Pronto, John James?

O homem assentiu e empunhou o ferro com sua mão gigantesca. Depois, apoiando firmemente o joelho na borda do barco para equilibrar-se, fez uma pontaria cuidadosa e arremessou o arpão diretamente no flanco da baleia.

— Afastem-se, rapazes! — gritou Jake, já excitado.

Quando os remos mergulharam novamente nas águas, impulsionando o barco para longe do alcance das poderosas barbatanas, voltou a gritar.

— Remos para cima!

Enquanto as linhas giravam nos tubos, trocou de lugar com John James, um

movimento rotineiro, perfeitamente normal, que já fizera centenas de vezes. Nessa fração de segundo, percebeu, graças a uma ação reflexa, um novo ferro partir da proa do bote de estibordo na direção da fêmea, que nadava, aflita, em torno do filhote arpoado.

Antes que seu cérebro tivesse tempo de absorver essa informação e transmitir-lhe ordens, viu as barbatanas do animal baterem raivosamente na superfície do mar. Houve uma investida brusca, um choque brutal e, de repente, a proa do bote ergueu-se. Foi lançado, com todos os remos, no ar. Agitou os braços, tentando endireitar-se e recuperar o controle do corpo mas não conseguiu. Caiu de costas nas ondas tumultuadas e nesse exato momento um ramo de carvalho, de dezesseis pés, o atingiu no peito e no braço, cortando-lhe a respiração. Sentiu-se submergir no abismo, num mergulho sem fim, cada vez mais fundo, mais fundo...

Fez esforços desesperados para subir à superfície com todo o peso de seu corpo, com toda a força de sua alma. Tudo inútil. Então, através do choque e da dor, um pensamento registrou-se claramente em sua consciência. Ia morrer.

Uma rápida sucessão de visões passou diante de seus olhos. Visões de sua vida e das pessoas que haviam tomado parte nela. Seu avô tomando rum, seu pai curvado sobre a mesa de trabalho, Zacarias perscrutando o horizonte, Zac de peito nu banhado pelo sol.

E Jessel. Viu-a no lago Miacomet, adormecida no bosque de mirtilos, com os lábios vermelhos do sumo das frutas. Viu-a nadar para ele, exultante, e em seguida emergir do banho, rosada à claridade da lareira da sala de visitas. Viu seu rosto encantador e seus grandes olhos cinzentos. Viu-os luminosos de desejo, enquanto a chuva escorria de sua tez de porcelana, ou tristes, enquanto lhe dizia brandamente que o perdera havia muito tempo. Depois, o mar apaziguado fechou-se sobre sua cabeça e não viu mais nada.

CAPÍTULO XXII

Nantucket Natal de 1846

Com gestos lentos, Jessel amarrou o fichu em volta do busto, alisou calmamente a saia e depois desceu a escada vagarosamente.

Nos meses seguintes ao grande incêndio, aprendera a executar qualquer trabalho, mesmo os mais simples, sem pressa, para evitar as longas horas de tédio. Tinha mais tempo à sua disposição do que era necessário.

Não que isso fosse de seu agrado. Tempo atrás, dominada por um sentimento de autoconfiança, havia tentado reconstruir sua vida procurando um emprego. Depois de batalhar por seu sucesso durante algumas semanas, chegara à conclusão de que não ia conseguir nada. A seção comercial da cidade fora apenas parcialmente reconstruída, havia poucas lojas abertas ao público e nenhum lugar de balconista.

Nessa noite, ao menos, haveria a ceia de Natal na casa dos Swain para entretê-los. Generosos, eles costumavam festejar a data recebendo os amigos com um enorme pato assado e uma pilha de presentes. Enquanto se envolvia na ampla capa de lã, indagou-se se, nesse ano, a recepção seria tão suntuosa quanto nos anteriores.

Não havia ninguém em Nantucket que não houvesse sofrido graves perdas com o incêndio. Até os Swain, donos de uma fortuna considerável, tinham reduzido ao mínimo as despesas. Embora todos os seus navios estivessem ao mar, por ocasião da hecatombe, não haviam escapado ilesos. Havia perdido os luxuosos escritórios e os armazéns cheios de azeite. Levaria ainda algum tempo para que se refizessem do prejuízo.

Também Obed vira-se na condição de ter de pescar bacalhau ao largo de

Sconset para sustentar sua jovem esposa e seu filho Edward, nascido três semanas após o desastre. Da lucrativa loja de velas de seu pai não restaram senão cinzas e o pequeno prêmio do seguro.

Suspirou, enquanto abafava o fogo da fornalha. Combustível custava dinheiro e tinha de economizar cada penny que lhe fosse possível. Sua reserva era muito pequena. O que não fora queimado com o Josephine, em julho, gastara para sobreviver e pagar os impostos. Não teria suportado mais um confronto com o Sr. Hawkins, embora, nesse ano, a situação geral fosse outra.

Fechou a porta da cozinha atrás de si e saiu para o jardim. Do outro lado da rua, os terrenos baldios desenrolavam a sua tristeza, aumentada pela noite que caía rapidamente, escura e fria como seu futuro. Apertou a capa em torno do corpo e pôs-se a descer a colina, caminhando devagar por causa do vento gelado, até a Gardner Street.

Considerou as opções que tinha diante de si. Recebera um novo convite, tanto de Harriet quanto do pai dela, para ir morar com eles. Recusara-os, não só por orgulho, mas por motivos mais sérios. Harriet e Obed estavam enfrentando dificuldades, não queria aumentar sua carga. Além disso, havia recusado o apoio deles por ocasião da morte de tia Judith e não lhe parecia justo que o aceitasse agora. Permitia que, eventualmente, Benjamin retribuísse com alguns peixes a ajuda que prestava a Harriet e a Obed, mas era só.

Sua razão para recusar a oferta generosa de Benjamin era mais concreta: Zenas. Ele a pedira em casamento duas vezes, desde o incêndio. A primeira, logo após a tragédia e a outra, havia poucas semanas. Em ambas as ocasiões ela havia dito não.

Considerava-o um fraco. Sua elegância, suas maneiras finas, sua solicitude não a atraíam mais. Haviām sido vencidas pela percepção de que esse homem medíocre nada representava e nenhuma significação tinha para ela.

"São essas as minhas opções", pensou com amargura. "Casar-me com um homem que pouco respeito ou apoiar-me em amigos que passam por dificuldades. Ou então enfrentar a penúria sozinha."

Não censurava ninguém por suas intransponíveis, dificuldades, a não ser a si mesma. Se não estivesse tão determinada em investir tudo o que possuía no Josephine, não estaria nessas condições. Zenas fizera-lhe ver o risco que corria, mas, teimosamente, quisera provar a si mesma e ao mundo que podia ser uma mulher de negócios bem-sucedida. Nunca mais, considerando que houvesse essa possibilidade, compraria um navio só para patentear alguma coisa a quem quer que fosse!

Ao entrar na grande sala de visitas dos Swain, percebeu que o ambiente não era de alegria. O assunto da conversa era ainda o incêndio e suas conseqüências. Suspirou, enquanto deixava que Zenas lhe tirasse a capa dos ombros. Estava cansada de ouvir sempre as mesmas histórias.

— Posso lhe oferecer um cálice de sherry — perguntou ele, enquanto o pai punha-se a falar de seguros contra incêndio e da solidez das companhias que se dedicavam a esse tipo de negócios.

— Sim, obrigada. Estou precisando disso. Benjamin interrompeu-se para sugerir:

— É melhor que lhe ofereça uma taça de gemada. E não economize no rum. Jessel está parecendo um pintinho molhado. Precisamos erguer-lhe o ânimo.

Ela sorriu pela primeira vez nos últimos meses.

— Boa idéia!

— Bem... O que estava mesmo dizendo? — perguntou ele, cocando o queixo.

— O senhor estava falando de seguros contra incêndio — lembrou-o Jessel, depois de provar a gemada.

— Ah... sim. Esses homens do seguro são um bando de piratas! Estão sempre prontos a receber as contribuições, mas quando se trata de indenizar os prejuízos,

desaparecem! Sabem o que aconteceu ao pobre Isiah Starbuck?

Benjamin correu os olhos por uma pequena platéia, como se esperasse uma resposta. Não houve nenhuma e ele continuou, com ênfase:

— Tiveram de explodir a casa dele com dinamite para conter o fogo. O imóvel estava bem no meio daquele inferno e não havia dúvida de que acabaria em chamas se não o explodissem antes. Sabem o que a companhia de seguros alegou?

De novo ninguém lhe respondeu.

— Disseram: "Sinto muito, Sr. Starbuck, mas não podemos fazer nada. Nossa obrigação é indenizá-lo dos prejuízos causados pelo fogo, não pela explosão". O que me dizem?

A resposta era supérflua. Todos sabiam que fora cometida uma injustiça. Jessel, no entanto, absteve-se de analisar mais profundamente tal fato. Sentia-se confortável e relaxada e sua única vontade era fechar os olhos, tão fortemente quanto possível, à realidade.

— Sobrou gemada? — perguntou. Benjamin olhou para o filho.

— Sirva-lhe mais uma taça. Vai lhe fazer muito bem.

Zenas obedeceu. Embora achasse que o rum não era uma bebida apropriada para damas, não podia negar que tornava Jessel mais encantadora do que nunca. Seus olhos cinzentos estavam sonhadores e um leve colorido róseo subia-lhe às faces.

— Ele foi embora — disse Obed de repente.

— Quem, querido? — perguntou Harriet, espantada.

— Isiah Starbuck foi embora — explicou seu marido. — Partiu com a mulher e o filho. Eu os vi quando embarcavam num pacote para New Bedford. Um primo de Ohio mandou o dinheiro das passagens.

A notícia chocou a todos. Era terrível admitir que os nantuckenses aceitavam a derrota. Centenas de famílias estavam deixando a ilha, com destino a Ohio, ao Missouri, ou para outro ponto qualquer do Estado de Nova York.

Não havia trabalho em Nantucket e as perspectivas para o futuro eram poucas. Até a poderosa indústria baleeira parecia em má situação. Havia entrado paulatinamente em decadência nos últimos três anos, devido aos problemas causados pelo banco de areia, depositado pelas marés, à entrada da baía. Esse desastre poderia representar o golpe de misericórdia. — É uma pena — suspirou Jessel.

Embora sua própria situação fosse quase insustentável, não podia considerar a idéia de deixar Nantucket para sempre. Teria gostado de conhecer outros portos interessantes ao redor do mundo, mas sem jamais perder o contato com essa ilha que agora considerava seu lar.

— Sim, é uma pena — concordou Benjamin.

— A ilha está ficando vazia — disse para a esposa, balançando tristemente a cabeça. — Todos os dias fica-se sabendo de um novo êxodo. Até minha lavadeira avisou-me que vai embora logo depois do Ano-Novo. Seu marido está desempregado e a família passa necessidades.

Jessel sentiu sua pulsação acelerar-se.

— Vai contratar outra pessoa para esse serviço?

— Naturalmente! — exclamou Clarissa, surpresa de que houvesse alguma dúvida a esse respeito.

— Gostaria de substituí-la.

Houve um instante de silêncio total na sala. Depois, todos começaram a falar ao mesmo tempo.

— Não pode fazer isso! — gritou Harriet, chocada.

— Por favor... — implorou Zenas. — Não é necessário chegar a esse ponto. Cuidarei de você, se me permitir.

Jessel adivinhou uma censura afetuosa na expressão de tristeza com que ele lhe disse essas palavras, mas não respondeu.

— Absurdo! — resmungou Benjamin. — Você é como uma filha para mim. Não

posso permitir que lave roupa para sobreviver. Não foi feita para isso, Jessel.

Ela respondeu logo, com calma.

— Pelo contrário. Na França, costumava ajudar mamãe, enchendo sua grande tina de água. Ela lavava roupa para sobreviver, enquanto esperava a volta de papai. Como vê, sou perfeitamente qualificada para isso.

Benjamin desprezou a interrupção e continuou a combater o que ele tomava pelos escrúpulos de uma excessiva suscetibilidade.

— Quero ajudá-la, mas não dessa maneira. Preferiria contribuir para seu sustento.

— Não posso aceitar seu dinheiro — disse Jessel. — Agradeço sua generosidade, mas prefiro sobreviver à minha própria custa, lavando as roupas de sua família ou de outra qualquer.

Os Swain olharam-na, ainda em dúvida, mas Obed assentiu com ar grave. Ele fora sempre muito realista. O fogo acabara de queimar suas últimas ilusões.

— Ela se sairá muito bem — afirmou.

— Naturalmente que sim — confirmou Jessel, lançando um olhar aos rostos ainda chocados e espantados. — Não se preocupem.

E essa foi a última palavra que disse sobre o assunto.

Mas ao voltar para casa, os efeitos do rum evaporaram-se e toda a sua infelicidade emergiu, sem disfarce. A segurança que ostentara durante o jantar esvaneceu-se e as dúvidas sobre suas próprias forças insinuaram-se em sua cabeça latejante e confusa.

— Oh, Jake... Onde está você? Preciso tanto de seu conforto... — murmurou, já desarmada de seu orgulho.

Desejava que ele aparecesse de repente, com um de seus sorrisos irônicos estampado no rosto bonito, e um brilho de divertimento nos profundos olhos azuis. Desejava que a tomasse possessivamente nos braços, que lhe afagasse os cabelos e a apertasse contra si até apagar a desesperança de seu coração.

Mas nenhuma figura alta e varonil emergiu da neblina. As lágrimas saltaram de seus olhos. Não fora um Natal feliz e o Ano-Novo não prometia ser melhor.

CAPÍTULO XXIII

Oceano Índico, Ao largo de Madagascar, Natal de 1846

— Feliz Natal, Jake. A voz chegou até ele vinda da névoa, familiar, mas distante.

— Bem-vindo à vida. Você me pregou um susto enorme. Mas, graças aos espíritos, está de volta.

A névoa desfez-se lentamente, a voz aproximou-se mais e Jake viu então, inclinado sobre o leito, o rosto sorridente de John James Henry. As palavras dele penetraram em sua mente ofuscada junto com a lembrança daquele instante de horror: o abraço do abismo, a luta sem esperança, a certeza do negro fim...

Fez um esforço para erguer a cabeça mas John James o impediu com suavidade.

— Não, Jake, não se mexa! Você tem de ficar completamente imóvel!

— Que foi que aconteceu? — perguntou, arquejante, mas já consciente de que estava deitado na sua cabina, a bordo do Jessel Maid, e que, a não ser pelas faixas que lhe envolviam o peito e o braço, estava inteiramente nu.

— Acalme-se, eu lhe contarei tudo. A baleia fêmea ficou furiosa quando arpoamos seu filhote. Começou a bater as barbatanas e jogou nosso bote para o ar. Eu caí no mar em pé, mas você caiu de costas e o remo o atingiu com força. Quando afundou, nadei rápido na sua direção e mergulhei a sua procura. Encontrei-o, mas

você estava muito mal: tão branco como o pobre Zac, quando o tonel o atingiu e esmagou-lhe o peito.

Jake evocou todos os horrores do pânico, a arremetida furiosa, o barco virado, e estremeceu.

— E então?

— Trouxe-o para bordo e cuidei de você. Enfaixei suas costelas e fiz uma tala para seu braço quebrado. Depois dei-lhe um chá de ervas medicinais e falei com os espíritos. Pedi a eles que o deixassem viver. Acho que me ouviram.

A simplicidade comovedora dessa narrativa fez Jake sorrir, a despeito da dor que lhe dilacerava o peito. Depois lembrou-se dos minutos de mudo terror, quando pensara que seu último instante havia chegado, de sua angustiosa sensação de impotência diante do inevitável, e sentiu-se profundamente agradecido..

— Obrigado — murmurou. — Parece que escapei de boa

— Não fale... dói muito falar — interrompeu-o John James — Não precisa falar. Estou aqui para cuidar de você. Os espíritos me avisaram em sonhos em Rarua e me mandaram seguir você para que eu pudesse salvá-lo quando caísse no mar. Os espíritos determinam o curso de nossas vidas.

— Talvez... — reconheceu Jake, os lábios contraindo-se numa inconsciente careta de dor. — Estou muito contente de que tenham posto você ao leme.

— Pare, pare de falar! — alarmou-se John James. — Não fale mais! Nada de agradecimentos. Sei que você está feliz. Eu também estou. Paguei a dívida que tinha com Zacarias. E depois... — ele esboçou um amplo sorriso. — ...impedi que Samuel se tornasse o capitão do Jessel Maid. Ele é muito sério. Não ri nunca.

O nativo levantou-se e esboçou um amplo sorriso.

— Você precisa dormir.

— Espere... O que aconteceu com o bote e os outros homens?

— O bote ficou em pedaços, mas os homens estão bem. Fizemos oitenta e três barris de azeite. Agora durma.

John James saiu da cabina e fechou mansamente a porta atrás de si. Mas Jake não conseguia dormir. Sua mente girava em turbilhão, remoendo os acontecimentos. Lembrou-se, com surpreendente clareza, de que, enquanto seu corpo mergulhava para a morte, sua imaginação mergulhava no passado. Reviu Jessel e a expressão de tristeza quando o mandara embora para sempre, e deixou escapar um débil gemido.

— Oh, senhor... — murmurou, enquanto a dor voltava a sufocá-lo.

Desta vez, no entanto, não era causada pelo sofrimento físico, mas pela súbita percepção de que podia ter perdido Jessel para sempre. Ela lhe ordenara que partisse, eliminara-o de sua vida, não por capricho, mas porque estava cansada de sofrer. Perdera toda a família no mar e quisera proteger-se de outro possível golpe. E ele, em vez de compreendê-la, de lançar mão de toda a sua força para retê-la, afastara-se de seus braços sem olhar para trás.

De certo modo, acreditara-se imortal e zombara de seus temores. Agora, pela primeira vez, via mais claro. Devia sua vida a John James, que soubera subtraí-lo à sombra mortal, unicamente porque os espíritos lhe haviam ordenado que o seguisse. Era uma idéia frágil demais em que basear a arrogante pretensão de que voltaria para ela.

Relembrou as suas queixas abafadas, as suas brucas tristezas, depois dos longos beijos, e experimentou um desconhecido sentimento de vergonha. Como ousara acreditar que iria reconquistá-la com um punhado de pérolas ou um xale vistoso?

Fiara-se demais no fato de que se amavam, de que a força de seu amor pudesse transpor todos os obstáculos. Mas, percebia agora, enganara-se. O amor seria de pouco conforto a Jessel se ele tivesse ficado no fundo do mar!

Fechou os olhos e a solidão tornou a cerrar-se em torno dele.

CAPÍTULO XXIV

Seychelles Abril 1847

De pé, no convés, Jake observava o Jessel Maid passar diante da cadeia de ilhotas luxuriantes que guardavam a entrada do porto de Mahé. Havia algo fascinante nesse porto tropical. Em parte devido à montanha de cume azulado, quase tão fluido como o céu, que se erguia no centro da ilha e que a diferenciava das baixas ilhas coralinas que haviam abordado até agora. E, em parte, devido à interessante fileira de navios ancorados ou amarrados ao longo do cais de pedra. Navios ingleses, um junco chinês, uma embarcação árabe de um só mastro e vela latina, fragatas francesas, além das escunas, pirogas e barcos leves de pesca dos ilhéus. Um ar internacional pairava sobre essa ilha do oceano Índico.

Haviam passado os últimos quatro meses perseguindo baleias ao norte de Madagascar, ainda favorecidos pela sorte. Os porões estavam quase cheios: o resultado de dois anos de trabalho em menos de um. Uma tempestade, acompanhada da mudança das monções, os empurrara para fora do curso. Houvera poucos danos no Maid, mas os homens estavam mais irritados e exaustos do que nunca. Jake achava que provisões frescas e uma boa farra em terra firme ajudariam a serenar os ânimos, e girara o leme para as Seychelles.

Como qualquer outro membro da tripulação, ele queria embebedar-se e achar uma mulher jovem e bonita que o fizesse esquecer, ao menos por algumas horas, a confusão em que se transformara sua vida. Fisicamente estava bem, com os ossos perfeitamente soldados. Mas sua alma estava ainda machucada.

Não sabia o que iria encontrar em terra firme, mas ansiava por qualquer tipo de distração. As palavras do oficial da alfândega britânica, que rumara para o Maid ao calor do sol do meio-dia, esfriaram seu entusiasmo.

— Este é um porto civilizado — disse o homem, com o rosto naturalmente vermelho. — Não estão em nenhuma ilha tropical onde se pode dar vazão aos instintos selvagens praticando atos de vandalismo. Qualquer violação de nossas leis será punida com multas e prisões. Não iremos tolerar bebedeiras ou badernas. Será que me fiz entender?

— Perfeitamente — resmungou Jake. Quando o oficial desembarcou, ele voltou-se para seus homens, que tinham recebido com algum ceticismo a pomposa arenga.

— Quem violar qualquer lei local terá de se ver comigo pessoalmente. Estamos entendidos? — perguntou, fixando neles seus gélidos olhos azuis.

Ao ver que, um a um, eles assentiam, voltou-se para o primeiro imediato.

— Sua turma e a de Henry ficarão de guarda, Samuel. Os demais estão livres para desembarcar. Mas quero todos de volta a bordo as dez em ponto ou vai haver o diabo!

Enquanto a metade feliz arda da tripulação corria para os alojamentos, em busca de camisas e sapatos, a tripulação de serviço pôs-se a murmurar pelos cantos.

— Parem com esses resmungos inúteis — ordenou Jake. — Amanhã será a vez de vocês. Enquanto isso, vou ver se consigo provisões frescas para o jantar.

Enquanto seu bote se aproximava do molhe, ele se viu dividido entre o desejo irresistível de procurar uma taverna aconchegante e seu dever de prover de alimentos o navio. Ao descer em terra, no entanto, encontrou uma diversão diferente: a atividade do cais, que lhe pareceu tão interessante quanto os navios ancorados no porto.

Altas pilhas de sacos de canela em pau, café em grão e coprà estavam enfileiradas diante dos armazéns de telhados de colmo, por onde circulavam homens de pele azeitonada, negra ou café com leite, os torsos nus banhados de suor. Carroças carregadas de baunilha despejavam sua doce carga em escunas que se

balançavam ao sol, sob os olhares curiosos de algumas mulheres, acoradas em esteiras de palha, que trançavam com rapidez cestos de folhas de palmeira.

O prazer da novidade era tão intenso que ele preferiu caminhar ao longo do cais, aspirando os maravilhosos aromas que se mesclavam agradavelmente com o cheiro de maresia e inspecionando os barcos da ilha. Ficou um bom tempo observando os sacos de copra serem içados do convés de uma escuna de trinta pés para uma carroça puxada por uma junta de bois, e depois prosseguiu caminho, inteiramente absorvido com aquele comércio internacional em miniatura. Em vez de se trocar barris de azeite refinado e caixas de velas de espermacete por porcelanas, sedas e vinhos finos, baunilha, café e copra eram trocados por peças de calicó e panelas de ferro. Com um choque, percebeu que era isso o que Jessel queria dizer por navegação mercantil. Não era nada parecido com as atividades de seu pai. Aqui, lucros e prazer seguiam lado a lado.

Uma vez mais, sentiu uma pontada de culpa. Imprecou contra si mesmo por não tê-la ouvido com mais atenção, preferindo ignorar, por orgulho ou estupidez, os argumentos dela. Não seria nada mau ancorar numa ilha tão linda como essa, encher os porões de baunilha e café, e zarpar para Londres ou Le Havre. O navio certamente cheiraria melhor.

— Com os diabos... — murmurou. Desistira da mulher que amava e de uma vida agradável pelos rigores e o mau cheiro da baleação. Lançou um olhar a seu navio que se balançava placidamente sobre o mar azul com a estátua de Jessel à proa e balançou a cabeça. Que grande tolo havia sido...

Imerso em pensamentos, apoiou-se num dos pilares de pedra com os polegares enfiados no cinto e lançou um olhar distraído ao bando de sorridentes nativos que armazenavam sacos de arroz no porão de uma escuna. De costas para o cais, um homem branco, intensamente bronzeado, comandava a eficiente operação no cantante dialeto creole.

No convés da embarcação havia um fogão de emergência, com panelas de onde exalava o tentador aroma do curry, e uma pequena cabina em cujo limiar um menino de cabelos negros construía um barco com a metade de um coco e algumas folhas de takanaka. Nesse instante, o longo barco do oficial da alfândega passou ao lado da escuna com quatro negros aos remos. Ao ver o homem, ele ergueu o braço e gritou:

— Boa noite, capitão Brown. Faz calor, hein?

O capitão endireitou-se, alto e sólido sobre suas pernas, e retribuiu o cumprimento.

— Boa tarde, Sr. Bodge. Sim, faz muito calor.

Ainda imerso em pensamentos, Jake registrou fugazmente que esse capitão creole tinha um nome decididamente inglês e um sotaque americano. Nesse momento, uma jovem mulher apareceu à porta da cabina e ele pôs-se a observá-la. Sedosos cachos escuros escapavam da fita cor-de-rosa que lhe cingia a testa e emolduravam um rosto encantador. Fitou-a com admiração, mas ela só tinha olhos para o seu capitão.

— "Shubell..." — ouviu-a dizer com voz suavemente rouca — Ou faim?

Quando o capitão virou-se para ela e sorriu ternamente, Jake levou um choque. Subitamente todos os elementos se encaixaram: o nome, o sotaque, o perfil anguloso. Shubael Brown... Estaria vendo um fantasma!

Shubael ia abrir a boca para falar com Amedée quando seus olhos encontraram-se com os de um estranho que o fitavam como se estivesse vendo um fantasma. Intrigado, rebuscou a mente, à procura de uma pista que explicasse esse comportamento inusitado, mas não encontrou nenhuma. Nesse instante, o homem virou ligeiramente a cabeça e o fulgor do sol do meio-dia fez brilhar a argola de ouro que ele trazia à orelha.

Algumas imagens passaram, rápidas, por sua mente. Fez uma ligação entre as

notícias da chegada de um baleeiro americano no porto e a garbosa figura ao leme do Jessel Maid na última milha de sua viagem de volta ao lar. E um peso, uma inexplicável melancolia, algo que não sentia desde que o bloco de gelo flutuara no Antártico, o dominou. Esse homem era Jake Swan!

Os dois homens se fitaram durante alguns minutos, sob o olhar apreensivo de Amedée. Ela não sabia quem era esse belo estrangeiro, mas estava com medo. Seu marido parecia agora tão desolado como no dia em que lhe dissera que ia partir e que não sabia quando voltaria. Puxou o filho contra si e esperou.

Foi Shubael o primeiro a se livrar daquela espécie de transe, passando agilmente as longas pernas por cima da balaustrada e estendendo a mão a Jake.

— Creio que é desnecessário que eu me apresente. Como deve ter imaginado, sou Shubael Brown.

— Jacob Swan — murmurou Jake, confuso.

Não era possível! Shubael devia estar morto, congelado sob uma geleira do fim do mundo, não armazenando arroz numa escuna, sob o tórrido sol equatorial! Aquele correto capitão quaker, um nantuckense sério, disciplinado, cumpridor de seus deveres, não podia ser esse homem bronzeado, alegre, que vestia calças brancas de pano de vela, falava creole e lançava olhares de adoração a uma bela nativa!

Shubael, vendo-o diante dele, confuso e constrangido, relaxou. O homem não estava ali para acusá-lo ou condená-lo, devia estar apenas curioso.

— Quer subir a bordo? — convidou, fazendo um gesto na direção da escuna.

Ainda incapaz de dizer uma palavra, Jake assentiu e acompanhou-o.

— Íamos almoçar. Quer nos fazer companhia?

O sorriso de Shubael operou sua costureira mágica e pôs Jake à vontade,

— Você parece em ótimo estado para um cadáver! O capitão sorriu novamente.

— Acho que vou ter de lhe contar tudo. Podemos comer antes? Apanhamos um atum, ao chegarmos de La Digue, e o preparamos com molho de curry. Saboroso, mas talvez muito condimentado para seu paladar.

— De modo algum! Vai me parecer um manjar dos deuses, depois dos ensopados de baleia!

— Sim... Eu me lembro como é.

Shubael ergueu as mãos e moveu os dedos diante do rosto, como para arrancar lembranças indesejáveis. Depois voltou-se para a jovem e pôs-se a falar rapidamente, em creole.

Jake viu a tensão deixar o rosto encantador da moça. Ela assentiu e entrou na cabina, de onde saiu instante depois com um par de cuias, que encheu de arroz branco como a neve e postas de peixe aromático.

— Esta é Amedée — disse-lhe Shubael, enquanto o servia. Jake não fez nenhum comentário. Limitou-se a aceitar a cuia e a fazer uma curvatura na direção da bela nativa, agradecendo-lhe. Ela retribuiu com uma leve inclinação de cabeça e depois fugiu para a cabina.

O capitão, por sua vez, acomodou-se à sombra de uma vela enrolada e iniciou a refeição com entusiasmo. Um pouco mais cautelosamente, Jake o imitou. Apesar de sua corajosa declaração, o condimento picante causou-lhe um choque, mas não demorou muito e logo estava saboreando com prazer a apetitosa iguaria.

Quando sua cuia ficou vazia, Shubael colocou-a no chão indagou:

— Já caçou focas alguma vez?

— Não.

— É um trabalho terrível! — Ele fitou as mãos, perdido em lembranças. — Odioso!

Jake engoliu o último pedaço de atum e recostou-se na amurada, pronto a ouvi-lo.

Como o homem não parecesse disposto a dizer mais nada, encorajou-o:

— Disseram que você tinha morrido sob um banco de gelo. Você e outro marinheiro.

Shubael olhou para o mar com olhos pensativos.

— Eu estava numa península estreita quando o gelo se partiu. A ponta, onde eu me encontrava, foi carregada pela maré e pela correnteza. Não sei por quanto tempo. Perdi a consciência.

— Acharam seu gorro perto do corpo do marinheiro.

— Era meu gorro de peles, que voou longe, quando eu fui arremessado de bruços sobre o gelo. Felizmente, eu estava prevenido. Naquela região, ficar de cabeça descoberta é morte certa. Tinha outro no bolso, um gorro de lã grossa que Jessel tricou para mim. Salvou-me a vida.

Era a primeira alusão a Jessel e Jake não pôde reprimir um estremecimento. Esse era o homem que devia casar-se com ela. E estava vivo!

— Isso aconteceu há um ano e meio. E a dez mil milhas de distância daqui. Quando voltei a mim, estava a bordo de um navio inglês, cujo destino era Cantão — explicou Shubael. — De lá, fui para Madras, Ceilão, Maurício e finalmente Mahé. Uma viagem de quase sete meses.

— Por que escolheu essa rota? É uma longa viagem de volta para casa!

— Eu não queria voltar para casa. Queria vir para cá. Jake ficou atônito.

— Aqui?

— Sim, aqui.

Shubael notou a confusão dele, assim como notou a tensão em sua voz, depois que ele mencionara Jessel. E soube que tinha de proceder com cautela.

— Ti-Shoo — chamou. — Venir ici.

O pequeno Ti-Shoo chegou trotando pelo convés e jogou-se nos braços dele.

— Este é meu filho — disse. — Vai fazer quatro anos em outubro.

Jake fitou-o.

— E a mãe...?

— Amedée... com quem me casei recentemente.

Jake sentiu que devia ficar satisfeito, mas não estava. Pensamentos contraditórios agitavam-se em sua mente. Shubael estivera nas Seychelles antes de conhecer Jessel. Ali, tivera relações com Amedée, que lhe dera um filho. Depois a deixara e voltara para Nantucket. Por quê? E por que pedira Jessel em casamento, se pretendia casar-se com Amedée?

— É um caso complicado.

— Sim, muito complicado — repetiu o outro, de si para si, num murmúrio.

Ficaram longo tempo fitando-se em silêncio. Por fim, Shubael ergueu-se devagar e flexionou as longas pernas.

— Vou aproveitar a maré alta e zarpar para La Digue. — Ele sorriu inesperadamente. — Quer passar alguns dias em Le Passe, como meu convidado?

Jake não hesitou um só segundo.

— Gostaria muito.

Não sabia por que Shubael lhe fizera o convite, mas tinha a nítida impressão de que iria recolher de sua boca uma explicação convincente. Queria conhecer seus motivos. E não por simples curiosidade. Sentia de repente que era muito importante que o compreendesse.

Voltou para o Maid, deu algumas ordens a Samuel Easton e avisou-o de que iria ficar fora durante alguns dias. Quando voltou à escuna, Shubael já erguera a vela mestra e aprontava-se para livrar a embarcação das amarras. A brisa leve, mas constante levou-os direto ao oceano.

Ao leme, o capitão Brown, aparentando uma espécie de gratidão por aquela grande paz do mar e do céu, não parecia disposto a fazer nenhuma revelação ou simplesmente conversar. Contentava-se em manejar a roda, ou ficar sentado na base do botaló e pilotar a escuna com os pés nus, enquanto as nuvens passavam acima de

sua cabeça e a imensidão do céu, a princípio claro e luminoso, se transfigurava no azul profundo do crepúsculo.

Quando a noite caiu de repente, como uma cortina tombada do céu, Amedée encheu novamente as cuias de arroz e peixe e a refeição iniciou-se e terminou em confortável silêncio. Após o jantar, Jake ofereceu-se para tomar o leme, mas como Shubael abanasse a cabeça sorrindo, ele deitou-se de costas, no teto chato da cabina, e pôs-se a estudar o céu profundamente estrelado, onde a lua encurvava-se, muito baixa, como um navio de prata. Pensava em Jessel e sentia-se muito só.

O sol punha-se novamente no horizonte, numa silenciosa explosão de luz, quando lançaram âncora fora dos recifes de La Dique. Uma única piroga destacou-se da costa para vir ao encontro deles, embora uma multidão sorridente e palradora estivesse aglomerada na praia.

Quando o remador, um homem de meia-idade, de semblante sereno, subiu a bordo, Shubael apresentou-o a Jake.

— Napoleon Mussard, meu sogro e sócio. Ele construiu a escuna e eu a piloto.

Napoleon era também o vizinho mais próximo do capitão Brown. Foi o que Jake descobriu, ao alcançarem a terra firme. Assim, foi Mathilde, a mãe de Amedée, quem preparou o jantar para os recém-chegados, uma refeição simples, mas satisfatória.

— Amanhã à noite haverá um banquete — prometeu Shubael. — Hoje temos o suficiente para afastar os maus sonhos.

Jake sorriu com complacência. Embora estivesse ainda intrigado com o comportamento de Shubael, já não lhe parecia tão urgente desvendar seu segredo: estava numa ilha tropical, onde tudo se fazia sem pressa. Começava a entender agora o que atraía Shubael para as Seychelles.

Passaram o dia seguinte descarregando a escuna. Apesar dos protestos do capitão, ele insistiu em ajudá-los, com a esmagadora convicção de que tinha algo importante a aprender ali. Trabalharam com tanta disciplina e rapidez que antes de anoitecer já tinham tudo empilhado num pequeno armazém diante da praia.

Exatamente como Shubael prometera, Amedée e sua mãe prepararam um verdadeiro banquete para o jantar. Jake comeu até fartar-se dos saborosos, mas ardidos pimontes, o prato preferido dos nativos. Além disso, havia peixe grelhado temperado com gen-gibre e alho, filés de tartaruga marinha, salada de lagosta, abacaxi e laranjas verdes, fruta-pão assada e muito arroz.

— Agora, uma especialidade da ilha — anunciou Shubael no final da refeição, enquanto os três homens instalavam-se na varanda toda florida.

— Por favor, não... — gemeu Jake.

O capitão esboçou seu charmoso sorriso.

— Não é para comer, é para tomar: bacca, nosso licor de cana. Ele despejou um líquido xaroposo e ambarino em três pequenos copos e serviu os dois homens. Depois ergueu o dele, num brinde.

— Salute.

— Salute — repetiu Napoleon.

— Saúde — imitou-os Jake.

A doce bebida de cana desceu-lhe facilmente pela garganta. Deliciado, ele tomou outro gole e uma maravilhosa sensação de calor espalhou-se por suas veias. Sentou-se, com o corpo displicentemente estirado na longa cadeira de vime, e deixou que a brisa lhe acariciasse a pele, enquanto, a seu lado, seus anfitriões entretinham-se numa longa conversa.

Esvaziou o copo de bacca e fechou os olhos. Era uma vida idílica. Entendia agora por que o capitão Brown voltara para La Dique. Ele parecia à vontade ali. Quando caminhava pela estrada poeirenta, os ilhéus o chamavam pelo nome e sorriam. Tinha uma bela esposa nativa, uma família encantadora. Achava um modo de largar a pesca da baleia sem desistir da vida do mar. Tinha tudo: confiança, amizade

e amor. E estava orgulhoso disso.

Jake sentiu uma pontada de inveja. Não lhe parecia justo que ele estivesse ali, conversando alegremente com seu sogro e amigo, satisfeito da vida, certo de que amava e era amado, enquanto ele, Jake, estava tão desesperadamente só!

— Bonne nuit, Jacques — disse de repente Napoleon, interrompendo-lhe as ressentidas conjecturas.

— Meu sogro está se retirando — explicou Shubael.

— Ah... boa noite — disse Jake, levantando-se com uma curvatura.

Napoleon riu e lhe fez um sinal para que se sentasse.

Ele desabou sobre a cadeira e tornou a encher o copo. O calor da bebida renovou seu rancor e o fez ceder à sua desordenada agitação com palavras carregadas de amargura:

— Você está bem instalado aqui, Shubael. Construiu um lar confortável, sem se importar com o que deixou para trás. Nunca refletiu um pouco no que isso implicava? Que foi feito de sua consciência quaker?

O outro o olhou com espanto. E Jake revigorou seu ataque, exaltado pelas propriedades do bacca.

— E Jessel? Você lhe fez promessas. Não pensou nela? — Apontou-lhe um dedo acusador e disse, implacável: — Ela é uma mulher decente, honesta. Merecia coisa melhor do que ser deixada para trás!

— Sim, Jessel é uma mulher decente — deixou escapar Shubael, com voz rouca. Ele pôs-se a fitar um ponto distante, como se estivesse olhando para o passado. — Sinto muito, mas eu sempre quis ajudá-la, nunca pretendi causar-lhe qualquer aborrecimento.

— Acredita nisso? — perguntou Jake impiedosamente. — Deixando-a sozinha a chorar sua morte? Não podia ao menos escrever-lhe, ou fazê-la saber de algum modo que estava vivo? Não imaginou que ela fosse sofrer? Palavra! Você merecia que o mandassem para o diabo!

Shubael manteve a calma.

— Não pensei que ela fosse ficar sozinha. Pensei que você estivesse lá, a seu lado. Naquela manhã, quando o Jessel Maid franqueou o Estreito, e o vi no convés, percebi que eu não era o homem certo para Jessel. É de você que ela precisa, não de mim. O tom direto e franco impressionou Jake e o fez ver que, na realidade, ele usara a indignação como um pretexto para atribuir a outro a causa de seu próprio fracasso. Mas era tarde para voltar atrás.

— Para mim, ficou bastante claro que era Amedée que você desejava. Nunca vi ninguém mais contente nem mais satisfeito com seu quinhão do que você. Mas, se sabia que tudo isso estava a seu alcance, o que foi fazer em Nantucket? Por que pediu Jessel em casamento? Reconheço que você foi muito generoso quando ela esteve doente, mas por que o compromisso? Por que, tendo uma mulher no oceano Índico, que o adorava, queria-se casar-se com outra no Atlântico? Você não me parece talhado para a bigamia!

Shubael sorriu levemente.

— De fato, não tenho essa tendência. É muito simples: cometi um erro.

Ele guardou silêncio por um momento, enquanto pensava no melhor meio de fazer Jake entender suas razões. Pensou na amargura de sua mãe, no fracasso de seu pai, na sua própria submissão a um senso de dever imposto pelos outros. Mas um olhar a Jake foi suficiente para perceber que era inútil dizer-lhe tais coisas.

— Não me leve a mal por não encontrar as palavras certas — disse por fim. — Só posso lhe dizer que cometi um erro de orientação. Desfraldei muitas velas para afrontar as borrascas e nenhuma para navegar em tempo de bonança.

Essas palavras conseguiram penetrar nos densos vapores de bacca que envolviam o cérebro de Jake e chegar até a sua consciência. Mas ele preferiu não ouvi-la.

— Um erro? Você esteve a ponto de se casar com ela! Se não fosse pelo acidente ocorrido com Josiah Folger, ela seria sua esposa agora. E, nesse caso, o que você diria?

Seu coração bateu desordenadamente diante dessa idéia e ele perguntou-se por que estava condenando Shubael por abandonar Jessel, quando devia estar satisfeito com isso. Mas teimou, prosseguindo calorosamente:

— Qual seria sua desculpa nesse caso? Que cometeu outro erro?

Shubael ficou um instante em silêncio, com o peso de uma obscura dúvida imobilizando-o na cadeira. Depois, irritado com a atitude beligerante do outro, retrucou:

— Não se iluda. Não está em seu poder fazer-me lamentar o que quer que seja. Além do mais, não me casei com ela!

Ele fez uma pausa para enfatizar o fato e depois tornou a dizer:

— Eu, ao menos, pude ajudá-la quando ela precisou de mim. Estava lá para lhe dar conforto e segurança. Depois deixei-a a seus cuidados. Se é a felicidade de Jessel que o preocupe, não é a minha fuga que deve ser questionada, mas a sua!

O rosto de Jake não traiu nenhuma emoção, mas ele estava paralisado por uma palavra: fuga! A embriaguez produzida pela bacca já não o impedia de pensar com coerência. Jurara um amor total, perfeito, eterno a Jessel e furtara-se ao compromisso. Preocupara-se demais com suas próprias necessidades para levar em conta as dela!

Encheu-se de vergonha ao lembrar-se de repente da promessa solene feita a Zac em seu leito de morte. Fizera o voto de jamais faltar à irmã dele, mas não o cumprira. Não era suficiente inundá-la de beijos, ou manter seus cofres cheios. Faria melhor esquecendo o orgulho para cuidar de Jessel, permanecendo definitivamente a seu lado, nos bons e nos maus momentos. O amor não era apenas uma emoção, um instante de paixão: era um modo de vida. Não fora ele próprio que lhe dissera que havia poucas coisas tão preciosas quanto o amor?

Olhou para Shubael com outros olhos. O capitão havia feito isso. Renunciara ao sucesso, à respeitabilidade, a um lar em Nantucket por amor a Amedée. Em troca, ganhara a mesma serenidade que vira no rosto de Napoleon, a mesma paz, a mesma tranqüilidade que pairava naquela ilha abençoada. Alcançara uma vida gratificante e confortável, recebera amor.

— Então... O que acha que devo dizer a ela? — perguntou-lhe com voz hesitante.

Shubael estudou-o atentamente e percebeu que ele dominara seu estranho rancor. Mas encolheu os ombros e levantou-se.

— Isso é entre você e ela.

— Você não me entendeu! — protestou Jake. — Que devo dizer a ela sobre sua morte ou sobre os motivos que o levaram a desaparecer?

— Oh, quanto a isso — Ele sorriu. — Diga-lhe que o gorro que ela me deu salvou minha vida.

Ele caminhou para a porta, hesitou um instante e depois voltou-se.

— E diga-lhe que a ama.

Ao ficar sozinho na varanda iluminada apenas pelo luar, Jake fez um exame de consciência. Ainda não sabia muito coisa a respeito de Shubael, mas isso não importava. O que importava era que ele o ensinara a enxergar a verdade dentro de si, a ver-se como realmente era: um louco, um bruto, um egoísta que desperdiçara sua única chance de felicidade!

Levantou-se de um salto. Sabia exatamente o que ia fazer. Voltaria a Nantucket com os porões do Maid cheios de canela e baunilha e diria a Jessel que isso era o ponto de partida para uma nova vida. Diria também... Jake sorriu na perfumada noite tropical. Seguiria o conselho de Shubael e lhe diria que a amava.

CAPÍTULO XXV

Nantucket Agosto 1847

— Que calor dos infernos! — murmurou Jessel, irritada, enquanto afastava a franja da testa úmida de suor.

Antes de abrir mais um lençol sobre a mesa da cozinha, ela flexionou os músculos tensos das costas durante um ou dois minutos. Era alta demais para ficar muitas horas naquela posição incômoda. Mas não tinha outro remédio: havia ainda uma pilha enorme de roupas para passar.

Pensou vagamente que horas seriam. Tivera de se desfazer do relógio de pedestal no último inverno e converter o produto da venda em lenha para a lareira. Agora, seguia a passagem do tempo pelas badaladas do sino da igreja. Não que isso lhe importasse. Uma hora valia a outra. Não tivera um só momento de descanso naqueles meses atribulados.

"Se ao menos não fizesse tanto calor", pensou.

Com o enorme fogão a lenha sempre aceso para manter os ferros quentes, de pouco adiantava ficar em camisa e pantalonas, ou deixar a porta da cozinha aberta para receber qualquer brisa que soprasse. O calor continuava a envolvê-la como um manto sufocante.

No estado de nervos em que se encontrava, julgou ouvir um ou dois sons menos naturais que vinham de fora. Houve um momento em que estremeceu quase inconscientemente ante o que lhe pareceu um ruído de passos leves no jardim. Atribuiu-os à sua emotividade exagerada e debruçou-se novamente sobre o lençol.

De repente, teve a estranha sensação de estar sendo observada. Ergueu os olhos e ficou ali, imóvel, sufocada pelas palpitações do coração, que lhe batia violentamente no peito: Jake, alto e vigoroso, com aquela alegria irônica que lhe conhecia tão bem estampada no rosto, estava encostado ao batente da porta.

Ele olhou-a de alto a baixo, observando cada detalhe de seu corpo seminu, e depois sorriu.

— Você ainda parece uma sereia!

Os olhos repentinamente cheios de lágrimas de Jessel fecharam-se. Após aquele momento vulnerável que tivera no último Natal, ela o afastara outra vez da mente, determinada a esquecê-lo para sempre.

Mas agora, enquanto voltava a fixar os olhos naquele rosto moreno e bonito, estranhamente iluminado pelas chamas, percebia, como uma revelação, que seria uma batalha perdida.

— Como vai, Jake? — disse finalmente, fazendo força para que sua voz não soasse tão trêmula como a sentia.

Ele esboçou um sorriso insinuante e endireitou-se, avançando em sua direção com o andar macio de uma pantera.

— Alô, corbeau.

Daquela distância, Jessel pôde sentir o aroma dos Mares do Sul que impregnava aquele corpo másculo. Enquanto o aspirava, sentiu-se enlanguescer pela doçura de carícias invisíveis e teve de se apoiar na beirada da mesa para refrear a súbita tonteira.

— Está sentindo alguma coisa? — perguntou ele, preocupado.

— Não — disse ela, depois de fazer um esforço desesperado para falar. — Deve ser o calor...

Jake tirou um saquinho de couro macio do bolso e o colocou na mesa, entre eles.

— Trouxe algo para você das Seychelles.

— O que é?

— Um presente. Mais do que isso, uma homenagem. Abra-o.

Ele empurrou o saquinho para Jessel e depois olhou-a. Ela parecia uma deusa, na seminudez florida. A claridade avermelhada das chamas avivava-lhe o rosado das faces, dos lábios, dos seios entrevistados sob a leve camisa de batista.

— Abra-o — insistiu com voz rouca de emoção.

Jessel esticou medrosamente o braço e, com dedos que não queriam corresponder a seu comando, afrouxou a tira de couro que apertava a boca do saquinho. Um delicioso aroma de especiarias evolou-se de seu interior. Derramou o conteúdo na palma da mão e admirou-se ao ver alguns paus de canela e uma longa vagem seca de baunilha. Era um presente delicado e útil, mas não era próprio de Jake.

— Obrigada. É um lindo presente — murmurou, determinada a não encorajá-lo.

Mas, numa movimentação rápida e antes que pudesse dar-se conta do que estava acontecendo, ele chegou perto e ergueu-a nos braços, carregando-a sem esforço para a sala de visitas.

Um calor tomou conta de seu corpo e teve de lançar mão de todo o autocontrole para não se abandonar contra o peito musculoso.

— Ponha-me no chão imediatamente!

— Não, Jessel. Não a deixarei ir até que me ouça. — Jake sentou-se no sofá e a manteve firme em seus braços. — E a conselho a não se debater como uma baleia enraivecida, ou não se verá livre de mim!

Ele se deteve um instante. Depois ajuntou:

— Se é mesmo isso o que você deseja.

Jessel teve a impressão de que seria subjugada por aqueles olhos azuis, mas deixou sua indignação prevalecer.

— Sim, é isso o que eu quero! Tenho uma pilha de roupas para passar e não posso perder tempo com bobagens.

Ele suspirou.

— Lá vem você com sua intransigência quaker! Mas saiba que isso não vai me demover. Portanto, pare de se comportar como uma criança teimosa e esqueça o ferro. As roupas podem esperar.

Ela desvencilhou-se de seus braços e encarou-o.

— As roupas "não" podem esperar. Prometi à sra. Barnard que as entregaria amanhã. Não posso faltar com minha palavra ou me arrisco a perder uma cliente!

— Que diabo está dizendo? Desde quando você lava roupa para fora?

Jake olhou em volta e só então percebeu como a sala estava vazia.

— Espere um momento... Onde está o relógio? E a mesa de xadrez? — Seus olhos fuzilavam enquanto ele prosseguia, inexorável:

— E a cadeira de balanço de Zacarias? A expressão de Jessel tornou-se sombria.

— Vendidos — disse secamente.

— Como pôde...

— Tive um motivo para isso.

— Mas qual, em nome de Deus?

— Tive de vendê-los para pagar as dívidas.

Jake olhou-a com a boca entreaberta, como se tivesse recebido um golpe súbito.

— Não entendo... Quando a deixei, há dezesseis meses, você era uma mulher rica. Agora está lavando roupa para fora. O que aconteceu?

Jessel evocou o sucedido. Viu novamente diante de seus olhos o Josephine ardendo em chamas e sua garganta fechou-se de mágoa.

— Responda, Jessel! O que aconteceu? — explodiu Jake, impaciente.

— Não ouviu falar do grande incêndio? Aconteceu há um ano e destruiu dois terços da cidade.

— O pessoal do batelão falou-me qualquer coisa a esse respeito. E eu vi construções novas na Main Street, enquanto vinha para cá. Mas o que você tem a ver com isso? Seu navio não estava ao mar?

Jessel ficou pálida.

— Não — murmurou com um fio de voz. — Estava no porto... Queimou até a linha de flutuação e depois afundou. A carga que não estava a bordo estava no lajeado, diante dele.

Jake recebeu essas palavras como um golpe no estômago.

— Oh, Jessel... Sinto muito... — murmurou, pondo-se a afagar-lhe ternamente os cabelos.

Pobrezinha... Tivera de passar da riqueza à pobreza sem o auxílio de ninguém... De súbito, veio-lhe à mente um pensamento que o importunara durante a volta das Seychelles.

— Os Swain não podem ter perdido tudo no incêndio. Por que não se casou com Zenas? Ele teria cuidado de você.

Ela nada disse. A esperança cresceu em seu coração. Não havia perigo de perdê-la para aquele dândi!

— Ótimo! Nesse caso, quando terminar de passar a roupa da Sra. Barnard, estará livre para cruzar os mares comigo.

Jessel voltou a se debater.

— Mas que absurdo é esse? Deixe-me, por favor!

— Não é nenhum absurdo! É um convite para vir morar comigo no Jessel Maid.

— Só morta!

Ele riu e afastou-se um pouco, mas não a largou.

— Não, morta não! Gosto de seu corpo como ele é, bem vivo e muito bonito! E agora me responda: vem comigo?

— Vindo de você, esse convite é quase engraçado. Não sabe o que eu penso de navios baleeiros? Ou acha que eu falo apenas por falar?

— Não. E é bom que continue a falar porque eu quero ouvi-la. É por esse motivo que a estou convidando para cruzar os mares comigo: para ouvir tudo o que tem a me dizer.

O rosto de Jake iluminou-se.

— Então? Quando estará pronta para partir? Jessel lançou-lhe um olhar exasperado.

— Quando vai compreender, de uma vez por todas, que não estou mais disposta a entrar no seu jogo? Nem deixar que me compre com lisonjas, ou que me force a discutir? Não quero mais brigar com você!

Jake ficou subitamente sério:

— Eu também não! Só discutirei com você se recusar a casar-se comigo. Calma! — ele ordenou, quando ela fez menção de retrucar. — Agora ouça. Desisti de pescar baleias e resolvi seguir sua sugestão: comerciar. Você tinha razão, é uma atividade gratificante e divertida. Fui um cego de não perceber isso antes! No momento, estou com uma carga de café e especiarias das Seychelles. Mas, se você preferir, ou achar mais lucrativo, poderemos negociar com vinho dos Açores, ou rum do Caribe, ou peles do Alasca...

Ele sorriu, ao vê-la boquiaberta, com os deslumbrantes olhos cinzentos arredondados de espanto. Pôs o dedo debaixo de seu queixo e beijou-lhe levemente os lábios.

—... Ou nem uma coisa nem outra. O que eu mais desejo é que se case comigo, Jessel Joy! Navegarei até numa tina, se você for comigo.

Ela parecia assentir, mas, mesmo assim, se conservava ainda em silêncio. Diante disso, ele prosseguiu:

— Se não lhe agrada a idéia de viver no mar, viveremos em terra. Compraremos uma fazenda, criaremos porcos, galinhas e ovelhas.

Jessel encontrou finalmente a voz:

— Não gosto de porcos!

— Nesse caso, nada feito! Faremos apenas o que nos agradar. Poderemos ficar em Nantucket e passar o verão visitando nossos amigos. No inverno, iremos a Rarua, visitar John James. Ou à Califórnia, à França, ao México, ao Japão...

Ele tomou-lhe as mãos e apertou-as.

— Quero que seja ao mesmo tempo minha esposa e minha sócia. Faremos investimentos criteriosos e seremos muito felizes.

Depois inclinou-se e tomou-lhe a boca, num beijo ardente e sensual.

— E agora diga qual é a sua resposta.

— Sim — murmurou ela, sentindo-se finalmente liberta de seu mundo solitário e vazio.

Evocou as experiências e as emoções do passado e voltou a sentir a exaltação de nadar com Jake nas águas verdes da praia de Coatue, o êxtase de permanecer nua ao lado dele, no bosque de pinheiros, a excitação de lhe revelar seus sonhos na praia de Miacomet, a euforia de emergir de uma tina de água quente para seus braços expectantes. Sentia a alegria dominar seu coração e exultava de felicidade.

Jake olhou-a com ar preocupado.

— Então? Concorda com alguma coisa do que lhe propus?

— Não há mais necessidade de discutirmos — murmurou, lançando-lhe os braços ao pescoço e deslizando os lábios por seus cenhos. — Concordo com tudo!

Ele não disse mais nada. Ergueu-a nos braços e levou-a, como uma bela presa, para o quarto perfumado com a fragrância das flores.